

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS

Proposta de uma Estância Termal na Quinta das Janelas em Óbidos



Laila Patrícia Westerhout Bandeiras
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado
para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor António Miguel Leite
Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Júri:

Presidente: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto
Vogal: Professor Doutor Miguel Baptista-Bastos

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019

Título

Da memória dos Banhos Romanos às novas Arquiteturas Termais

Subtítulo

Proposta de uma Estância Termal na Quinta das Janelas em Óbidos

Nome

Laila Patrícia Westerhout Bandejas

Orientação Científica

Professor Doutor António Miguel Leite

Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Dissertação/Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Lisboa, Março, 2019

RESUMO

Seria a civilização romana a contribuir para a evolução da prática dos banhos, constituindo o início de uma cultura termal que veio perdurar até aos dias de hoje sob o conceito de termalismo. Atualmente, como parte integrante do setor da saúde e bem-estar, veio cada vez mais responder aos interesses e às necessidades de uma sociedade que procura a evasão em relação ao ritmo quotidiano acelerado. Presenciam-se novas tendências, práticas e exigências, e com isto, uma adaptação dos lugares termais existentes e a constituição de uma arquitetura termal contemporânea.

O presente estudo pretende analisar a evolução histórica e arquitetónica do termalismo, ao nível internacional e nacional, e compreender quais os elementos que constituem o microcosmo termal. Porém, toma-se como foco principal compreender de que modo se pode dar continuidade à memória e à identidade dos banhos romanos – cerne da prática termal –, para promover o termalismo atual.

Partindo desta premissa, toma-se como objeto de estudo a Quinta das Janelas, em Óbidos. Pela existência de uma nascente termal e a sua proximidade a umas termas romanas, representa um caso ideal para responder às questões anteriormente referidas e para a constituição de um novo núcleo termal.

Com a proposta de uma estância termal, abordada no último capítulo, procura-se explorar um novo tipo de termalismo a partir da reinterpretação e reinvenção dos banhos romanos, com base numa linguagem arquitetónica contemporânea, evocando as raízes de uma prática ancestral.

PALAVRAS-CHAVE:

Memória | Termalismo | Banhos Romanos | Património | Quinta das Janelas

Title

From the memory of Roman Baths to the New Thermal Architecture

Subtitle

Proposal of a Spa Resort in Quinta das Janelas in Óbidos

Name

Laila Patrícia Westerhout Bandejas

Advisers Team

Professor Architect António Miguel Leite

Professor Architect Ana Marta Feliciano

Dissertation/Project to obtain the Master's Degree in Architecture

Lisbon, March, 2019

ABSTRACT

It would be the Roman civilization to contribute to the evolution of the practice of the baths, constituting the beginning of a thermal culture that has endured until the present day under the concept of thermalism. Nowadays, as an integral part of the health and wellness sector, it has increasingly responded to the interests and needs of a society that seeks to evade the accelerated pace of life. New trends, practices and requirements are present, and with this, the adaptation of the existing thermal places and the constitution of a contemporary thermal architecture.

The present study intends to analyze the historical and architectural evolution of thermalism, on international and national level, and to understand which elements constitute the thermal microcosm. However, the main focus is to understand how to continue the memory and identity of the Roman baths - the heart of the thermal practice - to promote the current thermalism.

In this context, Quinta das Janelas, in Óbidos, was chosen as object of study. Due the existence of a thermal spring and the proximity to a Roman Thermal Bath, it represents an ideal case to answer the previously mentioned questions and to constitute a new thermal core.

With the proposal of a Spa, discussed in the last chapter, it is tried to explore a new type of thermalism based on the reinterpretation and reinvention of the Roman Baths, through the use of a contemporary architectural language, evoking the roots of an ancestral practice.

KEYWORDS:

Memory | Thermalism | Roman Baths | Heritage | Quinta das Janelas

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim deste importante percurso académico, cheio de desafios e aprendizagens, gostaria de agradecer a todas as pessoas que me deram apoio e incentivo para alcançar os meus objetivos, e que contribuíram para a realização do presente trabalho.

Aos meus orientadores, ao Professor Doutor António Leite e à Professora Doutora Ana Marta Feliciano, por todo o conhecimento transmitido, pela disponibilidade e pelo apoio e encorajamento nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, irmão e família que, pelo seu apoio incondicional, assente na motivação, confiança e paciência, estiveram sempre presentes nos bons e maus momentos, fornecendo um suporte emocional. Sem eles não teria conseguido superar os desafios e obstáculos. A eles dedico este trabalho!

A todos os meus amigos, pelo companheirismo e momentos de distração. Com especial agradecimento, à Inês, pela grande amizade e pelo apoio constante ao longo do percurso académico; e à Marta, por ter sido a minha companheira nesta última etapa e pela paciência nos momentos de stress.

À Marlissa, pela companhia e apoio no semestre de Erasmus e pela amizade que perdurou desde então.

À Marisa, pelo suporte emocional nos momentos menos bons, por me fazer acreditar em mim e nas minhas capacidades.

À D. Maria Eduarda e Sr. Carlos Lopes, pela correção do presente documento.

Ao arquiteto António Garcia, pela disponibilidade e pelo fornecimento de elementos sobre as Termas de Monte Real, imprescindíveis na realização deste trabalho.

Ao João Tormenta, pelas informações fornecidas sobre Óbidos.

À Leonor, Fátima, Carla, Madalena da Biblioteca das Caldas da Rainha.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento e Objetivos	5
1.2 Metodologia e Estrutura do Trabalho	7
2 A MEMÓRIA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE	11
2.1 O conceito de Memória	13
2.2 Memória e Identidade	16
2.3 Projetar com a Memória	21
3 O PATRIMÓNIO: ENTRE O ANTIGO E O NOVO	29
3.1 O conceito de Património	31
3.2 Os valores do Património	35
3.3 Projetar no Património	38
4 O TERMALISMO E A ARQUITETURA TERMAL: ENTRE A CURA E O LAZER	45
4.1 A Água Termal	47
4.2 O Termalismo	50
4.2.1 A Cultura Termal Europeia	53
4.2.2 A Cultura Termal Portuguesa	60
4.3 Os Banhos Romanos	64
4.4 A Arquitetura Termal	71
4.4.1 Termas Internacionais: as suas origens	74
4.4.2 Termas Nacionais: a sua construção	79
4.4.3 As suas dimensões: da morfologia à imagética	84
4.4.4 As novas Arquiteturas Termais	92
5 CASOS DE ESTUDO	97
5.1 Termas de Vals – Peter Zumthor	100
5.2 SPA Tschuggen Bergoase – Mario Botta	104
5.3 Termas de Monte Real – António Garcia	108
5.4 Museu Nacional de Arte Romana – Rafael Moneo	112

6 O LUGAR	117
6.1 A região da Vila de Óbidos	119
6.1.1 A identidade Termal	123
6.2 As Casas Senhoriais do século XVII	128
6.2.1 A Quinta das Janelas	134
7 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS	139
7.1 Estratégias de Intervenção	141
7.2 Plano Urbano	144
7.3 Unidade Hoteleira	151
7.4 Unidade Termal	155
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
9 BIBLIOGRAFIA	169
10 ANEXOS	177

ÍNDICE DE IMAGENS

CAPA

Vista para a moradia e capela da Casa Senhorial da Quinta das Janelas.

Foto da autora.

1 | INTRODUÇÃO

01. Fonte da Juventude, pintura do século XV. Autor desconhecido.

In <https://feira-das-vaidades-mil.blogspot.com/2011/05/fonte-da-vida.html>

02. *Thermae Bath Spa*. Novo edifício termal de Bath, Londres.

In <https://mobile.thermaebathspa.com/>

2 | A MEMÓRIA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

03. *Unland: The Orphan's Tunic* (1997). Escultura de memória de Doris Salcedo. In

https://www3.mcachicago.org/2015/salcedo/works/unland/images/unland_1.html

04. *Mnemosine* (1881), de Dante Gabriel Rossetti.

In <http://www.penhook.org/Mnemosyne.htm>

05. *Dança de Apollo com as Musas* (1514-1523), de Baldassare Peruzzi.

In <http://www.penhook.org/Mnemosyne.htm>

06. *A Arte da Memória* (1612), de Robert Fludd.

In <http://postmagazine.org/proof-of-memory-lies-in-architecture/>

07. Comemoração do 25 de Abril de 1974. Exemplo da memória coletiva e como um evento histórico marca a identidade de uma sociedade.

In <http://visao.sapo.pt/visaojunior/noticias/2016-04-14-Conta-me-como-foi-o-25-de-abril>

08. Padrão dos Descobrimentos (1960), em Lisboa.

In <https://www.shutterstock.com/th/video/clip-13020818-lisbon-portugal---may-14-padrao-dos>

09. Memorial do Holocausto (2005), em Berlim, de Peter Eisenman.

In <http://www.marginalia.bg/avtorski-rubriki/fokus/balgariya-otnovo-izpusna-sluchaya-da-pokazhe-nravstveno-velichie-dokoga/>

10. Parque da Memória (1998), em Buenos Aires, de Baudizzone Lestard Varas Studio.

In <https://www.buenosairesfreewalks.com/buenosairestips/parque-de-la-memoria/>

In <http://elbarriopueyrredon.com.ar/old/notas/ano-2009/parque-de-la-memoria-un-espacio-publico-para-no-olvidar.php>

11. Torre Velasca (1958), em Milão, de BBPR. Representa a memória arquitetónica italiana.

In <https://www.mimoo.eu/projects/Italy/Milan/Velasca%20Tower/>

12. Reconstrução do Teatro Carlo Felice (1991), em Génova, de Aldo Rossi, Ignazio Gardella e Fabio Reinhart. Projeto no âmbito da recuperação do lugar e da memória perdida na cidade.

In <http://www.james13prix.info/geometric-architecture-forms-812addc/>

13. A Cidade Análoga (1973), de Arduino Cantafora.

In <https://archinect.com/forum/thread/65008225/la-tendenza-at-pompidou-center>

14. Museu dos Judeus (2001), em Berlim, de Daniel Libeskind.

In <https://libeskind.com/work/jewish-museum-berlin/>

15. Fachada do Museu e o *Jardim do Exílio*.

In <https://libeskind.com/work/jewish-museum-berlin/>

16. O *Vazio da Memória* e os rostos das vítimas. Da artista Menashe Kadishman.

In <http://www.findingberlin.com/traveling-time-space-cultures-jewish-museum-berlin/>

17. A *Torre do Holocausto*, outro vazio no interior do museu.

In <https://withberlinlove.com/2013/04/22/judisches-museum-berlin-jewish-museum-berlin/>

3 | O PATRIMÓNIO: ENTRE O ANTIGO E O NOVO

18. Museu do Louvre (1793), em Paris. Monumento Histórico e lugar simbólico no Património francês.

In <http://www.escolhaviajar.com/o-que-ver-no-louvre/>

19. Centro Histórico de Varsóvia após a II Guerra Mundial em 1945 e a sua reconstrução fiel como meio para a preservação da cidade tradicional. Atualmente Património Mundial desde 1980.

In <http://www.artinsociety.com/bernardo-bellotto-and-the-reconstruction-of-warsaw.html>

20. Património Mundial da UNESCO desde 1999. Postal da década de 90 da Ilha dos Museus, em Berlin.

In <http://krbhat-unescopostcards.blogspot.com/2016/03/museumsinsel-berlin.html>

21. Extrato do Grande Panorama de Lisboa antes do terramoto de 1755. Museu Nacional do Azulejo. Atualmente o Azulejo português faz parte do Património Nacional, Histórico e Cultural.

In <http://pressroom.visitportugal.com/en/2016/12/portugalia-8-muzeow-ktoremusisz-odwiedzic/museu-nacional-do-azulejo-photo-9-grande-panorama-de-lisboa-c-1700-fot-museu-nacional-do-azulejo-dgpc-carlos-monteiro-sm-web/>

22. Proposta para a nova Avenida de Ópera (1850), em Paris, de Baron Haussmann.

In <http://www.paris-unplugged.fr/le-percement-de-lavenue-de-lopera/>

23. Avenida de Ópera antes e depois da proposta.

In <http://www.paris-unplugged.fr/le-percement-de-lavenue-de-lopera/>

24. Fábrica Van Nelle (1931), em Roterdão, de Leendert van der Vlugt. Restauro da fachada original e transformação da fábrica num espaço de escritórios (1999), pelo atelier Wessel de Jonge.

In <https://nlrealestate.nl/news-en/vannellefabriek>

25. Cúpula de *Reichstag* (1999), em Berlim, de Norman Foster. Articulação entre o antigo e o novo.

In <https://www.ricksteves.com/watch-read-listen/read/articles/seeing-history-unfold>

26. Fábrica de carvão (1932), em Essen, de Schupp e Kremmer. Baseado no conceito «non-design» foi transformado no Museu Ruhr (2002), pelo atelier OMA.

In <https://www.zollverein.de/besuch-planen/essentrinken/caffe-kohlenwaesche/>

27. Pinacoteca do Estado de São Paulo (1998), de Paulo Mendes da Rocha.

In <https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>

28. Um dos átrios interiores do edifício.

In <https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>

29. Zona de circulação.

In <https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>

30. Vista para o auditório. Distinção entre o antigo e o novo através da articulação de alvenaria de tijolo à vista com elementos em aço.

In <https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>

4 | O TERMALISMO E A ARQUITETURA TERMAL: ENTRE A CURA E O LAZER

31. Piscina interior das Termas de Vals (1996), na Suíça, de Peter Zumthor.

In <https://www.archdaily.com.br/br/01-159418/peter-zumthor-sete-observacoes-pessoais-sobre-presenca-em-arquitetura>

32. *Buvette* das Termas de Monte Real.

Autoria do arquiteto António Garcia.

33. Zona da piscina de reabilitação, nas Termas de Unhais da Serra.

In <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/termas-do-centro-investem-23-milhoes-para-captar-novos-turistas/>

34. Duche Agulheta nas Termas de Curia.

In https://www.viamichelin.pt/web/Hoteis/Hoteis-Curia_-_Aveiro-Portugal

35. Duche Circular nas Termas de Caldelas.

In <http://www.cm-amares.pt/tratamentos/programastermais>

36. Vista aérea das ruínas das Termas Imperiais de Trier, na Alemanha.

In <https://www.luftbildsuche.de/info/luftbilder/blick-kaiserthermen-trier-86327.html>

37. Postal das Termas de Trier (1950). Vista para a fachada exterior do *Caldarium*.

In <https://oldthing.de/Trier-Kaiserthermen-ca-1950-0016349551>

38. Gravura de um *Hammam* em Istanbul. Este modelo viria a servir de exemplo para os novos estabelecimento termais do extremo oriente europeu.

In <http://eng.travelogues.gr/item.php?view=38901>

39. Postal do início do século XX do Estabelecimento Termal Napoleão III de Plombières.

In <https://avvincentphotos.piwigo.com/picture?/905/tags/32-vosges>

40. Postal do início do século XX do grande Estabelecimento Termal de Vichy.

In <https://www.paruvendu.fr/annonces/collection/carte-postale-de-vichy-l-etablissement-thermal--frelinghien-59236/1222514477A1KBCO00000>

41. Postal do início do século XX do Estabelecimento Termal de *Friedrichsbad*, em Baden-Baden.

In <https://www.amazon.com/Friedrichsbad-Kaiserin-Augustabad-Baden-Baden-Vintage/dp/B07FY7VG7X>

42. Vestígios das Termas romanas de Chaves.

In <http://bomdia.eu/chaves-quer-fundos-para-recuperar-balneario-romano/>

43. Vestígios das Termas romanas de São Pedro do Sul.

In https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Pedro_do_Sul_-_Termas_romanas_0404.jpg

44. Postal do início do século XX de Vidago Palace Hotel.

In <http://arspblica.blogspot.com/2011/10/postais-antigoa-vii-termas-do-vidago.html>

45. Postal do Balneário das Termas de Luso (1856).

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/06/termas-do-luso.html>

46. Postal (da década 20) do Casino e Estabelecimento Termal de Curia.

In <https://tabeliao.pt/en/loja/postais/postal-da-curia-casino-e-estabelecimento-termal-anos-20/>

47. Vestígios da cidade romana *Aqua Panoniae* em Baden-Baden.

In <https://bellevue-baden-baden.de/index.php/baden-baden.html>

48. Planta das termas romanas *Soldatenbäder* em Baden-Baden.

In <http://www.bad-bad.de/gesch/aquae.htm>

49. As diferentes tipologias termais descritas pela Erika Brödner.

In BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt, p.38.

50. Vestígios do *hypocaustum* da cidade romana de Albir, na Espanha.

In <https://malboticum.wordpress.com/2015/11/26/banos-romanos/>

51. Esquema do sistema construtivo do *hypocaustum*.

In BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt, p.19.

52. Planta térrea das Termas de Khamissa, em Algéria.

In BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt, p.40.

53. Planta térrea e ruínas das Termas de Caracalla, em Roma.

In BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt, p.226.

In <http://senderositalianos.blogspot.com/2016/03/roma-y-sus-7-termas.html>

54. Planta Térrea e vestígios das Termas Diocleciano, em Roma.

In BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt, p.231.

In <https://hiveminer.com/Tags/diocletian%2Citaly>

55. Recuperação do Balneário Termal de Pedras Salgadas (2009), em Vila Pouca de Aguiar, de Siza Vieira.

In <https://afasiaarchzine.com/2013/10/alvaro-siza-11/>

56. Gravura e planta do primeiro *Hammam* em Budapeste, atualmente as Termas Rudas.

In <https://welovebudapest.com/en/toplists/10-things-you-didnt-know-about-budapests-historic-rudas-bath/>

57. O *Kurhaus*, em Baden-Baden.

In <http://www.ak-ansichtskarten.de/ak/91-Alte-Ansichtskarte/4283-weitere-Ansichten-Baden-Baden/6809658-AK-Baden-Baden-Blick-zum-Kurhaus>

58. A *Trinkhalle*, em Baden-Baden.

In <https://www.flickr.com/photos/striderv/5514984574/>

59. Plano Urbano da Cidade Termal de Bath dos finais do século XVIII. A mancha vermelha marca o edifício termal.

In <https://antique-maps-online.co.uk/bath-2808.html>

60. *Maxbrunnen*. Postal da década 20 da buvette em Bad Kissingen.

In <https://oldthing.de/Bad-Kissingen-Maxbrunnen-0022928769>

61. Postal da década de 40 do Parque Termal e da Casa de Conversação em Bad Kissingen.

In <https://www.philatelie-dietrich.de/artikel/339185/feldpost-2-weltkrieg-bs-ersatz-lazarett-bad-kissingen-sst-8441-auf-ak>

62. Plano Urbano e Estância Termal de Bad Kissingen de 1895.

In <https://www.zvab.com/buch-suchen/titel/stadtplan-bad/druckgrafik/>

63. O Estabelecimento Termal de Enghien-les-Bains, construído em 1934.

In <https://collection-jfm.fr/p/cpsm-france-95-enghien-les-bains-l-etablissement-thermal-68869>

64. Planta do piso térreo do Hospital Termal dos finais do século XIX.

In <http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/dcarlos.html>

65. Postal da década 20 do Hospital Termal das Caldas da Rainha.

In <http://zeventura.blogspot.com/2008/11/caldas-intemporal-xiv-hospital-termal.html>

66. Caldas das Murtas, planta de 1949 do balneário

In PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia. 1ª Edição, p. 73.

67. Banhos da Azenha, plantas de 1923 do piso térreo do balneário piso superior de alojamento.

In PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia. 1ª Edição, p. 73.

68. Planta de 1947 do Ante Projeto do Parque do Hospital da Rainha D. Leonor.

In CABRAL, João (2005). *A modernização dos espaços verdes termais – O caso particular das Caldas da Rainha*. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (p.222)

69. Vista aérea do Parque Termal das Caldas da Rainha.

In CABRAL, João (2005). *A modernização dos espaços verdes termais – O caso particular das Caldas da Rainha*. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (p.229)

70. Piscina das Termas de Luso.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/06/termas-do-luso.html>

71. Balneário termal de Luso.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/06/termas-do-luso.html>

72. Plano da Estância Termal de Estoril de 1914.

In <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/13109>

73. Estabelecimento Termal de Estoril com o Hotel Palácio no fundo.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/hotel-do-parque-no-estoril.html>

74. Casino de Estoril, em 1940.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/07/casino-estoril.html>

75. Jardim da Estância Termal de Estoril.

In <https://www.flickr.com/photos/biblarte/2960932991>

76. Termas e Spa de Rigi Kaltbad (2012), na Suíça, de Mario Botta. Ambiência do banho interior.

In <https://www.interiordesign.net/slideshows/detail/6965-project-mineralbad-spa-rigi-kaltbad-on-mount-rigi/>

77. Termas de Tamina (2009), na Suíça, de Joseph Smolenicky. Piscina exterior e interior.

In <https://www.archdaily.com/181628/tamina-thermal-baths-smolenicky-partner-architecture>

78. Termas de Tiberio (2007), em Espanha, de Moneo Brock. Banho interior e piscina exterior.

In <https://www.world-architects.com/de/moneo-brock-madrid/project/thermal-baths-termas-de-tiberio>

79. Termas e Spa das Furnas (2015), em Açores, de Miguel Saraiva. Fachada do Hotel Boutique e a piscina interior.

In <http://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/project/furnas-boutique-hotel-thermal-and-spa/>

In <http://www.inspiredcitizen.com/spa-hotel-like-none-furnas-boutique-hotel-azores/>

5 | CASOS DE ESTUDO

80. Da esquerda para a direita: Termas de Vals, SPA Tschuggen Bergoase, Termas de Monte Real e Museu Nacional de Arte Romana.

In <http://www.whitelinehotels.com/journal/switzerland/peter-zumthors-therme-vals>

In <http://www.architectural-holidays.com/venues/tschuggen-grand-hotel/>

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

In <https://www.area-arch.it/en/merida-classicanti-classic-national-museum-of-roman-art/>

81. Planta de implantação das Termas de Vals.

In <http://4rq.blogspot.com/2011/02/las-termas-de-vals-del-arq-peter.html>

82. Piscina interior.

In <https://www.vals.ch/en/deep-meaningful/stone-water-the-thermal-springs/>

83. Fachada do edifício termal.

In <https://www.occhio.de/therme-vals>

84. Piscina exterior.

In <https://7132therme.com/en/thermal-baths-architecture>

85. Planta do piso superior, dedicado à zona de lazer.

In <https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>

86. Planta do piso inferior, dedicado à zona terapêutica.

In <https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>

87. Corte Transversal pela piscina interior.

In <https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>

88. Espaços interiores das termas, do piso superior.

In <http://www.revistamujer.cl/2015/11/15/01/contenido/el-milagro-de-las-aguas-termales.shtml/>

In https://www.falke.com/sk_en/emagazine/zuerich/places/details/hotel-therme-vals

In http://www.interni.com.cn/arch-int/20170614_6605.html

89. Planta de implantação do SPA Tschuggen Bergoase.

In <https://architizer.com/projects/wellness-center-berg-oase/>

90. Piscina interior.

In <https://www.mimoa.eu/projects/Switzerland/Arosa/Tschuggen%20Bergoase/>

91. Clarabóias definidas como “Árvores de luz”.

In <http://tinaperlmutter.com/blog/2012/08/30/spa-tschuggen-berg-oase-%E2%80%A2-imogen-cunningham/>

92. Zona dos banhos, com a piscina interior.

In <https://www.arch2o.com/tschuggen-bergoase-hotel-mario-botta-architetto/arch2o-tschuggen-bergoase-hotel-mario-botta-architetto-8/>

93. Planta do piso 4.

In <http://www.botta.ch/en/SPAZI%20RICREATIVI?idx=5>

94. Planta do piso 3.

In <http://www.botta.ch/en/SPAZI%20RICREATIVI?idx=5>

95. Planta do piso 2.

In <http://www.botta.ch/en/SPAZI%20RICREATIVI?idx=5>

96. Corte Transversal pela piscina interior.

In <http://www.botta.ch/en/SPAZI%20RICREATIVI?idx=5>

97. Espaços interiores do SPA.

In <https://www.architonic.com/en/project/mario-botta-wellness-centre-tschuggen-bergoase-/5100643>

In <http://imperialstyle.eu/en/tschuggen>

98. Planta da Estância Termal de Monte Real e zona das Termas e SPA.

Desenho da autoria do arquiteto António Garcia.

99. Átrio interior de vidro.

In https://www.hotelscombined.pt/Hotel/Palace_Hotel_Monte_Real.htm

100. Fachada do Palace Hotel Monte Real.

In <https://www.logitravel.pt/hoteis/europa/portugal/monte-real/palace-hotel-monte-real-4662214.html>

101. Zona Termal.

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

102. Buvette interior.

Foto da autoria do arquiteto António Garcia.

103. Planta do piso térreo das Termas e SPA.

Desenho da autoria do arquiteto António Garcia.

104. Piscina interior do SPA.

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

105. Zona de relaxamento do SPA.

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

106. Sala de massagem do SPA.

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

107. Duche Vichy das Termas.

In <http://www.termasdemontereal.pt/hotel-gallery.html>

108. Planta de localização do Museu Nacional de Arte Romana.

In <https://www.architectural-review.com/today/double-enntendre-the-duality-of-two-small-town-spanish-public-spaces/8620143.article>

109. Nave central do museu.

In <http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/museo-nacional-de-arte-romano1986.html>

110. Fachada e entrada do museu.

In <http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/museo-nacional-de-arte-romano1986.html>

111. Vestígios das ruínas romanas no piso inferior do museu.

In

<http://www.expansion.com/fueradeserie/arquitectura/2017/08/22/599ab912e5fde5fd3e638b4589.html>

112. Planta do piso térreo.

In <https://www.ai-architect.com/product/museum-of-roman-art/>

113. Planta do piso inferior, com as ruínas romanas.

In <https://www.ai-architect.com/product/museum-of-roman-art/>

114. Corte longitudinal.

In <https://www.ai-architect.com/product/museum-of-roman-art/>

115. Espaços interiores do museu.

In <https://amallective.com/portfolio/national-museum-of-roman-art-rafael-moneo/>

6 | O LUGAR

116. Postal da década 40/50 com a vista geral da Vila de Óbidos e no fundo o Santuário do Senhor da Pedra.

In <http://obidosantigamente.blogspot.com/2013/>

117. Localização do município de Óbidos.

In [https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos_(Portugal))

118. Região da lagoa de Óbidos, há 2000 anos e nos séculos XVIII/XIX, respetivamente. A linha azul corresponde ao limite atual.

In http://home.fa.ulisboa.pt/~miarq4p5/2010-11/2_SupportElements/1_TownHall_Elements/1_County_REVISAO%20PDM%202%AA%20Reuniao%20Plenaria/Estudos%20de%20Caracteriza%E7%E3o/Estudos_Tematicos/REDE_INVEST/Patrim%F3nio%20Biol%F3gico%20Geol%F3gico/Monografia_Geo_F2.pdf

119. Convento de São Miguel de Gaeiras.

In <http://www.oestedigital.pt/Contacts/ListContacts.aspx?x=1>

120. Santuário do Senhor da Pedra.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Obidos_April_2009-5.jpg

121. Vila de Óbidos.

In <http://blog.biblioteca.unizar.es/biblioideas-obidos-una-villa-literaria/obidos/>

122. Rua direita da Vila.

In <https://www.pinterest.pt/pin/396950154647147273/>

123. Mapa de localização da *Cidade Romana Eburobrittium*.

In <https://www.google.com/maps>

124. Planta geral dos vestígios arqueológicos.

In MOREIRA, João (2002). Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos. Porto: Mimesis.

125. Planta de uma parte do edifício termal.

In MOREIRA, João (2002). Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos. Porto: Mimesis.

126. Zona Arqueológica com parte do Edifício Termal.

In MOREIRA, João (2002). Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos. Porto: Mimesis.

127. Zona Arqueológica com o lacónico à vista.

In <https://www.cm-obidos.pt/events/PesquisaEventos.aspx?uid=5f04d396-838b-43de-9824-d63c630978b5>

128. Localização das três nascentes de água sulfurosa.

In MOREIRA, João (2002). Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos. Porto: Mimesis.

129. Piscina interior do Balneário.

In RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda.

130. Interior do balneário.

In RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda.

131. Balneário da Quinta das Janelas.

In http://www.aguas.ics.ul.pt/leiria_gaeiras.html

132. Quinta das Lapas (séc. XVII/XVIII), Torres Vedras.

In <https://dianova.pt/servicos/aluguer-de-espacos-e-equipamentos/>

133. Vista e planta do Palácio Galveias, Lisboa.

In DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte. 2ª Edição. (p.58)

In <https://biclaranja.blogs.sapo.pt/largo-do-dr-afonso-pena-1127069>

134. Vista e planta do Palácio de Vale de Flores, Braga.

In DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte. 2ª Edição. (p.59)

In <https://ppmbraga.blogspot.com/2012/10/crime-leva-drama-familia-proprietaria.html>

135. Vista e planta da Casa de Calhariz, Arrábida.

In DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte. 2ª Edição. (p.61)

In

<https://www.gabitos.com/AZEITAOPATRIMONIOEHISTORIA/template.php?nm=1272062513>

136. Quinta dos Marqueses da Fronteira (segunda metade do séc. XVII), Lisboa.

In <https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/palacios-palacetes-abertos>

137. Vista sobre o jardim da Quinta dos Marqueses da Fronteira.

In <https://www.dn.pt/sociedade/interior/palacio-fronteira-uma-casa-particular-que-e-monumento-nacional-5355342.html>

138. Vista do painel de azulejos da «Galeria das Artes».

In <https://voyages.michelin.fr/europe/portugal/lisbonne/lisbonne/jardins-du-palais-des-marquis-de-fronteira>

139. Vista área da Quinta das Janelas, antes da construção da autoestrada.

Foto da autoria de Leonor Laranjeira.

140. Postal de 1910 da entrada da Quinta das Janelas.

In https://www.ebay.ca/dsc/i.html?_sacat=0&_nkw=obidos+portugal

141. Mapa de localização da Quinta das Janelas.

In <https://www.google.com/maps>

142. Vista atual da entrada da Quinta das Janelas.

Foto da autora.

143. Vista para a Moradia e Capela.

Foto da autora.

144. Vista para o pátio interior e o edifício.

Foto da autora.

145. Portão de entrada com o brasão da Família Freire de Andrade.

Foto da autora.

146. Vista para o painel de azulejos e porta da Capela.

Foto da autora.

7 | PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS

147. Vista aérea da Quinta das Janelas, da década de 90.

Foto da autoria de Leonor Laranjeira.

148. Vista aérea da zona envolvente à área de intervenção (sem escala).

Esquema da autora.

149. Planta do existente (sem escala).

Esquema da autora.

150. Planta do conceito e estratégia urbana (sem escala).

Esquema da autora.

151. Proposta da solução arquitetónica do contexto urbano (sem escala).

Desenho da autora.

152. Esquema da Estância Termal com o programa geral (sem escala).

Esquema da autora.

153. Esquema do conceito do edificado

Esquema da autora.

154. Esquema do conceito urbano.

Esquema da autora.

155. Esquema do programa geral dos diferentes pisos da Unidade Hoteleira.

Esquema da autora.

156. Planta do piso 1 da Unidade Hoteleira.

Desenho da autora.

157. Planta do piso térreo da Unidade Hoteleira.

Desenho da autora.

158. Organograma da articulação dos diferentes conceitos programáticos que formam a base da proposta da Unidade Termal.

Esquema da autora.

159. Desenho esquemático do conceito do projeto.

Esquema da autora.

160. Esquema do programa geral.

Esquema da autora.

161. Esquema do conceito de “cheio e vazio”, em que a área em preto são as atividades complementares e a área a cinzento as zonas principais de piscinas.

Esquema da autora.

162. Esquema da articulação entre as «caixas» e as piscinas e os diferentes banhos.

Esquema da autora.

163. Planta do piso superior da Unidade Termal, que integra os gabinetes médicos.

Desenho da autora.

164. Planta do piso térreo da Unidade Termal.

Desenho da autora.

8| CONSIDERAÇÕES FINAIS

154. Termas de Tiberio, Espanha.

In <https://lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/marcelo-pede-investimento-no-turismo-de-saude-e-que-nao-se-mate-o-termalismo>

“Estâncias termais são territórios mágicos. De locais inóspitos, floresceram lugares com vida própria, onde a água dá benefícios à alma e ao corpo, num passeio singular entre a chegada, a permanência e a partida.”

Jorge Mangorrinha (2017)

1 | INTRODUÇÃO



01. Fonte da Juventude, pintura do século XV. Autor desconhecido.

1 | INTRODUÇÃO

“A água constitui um dos elementos iniciáticos da formação urbana, e a sua importância reflecte-se particularmente nas arquitecturas e paisagens induzidas pelo termalismo, onde há uma especificidade territorial, uma alegoria simbólica e uma dimensão cultural, motivadoras do próprio acto de planear.”¹

Enquanto fonte de vida, a água representa desde sempre um componente primordial na vida da humanidade, vindo a definir-se com um valor imprescindível. A sua capacidade de regeneração e de purificação, descoberta pelas civilizações grega e romana, veio rapidamente conferir-lhe um certo misticismo e um conjunto de atributos simbólicos, tornando-se objeto de estudo e de diversas ritualizações. Associada essencialmente ao seu valor de pureza, dada a sua transparência, veio desde cedo contribuir para a formação de um verdadeiro culto pelas águas, assente na revitalização do corpo e do espírito.

Os efeitos curativos destas “águas milagrosas” não seriam menosprezados no decorrer dos séculos seguintes, e viriam a contribuir para o desenvolvimento de uma cultura termal exemplar. Uma cultura, que viria a integrar um vasto conhecimento perante as aplicabilidades da água, uma diversidade de tratamentos terapêuticos e uma arquitetura particular, que veio proporcionar a difusão do termalismo.

Atualmente, o termalismo tem vindo a ganhar novamente relevância. Face ao ritmo acelerado da vida contemporânea e o *stress*, o interesse pelo bem-estar físico e mental e a fuga à rotina quotidiana vieram contribuir para uma crescente afluência aos lugares termais. Reabilitam-se antigas termas e constroem-se novas estâncias termais, adaptando-as às novas tendências e exigências da atividade, marcadas pelas vertentes terapêuticas e lúdicas.

¹ MANGORRINHA, Jorge (2012). *O que é uma Cidade Termal?* [s.l.]: [ed. Autor], p.9.

Surgem então novas perspetivas para o futuro do termalismo, quer no âmbito do planeamento territorial, quer na reinterpretação das práticas termais, que possam evocar a memória e a identidade do lugar, permitindo a continuidade e salvaguarda de um vasto património termal. Através de um desenho contemporâneo e com base nas tradições antepassadas procura-se, assim, responder aos novos interesses e necessidades dos aquistas de hoje em dia.

“De facto, neste início de século, as termas renovam-se, reinventam-se. Novas necessidades, e desafios, novas propostas e práticas. Mas com os mesmos valores de sempre – saúde, lazer, Natureza, património”².

Neste contexto, numa fase crescente da prática termal torna-se fundamental compreender de que forma o termalismo pode ser reinventado através da sua arquitetura, oferecendo uma diversidade de valências sem perder a sua génese e identidade. Deste modo, o presente trabalho procura compreender as particularidades inerentes ao termalismo em todas as suas vertentes, desde a sua origem à atualidade, e aplicar o conhecimento adquirido na proposta de um novo núcleo termal, cujas termas assentam na memória dos banhos romanos como base de inspiração para uma nova arquitetura termal.



02. *Thermae Bath Spa.*
Novo edifício termal de
Bath, Londres.

² NASCIMENTO, José Carlos (2008). *Termas de Portugal*. Lisboa: Pixelprint – Edições, Imagens e Comunicação, p.5.

1.1 | Enquadramento e Objetivos

O presente trabalho toma como objeto de estudo a zona urbana de Óbidos, mais especificamente, o terreno correspondente à Quinta das Janelas, que integra a casa senhorial construída no século XVII e as ruínas da cidade romana *Eburobrittium*.

A existência de três nascentes de água sulfurosa na área circundante da zona de intervenção – uma delas localizada na Quinta das Janelas sob um pequeno balneário termal –, os vestígios de uma estrutura termal romana e a proximidade da cidade termal das Caldas da Rainha, vieram definir a premissa teórica e prática do presente trabalho, nomeadamente no âmbito do termalismo.

Embora a atividade termal nunca se tenha desenvolvido à mesma escala como nas Caldas da Rainha, o lugar de Óbidos representa uma área privilegiada para o desenvolvimento do termalismo, já que se trata de uma zona com forte ligação à utilização das águas termais, como elemento fundamental na cura e no lazer, desde os tempos romanos. Deste modo, representa uma oportunidade na redefinição e preservação da identidade termal, perdida durante o século XX, e na constituição de um novo núcleo termal que associe o termalismo ao turismo local como uma nova valência.

Neste contexto, pretende-se criar uma proposta para a transformação da Quinta das Janelas numa estância termal, assente numa estratégia que procura requalificar o espaço urbano e edificado como nova centralidade, proporcionando a coerência e unidade dos diversos equipamentos que a constituem. Parte-se, deste modo, da reabilitação e ampliação da casa senhorial num equipamento hoteleiro, revalorizando e salvaguardando o património construído, e da projeção de um novo equipamento termal, que procura estabelecer uma relação com as ruínas das termas romanas, assente na reinterpretação contemporânea dos banhos romanos.

Neste contexto, definiram-se os objetivos gerais, que pretendem estabelecer o âmbito do estudo, numa escala local, e os objetivos específicos, que vêm marcar o fio condutor para o desenvolvimento da proposta projetual:

Objetivos Gerais:

- 1 | Reestruturação e requalificação do espaço público da área referente ao limite territorial da Quinta das Janelas como nova centralidade.
- 2 | Reabilitação e preservação da Casa Senhorial do século XVII da Quinta das Janelas.
- 3 | Revitalização da fonte das Caldas das Gaeiras existente na Quinta das Janelas e promoção do termalismo como elemento identitário do local.
- 4 | Integração de uma estância termal de modo a expandir a oferta turística em Óbidos relativamente ao bem-estar e à saúde, como parte do roteiro termal nacional.

Objetivos Específicos:

- 1 | Projetar novos espaços públicos de convívio e de partilha que possam criar novos lugares de permanência e de contemplação como miradouros, praças, esplanadas, entre outros.
- 2 | Criação de novos percursos pedonais e criação de uma ciclovia que liguem cotas diferentes e conectem pontos importantes - a quinta, as ruínas *Eburobrittium* e a Vila de Óbidos.
- 3 | Definir uma estratégia de projeto que relacione o novo com o existente, sem que aquele descaracterize o último, mantendo o seu valor matricial.
- 4 | Transformar a Casa Senhorial numa unidade hoteleira como parte integrante da estância termal.
- 5 | Resgatar e integrar as memórias do termalismo romano, presentes nas ruínas da cidade romana *Eburobrittium*, num novo complexo termal contemporâneo.
- 6 | Integração de um conjunto diversificado de tratamentos termais, no âmbito da cura e do lazer, de modo a contribuir para um bom usufruto e maior procura do mesmo pelos aquistas.

1.2 | Metodologia e Estrutura do Trabalho

O desenvolvimento do presente Projeto Final de Mestrado assenta numa estrutura metodológica, que permite organizar de forma clara e objetiva todo o processo de trabalho, articulando as componentes teórica e prática. Deste modo, a estrutura organiza-se em fases gerais:

FASE I | Âmbito de Estudo e Abordagem Conceptual

Esta fase está principalmente ligada à componente teórica e fundamentar-se-á num conjunto de investigações baseado em pesquisa bibliográfica diversificada, e na consulta de documentos online. Torna-se também pertinente, selecionar e estudar casos de referência, que sustentam algumas das decisões projetuais tomadas.

FASE II | Análise da Área de Intervenção

Analisa-se a estrutura urbana e a história da área envolvente de Gaeiras em Óbidos, e do território a intervir, a Quinta das Janelas. São consultados documentos históricos, cartas militares, planos urbanos (já implementados) e o PDM. Complementarmente à pesquisa documental, recolhem-se dados no local, através de registos fotográficos, medições e desenhos à mão e é feita uma análise SWOT com base neste levantamento.

FASE III | Processo Projetual

Esta fase corresponde à componente prática e consiste na elaboração de um programa e de uma proposta de soluções urbanas e arquitetónicas, baseadas num processo de trabalho que abrange diferentes escalas de desenho. São utilizadas plantas do local e da pré-existência, registos fotográficos, desenhos conceptuais, esquemas e o estudo estrutural para definição da nova construção.

FASE IV | Elaboração das Peças Finais

São resumidas as principais conclusões das reflexões teóricas, aplicadas à proposta arquitetónica final, com base numa memória descritiva e justificativa, elementos gráficos e fotografias dos modelos tridimensionais.

Tendo em conta o carácter dual do presente trabalho, a estrutura desenvolve-se ao longo de duas partes correspondentes à componente teórica e à componente prática, de modo a estabelecer uma ordem coerente e articulada. Deste modo, organiza-se da seguinte forma:

| PARTE I

A componente teórica pretende estabelecer uma reflexão fundamentada em diversos autores para uma melhor compreensão dos principais conceitos que apoiam as decisões de projeto.

No subcapítulo **2. A Memória: entre o passado e o presente** procura-se entender a importância deste conceito na sociedade e na arquitetura, como elemento identitário. Para o efeito, define-se primeiramente o conceito de «memória» a partir da sua evolução histórica, para posteriormente se desenvolver a sua relação com o conceito de identidade e compreender o seu papel na arquitetura contemporânea.

No subcapítulo **3. O Património: entre o antigo e o novo** procura-se compreender de que forma se deve intervir em pré-existências, através da definição e evolução do conceito de património, e do estudo do seu valor na sociedade e na arquitetura.

No subcapítulo **4. Os Banhos Romanos e a Arquitetura Termal: entre a cura e o lazer**, desenvolve-se o conceito de «termalismo» e a sua evolução histórica, a nível nacional e internacional. Posteriormente, associa-se o conceito à arquitetura, através do estudo das origens das estruturas termais e da sua evolução até à contemporaneidade, analisando também as diferentes dimensões do microcosmo termal, inerentes ao desenho conceptual e programático da proposta projetual.

Por fim, como ponto de passagem para a componente prática, apresenta-se um conjunto de **Casos de Estudo** selecionados, nacionais e internacionais, que melhor representam as temáticas anteriormente mencionadas num contexto arquitetónico, em termos formais e tipológicos.

| PARTE II

A componente prática baseia-se no desenvolvimento da proposta arquitetónica, inserida num determinado local e elaborada de acordo com os temas escolhidos. Tem por finalidade demonstrar as intenções e estratégias de projeto, apoiadas nas reflexões teóricas.

No subcapítulo **6. O Lugar** apresenta-se a área de intervenção do projeto, através da sua análise, a nível histórico-cultural e urbano. Posteriormente, desenvolve-se uma breve reflexão teórica sobre as casas senhoriais do século XVII, para um melhor entendimento da Quinta das Janelas enquanto objeto de estudo.

No subcapítulo **7. Proposta de uma Estância Termal na Quinta das Janelas** desenvolve-se toda a proposta projetual, como resultado da investigação teórica, que fundamenta os conceitos, o programa, as principais orientações formais e as representações gráficas do projeto.

2 | A MEMÓRIA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE



03. *Unland: The Orphan's Tunic* (1997).
Escultura de memória de
Doris Salcedo.

2 | A MEMÓRIA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

2.1 | O conceito de Memória

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”³

O conceito de «memória» teve origem na Antiguidade e desempenha um papel fundamental na preservação e construção de valores culturais e identitários de uma determinada sociedade ou lugar. Etimologicamente, a palavra «memória» deriva do grego «*mnemis*» e do latim «*memoria*»⁴, e surgiu para designar a capacidade *“que permite fixar, conservar, fazer despertar e reproduzir impressões recebidas ou levar a reconhecer e a localizar no tempo passado ou um espaço distante algo cuja impressão, vivência, imagem ou elaboração mental se repete no presente ou no espaço circundante”*⁵.

O desenvolvimento do conceito passou por duas fases distintas: a primeira baseada na oralidade e referente à época das sociedades primitivas e, a segunda, baseada na escrita, que tem passado por diversas transformações referentes a quatro períodos: o período entre a Pré-história e a Antiguidade; a Idade Medieval; o período entre o século XVI até aos dias de hoje e a contemporaneidade⁶.

Segundo Jaques Le Goff, nos primórdios da sociedade ainda não se utilizava a escrita e as pessoas baseavam-se na transmissão oral, utilizando a memória como uma ferramenta para a preservação dos conhecimentos mais técnicos e práticos, através de um processo mais livre e criativo, e menos mecânico.

³ LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM, p.47.

⁴ CARNEIRO, Neri P. (2009). *Memória e Património: Etimologia*. [Online]

⁵ LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.24.

⁶ LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM, p.13.

A memória era transmitida de geração em geração, para a difusão e conservação dos principais valores e do saber das tradições.

Seria, porém, com a introdução da escrita que o conceito viria a presenciar um profundo desenvolvimento, traduzido essencialmente em duas novas formas de expressão: a construção de monumentos para a comemoração de eventos e a criação de documentos escritos, possibilitando o registo exato dos acontecimentos e das informações, no espaço e no tempo. Constituíam-se «lugares de memória»⁷, que procuravam preservar intemporalmente as recordações de um determinado povo, como museus, arquivos e bibliotecas.

A evolução do conceito, na passagem da transmissão oral para a escrita, foi essencialmente notória durante a civilização grega. Para os gregos a memória era considerada como uma entidade divina, a *Mnemosine*⁸, e como inspiração para a criação artística, principalmente da poesia, que abordava não só uma vasta mitologia, mas também os feitos dos seus heróis. Seria este povo a dar, por um lado, “à memória o estatuto de consciência, (...) assegurando ao indivíduo a sua história e o conhecimento de si próprio”⁹, e, por outro, a contribuir para a criação de processos mecânicos de memorização, denominados por «*mnemnotécnicos*». O último deveu-se à sua desassociação da mitologia e à importância e necessidade crescentes da prática da memória, como técnica para evitar o esquecimento. Esta *arte da memória* baseava-se, assim, na lembrança e criação de imagens e na sua organização em lugares específicos (*lugares da memória*)¹⁰.

⁷ Conceito definido por Pierre Nora, historiador francês, na obra *Les Lieux de Mémoire* (1984), em que “o lugar de memória é qualquer entidade significativa, seja de natureza material ou imaterial, que por força do ser humano ou do trabalho do tempo se tornou um elemento simbólico do património memorial de qualquer comunidade (neste caso, a comunidade francesa)”. [tradução do autor]

⁸ “Os Gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. É a mãe das nove musas (...)”. LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM, p.20.

⁹ LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.22.

¹⁰ SMOLKA, Ana Luiza (2001). *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Educação e Sociedade, nº 71, p. 170. [Online]

No entanto, este conceito ganharia um novo estatuto na Idade Média, com a difusão do Cristianismo e a sua associação às práticas religiosas, refletindo-se através da construção de igrejas, símbolos da fé e pela comemoração dos feitos de Jesus.

Mais tarde, na época renascentista, surge a imprensa, proporcionando uma revolução progressiva das técnicas de materialização e da exteriorização da memória individual e coletiva, essencialmente através da impressão de tratados científicos e enciclopédias que permitiram alargar o conhecimento.

É ainda de referir que, durante os séculos XIX e XX, alguns acontecimentos marcantes, como a invenção da fotografia e a 1ª Guerra Mundial, também contribuíram para o crescente desenvolvimento da *mnemotécnica*, nomeadamente através da materialização da imagem e da construção de monumentos dedicados aos combatentes, os «memoriais».

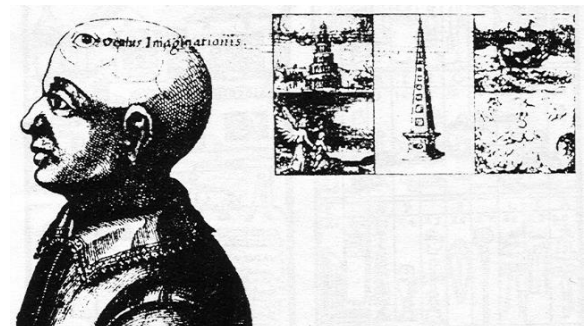
Porém, na segunda metade do século XX presenciou-se uma multiplicação acentuada dos institutos-memória e dos eventos comemorativos, e o surgimento da memória-eletrónica. Os avanços tecnológicos e científicos e a introdução dos computadores forneceram uma maior capacidade de armazenamento de informação e tornaram-se um grande auxílio para a memória limitada e instável do ser humano.

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

04. *Mnemosine* (1881), de Dante Gabriel Rossetti.

05. *Dança de Apolo com as Musas* (1514-1523), de Baldassare Peruzzi.

06. *A Arte da Memória* (1612), de Robert Fludd.



Verifica-se, portanto, que alguns dos fatores mais importantes para o desenvolvimento do conceito de «memória» e a sua aplicabilidade física, são o medo do esquecimento, a necessidade de relembração e a proximidade ao passado. A memória tornou-se um modo de conservar os ensinamentos, a cultura e a identidade de diferentes sociedades ao longo do tempo, e de garantir a orientação das gerações vindouras, já que o passado e o presente estão ligados. Resta agora compreender quais são os efeitos da «memória» na construção da essência e da identidade da sociedade e dos lugares em que habita.

2.2 | Memória e Identidade

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar «identidade», individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”¹¹

Ao longo do tempo, o papel da memória revelou-se fundamental para que as sociedades construíssem o seu presente e futuro, com base nos valores herdados do passado, e assim garantirem a preservação da sua «identidade», através da transmissão do conhecimento, do saber, das tradições e das crenças dos seus antecessores. Só mais tarde, com o desenvolvimento do saber e do conhecimento, é que viria a ser utilizada, também, como ferramenta para a perceção do tempo e do espaço, graças à possibilidade do seu registo, seja a nível documental ou edificado.

Por sua vez, a necessidade de manter os valores do passado no presente, demonstra também que o carácter evolutivo dos lugares deve seguir uma lógica coerente, capaz de manter a ligação da sociedade com o território e, simultaneamente, construir a sua própria essência. Neste sentido, os lugares

¹¹ LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM, p.46.

significantes e memoriais transmitem um conjunto de cargas simbólicas e emocionais, individuais ou coletivas, que as pessoas vão captando através dos sentidos e que permanecem como ideias, associações, emoções – em suma, lembranças.

“Aquilo que somos assenta nas memórias que acumulámos ao longo da nossa existência. A essas memórias, mais ou menos claras e mais ou menos conscientes, pertence também o registo mental da vivência dos espaços do nosso quotidiano”¹².

A consciência das experiências vividas permite ao indivíduo reconhecer o seu próprio “eu” e compreender que é através da continuidade histórica que consegue preservar quem é, *“já que estrutura o sentido da realidade, sendo em grande parte através da memória que atingimos o sentido de identidade pessoal e nos recordamos como o mesmo indivíduo, de dia para dia”¹³.*

Verifica-se, portanto, que os conceitos de «memória» e de «identidade» estão intimamente ligados, tendo em conta que são as lembranças, as aprendizagens e os registos mentais que contribuem para a formação da identidade individual e coletiva, com base no seu passado histórico, cultural, social e religioso, definindo *“o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”¹⁴* de uma determinada sociedade e lugar. Resta agora compreender quais são os principais estatutos da memória e o seu papel específico na definição do conceito «identidade».

De acordo com Maurice Halbwachs, *“é na sociedade que as pessoas normalmente adquirem as suas memórias. Também é na sociedade que elas*

¹² JORGE, G. In MOTA, Ana Sofia (2015). *Memória e Contemporaneidade: Reabilitação de um Palacete no Intendente utilizando cor, luz e matéria como elementos de projecto*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura, p.12.

¹³ LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.38.

¹⁴ POLLAK, Michael. In ROCHA, Tháise (2012). *Refletindo sobre memória, identidade e património: as contribuições do programa de Educação Patrimonial*, p. 3. [Online]

*recordam, reorganizam, e localizam as suas memórias*¹⁵. O autor defende que a memória individual surge a partir do contacto com o outro e da partilha de experiências do “eu” com a sociedade, isto é, da relação particular do indivíduo com a família, os costumes, os lugares e a cultura, essenciais à construção da sua identidade.

*“Para evocar o seu próprio passado, a pessoa precisa de recorrer às lembranças de outras. Transporta-se a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente”*¹⁶.

Neste contexto, embora, por vezes, a memória se reconhecer como um fenómeno particular, deve ser também compreendida a partir de uma dimensão social, já que se constrói necessariamente a partir da memória coletiva. Segundo Halbwachs, reúne os conhecimentos técnicos e as tradições construídos ao longo do tempo por um grupo de indivíduos, atribuindo-lhe uma identidade.



07. Comemoração do 25 de Abril de 1974. Exemplo da memória coletiva e como um evento histórico marca a identidade de uma sociedade.

¹⁵ HALBWACHS, Maurice in RODRIGUES, Donizete (2012). Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p.5. [tradução do autor] [Online]

¹⁶ HALBWHACHS, Maurice (2004). *La memoria colectiva*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p.54. [tradução do autor]

É a partir das manifestações coletivas que ocorrem as formas de “exteriorização” da memória individual, proporcionando a constituição de «lugares de memória». Segundo Pierre Nora: “ (...) nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória”¹⁷. São, portanto, lugares onde se perpetua a memória de uma sociedade ou de uma nação, e onde o povo experiencia um sentimento de pertença e de reconhecimento da própria identidade.

Neste contexto, verifica-se uma nova aplicabilidade para o conceito de «identidade», essencialmente relacionado ao lugar e associado à memória, introduzido pelo autor Kevin Lynch¹⁸ e que define a capacidade de uma pessoa “reconhecer ou recordar um local como sendo distinto de outros locais – como tendo um carácter próprio, vivido, único, ou pelo menos particular”¹⁹.

A memória representa assim um papel fundamental na conceção da «identidade do lugar», baseando-se na essência do espaço que estabelece a identidade do lugar e a identificação do indivíduo ou sociedade com o lugar, de acordo com as suas experiências vividas.

Surge, assim, a memória urbana. Esta representa o passado de uma cidade, e diz respeito “não à capacidade de lembrar de indivíduos ou grupos, mas ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registos

¹⁷ NORA, Pierre (1993). *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Volume 10. São Paulo: Revista Projeto História, p.13. [Online]

¹⁸ De acordo com a sua obra *A imagem da Cidade* (1960).

¹⁹ LYNCH, Kevin in JÄRNEFELT, Ingrid (1999). *Identity – Identification*. Suécia: Nordisk Arkitekturforskning, p.18. [tradução do autor] [Online]



[De cima para baixo]

08. Padrão dos Descobrimentos (1960), em Lisboa.

09. Memorial do Holocausto (2005), em Berlim, de Peter Eisenman

10. Parque da Memória (1998), em Buenos Aires, de Baudizzone Lestard Varas Studio.



de um determinado lugar (...)”²⁰. Isto é, caracteriza-se por um conjunto de edifícios memoriais e de monumentos que demarcam os acontecimentos históricos. Os centros históricos das cidades, por exemplo, ainda surgem como núcleos representativos da memória, apesar de haver todo um conjunto de monumentos e de transformações urbanas a considerar para caracterizar a identidade desse lugar. No entanto, alguns exemplos de arquitetura contemporânea têm contribuído para a descaracterização da identidade da cidade, ao promoverem o desenho de formas homogêneas e sem carácter, que não se integram corretamente na urbe, nem respeitam a memória do local.

É, portanto, necessário compreender de que modo se deve fomentar a dialética entre o edifício histórico e a nova estrutura contemporânea, para formar um conjunto que preserve a memória coletiva e, conseqüentemente, a identidade própria do lugar de intervenção.

2.3 | Projetar com a Memória

*“Para a memória, a arquitetura simboliza um ponto de referência no tempo, um proscénio contra o qual a experiência pode ser lembrada; na arquitetura, a memória revela a essência da forma que permite ao ambiente construído entregar-se à compreensão espacial humana.”*²¹

A arquitetura, ao longo do tempo, exerceu um papel fundamental na preservação e conservação das memórias coletivas, já que possui a capacidade de materializar as impressões de um tempo e de um espaço, de modo “eterno”. Desde cedo que a sua prática se estabelece como um processo de registo da memória, dando forma às comemorações de eventos importantes e de feitos realizados. Estes procuravam afirmar e relembrar a

²⁰ ABREU, Maurício (1998). *Sobre a memória das cidades*. Geografia I série, Vol. XVI. Porto: Revista da Faculdade de Letras, p.89. [Online]

²¹ HOPKINS, Stacey (1996). *On Memory and Architecture*. Nova Iorque: Syracuse University, p.3. [tradução do autor] [Online]

tradição, a cultura e, principalmente, a identidade da comunidade onde se inseriam. A arquitetura estabelece, assim, uma relação de proximidade entre o presente e o passado, através de símbolos e elementos que invocam a memória. Jan Pieper menciona *“toda a arquitetura como uma referência de continuidade. (...) À medida que a tradição histórica é cada vez mais cuidadosamente negada, a memória torna-se mais poderosa assegurando por si só o eterno fundamento da arquitetura”*²².

Permitiu também construir e reconstruir as memórias sob a forma de museus, monumentos, memoriais, arquivos e outros equipamentos de armazenamento, criando lugares que estimulam no consciente e no inconsciente das sociedades, o retorno a um passado genérico ou de eventos específicos. Neste contexto, a arquitetura baseia-se, de um modo geral, no lugar da memória e num conjunto de elementos representativos, tais como *“imagens, formas, traços característicos, símbolos que permitem a recordação mnemónica”*²³.

A relação entre a memória e a arquitetura estabelece-se, assim, através de um conjunto de valores subjetivos e imaginários, baseados principalmente na essência do lugar, o *genius loci*, e nas qualidades atmosféricas do objeto arquitetónico, capazes de despertar os sentidos e emoções. O termo «*genius loci*» refere-se ao “espírito do lugar” e define que cada lugar tem a sua própria identidade e particularidades que o distinguem dos outros²⁴. É a arquitetura que constrói o espírito do lugar, através principalmente dos seus elementos formais que, não só caracterizam o lugar, mas que também evidenciam a continuidade do tempo. Esta perceção do espaço permite criar e recordar as memórias, estabelecendo uma relação entre o Homem e as

²² PIEPER, Jan. In LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.30.

²³ LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM, p.22.

²⁴ NORBERG-SCHULZ, Christian in CABANAS, Andreia (2014). *Memória e Imanência na reabilitação do Convento/Hospital de Santa Marta*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura, p.5.

suas experiências passadas. De um modo geral, a arquitetura é vivida através dos sentidos, das emoções, da memória, do intelecto e da imaginação, criando uma ligação íntima entre o objeto arquitetônico e a pessoa que descobre e experiencia o “espírito do lugar”.



[De cima para baixo]

11. Torre Velasca (1958), em Milão, de BBPR. Representa a memória arquitetônica italiana.

12. Reconstrução do Teatro Carlo Felice (1991), em Génova, de Aldo Rossi, Ignazio Gardella e Fabio Reinhart. Projeto no âmbito da recuperação do lugar e da memória perdida na cidade.



“A arquitectura funciona como espaço onde o indivíduo se pode encontrar, que pode chamar seu, porque ele é do seu conhecimento, e pode manifestar-se à vontade, carregar-lhe de significado, como um prolongamento e exteriorização do “Eu”, daquilo que ele é, e por isso os lugares podem desencadear memória (...) como participante essencial e insubstituível na vida e na consciência humana pessoal e social: como instrumento definitivo da preservação da memória”²⁵.

Deste modo, o carácter identitário dos lugares é definido essencialmente pela estética, pelo carácter imaginário e pela morfologia, sustentando os seus valores memoriais, emocionais, culturais e históricos que, por sua vez, traduzem a relação entre linguagem arquitetónica e memória. *“Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história”²⁶.*

Atualmente verifica-se que a ligação entre memória e arquitetura vem marcar duas abordagens fundamentais. Por um lado associa-se ao sentido social da memória – memória coletiva –, em que o objeto arquitetónico exerce a função de marco de memória e de herança, por outro, no sentido disciplinar, em que o objeto arquitetónico é criado através de um processo mais criativo e imaginário²⁷. Neste último, a memória representa uma ferramenta essencial para a criação arquitetónica do presente e do futuro, no sentido em que possibilita recorrer a ensinamentos e inspirações de ideias e estilos concebidos no passado, para criar objetos culturais e identitários de uma determinada sociedade. Por outras palavras, entende-se *“toda a arquitetura como referência de continuidade. A coluna evoca o primitivo*

²⁵ ABREU, Pedro. In FONSECA, Alexandra (2016). *Memória e Património como vínculo urbano e social: Uma proposta de reinterpretação do conjunto patrimonial no Largo Conde Barão*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura, pp.35-36.

²⁶ SMOLKA, Ana Luiza (2001). *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Educação e Sociedade, p.187. [Online]

²⁷ LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.31.

*pilar, o capitel a mísula, o tríglifo a arquitrave. A densificação e sobrelevação dos sistemas primitivos transposta por sistemas de símbolos que continuam a enquadrar sentidos pré existenciais*²⁸.

No entanto, esta relação entre memória e arquitetura também traz implicações e limitações em relação às formas de intervenção, assentes na construção nova ou na reabilitação de uma pré-existência. Em ambos os casos, a presença dos valores memoriais é relevante e necessária, já que a construção da identidade se baseia na essência do lugar e na linguagem do edifício.

Deste modo, relativamente ao primeiro, é importante conhecer a memória implícita do lugar de implantação e integrar os seus elementos e símbolos, de modo a invocar a lembrança; relativamente ao segundo, é importante conhecer a história evolutiva do edifício para, através das novas intervenções projetuais, se conseguir conservar e preservar a sua essência e continuidade no tempo e no espaço.

Estas intervenções tornam-se importantes na abordagem e no estudo da identidade das cidades, que se baseiam principalmente na sua memória, história e cultura. Segundo Aldo Rossi, a arquitetura permite representar as experiências do passado no presente, promovendo a importância e continuidade da memória coletiva de uma cidade. *“Com o tempo, a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória*²⁹.

13. A Cidade Análoga (1973), de Arduino Cantafora.



²⁸ PIEPER, Jan in LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, p.30.

²⁹ ROSSI, Aldo (1984). *The Architecture of the City*. Cambridge Mass: The MIT Press, p.21. [tradução do autor]

Um exemplo onde se estabelece a projeção da memória através de arquitetura é o Museu Judaico em Berlim (2001), de Daniel Libeskind. Trata-se de um edifício que procura estabelecer um reencontro com a memória e a história dos judeus na Alemanha, antes, durante e depois do Holocausto, proporcionando a criação de um espaço refletivo e identitário. Denominado por *“Between the Lines”*, Libeskind baseia-se, para a conceção do edifício, em duas linhas que demarcam o percurso e os diferentes espaços, nomeadamente uma direita e fragmentada (invisível) e outra em “zig-zague” (visível), criando a partir da sua intersecção, um conjunto de “vazios”, que se prolongam em toda a sua verticalidade. Estes representam o vazio deixado pela expulsão e a destruição da vida judaica em Berlim, isto é, a perda de uma identidade. A questão da memória é reforçada pelo “espírito do lugar”, essencialmente estabelecido pela materialidade e iluminação, que tenta proporcionar uma experiência emocional e sensorial ao visitante, representando o que os judeus presenciaram durante o acontecimento. De certo modo, trata-se mais de um memorial, do que de um museu que se assenta na *“necessidade de integrar física e espiritualmente o significado do Holocausto na consciência e memória da cidade de Berlim”*³⁰.

Em suma, projetar com a memória significa permitir e promover um diálogo entre o presente e o passado, capaz de estabelecer uma continuidade dos valores culturais e históricos de uma sociedade. A arquitetura vem assegurar as memórias dos vários tempos e espaços, contribuindo para a sua rememoração e construção de uma identidade coletiva.

³⁰ AAVV (2011). *Jewish Museum Berlin: Berlin, Germany*. Nova Iorque: Rensselaer School of Architecture, p.10. [Online]



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

14. Museu dos Judeus (2001), em Berlim, de Daniel Libeskind.

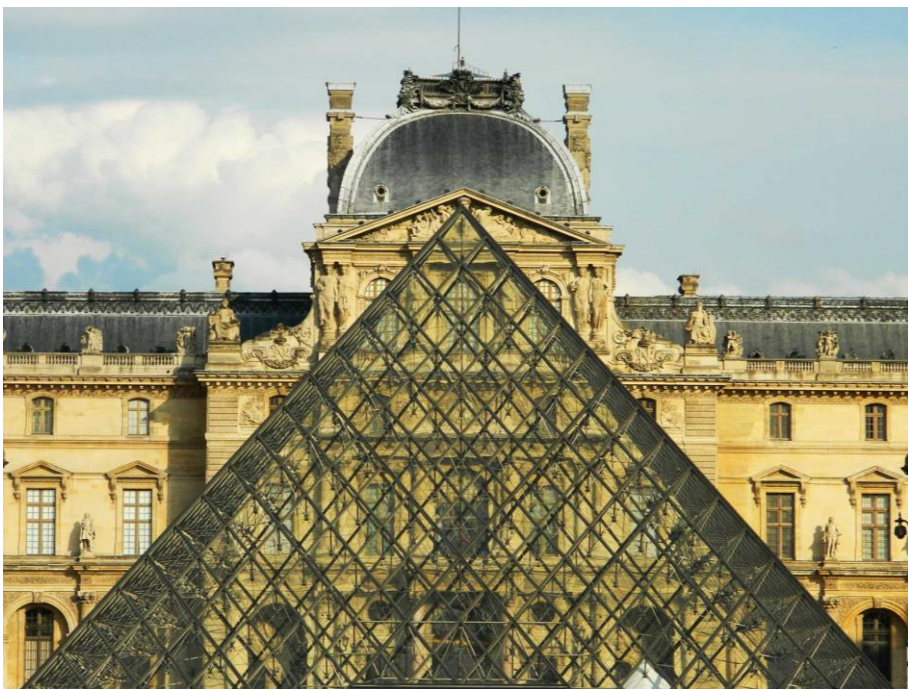
15. Fachada do Museu e o Jardim do Exílio.

16. O Vazio da Memória e os rostos das vítimas. Da artista Menashe Kadishman.

17. A Torre do Holocausto, outro vazio no interior do museu.



3 | O PATRIMÓNIO: ENTRE O ANTIGO E O NOVO



18. Museu do Louvre (1793), em Paris. Monumento Histórico e lugar simbólico no Património francês.

3 | O PATRIMÓNIO: ENTRE O ANTIGO E O NOVO

3.1 | O conceito de Património

*“ (...) a necessidade de um diálogo com a história aparecerá novamente como um tema recorrente.”*³¹

A origem semântica do conceito «património» remonta desde tempos remotos, estando essencialmente ligada *“às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”*³². Etimologicamente, o conceito deriva das palavras greco-latinas *“pater”* e *“nomos”*, que significam, respetivamente, o chefe da família ou antepassados e a lei, os usos e as tradições de um grupo social³³.

À medida que se ia desenvolvendo, viria a definir-se por uma *“herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras”*³⁴. Deste modo, o património vem a representar um papel fundamental na construção da identidade de uma sociedade, assente num conjunto de bens materiais e imateriais, como também nas experiências específicas do lugar, contribuindo para a preservação de uma memória coletiva, histórica e cultural. O conceito viria a ser associado aos termos «monumentos» e «monumentos históricos».

Durante as civilizações grega e romana o termo destinava-se principalmente à preservação dos valores estéticos e técnicos dos bens materiais que possuíam. Neste contexto, os objetos de arte não passavam por um critério de avaliação relativamente ao seu passado, isto é, do seu valor histórico e

³¹ GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación*. Madrid: Nerea, p.96. [tradução do autor]

³² CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.11.

³³ CARNEIRO, Neri P. (2009). *Memória e Património: Etimologia*. [Online]

³⁴ RODRIGUES, Donizete. *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p.4. [Artigo Online]

grau de antiguidade, mas sim pela sua projeção de uma civilização superior, nos aspetos culturais e artísticos.

Já, entre a Idade Média e o século XVII, a preocupação pela preservação e conservação dos valores passados não viria a constituir uma questão relevante. As várias invasões, entre o século VI e VII, e a difusão do cristianismo, contribuiram para a falta de interesse pelos monumentos e objetos de arte. Porém, o desenvolvimento do saber literário e do conhecimento artístico viria a contribuir para a conservação desejada de diversas obras importantes e de alguns artefactos antigos, possível com as novas ideologias da Igreja. Este interesse pelo passado contribuiu para uma nova valorização dos edifícios históricos, não no sentido lato da preservação da história (isto é, como herança), mas sim na preservação através da sua reutilização, para conservar as diversas obras.

A fase do *Quattrocento* viria a destacar-se pelo interesse dos edifícios e das obras da Antiguidade, contribuindo, por sua vez, para a constituição do objeto, hoje conhecido como «monumento histórico». Este período viria a caracterizar-se principalmente pelo distanciamento entre o passado e o presente que permitiria compreender e respeitar a herança, ou seja, a *“distância [histórica] (...), entre o mundo contemporâneo ao qual pertencia e a longínqua Antiguidade, de que estuda os vestígios”*³⁵. Neste contexto, viriam a ser formados duas vertentes opostas, na consciencialização do monumento histórico como elemento intrínseco da memória, o “efeito Petrarca” e o “efeito Dondi”. O primeiro referia-se a uma abordagem literária dos edifícios, baseado nas inscrições que testemunham um passado concluído, e o segundo referia-se a uma abordagem artística, baseado nas formas e na linguagem do edifício. Em suma, estabeleceu-se o princípio da preservação, da conservação e do restauro dos monumentos históricos, fundamental na salvaguarda de um passado histórico e artístico.

³⁵ CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.38.

O século XVII e XVIII, marcado pela época do Iluminismo, despertaria um novo interesse relativamente às obras e vestígios do passado. A necessidade de um melhor entendimento do conceito de «Antiguidade» proporcionaria um conjunto de intervenções que procuravam estudar as géneses das cidades e dos diferentes monumentos históricos. Seria neste contexto, que o conhecimento e a compreensão sobre o passado e as origens, inerentes à construção da identidade social e cultural, viriam a marcar o ponto de partida para a institucionalização da conservação dos monumentos históricos.

Contudo, o termo «património» só viria a estabelecer a sua definição atual a partir da Revolução Francesa, desencadeado pela crescente preocupação com a preservação dos edifícios históricos. A destruição da malha urbana e edificada, resultado do vandalismo, viria a conferir um conjunto de documentos, com a finalidade de “*conservar e proteger os monumentos históricos*”, concebendo legislações de salvaguarda patrimonial. Neste contexto, seria fundado a primeira Comissão dos Monumentos Históricos (1837), que integrava os edifícios da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos³⁶.

As destruições, nas cidades europeias, causadas pelas Guerras Mundiais no século XX levariam a um novo desenvolvimento no âmbito da preservação do edificado. Estes acontecimentos proporcionaram um aumento significativo no número de bens inventariados, contribuindo também para a difusão da relevância das intervenções nas cidades para conservação da identidade coletiva da cidade e da sociedade. A consciencialização sobre o património viria a contribuir para novos conceitos nesta área, principalmente a do património cultural, arquitetónico e paisagístico, estabelecendo-se numa extensão urbana.

³⁶ CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.12.



[De cima para baixo]

19. Centro Histórico de Varsóvia após a II Guerra Mundial em 1945 e a sua reconstrução fiel como meio para a preservação da cidade tradicional. Atualmente Património Mundial desde 1980.

20. Património Mundial da UNESCO desde 1999. Postal da década de 90 da Ilha dos Museus, em Berlin.

“Enfim, o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e malha urbana; aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades”³⁷.

A partir da década de 60, presenciar-se-ia à globalização e democratização do conceito, com a extensão de outros tipos de bens e com o estabelecimento de cartas patrimoniais, como no caso da Carta de Veneza de 1964, gerada pela UNESCO, que seria *“uma das primeiras a reportar o valor do património para a construção da coletividade chamada humanidade”³⁸*. Traça-se o alargamento do conceito de Património Nacional para Património Mundial.

Resta compreender os valores intrínsecos do património e a sua articulação na vida da sociedade e da cidade como elemento restaurador do passado e das memórias importantes no sentimento de pertença e construção de identidade.

3.2 | Os Valores do Património

O património construído, constituído essencialmente pelos monumentos históricos, tem vindo a representar um conjunto de valores diversificados importantes na construção da imagem e identidade de uma nação, já que simbolizam *“testemunhos irrepreensíveis da história”³⁹*.

Segundo a Carta de Veneza (1964), o património representa um elemento essencial na construção da humanidade, atribuindo-lhe um conjunto de valores intrínsecos que se vieram a desenvolver ao longo das décadas

³⁷ CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.13.

³⁸ SOARES, Jandson; SOUZA, Wendell (2014). *Património aos olhos de quem? Um breve estudo sobre a construção do conceito “Património Histórico”*. In Boletim Historiador. Brasil: Grupo de Estudos do Tempo Presente, p.5. [Online]

³⁹ KERSTAIN, A. In CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.117.

seguintes. A carta refere: *“portadores de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como testemunho vivo das tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um património comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade”*⁴⁰.

Deste modo, a valorização do passado e da memória coletiva tornou-se cada vez mais importante na vida da sociedade, constituindo-se a necessidade da preservação do património. Esta preservação não se aplicaria meramente aos conjuntos arquitetónicos e urbanos, mas também às diferentes manifestações culturais que constroem o passado, o presente e o futuro da cidade. Segundo Françoise Choay, o património reflete-se principalmente em valores nacionais, económicos, cognitivos e artísticos⁴¹.

Formado durante a Revolução Francesa, o valor nacional seria o primeiro a contribuir para a formação do termo «património», estabelecendo-se como papel fundamental nas medidas de conservação e na formação dos restantes valores inerentes. Hoje, integra principalmente os valores culturais de uma nação, definido por um conjunto de bens, material ou imaterial, que pertence a uma entidade coletiva, a sociedade, e que se refere às suas tradições, costumes e crenças, em suma de uma herança. Representa de um modo geral, *“as questões referentes aos direitos humanos, diversidade cultural, dignidade humana, igualdade intergeracional, construção da memória, respeito individual, entre tantas outras”*⁴².

O rápido desenvolvimento do conceito e a multiplicação dos monumentos históricos traria uma nova abordagem associado ao valor económico. Este

⁴⁰ ICOMOS. In SOARES, Jandson; SOUZA, Wendell (2014). *Património aos olhos de quem? Um breve estudo sobre a construção do conceito “Património Histórico”*. In Boletim Historiador. Brasil: Grupo de Estudos do Tempo Presente, p.5. [Online]

⁴¹ CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, pp.116-123.

⁴² HISSA, Sarah; ALMEIDA, Anaeli (2014). *Património cultural: entre o recurso e valores alternativos*. Brasil: Revista Museologia e Património, p.37. [Online]

define-se, por um lado, pela comercialização de objetos culturais e por “*um complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação económica*”⁴³ e, por outro, pela proliferação do turismo, que veio a ganhar um papel fundamental na vida das sociedades, assente na exploração dos monumentos históricos. Em suma, o património vem representar o valor da nação em termos monetários e contribuir para a sustentação económica desta. Associado a este valor existe o Património Industrial, referente aos edifícios da época de industrialização, que desempenha um papel relevante na regeneração económica, dada a sua versatilidade de reutilização.

O contexto histórico é fornecido substancialmente pelo valor cognitivo. Este define-se como área educativa, assente na difusão de conhecimentos, específicos e gerais, e de múltiplas técnicas transmitidas pelos monumentos históricos. Deste modo, “*permitem construir uma multiplicidade de histórias – história política, dos costumes, da arte, das técnicas – ao mesmo tempo que auxiliam na pesquisa intelectual e na formação das profissões e dos artesanatos.*”⁴⁴ Este valor, por sua vez, vai permitir o desenvolvimento da memória histórica como base para rememoração do passado, muitas vezes institucionalizado em museus e arquivos.

21. Extrato do Grande Panorama de Lisboa antes do terramoto de 1755. Museu Nacional do Azulejo.

Atualmente o Azulejo português faz parte do Património Nacional, Histórico e Cultural.



⁴³ ABREU, R.;CHAGAS, Mário. In HISSA, Sarah; ALMEIDA, Anaeli (2014). *Património cultural: entre o recurso e valores alternativos*. Brasil: Revista Museologia e Património, p.41. [Online]

⁴⁴ CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p.117.

No contexto da história da arte, surge o valor artístico. Intimamente ligado à expressão estética dos diversos monumentos, vem caracterizar, segundo Kersaint, a imagem de uma cidade com a beleza dos edifícios que a constituem. Por outro lado, Riegl define este valor consoante duas vertentes, a primeira de «valor artístico relativo», que se refere às obras antigas que permaneceram acessíveis no mundo contemporâneo, e a segunda de «valor de novidade», que se refere ao aspeto intacto das obras. Seria neste contexto, que nasceria o Património Arquitectónico. Este veio estabelecer a preservação de edifícios e monumentos históricos, que dado o seu valor simbólico e material, não só representam as experiências sociais e culturais de uma sociedade, como também constituem um papel relevante para a construção da identidade coletiva e para a valorização territorial das gerações futuras.

3.3 | Projetar no Património

“ (...) a cidade é uma herança do passado que está a ser transferida para o futuro e que, se possível, é melhorada pelo presente.”⁴⁵

As cidades representaram, desde sempre, lugares associados a uma herança construída por parte de uma sociedade. O património edificado veio, ao longo do tempo, simbolizar, não só a memória individual e coletiva, como também a identidade de uma nação e a sua evolução histórica e cultural. Em suma, a cidade representa-se num conjunto de diferentes camadas temporais, constituídas pela demolição, construção e transformação da sua arquitetura, que refletem não só a coexistência de várias gerações, como também as posições intervencionistas para com os núcleos urbanos. Porém, devido ao rápido crescimento da população e das cidades contemporâneas, as urbes vieram gradualmente a perder parte da sua identidade e do seu património, causado principalmente pela necessidade constante de

⁴⁵ GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación*. Madrid: Nerea, p.179. [tradução do autor]

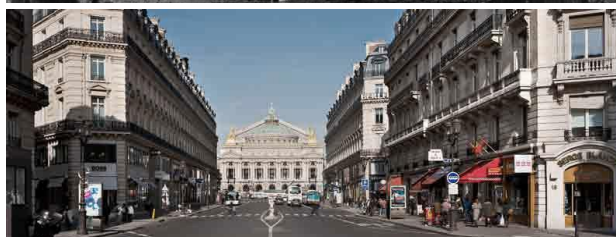
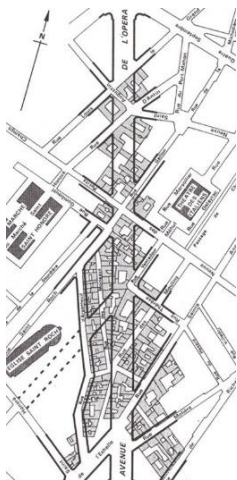
adaptação e transformação dos espaços urbanos. Assiste-se, deste modo, a uma “ (...) desertificação dos lugares da história, acabando por transformá-los em representações fantásticas de uma realidade jamais existente”⁴⁶. Face a esta situação torna-se, assim, cada vez mais relevante compreender qual a melhor forma para evitar o mencionado e, conseqüentemente, estipular um conjunto de estratégias que garantam a correta intervenção nas pré-existências, com a finalidade de preservar e conservar o património construído e de dar continuidade à malha urbana.

Segundo Francisco de Garcia, a relação entre o edificado histórico e o edificado moderno, ao longo do século XX, tem vindo a assentar, de acordo em três abordagens genéricas. Enquanto a primeira pressupõe uma arquitetura descontextualizada, afirmando o confronto entre o antigo e o novo, a segunda e a terceira assentam-se numa arquitetura contextualizada, procurando, respetivamente, utilizar a história como fio condutor para a linguagem arquitetónica (com base na *mimesis*) e estabelecer um diálogo equilibrado e complementar, de modo a integrar o moderno na malha histórica⁴⁷. Verifica-se, portanto, que ao longo das últimas décadas se tem procurado resolver a dicotomia entre o histórico e o moderno, com o objetivo de integrar as duas formas na malha urbana de forma coerente.

[Da esquerda para a direita]

22. Proposta para a nova Avenida de Ópera (1850), em Paris, de Baron Haussmann.

23. Avenida de Ópera antes e depois da proposta.



⁴⁶ CANATÁ, Michelle; FERNANDES, Fátima (1999). *Construir no tempo*. Lisboa: Estar, p.7.

⁴⁷ GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación*. Madrid: Nerea, pp.92,93.

Perante um crescimento acentuado da memória coletiva e dos valores culturais e históricos dos lugares, tornou-se importante perceber de que forma a arquitetura se estabeleceu ao longo dos tempos e como poderá dar continuidade a um passado. Face a isto, criou-se um conjunto de estratégias, capazes de articular o contemporâneo ao histórico – reduzindo a distância temporal entre os dois –, considerando que toda a alteração ou transformação terá implicações no património construído e no *genius loci*. Pois, “a arquitetura é a concretização de alterações sucessivas, e por vezes sobrepostas, em tempos diferentes e descontínuos do território natural e artificial”⁴⁸.

Assim, segundo Paul Meurs, o processo de intervenção assenta atualmente em três abordagens: I) a preservação ou restauração da antiga essência do espaço, de forma tradicional; II) a agregação entre o velho e o novo, com base nas estratégias do desenho arquitetónico (contraste, assimilação, composição, etc.); e III) a intervenção «*non-design*»⁴⁹, que se dedica ao programa, à sustentabilidade e à integração⁵⁰. Contudo, a arquitetura tem vindo a apoiar-se cada vez mais no processo de intervenção assente na reutilização, reabilitação e restauro dos edifícios históricos, dando-lhe uma nova função, mas preservando o seu carácter. “A produção de edifícios tem vindo de fato tornar-se numa produção de reconstrução”⁵¹.

Neste contexto, o processo deve primeiramente passar por um conjunto de questões relevantes e informativas sobre o edificado e área envolvente, decisivo para a escolha do tipo de intervenção. Torna-se pertinente entender que valores culturais e históricos se encontram associados ao edifício e qual

⁴⁸ CANATÁ, Michelle; FERNANDES, Fátima (1999). *Construir no tempo*. Lisboa: Estar, p.7.

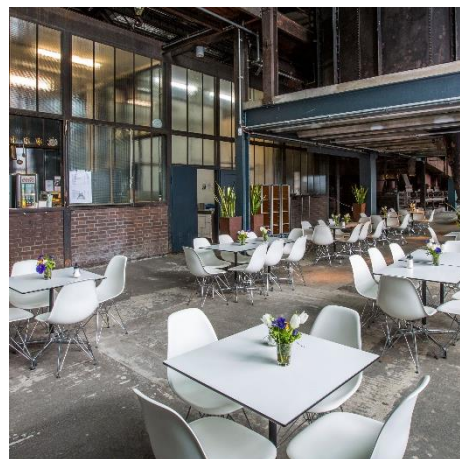
⁴⁹ O processo «*non-design*» assenta-se no reaproveitamento de edifícios abandonados, com uma intervenção mínima a nível arquitetónico, e baseando-se numa solução flexível e barata essencialmente assente no programa e num conjunto de elementos móveis.

⁵⁰ MEURS, Paul (2015). *Heritage and Architecture: Building in the stubborn city – Design with history*. In Delft Lectures on Architectural Design. Delft: Delft University of Technology, Faculty of Architecture and the Built Environment, p. 259. [tradução do autor]

⁵¹ MEURS, Paul (2015). *Heritage and Architecture: Building in the stubborn city – Design with history*. In Delft Lectures on Architectural Design. Delft: Delft University of Technology, Faculty of Architecture and the Built Environment, p.255. [tradução do autor]

o seu papel na vida da sociedade e da cidade, de modo a traçar a sua finalidade, seja demolição ou reabilitação. Porém, a demolição só será prevista em casos onde se verifica uma estrutura em risco de desmoronamento.

- [Da esquerda para a direita]
24. Fábrica Van Nelle (1931), em Roterdão, de Leendert van der Vlugt. Restauro da fachada original e transformação da fábrica num espaço de escritórios (1999), pelo atelier Wessel de Jonge.
25. Cúpula de *Reichstag* (1999), em Berlim, de Norman Foster. Articulação entre o antigo e o novo.
26. Fábrica de carvão (1932), em Essen, de Schupp e Kremmer. Baseado no conceito «non-design» foi transformado no Museu Ruhr (2002), pelo atelier OMA.
- No caso da reabilitação será importante preservar a sua memória intrínseca e características originais. Porém, o desafio assentará em encontrar uma harmonia entre o existente e as novas intervenções, consoante a identidade, o local e a linguagem do conjunto edificado, sem que este perca a sua integridade e credibilidade. Estas podem ser abordadas de forma criativa, de acordo com as diferentes técnicas de desenho arquitetónico, seja pela proporção, espelhagem, continuidade, composição, entre outros. Em suma, *“a reconquista da competência de edificar e de habitar um património contemporâneo e inovador na continuidade do antigo passa, também, por uma propedêntica envolvendo um conjunto de urbanistas, arquitetos e habitantes na reapropriação e na reutilização sistemática das heranças (locais e construções) nacionais e locais e das suas escalas de ordenamento. (...) O objetivo é realizável nestas condições: - dotar os lugares de novos usos adaptados à procura societal contemporânea; - renunciar ao dogma da sua intangibilidade e ao formalismo da restauração histórica; - saber proceder às transformações necessárias associando o respeito do passado e a aplicação das técnicas de ponta contemporâneas.”*⁵²



⁵² CHOAY, Françoise (2015). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, pp.52,53.

Um exemplo no âmbito da preservação e salvaguarda do património é o projeto de reabilitação da Pinacoteca em São Paulo (1998), da autoria de Paulo Mendes da Rocha. Instalada no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios, construído no final do século XIX, representa o museu de artes visuais (1905) mais antigo da cidade. Dado o seu valor histórico, cultural e arquitetónico, o edifício veio a constituir parte do Património Histórico, contribuindo para a preservação da identidade da cidade. Perante esta condição, Paulo Mendes da Rocha, baseou-se num processo de intervenção que procurava a preservação da linguagem neoclássica da construção, como também da sua intemporalidade, e a integração de elementos contemporâneos. Esta leitura é conseguida essencialmente através da materialidade, que distingue a pré-existência da nova intervenção, preservando as fachadas originais do edifício, deixando-as em alvenaria de tijolo à vista, e utilizando o aço para os novos elementos. *“O resultado foi que um museu logisticamente e funcionalmente completamente novo foi criado dentro do edifício antigo, onde o passado é perceptível em todos os espaços. O monumento foi incorporado ao novo museu - de fato, tornou-se parte do monumento, com um passado igualmente tangível e visível”*⁵³.

Mais do que nunca, o planeamento das cidades vem a representar um papel fundamental na preservação da identidade e da herança de uma sociedade, contribuindo para a sua continuidade histórica, tornando-se fundamental a correta abordagem perante a integração de nova arquitetura nos centros históricos, assente no objetivo *“que qualquer nova intervenção contribua para transferir para o futuro os valores da cidade antiga sem renunciar a sua própria sincronia histórica”*⁵⁴.

⁵³ MEURS, Paul (2015). *Heritage and Architecture: Building in the stubborn city – Design with history*. In Delft Lectures on Architectural Design. Delft: Delft University of Technology, Faculty of Architecture and the Built Environment, p.265. [tradução do autor]

⁵⁴ GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación*. Madrid: Nerea, p.315.



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

27. Pinacoteca do Estado de São Paulo (1998), de Paulo Mendes da Rocha.

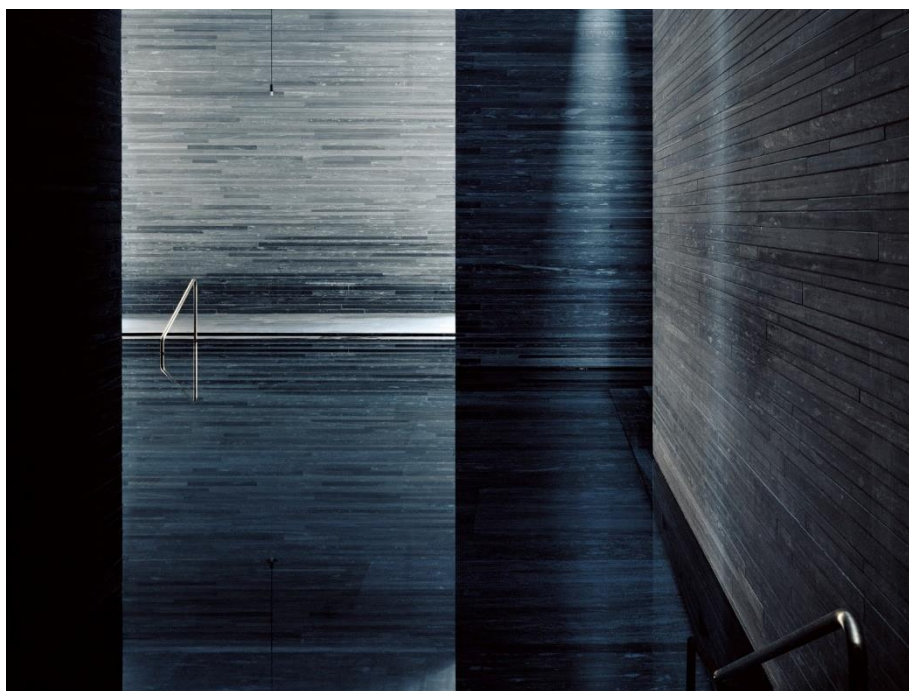
28. Um dos átrios interiores do edifício.

29. Zona de circulação.

30. Vista para o auditório. Distinção entre o antigo e o novo através da articulação de alvenaria de tijolo à vista com elementos em aço.



4 | O TERMALISMO E A ARQUITETURA TERMAL: ENTRE A CURA E O LAZER



31. Piscina interior das Termas de Vals (1996), na Suíça, de Peter Zumthor.

4 | O TERMALISMO E A ARQUITETURA TERMAL: ENTRE A CURA E O LAZER

4.1 | A Água Termal

“A água sempre teve um papel decisivo na ordem dos complexos termais, funcionando como motivo de aperfeiçoamento da sua própria utilização e critério de localização, de solução de arquitetura e de desenvolvimento da técnica.”⁵⁵

A água representa o elemento vital na vida do homem e, conseqüentemente, pela sua simbologia, apresenta-se como fonte de vida, de purificação e regeneração. Já na antiguidade, o filósofo Tales de Mileto (século VII a.C.) definia a água como componente primordial, que gera todos os outros elementos: a terra, o ar e o fogo.

Seria este o principal elemento a contribuir para o assentamento de diversos povoamentos, possibilitando a constituição das primeiras estruturas urbanas. Porém, com a descoberta das suas propriedades curativas e “poderes divinos”, veio a tornar-se objeto de estudo e de ritualizações diversas, definindo-se como elemento para a revitalização do corpo e do espírito.

Existe um mundo simbólico em torno das águas e, desde os primórdios da humanidade, têm sido observadas com um certo misticismo, sendo muitas das vezes denominadas como “*mágico-sagradas, purificadoras ou indutoras de harmonia de sentimentos, nobreza e sensibilidade*”⁵⁶. O culto das águas associa-se principalmente à prática religiosa, simbolizando a origem da vida, a fertilidade e o renascimento do Homem, através da sua purificação.

⁵⁵ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas: História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p.34.

⁵⁶ MANGORRINHA, Jorge (2002). *A Simbologia da Água*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.27.

Já durante a Idade Média, este elemento seria representado pela ambivalência entre a pureza e o prazer, ganhando um novo estatuto na religião e na vida quotidiana. Segundo João B. Serra⁵⁷, a dualidade reside, por um lado, na representação da água como elemento de pureza utilizada nos rituais religiosos e, por outro, como elemento de prazer para o corpo nu que era, porém, alvo de inibição social e religiosa. Esta dualidade fez-se também sentir em relação às águas termais e ao seu papel de tratamento do corpo e da saúde, conceito esse que se veio a alterar, definitivamente, no final do século XIX.

O uso da água como elemento curativo e simbologia associadas não seriam uma exceção na prática termal, sendo alvo de culto em sociedades de diferentes épocas, embora a capacidade medicinal só tenha sido comprovada cientificamente, mais tarde, graças ao progresso científico e tecnológico. Torna-se, portanto, o elemento principal e essencial do setor termal, devido às suas características particulares e qualidades terapêuticas.

“Estas águas “quentes”, com a sua cor e clareza frequentemente alteradas pela presença de minerais, dependendo da sua origem, não passariam naturalmente despercebidas. Seu gosto ocasionalmente forte e os vapores e os odores que acompanham alguns deles tornavam estes inadequados para propósitos normais”⁵⁸.

A água utilizada no termalismo apresenta propriedades específicas ao nível da sua mineralização, temperatura e composição química, que justificam a sua utilização na prática medicinal, classificando-se, atualmente, como gasosas, alcalinas, salinas, sulfurosas e ferruginosas. Estas características dependem da localização geográfica e são o *“resultado da infiltração de águas meteóricas que após longa circulação subterrânea, e sob condição de*

⁵⁷ TRANCOSO, Vasco; SERRA, João B. (1991). *Sobre as Águas - Hospital Termal Rainha D. Leonor*. Torres Vedras: Tipografia A “União”, p.10.

⁵⁸ MOLDOVEANNU, Mihail (1999). *Ciudades Thermales en Europa*. Barcelona: Lunweg Editores, p.318. [tradução do Autor]

*formações geológicas especiais, retiram delas o quimismo e o geocalor que lhes conferem as potencialidades curativas*⁵⁹.

Verifica-se, portanto, que a existência destas águas mineromedicinais representa um papel fundamental para a exploração termal e para a constituição das estâncias termais, estabelecendo à volta destes todo um microcosmo, com origem no *culto da água*. A partir do seu poder simbólico e real, constrói-se a linguagem e o cenário termal com base nos rituais, na terapia e no imaginário, criando uma expressão arquitetónica particular, a partir do desenho das diferentes tipologias, escalas e ambiências dos espaços que compõem o «termalismo». A água confere, assim, um desenho concetual às estâncias termais – paisagem e arquitetura –, atuando como elemento estruturante da malha urbana e do território.

Tendo em conta o valor intrínseco da água termal, como “*um precioso recurso natural*”, torna-se, assim, indispensável uma correta gestão destas águas, através da sua preservação e manutenção, de forma a garantir a continuidade das suas características curativas e terapêuticas, essenciais no termalismo⁶⁰.



32. *Buvette* das Termas de Monte Real.

⁵⁹ VENTURA, André (2017). *Das Termas à Cidade: Uma proposta de Revitalização do Núcleo Termal de Caldas da Rainha*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura, p. 30.

⁶⁰ BARROS, Luís Aires (2005). *Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural*. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.76,77.

4.2 | O Termalismo

*“A cultura da água nasce da vontade de magnificar o trabalho da natureza. O termalismo implica “águas especiais”, contudo o respeito que inspiram não se justifica apenas pelas suas qualidades terapêuticas. “Tomar” essas águas significa também entrar em contato com um tempo arcaico.”*⁶¹

Desde a Antiguidade que se conhecem os efeitos curativos das águas mineromedicinais e se tem desenvolvido uma cultura termal exemplar que, ao longo dos tempos, se tornou parte integrante do setor da saúde e bem-estar de muitas sociedades. A atividade associada à água termal veio desempenhar um papel fundamental na medicina e na prevenção, assim como na vertente lúdica e no bem-estar dos aquistas, resultado das diferentes aplicabilidades das suas propriedades e da sua adaptação aos novos interesses humanos.

O fenómeno do termalismo – relação do homem com as águas medicinais – tem a sua génese nos tempos da Antiguidade e deriva do grego «*thermai*» e, posteriormente, do latim «*thermae*», designando os banhos quentes com fontes termais naturais e instalações de banho aquecidas. No século XIX, a palavra «*termos*» voltou a ser utilizada num dicionário de medicina para denominar “a qualidade de uma água que apresenta de forma espontânea um determinado grau de calor, mais ou menos pronunciado”⁶². Os efeitos terapêuticos das águas já tinham sido estudados e descritos por diversos filósofos gregos da Antiguidade, embora só tenham sido considerados para este propósito pela civilização romana.

O conceito de «termalismo» deduz a existência de uma nascente termal e da sua exploração para fins terapêuticos e medicinais. Neste contexto, Mangorrinha define atualmente o termalismo “como o conjunto de todos os

⁶¹ MOLDOVEANNU, Mihail (1999). *Ciudades Thermales en Europa*. Barcelona: Lunweg Editores, p.317. [tradução do Autor]

⁶² MIGUEZ, L. (2008). *Concepto Actual do Termalismo*. In Jornadas técnicas sobre hidrologia médica – III Encontro Internacional de Água e Termalismo. Ourense: Expourense

meios técnicos, sanitários, médicos, sociais, administrativos e de acolhimento, devidamente estruturados, com vista à utilização terapêutica das águas minerais naturais, do gás e das lamas termais, o que implica, desde logo, a indicação e utilização de uma água devidamente capaz e cientificamente reconhecida para o tratamento clínico, bem como técnicas, equipamentos, espaços arquitectónicos e ambiências propícios ao efeito de prevenção, terapêutica, reabilitação ou bem-estar”⁶³.

De entre os tratamentos medicinais que utilizam as propriedades das águas, destacam-se três grupos: a *Hidroterapia*, que utiliza a água doce e baseia-se no tratamento externo por via da força de pressão, da temperatura e das qualidades físicas; a *Crenoterapia*, associada de forma simplificada ao termalismo, utiliza as águas minerais naturais das fontes termais dada a sua função terapêutica; a *Talassoterapia*, que utiliza a água do mar⁶⁴. Porém, a aplicabilidade e diversidade dos tratamentos depende das características particulares das águas termais, já que as propriedades físico-químicas destes, consoante a região, definem a sua indicação terapêutica.



33. Zona da piscina de reabilitação, nas Termas de Unhais da Serra.

⁶³ MANGORRINHA, Jorge (2012). *O que é uma Cidade Termal?* [s.l.]: [ed. Autor], p.9.

⁶⁴ RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo, p.12.

O desenvolvimento do conhecimento científico dos efeitos curativos da água termal e o aperfeiçoamento da sua aplicabilidade, de acordo com os diversos tratamentos, contribuiu para a difusão do conceito do termalismo ao longo dos últimos tempos. As novas exigências da atividade e estilos de vida implicaram a adaptação do termalismo aos interesses da sociedade no âmbito social, cultural, lúdico e do bem-estar, desenvolvendo novas técnicas de tratamentos e adequando os serviços, os equipamentos e as infraestruturas termais, para um bom usufruto e maior procura do aquista. O termalismo deixou de se restringir apenas à área dos cuidados de saúde e do tratamento de patologias, e veio cada vez mais implementar um caráter de prevenção na área do bem-estar e fuga à rotina acelerada, com a integração da componente lúdica.

Neste contexto, o conceito de «termalismo» representa, hoje em dia, uma dualidade entre a saúde e o lazer, definindo uma nova estratégia no âmbito do turismo, que cada vez mais veio a crescer. Esta estratégia assenta, assim, por um lado, na conservação e adaptação do termalismo tradicional com novas valências e, por outro, na integração de atividades turísticas, culturais e desportivas, tendo em conta as novas tendências e as necessidades atuais de procura, garantindo o seu funcionamento ao longo do ano.

[da esquerda para a direita]

34. Duche Agulheta nas Termas de Curia.

35. Duche Circular nas Termas de Caldelas.



4.2.1 | A Cultura Termal Europeia

“A relação do Homem com as águas termais de nascente vem da Antiguidade e relaciona-se com as práticas sociais de saúde e convívio, mas também políticas e religiosas, em especial ritos de purificação (...).”⁶⁵

A cultura termal europeia remete na sua génese para a Antiguidade, e veio principalmente a desenvolver-se pelas civilizações celtas, gregas, romanas e árabes, que desde cedo se relacionavam com o *culto das águas*. Ainda se verificam até hoje exemplos variados de construções termais, em que as estruturas greco-romanas se tornaram as principais referências.

A história dos banhos públicos remonta à civilização grega, tendo a ver principalmente com as funções de higiene corporal e de embelezamento, associados ao exercício físico. Durante o século IV a.C., os banhos vieram a representar uma parte fundamental no quotidiano da sociedade grega adaptando as instalações com novas vertentes, não só no âmbito da higiene e do desporto, como também do lazer e do relacionamento social, cultural e político. O interesse pelas propriedades das águas minerais, embora tardio, rapidamente ganhou peso na atividade balnear, essencialmente associadas ao bem-estar físico e mental e no tratamento de determinadas doenças. Os médicos gregos, Hipócrates (460 – c.377 a.C.) e Heródoto (484 – 425 a.C.), foram dos primeiros a estudar e a descrever os efeitos terapêuticos das águas, classificando e definindo as primeiras regras termais. *“Poder-se-á afirmar que se deve aos gregos, o desenvolvimento do conhecimento empírico das virtudes curativas das águas minerais (...), bem como a fixação de regras para a sua utilização”⁶⁶.*

Porém, foram os romanos que mais contribuíram para o desenvolvimento do termalismo, tendo em conta os seus sistemas inteligentes de captação e

⁶⁵ MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.15.

⁶⁶ RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo, p.25.

distribuição da água, mas também as suas estratégias arquitetônicas e urbanísticas, relativamente à prática termal. Os balneários termais, que atingiam grandes dimensões e cenários exuberantes, traduziam-se no local de encontro onde se praticavam os cuidados de higiene e as relações sociais e de lazer, ocupando o lugar central do quotidiano.

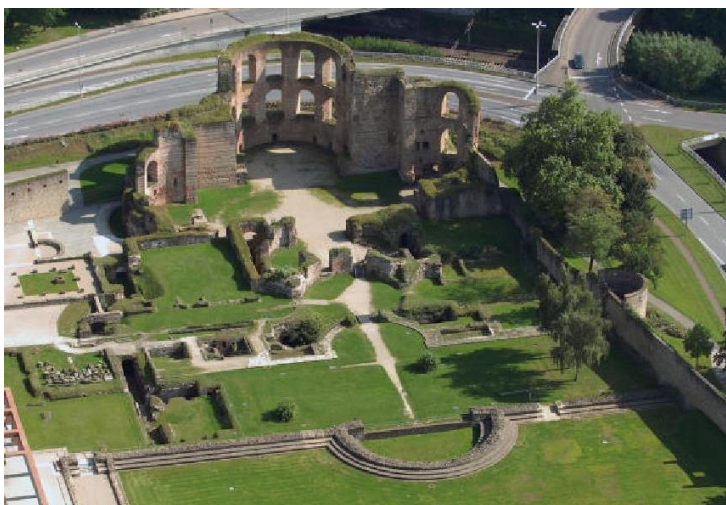
O conhecimento dos efeitos curativos das águas termais, embora rudimentar na área da química, veio incorporar particularidades nas estruturas termais e na ida aos banhos, dado o desenvolvimento da prática medicinal em paralelo com as funções de lazer. Passou-se a ter uma atenção especial às propriedades físicas das águas e das suas indicações terapêuticas, distinguindo-se, assim, as águas termais das águas doces.

A estruturação e organização espacial dos balneários romanos traduziam-se na ideia da terapia e do lazer como conceitos complementares e baseavam-se nas diferentes temperaturas das piscinas, formalizando os espaços *Frigidarium*, *Tepidarium* e *Caldarium*, como espaços centrais dos balneários termais. Segundo Erika Brödner⁶⁷, a estrutura e ordem espacial das áreas referidas anteriormente, assim como os tetos abobadados do eixo central dos balneários romanos, viriam a determinar e impulsionar as tipologias espaciais dos séculos seguintes.

[Da esquerda para a direita]

36. Vista aérea das ruínas das Termas Imperiais de Trier, na Alemanha.

37. Postal das Termas de Trier (1950). Vista para a fachada exterior do *Caldarium*.



⁶⁷ BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p.37.

Depois da queda do Império Romano, o termalismo vem a perder parte da sua identidade e verifica-se um decréscimo da prática termal. Presenciou-se, assim, entre o século IV e XVIII, um período de estagnação do desenvolvimento termal europeu durante a Idade Média, principalmente causado pelas invasões de outras civilizações e pelo abandono e destruição das estâncias termais. O alastramento das epidemias por toda a Europa, nos séculos XI a XIII, também viria provocar o encerramento das estâncias.

Embora se tenha verificado uma redução significativa da prática dos banhos, esta não viria a ser completamente abandonada, mas viria a sofrer alterações de influência religiosa. O termalismo, como era praticado pelos romanos, passou a ser visto *“como uma expressão de decadência moral, um misto de feitiçaria e bruxaria e, até, lugares ou práticas de concupiscência”*⁶⁸. Os banhos mistos, a nudez e o prazer, condenados pela Igreja, vieram impor restrições e novas regras relativamente às termas – os banhos viriam a servir apenas as funções higiénicas e curativas, salvaguardando o valor da água associado à purificação.

*“Os banhos quando tomados conjuntamente, por ambos os sexos, tornaram-se sinais de grandes escândalos, o que levou, na maior parte dos casos – e depois de sucessivas interdições – à separação dos sexos, quer durante os banhos, quer mesmo nos tratamentos”*⁶⁹.

Devido à forte influência religiosa, grande parte dos estabelecimentos termais viria a pertencer aos mosteiros, onde a higiene e a cura eram as principais premissas procuradas para o tratamento do corpo e da mente.

A invasão por parte dos árabes na Península Ibérica, a partir do século VII, veio renovar algumas das estâncias termais, implementando valores

⁶⁸ RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo, p.37.

⁶⁹ MOLDOVEANU, Mihail (1999). *Ciudades Thermales en Europa*. Barcelona: Lunwerg Editores, p.337. [tradução do Autor]

culturais muçulmanos, aliados às tradições romanas e ibéricas, mantendo-se até ao século XV.

Entre os séculos XV e XVIII, deu-se a chegada e instalação dos turcos no extremo oriente europeu, principalmente na Hungria, Roménia, Bulgária, Grécia, Albânia e regiões dos Balcãs. O termalismo, praticado pela cultura islâmica, que se desenvolvia em torno da água como elemento central da vida social e religiosa, viria trazer novas práticas termais à Europa, propiciando a construção de novos complexos termais, os «Hamam»⁷⁰.

O Renascimento viria de novo direcionar as atenções do Homem para a cultura termal, atribuindo-lhe um papel fundamental na vida quotidiana e nas cidades. A procura da antiguidade e monumentalidade despertaria o interesse para a prática dos banhos, com a redescoberta dos banhos romanos, recriando novos espaços num imaginário renascentista, no âmbito das tradições antigas do culto das águas termais. A estadia e presença por parte dos reis e rainhas nos estabelecimentos termais, viria acentuar e restabelecer o interesse pela prática balnear, por parte da sociedade, proporcionando a reutilização e renovação de antigos balneários e a criação de grandes complexos termais.



38. Gravura de um *Hamam* em Istambul. Este modelo viria a servir de exemplo para os novos estabelecimento termais do extremo oriente europeu.

⁷⁰ *Hamam* significa banho quente em árabe, e é hoje em dia conhecido como banho turco ou banho a vapor.

É nesta época que o termalismo se consolida entre as elites, não só para a recuperação física pelo tratamento terapêutico, mas também para conhecer e contemplar as paisagens e a cultura estrangeira, proporcionando o hábito de viajar. Neste contexto, as estâncias vieram a explorar o seu carácter turístico, *“com os aspectos pitorescos das suas paisagens, com a qualidade e conforto do seu alojamento, com as actividades de recreação e de lazer, colocados à época (...)”*⁷¹.

O século XVI veio a ser marcado pelos estudos dedicados à Hidroterapia, contribuindo com os primeiros apontamentos sobre a origem das águas medicinais e os seus efeitos particulares, que vieram a ser regulamentados e comercializados. Neste contexto, as estâncias termais viriam a multiplicar-se em toda a Europa, introduzindo *“novas metodologias de cura para além do banho, como a terapia inalatória, sudatória e o uso de lamas”*⁷². Destacam-se, pelo vasto território europeu, as estâncias de Plombières e Vichy, na França, Baden-Baden e Schwalbach, na Alemanha e Bath, na Inglaterra.

O século XIX vem representar uma época de grande desenvolvimento da cultura termal e vem, até, a ser denominado por diversos autores como o “século de ouro do termalismo”. As estâncias abandonam a sua abordagem vernacular e começam a assumir proporções monumentais, inseridas em parques e jardins de grande extensão e complexidade. Presencia-se uma transformação radical na sua arquitetura, malha urbana e programa.

Os parques e os novos equipamentos estabelecidos viriam determinar o novo conceito de «Vila Termal». Localizados longe dos aglomerados urbanos, estabeleceriam o distanciamento procurado por parte dos aquistas.

⁷¹ RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo, p.40.

⁷² BARROS, Luís Aires (2005). *Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural*. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (p.69)



[De cima para baixo]



39. Postal do início do século XX do Estabelecimento Termal Napoleão III de Plombières.

40. Postal do início do século XX do grande Estabelecimento Termal de Vichy.

41. Postal do início do século XX do Estabelecimento Termal de *Friedrichsbad*, em Baden-Baden.

O Parque, como elemento significativo na evolução dos espaços termais, demarcava o limite do território termal, procurando não só mantê-los deslocados dos centros, como também estabelecendo a união entre os equipamentos e preservando os valores culturais, sociais e desportivos da experiência termal. Deste modo, *“nasce toda uma reflexão sobre o ordenamento e embelezamento das estâncias, como contributo para a imagem do termalismo e como forma de fazer corresponder o valor terapêutico da estância à sua qualidade de acolhimento”*⁷³. Presencia-se uma nova abordagem no âmbito da arquitetura termal, tentando combinar os aspetos lúdicos à prática termal.

Entretanto, na França, assistiu-se a uma renovação e expansão das estâncias termais, depois da Revolução Francesa. O imperador Napoleão III e a sua família viriam transformar os centros termais em complexos luxuosos, principalmente as estâncias de Vichy e Plombières. Da autoria do arquiteto Charles Lecour, viriam implementar uma elegância no estilo Art Nouveau e destacar o caráter de “cidade-miniatura”.

Na primeira metade do século seguinte, as guerras mundiais e o interesse crescente pela praia levariam de novo ao declínio dos estabelecimentos termais. Contudo, a partir da segunda metade, as termas ganharam nova relevância, sobrevivendo às guerras, aos estilos e à modernidade. Procurava-se preservar e renovar a tradição dos banhos com novas abordagens, aliando a cura e o lazer ao corpo e espírito.

⁷³ MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.20.

4.2.2 | A Cultura Termal Portuguesa

“O período lusitano-romano apropriou-se de nascentes já conhecidas por parte dos primeiros romanos que se estabeleceram neste território.”⁷⁴

Embora as raízes da cultura termal, em Portugal, remetam para um período pré-romano, por parte dos Celtas e dos Iberos, como no caso das Caldas de Vizela, foi a civilização romana que difundiu o termalismo por todo o território português. Ainda hoje se encontram vestígios da sua presença na proximidade de diversas nascentes termais: estruturas balneares, umas de grandes dimensões e outras de menor, que ainda hoje apresentam com clareza o desenho e as relações espaciais da prática termal, indicativos do seu interesse pelo culto das águas e do seu efeito terapêutico para o corpo e para o espírito. Exemplos destes vestígios são as Termas de São Pedro do Sul, as Termas de Chaves e as Termas de Cabeço de Vide, que perduram até hoje como lugares termais importantes.

A queda do Império Romano levou, como no resto da Europa, ao declínio da prática dos banhos e, com isso, ao abandono e à decadência da maioria dos complexos balneares portugueses. Porém, a chegada dos muçulmanos, na Península Ibérica no século VIII, viria de novo incentivar o culto das águas, desta vez, no âmbito dos ritos religiosos e quotidianos, contribuindo para o renascimento da cultura termal. Contudo, são poucos os vestígios que demarcam a sua presença no território português, com exceção das termas de São Pedro do Sul e das termas de Alfama.



[Da esquerda para a direita]

42. Vestígios das Termas romanas de Chaves.

43. Vestígios das Termas romanas de São Pedro do Sul.

⁷⁴ MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte. (p.33)

Na Idade Média, surge uma mudança na interpretação e utilização das águas, levando a um declínio acentuado das estruturas termais, muitas vezes exploradas e reaproveitadas por ordens religiosas, e à perda do conhecimento científico herdado das civilizações anteriores. Surge, então, a denominação de “*águas santas*”, associando-se a elas a religião e a fé, que seriam utilizadas essencialmente no fortalecimento espiritual e menos na regeneração física. Neste contexto, viriam a ser constituídas as gafarias e as albergarias, para o tratamento de doentes leprosos, acreditando-se nos efeitos curativos das águas termais.

Porém, é no século XV que a história do termalismo em Portugal presencia uma evolução significativa, com a construção do primeiro hospital termal nas Caldas da Rainha, o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo (1485). *“Caldas da Rainha constituiu, a partir de Quinhentos, o principal pólo de actividade termal do país, através de um hospital moderno, o primeiro do Mundo baseado na hidrologia médica”*⁷⁵.

Já os séculos XVIII e XIX viriam a destacar-se pelo desenvolvimento científico no âmbito do termalismo. Presenciou-se um grande passo na Hidrologia, dando-se o início à análise científica das águas, através da fundação da Academia das Ciências, possibilitando uma prática termal mais rigorosa e adaptada às diversas doenças. Este fenómeno promoveu a proliferação da cultura termal por todo o país, construindo-se diversos balneários, e deu-se início à tentativa de uma regulamentação para a classificação das nascentes consoante a sua origem, qualidade e quantidade. No final do século XIX, estabeleceu-se a primeira legislação referente à exploração e construção dos estabelecimentos termais.

A evolução do termalismo seria sustentada pelas novas práticas termais, induzidas com o avanço científico, pela melhoria das acessibilidades, através da construção da linha férrea e de novas estradas, e pela afluência acrescida

⁷⁵ MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.141.

por parte dos aquistas. As termas transformavam-se em lugares estivais e de encontro, frequentadas por uma sociedade de elite que procurava a fuga ao quotidiano e o convívio social, cultural e lúdico. Júlio César Machado afirma: *“A vida moderna faz doenças novas que encontram alívio no descanso e na distração; distrair-se alguém em Lisboa de Abril a Outubro é difícil: as caldas conciliam tudo: mudança de ares, exercício ameno, banhos, copinho, peregrinação, entretenimento, vita nuova!”*⁷⁶.

O termalismo viria definitivamente marcar o seu reconhecimento na viragem do século XIX para o século XX, tal como no resto da Europa, com a implementação de um conjunto de equipamentos significativos – ambientais, culturais e desportivos – junto ao balneário, aliando as vertentes da cura e do lazer. Ao contrário das precedentes práticas termais, que só se baseavam nos rituais de tratamentos, as estâncias termais viriam a integrar uma multiplicidade de atividades lúdicas para evitar o “aborrecimento” dos aquistas. É também, nesta época, que se verifica um desenvolvimento acentuado nos equipamentos hoteleiros, já que o termalismo viria a ser associado ao conceito de turismo. *“De facto, as termas constituíam-se como territórios cada vez mais atractivos onde, não só a saúde mas, fundamentalmente, o lazer, a distração e o desenvolvimento de sociabilidades, permitiam considerá-los como lugares turísticos de excelência”*⁷⁷.

Embora o início do século XX ficasse conhecido pelo auge do termalismo português, tal como se verificava em Vidago, Pedras Salgadas, Luso e Curia, as consequências das Guerras Mundiais ocorridas na primeira metade do século e o aumento gradual do interesse pelo turismo de praia, na segunda

⁷⁶ MACHADO, Júlio. In ORTIGÃO, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz, p.6.

⁷⁷ RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo, p.79.



[De cima para baixo]

44. Postal do início do século XX de Vidago Palace Hotel.

45. Postal do Balneário das Termas de Luso (1856).

46. Postal (da década 20) do Casino e Estabelecimento Termal de Curia.



metade, levariam a um rápido decréscimo pela procura termal, promovendo a degradação e abandono dos equipamentos termais existentes. Contudo, a implementação dos serviços sociais nos tratamentos termais e a tentativa de recuperação e renovação de algumas estâncias, viriam contribuir para um lento crescimento da procura termal, maioritariamente por uma população mais envelhecida e de poucos recursos económicos.

No final do século XX, o termalismo tende a ganhar novo fulgor, com a tendência da procura turística e termal. Procura-se inovar e adaptar as práticas termais aos novos costumes, hábitos e interesses da sociedade, com a implementação de novos planos que visam não só a recuperação das estâncias termais, mas também a sua promoção nas vertentes terapêuticas e lúdicas. O termalismo veio a tornar-se de novo uma atividade prioritária, promovendo uma nova imagem em termos urbanos, culturais e lúdicos, sem que esta se afastasse do seu valor matricial, a da saúde global.

4.3 | Os Banhos Romanos

“A civilização romana espalhou pelo seu domínio territorial marcas importantes na arquitectura termal, mas também quanto à sacralização da água.”⁷⁸

Os banhos representavam, para a civilização romana, um lugar dedicado à saúde, à higiene e ao convívio social. A expansão e conseqüente evolução dos estabelecimentos termais veio a promover um culto ligado à ritualização das águas, caracterizado por uma arquitetura tipicamente termal, que viria influenciar o desenvolvimento do conceito de «termalismo» nos séculos seguintes.

A existência das fontes termais e o interesse pelos banhos, como atividade principal do quotidiano, viriam representar fatores decisivos para a

⁷⁸ MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.29.

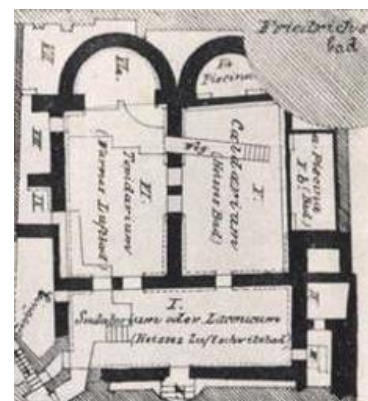
construção das termas e o desenvolvimento das cidades romanas de volta destes. Estes aglomerados urbanos, aos quais se associava a utilização das águas terapêuticas, denominavam-se de «*Aquae*». São exemplos a cidade de Chaves, em Portugal, a *Aquae Flaviae* e a cidade Baden-Baden, na Alemanha, a *Aquae Panoniae*. Neste contexto, os balneários não só representavam o elemento matricial destes aglomerados urbanos, mas também um elemento fundamental na vida quotidiana dos Romanos, como lugar religioso, curativo e lúdico.

A prática dos banhos, durante o Império Romano, veio introduzir dois conceitos distintos para a designação dos edifícios termais consoante as suas características, nomeadamente por «*Thermae*» e «*Balnea*», embora não se diferenciassem tipológico e arquitetonicamente. Contudo, a definição destes conceitos veio a confirmar a existência de uma dicotomia, já que são vários os autores que contribuem para diferentes abordagens. Porém, para este estudo, é considerada a definição dada por Inge Nielson⁷⁹, fundamentada igualmente por Erika Brödner⁸⁰, utilizando a palavra «*Thermae*», para designar os edifícios termais de grande dimensão de carácter público e a palavra «*Balnea*» para designar os pequenos edifícios termais de carácter privado e aptos para arrendamento.

[Da esquerda para a direita]

47. Vestígios da cidade romana *Aqua Panoniae* em Baden-Baden.

48. Planta das termas romanas *Soldatenbäder* em Baden-Baden.



⁷⁹NIELSON, Inge. In REIS, M. P. M. (2014). *De Lusitaniae Urbium Balneis: Estudo sobre as termas e os balneários das cidades da Lusitânia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento em Arqueologia, p.15.

⁸⁰ BRODNER, E. (1983). *Die Römischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p.37.

O desenvolvimento dos «*Thermae*» e dos «*Balnea*», com a integração do sistema complexo de abastecimento e aquecimento das águas termais, viriam, ao longo do período romano, estabelecer um conjunto diversificado de modelos arquitetónicos, baseados na articulação das principais salas de banho, nomeadamente o *frigidarium*, o *tepidarium* e o *caldarium*, com outras funções complementares. Estes modelos viriam a distinguir-se principalmente pelas diferentes configurações construtivas e planimétricas, relativamente à dimensão e às tipologias espaciais, já que mantêm sempre a mesma ordem funcional na sucessão dos principais espaços referidos, formando a base do desenho termal desta época. Consoante a complexidade do edifício, havia a tendência de duplicar estes espaços e acrescentar novas funções, proporcionando um percurso termal diversificado, rico em elementos arquitetónicos.

Segundo Erika Brödner, os banhos romanos agrupam-se em sete tipologias diferentes: **I)** o modelo linear, representando a primeira tipologia utilizada nos banhos atrás referidos, que se manteve ao longo do período romano, desenvolvendo-se relativamente à dimensão, à estética e ao conforto; **II)** o modelo circular, em que as salas de piscina se encontravam duplicadas, de forma a criar um percurso termal, onde o banhista não teria de voltar pelos mesmos espaços; **III)** o modelo linear duplo, integrando uma sala técnica de aquecimento na área central das termas, entre dois *caldarium*, facilitando a separação de sexos; **IV)** o modelo linear, com duplicação de secções individuais, principalmente do *caldarium*; **V)** o modelo circular simétrico, em que todos os espaços se duplicam à exceção do *caldarium* e do *apodyterium*; **VI)** o modelo imperial pequeno; **VII)** o modelo imperial grande, representado pelas Termas de Caracalla e Termas Diocleciano, em Roma, Itália. As duas últimas tipologias caracterizam-se principalmente pela simetria e duplicação das funções ao longo do eixo constituído pelo *frigidarium*, *tepidarium* e *caldarium*.⁸¹ Contudo, existem estabelecimentos termais que não se

[Página seguinte]

49. As diferentes tipologias termias descritas pela Erika Brödner.

Legenda:

A – *Apodyterium*

F – *Frigidarium*

T – *Tepidarium* (I)

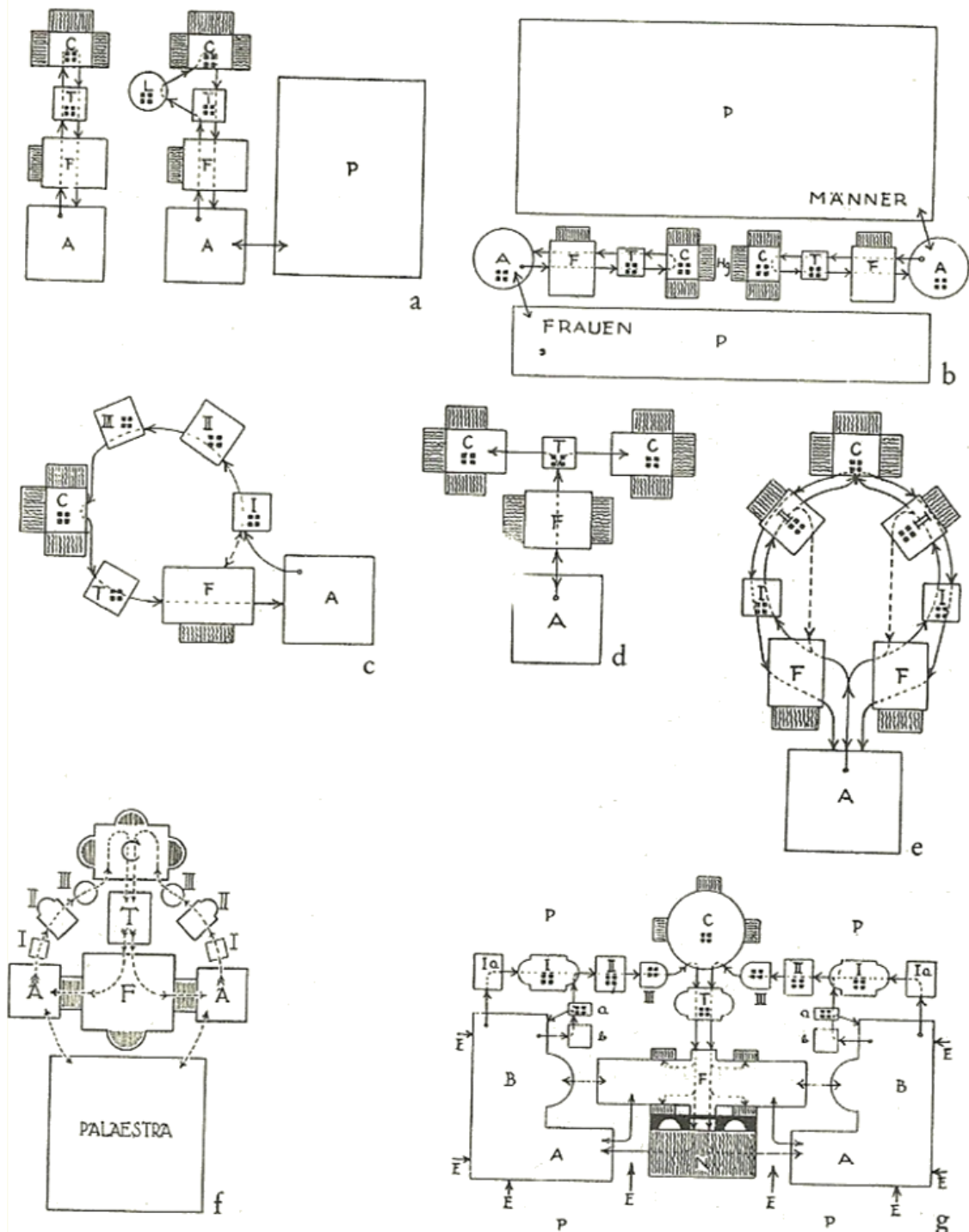
C – *Caldarium* (II)

L – *Laconicum* (III)

P – Palestra

⁸¹ BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p.39.

integram neste critério de avaliação, dada a sua forma mais irregular e espontânea, resultado da localização geográfica e do clima onde se inserem, como no caso das termas de Khamissa, em Argélia.



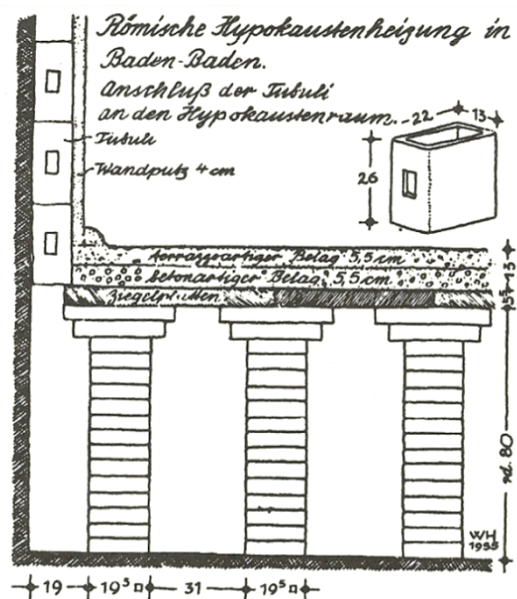
Estas tipologias viriam representar um percurso termal que veio a ser traduzido no próprio desenho das termas e na correlação dos espaços, consoante as temperaturas das águas e as funções programáticas, essencialmente assentes nos banhos de imersão, seja em tanques ou banheiras individuais, nos duches, nas estufas secas e húmidas, na inalação de vapores e na ingestão da água.

O percurso termal do banhista iniciava-se no **spheristerium**, destinado à prática de exercícios físicos, e seguia para o **apodyterium**. Este exercia a função de vestiário e encontrava-se adjacente ao **frigidarium**, uma sala que incluía uma ou mais piscinas, de forma quadrangular ou retangular, dedicada aos banhos frios e que era, por norma, a primeira área balnear do edifício termal, apesar da sua utilização ser feita no final do percurso. Passando pelo **frigidarium**, o banhista seguia para o **tepidarium**, uma sala sem piscina, de forma quadrangular ou retangular, que tinha a função de aclimação para o **caldarium**. Este era o coração das termas, com uma ou mais piscinas de água quente, de forma retangular, rematada num dos lados ou dos dois, caracterizada pela temperatura mais alta, sendo esta aquecida diretamente pelo **hypocaustum**, uma estrutura ao nível do subsolo, que permitia a circulação de ar quente.

[Da esquerda para a direita]

50. Vestígios do hypocaustum da cidade romana de Albir, na Espanha.

51. Esquema do sistema construtivo do hypocaustum.



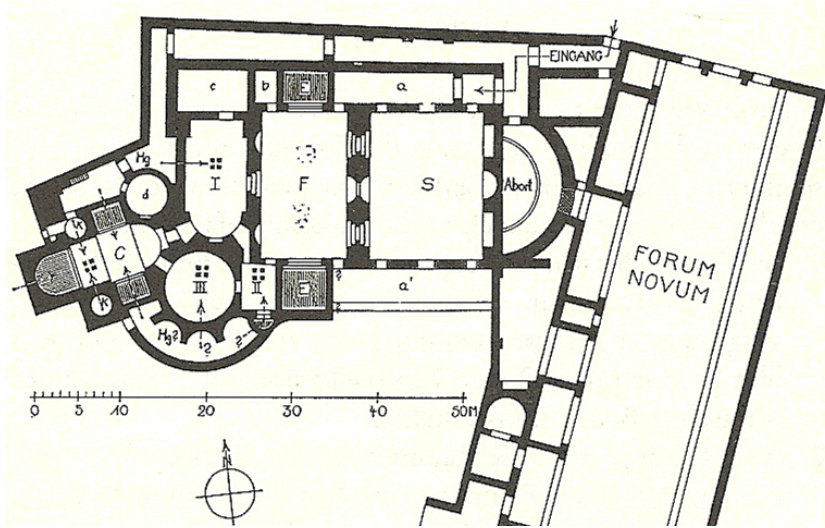
“A piscina, assente em colunas, era construída sobre uma câmara, dentro da qual se fazia a passagem dos gases, fornecidos por uma fornalha. Um sistema fundado na desigualdade de densidade da água quente e fria, ajudado por um dispositivo no fundo da piscina, mantinha a água à temperatura desejada”⁸². Ainda acessível pelo *tepidarium* ou *caldarium*, encontra-se o **laconicum**, uma estufa de ar quente (atual sauna) de planta circular e teto abobadado. O percurso termal finalizava-se no **uncotorium**, uma área para a aplicação de óleos perfumados sobre a pele, localizado próximo do vestiário e do *frigidarium*. Ainda junto ao *frigidarium*, localizava-se a **natatio**, uma piscina de natação exterior, integrada na palestra. Os vestiários eram divididos em duas secções, uma para as mulheres e outra para os homens, já que não eram comuns os banhos mistos. Para além destes espaços, também se inseriam frequentemente outros elementos complementares, culturais e lúdicos, como as salas de conversação, as bibliotecas, as lojas, as galerias e os parques, principalmente nos estabelecimentos de maior dimensão.

Os estabelecimentos termais romanos caracterizavam-se construtivamente pela utilização de paredes maciças e de tetos abobadados para a criação sucessiva dos diferentes espaços enormes. Estes, por sua vez, seriam caracterizados por uma paleta de materiais diversificados, constituídos por mosaicos de vidro, granito, mármore e ladrilhos cerâmicos.

Segundo Encarnación Fernández, o interesse pelos efeitos da água, seja termal ou não, formou um grande conhecimento à volta do termalismo, estabelecendo-se as primeiras regras da arquitetura termal, que viria constituir a base para as futuras termas. A arquitetura termal romana viria determinar as soluções apropriadas a todos os espaços necessários “*para garantir, nas melhores condições, a administração racional e completa das águas minerais*”, nos respetivos lugares de carácter termal⁸³.

⁸² MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.17.

⁸³ FERNANDÉZ, Encarnación O. (1996). *El Balneario Romano: aspectos médicos, funcionales y religiosos*. Murcia, p.62. [Online]

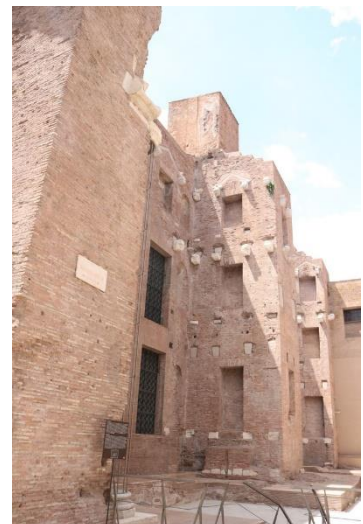
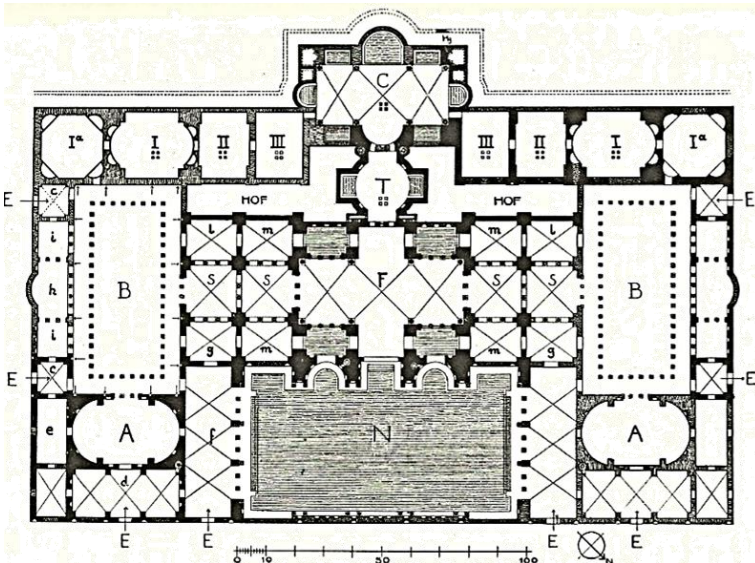
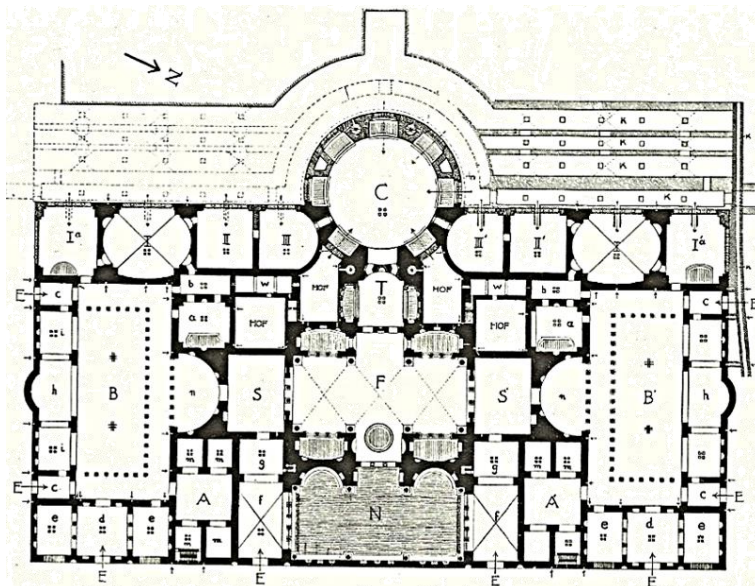


[De cima para baixo]

52. Planta térrea das Termas de Khamissa, em Argélia.

53. Planta térrea e ruínas das Termas de Caracalla, em Roma.

54. Planta Térrea e vestígios das Termas Diocleciano, em Roma.



4.4 | A Arquitetura Termal

“A arquitetura termal marca o carácter e a poesia de um espaço inconfundível – na imagética, nas formas, nos equipamentos, nos sons, nos cheiros –, dada a sua função primordial e capacidade de fornecer ao utente algo mais do que o tratamento, algo que potencie o efeito curativo das águas, como a tranquilidade e a beleza, o convívio e o retiro, o passeio e a leitura, o descanso e o comer bem.”⁸⁴

A exploração da água termal, para fins terapêuticos e lúdicos, promoveu desde muito cedo, a construção de lugares com uma linguagem específica e particular ao nível da sua identidade arquitetónica, constituindo o «microcosmo termal».

A arquitetura termal veio a desenvolver-se ao longo do tempo, principalmente desde o século XIX – relativamente aos elementos do microcosmo termal e às estâncias, como um conjunto complexo dedicado ao termalismo –, grande parte por causa da integração de médicos e engenheiros no estudo da evolução e desenvolvimento de equipamentos para a hidroterapia, e posteriormente, no século XX, pela introdução dos laboratórios de investigação das águas. Estas inovações influenciaram as características da arquitetura termal e trouxeram uma nova abordagem à forma de representação do termalismo, em relação ao seu desenho, programa, função, estética e ambiência, levando a uma adaptação aos novos costumes e práticas termais, no âmbito da terapia e do lazer.

A arquitetura termal veio a definir-se, portanto, por um conjunto de elementos característicos ao nível da morfologia e da imagética, estabelecendo equipamentos de funções diversificadas com a sua linguagem formal. Estes elementos vêm a desempenhar um papel importante na vivência do estabelecimento termal pelos aquistas, formando tipologias de

⁸⁴ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2003). *Álbum das Termas*. Na Coleção do Centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim, p. 195.

edificado e organizações espaciais particulares e criando diferentes ambiências para cada uma das funções que se desempenham no ritual da “ida aos banhos”, de forma a garantir um bom processo e resultado do tratamento termal. Pois, *“é assim sob o signo da água que, em particular, o desenho das termas dá forma a um universo de ritualização, sentidos e idealidade, sendo que, em diferentes escalas e tipologias, tanto se revelam a expressão arquitectónica popular como o paradigma do ideal urbano, dos quais o balneário é o ponto de partida de uma série de elementos representativos que compõem a malha mais ou menos densa de territórios tão diversos, mas dos quais emergem um recurso comum”*⁸⁵.

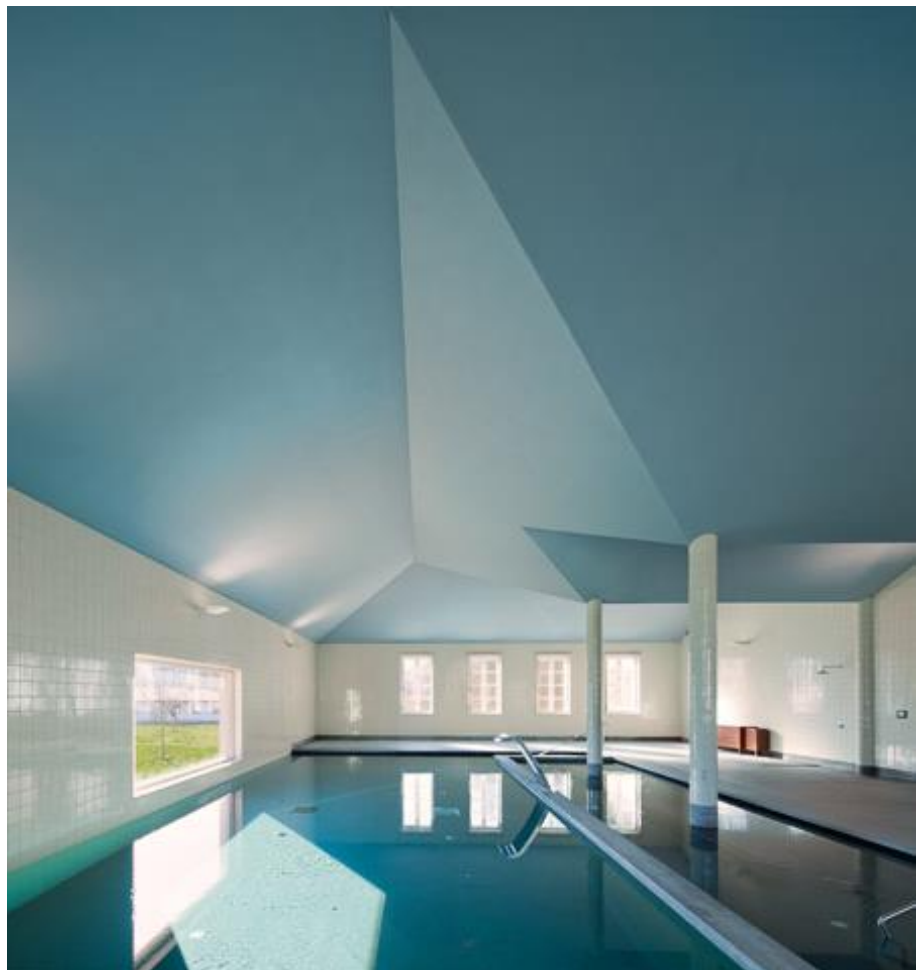
Como parte integrante do termalismo e associado à arquitetura termal encontram-se as estâncias termais. Estas implicam a organização funcional das áreas de banho, alojamento e zonas de convívio, estabelecendo a relação entre a terapia e o espaço verde. A estância, veio definir uma estratégia urbana à volta da fonte termal e do balneário, de forma a expandir a imagem e identidade do termalismo, através de praças, avenidas, parques e edifícios, completando o microcosmo termal e dando uma grande importância à sua arquitetura, pelo seu efeito psíquico, afetivo e cultural. *“A sua dimensão urbana torna-se numa das características mais peculiares do termalismo, na origem, na estrutura, na arquitetura, mas sobretudo nas relações entre os equipamentos, o que lhe confere identidade e valor patrimonial de excepcional importância”*⁸⁶.

Deste modo, a arquitetura termal associa-se a um desenho específico, seja a nível espacial e funcional seja a nível de fachada e vãos, de equipamentos balneares e elementos complementares, com o objetivo de criar uma arquitetura que cumpre as condições de higiene, acessibilidade e de ambiente para a prática termal.

⁸⁵ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitetura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p. 11.

⁸⁶ MANGORRINHA, Jorge (2001). *O Microcosmo Termal*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.37.

Contudo, desde o auge do termalismo, no início do século XX e na passagem para o século XXI, a abordagem ao termalismo e, conseqüentemente, à arquitetura termal, veio a alterar-se, de acordo com os interesses da sociedade. A cura deixou de ser o motivo principal para a ida às estâncias e a procura do bem-estar, da saúde e da beleza veio ganhar relevância dentro de uma tipologia e estrutura termal diferente. Deste modo, é necessário definir uma nova estratégia no desenho das termas, que integre e relacione o termalismo clássico, que utilizava a água termal para desempenhar funções curativas, com o carácter contemporâneo e lúdico, assente na ideia do relaxamento e do bem-estar.



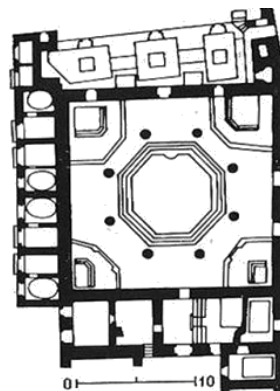
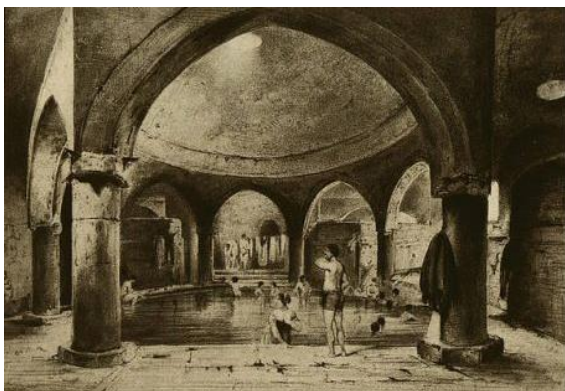
55. Recuperação do Balneário Termal de Pedras Salgadas (2009), em Vila Pouca de Aguiar, de Siza Vieira.

4.4.1 | Termas Internacionais: as suas origens

*"Em toda a Europa, os spas forneceram excelente pretexto para a criação de uma arquitetura original."*⁸⁷

Desde a Antiguidade, que a arquitetura termal desempenhou um papel fundamental na exploração das águas, conhecendo-se os balneários romanos como modelos principais e exemplares, que viriam a servir de base para o desenho das futuras termas. São exemplos, os balneários romanos encontrados nos países europeus centrais, como Reino Unido, Bélgica, Alemanha e Itália, que expressam uma lógica arquitetónica e social semelhante, caracterizada pela sucessão de amplos espaços abobadados, com variadas piscinas que exerciam funções higiénicas, políticas e religiosas. Contudo, as influências islâmicas também não passariam despercebidas, principalmente no leste da Europa e sul de Espanha, com a introdução dos «*Hammam*», que consistiam nos banhos de vapor, que se tomavam numa grande sala circular, coberta por uma cúpula.

O culto das águas, tal como nas civilizações romanas, viria a ser determinante para o desenvolvimento e proliferação de algumas estâncias termais importantes, promovendo a evolução da arquitetura e do urbanismo termais ao longo do tempo – começando com simples construções balneares, com apenas pequenos banhos, até à construção de sumptuosos estabelecimentos.



56. Gravura e planta do primeiro *Hammam* em Budapeste, atualmente as Termas Rudas.

⁸⁷ MOLDOVEANU, Mihail (1999). *Ciudades Termales en Europa*. Barcelona: Lunwerg Editores, p.317. [tradução do autor]

Com a progressão do termalismo e as evoluções na teoria arquitetónica, o final do século XVIII destacar-se-ia pela sua abordagem inédita no desenho dos equipamentos termais. A imagem, as funcionalidades e o rito das águas seriam traduzidos através de uma linguagem classicista – ritmo de fachadas uniforme, monumentalidade, frontões, colunatas, decorações interiores – e o programa seria adaptado consoante as novas descobertas científicas sobre a Hidroterapia. É também nesta época que surgem as «*buvettes*» que funcionavam como espaços onde se ministrava um tratamento que consistia na ingestão de água termal.

Porém, seria o século XIX a marcar um verdadeiro impulso na arquitetura termal. Baden-Baden, na Alemanha, representaria o exemplo de maior fama, dada a sua abordagem criativa no âmbito das novas tipologias arquitetónicas. Primeiramente, pela construção do *Kurhaus*, em 1822 e, posteriormente, da *Trinkhalle*, em 1840, que estabeleceu uma nova conceção relativamente às *Buvettes*, representando-se em galeria, que permitia a caminhada depois da ingestão da água termal⁸⁸.

[Da esquerda para a direita]

57. O *Kurhaus*, em Baden-Baden.

58. A *Trinkhalle*, em Baden-Baden.



⁸⁸ O *Kurhaus* e a *Trinkhalle* designam, respetivamente, o edifício termal e a buvette, e foram projetadas pelo arquiteto Weinbrenner.

Suíça, em Gastein, na Áustria e em Bagni di Lucca, em Itália. Bath seria o modelo de referência para as restantes cidades termais, relativamente à introdução do conceito do «passeio das águas», no qual se associava a arquitetura termal ao espaço urbano. Deste modo, Bath possuía uma linguagem monumental e neoclássica nos edifícios termais e apresentava a primeira composição de elementos estruturantes do parque termal, tais como jardins, alamedas, praças, fontes e lagos, sempre associados à ritualização da água. Os aquistas passam a ter percursos e zonas de convívio exteriores ao balneário, essenciais no tratamento.

A cultura do lazer e a fuga ao quotidiano viriam a introduzir novas funções complementares ao balneário, de carácter cultural, recreativo e desportivo, contribuindo para uma exploração mais rica a nível da composição arquitetónica dos diversos edifícios e sua relação com a estrutura ambiental. O microcosmo termal passa a ser constituído pelo balneário, hotéis, parque e jardins, ginásio, casino e lojas, formando um complexo fechado. Os primeiros exemplos deste modelo são as estâncias de Bad Kissingen, na Alemanha, e Spa, na Bélgica.

O cuidado pela organização espacial e pela imagem das estâncias termais, assim como a integração das funções anteriormente referidas, passam a integrar o conceito de «estância-tipo», que não veio a sofrer grandes alterações nos séculos seguintes, a nível programático e de estrutura urbana. *“Arquitectonicamente, há elementos comuns: o balneário, como elemento central da função reguladora da estância, em forma de «I», «H», «L», «T», «U» ou híbrida; a galeria porticada que é um prolongamento do passeio exterior, assegurando a circulação entre o parque, as avenidas e alamedas e os edifícios; o casino, como equipamento que se tornou indispensável a desenvolvimento destas estâncias e o edifício de representação por excelência; os grandes hotéis, como espaços aristocráticos, ou os outros hotéis, de modelo com carácter regional; os equipamentos desportivos, como*

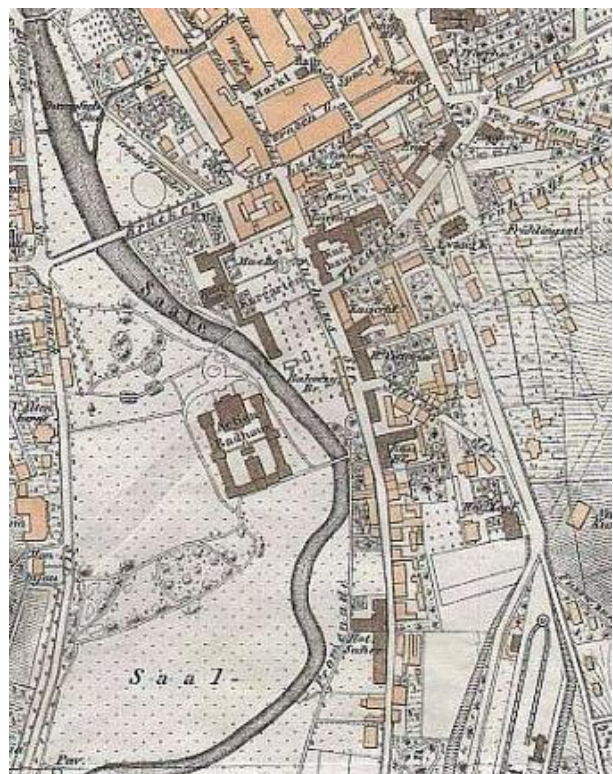
[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

59. Plano Urbano da Cidade Termal de Bath dos finais do século XVIII. A mancha vermelha marca o edifício termal.

60. *Maxbrunnen*. Postal da década 20 da buvette em Bad Kissingen.

61. Postal da década de 40 do Parque Termal e da Casa de Conversação em Bad Kissingen.

62. Plano Urbano e Estância Termal de Bad Kissingen de 1895.



*os campos de golfe e de ténis ou os hipódromos*⁸⁹. Os edifícios viriam a caracterizar-se por um conjunto de elementos tais como o átrio, as cúpulas centrais e as escadarias, desenhadas com uma certa monumentalidade nos acessos principais.

A arquitetura termal inspirou-se, portanto, na Antiguidade, apresentando um conjunto diversificado de estilos, como o neo-romântico, o neo-renascentista, o neopalaciano e o vernacular, que possuíam elementos estruturais como as colunas e pilastras, a inserção de capitéis e a utilização de uma grande diversidade de materiais e cores⁹⁰.

O século XX marca um novo período na arquitetura termal, associado às novas abordagens arquitetónicas da época, que eram caracterizadas pelo movimento moderno e racionalista e pelas inovações tecnológicas, no âmbito dos materiais de construção. O betão armado é introduzido na arquitetura como expressão integrante do Modernismo, visível nas estâncias de Bad Ischl, na Áustria e Enghien-les-Bains, na França. *“Estas mudanças envolveram alterações estruturais – muitas das vezes brutais – na herança do termalismo e perdas deploráveis do ponto de vista da história da arquitetura”*⁹¹. Também o período pós-guerra viria a contribuir para uma cultura arquitetónica racionalista, expressa no desenho de novos edifícios termais e na reabilitação de outros, com a participação da assistência social no setor termal.



63. O Estabelecimento Termal de Enghien-les-Bains, construído em 1934.

⁸⁹ MANGORRINHA, Jorge (2012). *O que é uma Cidade Termal?* [s.l.]: [ed. Autor], p.27.

⁹⁰ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p.22.

⁹¹ MOLDOVEANNU, Mihail (1999). *Ciudades Thermales en Europa*. Barcelona: Lunweg Editores, p.346. [tradução do Autor]

4.4.2 | Termas Nacionais: a sua construção

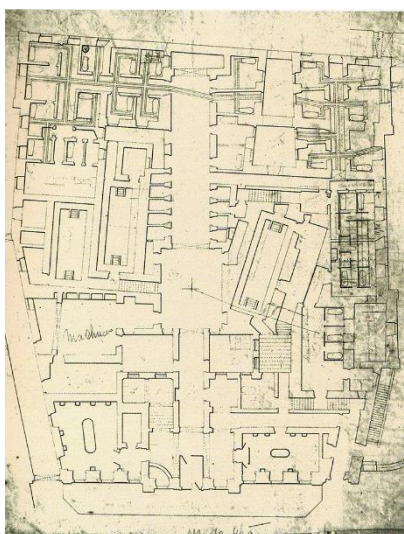
A arquitetura termal portuguesa, ao contrário do que se passava na Europa, caracterizou-se principalmente por dois períodos distintos: o primeiro, no século XV, com a construção do primeiro hospital termal; o segundo, a partir do século XIX, com o auge do termalismo, o que provocou um grande impacto nas linguagens formais dos estabelecimentos termais⁹².

O século XV destacou-se pela introdução de uma nova tipologia na arquitetura termal portuguesa e europeia: o balneário-hospital, sendo este um caso invulgar na história do termalismo. O Hospital Termal, mandado construir pela Rainha D. Leonor, possuía um desenho arquitetónico inovador, que aliava a investigação clínica e a medicina social, originando assim a estrutura urbana das Caldas da Rainha. O desenho e a organização planimétrica do hospital termal baseou-se nas piscinas, de forma retangular e linguagem romana, que se implantariam em cima da nascente de água sulfurosa e em volta do qual se iriam construindo os restantes espaços públicos e privados. O edifício seria dividido em duas alas, estabelecendo a separação dos sexos.

[Da esquerda para a direita]

64. Planta do piso térreo do Hospital Termal dos finais do século XIX.

65. Postal da década 20 do Hospital Termal das Caldas da Rainha.



⁹² MANGORRINHA, Jorge (2001). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.141.

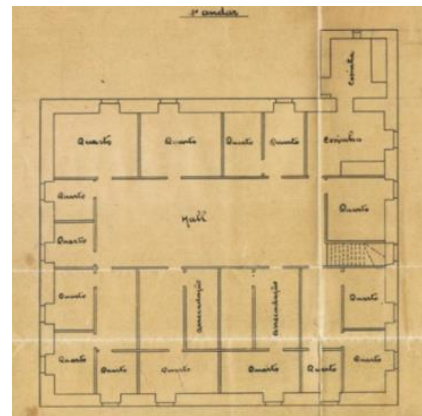
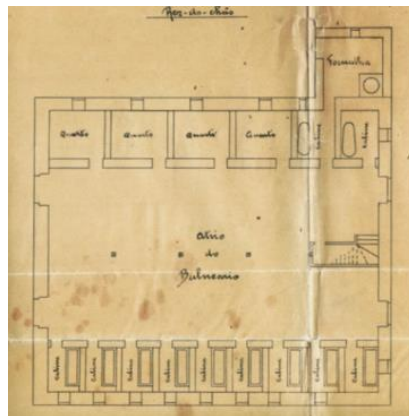
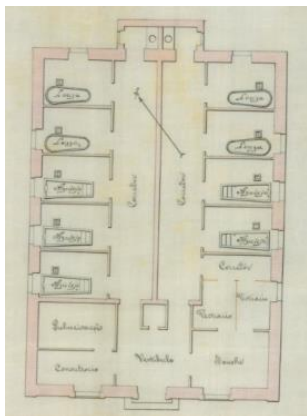
Já no século XIX, a arquitetura termal portuguesa viria a sofrer uma rápida evolução, devido à crescente importância do culto das águas na vida da sociedade. Os pequenos balneários ganharam maior dimensão e conforto, procurando responder funcionalmente às diferentes terapias e à dualidade entre a cura e o lazer.

Os balneários construídos no início da época representavam uma tipologia de «*casa de habitação*», erguidos sobre uma planta quadrangular ou retangular, e dispunham de salas de banhos e duches, receção, latrinas e, noutros casos, também, de salas de descanso e gabinetes de médicos, tudo dividido por um corredor central, que dependendo da sua largura, podia também funcionar como sala de espera. A iluminação e a ventilação seria feita, principalmente, através dos vãos dos compartimentos de banho. Um exemplo deste desenho simples são as Caldas das Murtas (1895). Dentro desta tipologia verifica-se, porém, uma diferenciação de distribuição das funções e, em alguns casos, não se oferecia alojamento, como em Bicanho e Manteigas. Já noutros exemplos a integração do alojamento seria feito no piso superior do balneário, como em Aregos e nos Banhos da Azenha. “*Estes casos exemplificam uma arquitectura vernacular aplicada a uma função específica, uma arquitectura de custos baixos, com programas contidos, uma arquitectura que não caminha ao sentido do gosto, mas que é uma representação factual da técnica construtiva disponível*”⁹³.

[Da esquerda para a direita]

66. Caldas das Murtas, planta de 1949 do balneário.

67. Banhos da Azenha, plantas de 1923 do piso térreo do balneário e do piso superior de alojamento.



⁹³ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p.72.

O progresso do conhecimento científico e técnico relativamente à Hidroterapia e a conseqüente introdução de novos equipamentos termais, durante o século XIX, trariam maior complexidade ao programa e ao desenho de espaços termais, com o redimensionamento das salas e a distinção espacial de acordo com a especificidade funcional e terapêutica, e as novas práticas balneares.

Surge assim um novo “balneário-tipo” que procurava introduzir uma diversidade de novas tipologias, assentes na regra e na relação dos diferentes espaços com o elemento de distribuição. Deste modo, os balneários poderiam ser desenhados sob a forma de *“planta simétrica com entrada central, de planta linear na qual o corredor central distribui as distintas áreas funcionais, de planta com corredor lateralizado e acesso a uma única correnteza de quartos, de planta com dois ou mais corredores laterais e quartos ao centro, de planta de pátio central, aberto ou fechado, de planta quadrangular com pátio central desenvolvido em dois ou mais pisos, de planta com eixo predominante central com entrada numa das extremidades, de planta com pátio central aberto e alas confluentes e, ainda, um conjunto grande de formas mais ou menos híbridas.”*⁹⁴ Estas tipologias integravam-se num programa diversificado baseado em banhos de imersão, conjunto de duches – duche circular, duche escocês e duche ascendente –, inalações e pulverizações, salas para eletroterapia e fototerapia, gabinetes de massagem médica e física, e piscinas de natação. A piscina ocupava um papel fundamental no desenho e no redimensionamento do balneário, tendo em conta a sua dimensão, e constituía, na maioria das vezes, o elemento central do espaço em torno do qual as alas de banhos individuais se instalavam. Deste modo, a estrutura base de todos os balneários assentava na questão da higiene, com a individualização dos banhos e de outras funções, devido

⁹⁴ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p.72.

ao receio de contágios; na separação por sexos e classes; e na introdução do conjunto de tratamentos anteriormente enunciados.

A «*buvette*» como elemento simbólico e inicial do ritual das águas, poderia localizar-se dentro do balneário, geralmente no átrio, funcionando também como área de distribuição, ou fora deste, num pequeno edifício externo. Para o primeiro caso são exemplos as Caldas da Rainha, Castelo de Vide, Monte Real e Luso; para o segundo caso são exemplos as Caldelas, Chaves, Monchique, Vale da Mó e Pedras Salgadas.

Paralelamente ao desenvolvimento e à expansão territorial das «cidades termais» na Europa, as estâncias portuguesas viriam também a adaptar-se a este novo conceito. O interesse pela vilegiatura e pela fuga ao quotidiano por parte de uma sociedade endinheirada transformaria algumas das estâncias em grandes cidades termais. Tal como na Europa, as estâncias passariam a ser constituídas por parque, unidade termal, unidade hoteleira e um conjunto de outras funções culturais, lúdicas e desportivas, formando um conjunto de tipologias arquitetónicas diversificadas. O parque resultaria da implementação da prática dos passeios no termalismo, que viria a associar-se a caminhos e espaços públicos mais organizados, como o Passeio da Copa, junto ao Hospital Termal das Caldas da Rainha, pioneiro nesta inovação para as restantes estâncias portuguesas.

[Da esquerda para a direita]

68. Planta de 1947 do Ante Projeto do Parque do Hospital da Rainha D. Leonor.

69. Vista aérea do Parque Termal das Caldas da Rainha.



Os hotéis denominavam-se por *Palace* ou *Grande Hotel*, e eram caracterizados pela sua dimensão monumental, com fachadas soberbas, grandes pés-direitos, galerias sumptuosas, extensas salas e decoração exuberante. A unidade hoteleira deveria estar equipada com vestíbulos e átrios grandes, quartos com banheiro, restaurante, salas de visitas, casa de jantar, salas de festas, sala de leitura, cabeleireiros, cozinha e adegas.

No século XX, presenciava-se uma nova abordagem face aos materiais utilizados na construção, nos revestimentos dos edifícios e nos equipamentos. Isto levou à exclusão e substituição de alguns materiais utilizados nos balneários termais por novos, impróprios no uso das águas medicinais. Assim, excluíram-se principalmente os metais (cobre, ferro, bronze, etc), dado o seu rápido envelhecimento e efeito de corrosão, podendo alterar a composição da água, e introduziram-se o acrílico (banheiras), o PVC (duches) e o aço inox. Porém, mantiveram-se os materiais pétreos, porcelana, grés e cerâmicos, devido à sua resistência mecânica, resistência à água e facilidade de limpeza, melhorando assim as condições higiénicas.

[Da esquerda para a direita]

70. Piscina das Termas de Luso.

71. Balneário termal de Luso.

A arquitetura termal portuguesa não se viria a distinguir tipologicamente do modelo europeu, mas viria a caracterizar-se pelas dimensões diversificadas e pelo seu estilo tradicional e regional. As estâncias termais de Luso, Cucos, Vizela, Canaveses, Taipas e Caldas de Saúde são exemplos de uma arquitetura termal inovadora e requintada.



4.4.3 | As suas dimensões: da morfologia à imagética

“A expressão física do lugar tem repercussões psíquicas, afectivas e culturais, bastante complexas, que contribuem para o equilíbrio biológico e para o efeito terapêutico, tal como para o relacionamento social que o encontro nas termas proporciona aos seus frequentadores.”⁹⁵

Na análise e identificação das termas, relativamente à sua territorialidade, não é de estranhar que grande parte delas se localize em territórios rurais, já que estas procuram o distanciamento das urbanidades e, conseqüentemente, a proximidade da natureza.

A localização das termas em áreas rurais levou a que estas desenvolvessem um carácter particular nas suas dimensões espaciais, seja a nível da arquitetura, da disposição urbana seja da relação entre equipamentos e espaços públicos, que perfazem o microcosmo termal. A estância termal, rapidamente se veio a tornar numa pequena cidade, exclusivamente para prática do bem-estar físico e mental. *“Assim, o impulso do termalismo “moderno” – a partir do século XVIII – corresponde à aparição de uma multitude de aglomerações novas, cidades-miniatura cuja missão é revalorizar as termas e distrair um público cada vez mais numeroso”⁹⁶.*

O desenvolvimento e a evolução das estâncias esteve sempre associado a uma multiplicidade de fatores, seja a nível geográfico, geológico, social ou histórico, que vieram a determinar a implantação e estruturação dos vários equipamentos no território, como também a nível hidrológico, já que a localização da nascente termal é uma premissa fundamental na formação destes lugares.

Deste modo, as estâncias termais definem-se como uma *“área geográfica devidamente ordenada na qual se verifica uma ou mais emergências de água*

⁹⁵ MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte, p.221.

⁹⁶ MOLDOVEANU, Mihail (1999). *Ciudades Termales en Europa*. Barcelona: Lunwerg Editores, p.317. [tradução do autor]

mineral natural exploradas por um ou mais estabelecimentos termais, bem como as condições ambientais e infra-estruturas necessárias à instalação de empreendimentos turísticos e à satisfação das necessidades de cultura, recreio, lazer activo, recuperação física e psíquica asseguradas pelos adequados serviços de animação”⁹⁷.

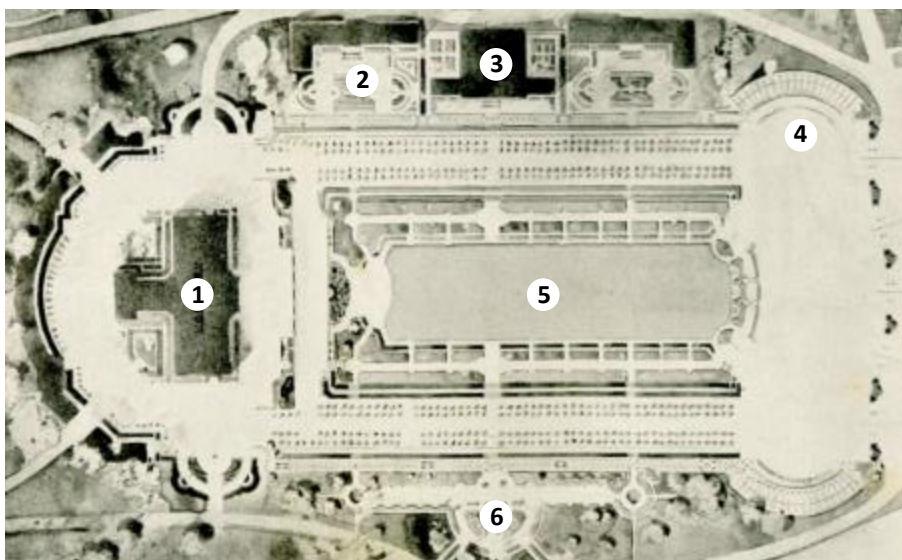
As particularidades das estâncias termais, relativamente à sua morfologia, assentam em duas vertentes – a da terapêutica e a da paisagística. Neste contexto, os edifícios, como elementos físicos e estruturantes da atividade termal, vieram a incorporar-se numa extensão paisagística constituída por um conjunto de elementos urbanos. Deste modo, permitiam não só o seu bom funcionamento, a sua boa acessibilidade e funções diversificadas, mas também estabeleciam uma identidade reconhecível e peculiar.

A partir do século XVIII/XIX, estas estruturas adotam uma nova disposição funcional e urbana ao distribuir as funções – áreas de banho, alojamento e convívio – por diferentes edifícios. O microcosmo termal veio, assim, a constituir-se a partir de um conjunto de equipamentos, essenciais para conferir um valor patrimonial e cultural ao termalismo. A estância vem a construir-se a partir do equipamento termal, hoteleiro, cultural e ambiental.

72. Plano da Estância Termal de Estoril de 1914.

Legenda:

- 1 – Casino
- 2 – Hotel Termal
- 3 – Equipamento Termal
- 4 – Lojas de Aluguer
- 5 – Parque Termal
- 6 – Pavilhão de Banhos de Sol



⁹⁷ ASSOCIAÇÃO DAS TERMAS DE PORTUGAL (2009). *Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais*, p.5.

O Equipamento Termal, como elemento primordial de todo o complexo, localiza-se centralmente, em relação aos restantes edifícios e junto à fonte termal, e integra o balneário, a *buvette* e as piscinas.

*“O balneário é o equipamento fundamental das estâncias termais, porque é nele que se encontra todo o serviço clínico necessário à aplicação das técnicas crenoterapêuticas, hidroterapêuticas e complementares, comuns na maioria das estâncias termais”*⁹⁸. Este elemento constrói-se normalmente sobre a nascente termal, de forma a evitar a contaminação da água mineral, garantindo a sua qualidade e preservando as suas propriedades terapêuticas. A organização interna do balneário sujeitava-se à diversidade dos métodos termais e dos equipamentos de saúde implementados, de forma a racionalizar a sua distribuição em planta.

A fonte termal ou *buvette* representa o local inicial do ritual termal, e consiste no tratamento terapêutico através da ingestão da água medicinal. Localiza-se na área central do edifício balnear ou no exterior deste, num pequeno edifício adjacente.

As piscinas constituem o elemento principal das áreas de tratamento do edifício termal e é a partir destas que todos os outros compartimentos se instalam, desde os banhos individuais, até as diversas salas e gabinetes de tratamento – duches, inalações, pulverizações, entre outros.

Para além do equipamento termal, veio a desenvolver-se outro equipamento nas restantes estâncias com maior peso na atividade termal e na evolução do desenho urbano – o Equipamento Hoteleiro. *“A hotelaria fornece às termas um leque de equipamentos, os quais assumem especial importância pelo seu significado económico e pela garantia de permitirem uma estada repousante aos aquistas, embora com diferentes níveis de conforto”*⁹⁹. A oferta de alojamento dependia da localização das termas, assim como das

⁹⁸ MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte, p.152.

⁹⁹ MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte, p.162.

condições sociais e económicas dos aquistas, variando desde grandes hotéis a simples pensões¹⁰⁰, que se localizavam na proximidade dos balneários para facilitar os acessos. Contudo, com o aumento da procura, as estâncias termais vieram a equipar-se de equipamentos hoteleiros destinados exclusivamente aos seus aquistas.

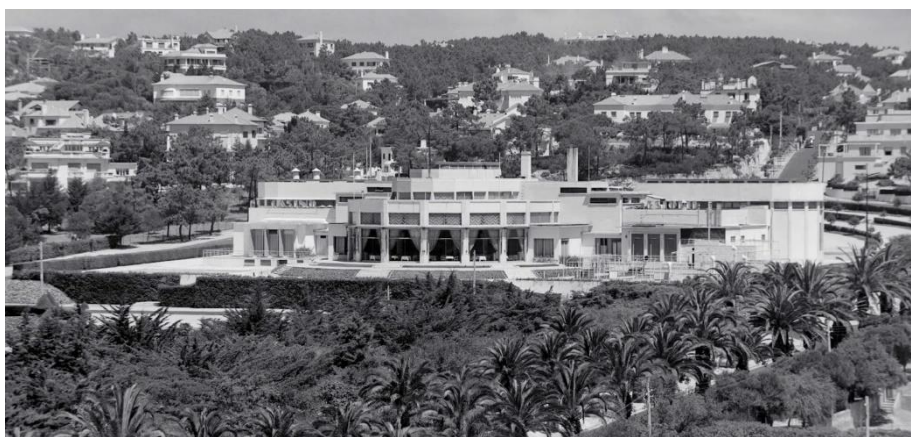
A integração do equipamento hoteleiro veio proporcionar o desenvolvimento de equipamentos culturais e lúdicos, face à extensão da estadia do aquista, que veio procurar para além do tratamento e da cura, o entretenimento e as relações socioculturais. Dentro destes equipamentos encontravam-se o casino, os salões de baile, os salões de chá, salas de leitura e clubes, e espaços para a prática desportiva.

De entre os diversos equipamentos referenciados, é o Equipamento Ambiental que se vem estabelecer como fator fundamental no tratamento hidroterapêutico, já que influencia a qualidade do ar, preservando-o de poluições exteriores, e de ruídos, contribuindo com *“ambientes calmos e relaxantes, condições indispensáveis ao reequilíbrio físico e psíquico de uma parte cada vez maior da população”*¹⁰¹. Os espaços verdes representam elementos incontornáveis, não só no desenho das estâncias termais – já que implicam a valorização paisagística e climatérica –, como também no próprio processo do tratamento termal. O Parque Termal é formado por um conjunto de caminhos arborizados e espaços verdes, de diferentes escalas e tipologias, conferindo à estância termal a sua imagem particular e a sua função de *“pulmão verde”* na melhoria da qualidade de vida dos aquistas.

Em complementaridade à estrutura edificada e ao espaço físico, identifica-se nas estâncias termais, um espaço imaginário e poético, *“representado por um sistema de signos e símbolos, muito ligado à relação dos utentes com os*

¹⁰⁰ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2003). *Álbum das Termas*. Na Coleção do Centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim. (p.175)

¹⁰¹ CABRAL, João (2005). *A modernização dos espaços verdes termais*. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.224.



[De cima para baixo]

73. Estabelecimento Termal de Estoril com o Hotel Palácio no fundo.

74. Casino de Estoril, em 1940.

75. Jardim da Estância Termal de Estoril.

*equipamentos, aos comportamentos sociais, mas também como modelo para a representação arquitectónica e cenográfica*¹⁰².

Os espaços termais deixam de representar apenas um lugar construído e palpável e passam a caracterizar-se por um conjunto de ambientes diversificados, criados em torno das nascentes, definindo assim uma relação emocional e sensorial entre o aquista e o espaço.

A particularidade da experiência termal encontra-se na ambivalência entre a cura e o lazer – a doença e o prazer. O lugar termal constrói-se a partir destas duas vertentes e contribui inevitavelmente para a criação de um espaço poético em torno da ritualização da água. *“A poética não é mais que o estudo das ressonâncias mentais deste espaço denso, neste caso não de equipamentos, mas de uma topologia imaginária do espaço-lugar de vilegiatura*¹⁰³. O lazer veio incorporar uma diferente valência à função terapêutica, funcionando principalmente como componente propício à distração e ao esquecimento da doença e da dor no processo de ritualização do corpo e do espírito. O aquista é levado ao desconhecido através dos diversos rituais e dos diferentes espaços de lazer desenhados, cada um com a sua vocação poética.

A imagética à volta das termas definiu-se com maior particularidade a partir do século XIX, quando se iniciou a moda da vilegiatura, isto é, uma temporada de descanso fora de casa. O *“Ir a banhos”* tornou-se uma atividade de celebração da festa termal, onde não só se procurava unir o bem-estar corporal e mental, como também fugir ao quotidiano e ao bulício da cidade. A manutenção da saúde implicava uma *“mudança de ares”* e estava sujeita a um processo de tratamento que se iniciaria logo com a viagem até à estância termal. *“O aquista começa por um rito de separação do seu quotidiano residencial, transporta-se para fora, em busca de cura e,*

¹⁰² MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte, p.237.

¹⁰³ MANGORRINHA, Jorge (2002). *A Imagética Termal*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.41.

também, do contacto com um círculo de vivências diferente, seja pela tipologia social, seja pela ambiência conquistada pelo espaço novo, inesperado se se tratar da primeira vez. Segue-se o rito da iniciação do banho, a que se segue o rito de passagem, reencontrando com o corpo próprio, num templo sagrado que o convoca para uma repetição prescrita da experiência iniciática e íntima, e com o corpo da natureza, nos espaços rituais de experiência colectiva e de representação de reconhecimento social”¹⁰⁴.

Para além do tratamento terapêutico, as estâncias oferecem um conjunto de experiências sensoriais através da água, dos cheiros, das temperaturas, dos sons, das materialidades e da iluminação. Deste modo, a arquitetura representa um papel fundamental na criação destas atmosferas, na sua vertente física e sensitiva. *“Se a arquitectura é opulenta, o universo das águas atenta também aos detalhes e contribui para a imagética”¹⁰⁵.*

O conceito de atmosferas define, segundo o arquiteto Peter Zumthor, a qualidade da arquitetura e integra-se na categoria da estética. Trata-se de uma envolvente física que se traduz em imagens reais e imaginárias, capazes de criar uma experiência diferente a nível do humor, do sentimento da presença, do bem-estar, da harmonia e beleza¹⁰⁶. *“A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva (...).”¹⁰⁷* Para tal efeito, a arquitetura e todos os elementos que nela se integram, não só os elementos físicos e estruturais, mas sim um conjunto de estratégias sensoriais, vêm criar um imaginário à pessoa que se encontra nele. Segundo Peter Zumthor, a atmosfera pode caracterizar-se de acordo com nove elementos: a estrutura anatómica do edifício; os materiais e as suas texturas; o som; a temperatura a nível físico e psíquico; os objetos que

¹⁰⁴ MANGORRINHA, Jorge (2012). *O que é uma Cidade Termal?* [s.l.]: [ed. Autor], p.9.

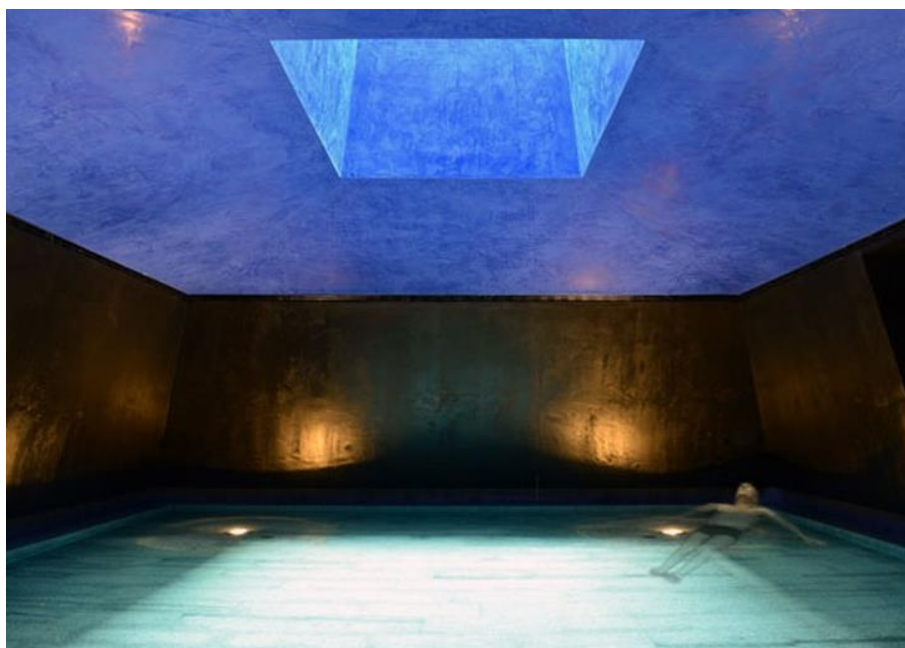
¹⁰⁵ MANGORRINHA, Jorge (2002). *A Imagética Termal*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.42.

¹⁰⁶ Arcspace (2012). *Atmosphere*. Disponível em: <https://arcspace.com/bookcase/atmosphere/>. [Consultado a 10.04.2018] [tradução do autor]

¹⁰⁷ ZUMTHOR, Peter (2006). *Atmosferas, Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.13.

constituem o espaço; o percurso espacial e temporal (*sedução*); a relação entre o interior e o exterior – privado e público; a dimensão e escala e a relação da luz com a envolvente. Todos eles são essenciais na criação de um espaço espiritual e poético.

A representação do imaginário termal define-se principalmente pelo seu elemento primordial e simbólico, a água, e a sua relação com os diferentes componentes arquitetónicos anteriormente referidos, definindo a identidade e ambiência dos espaços termais. “*À volta das termas nasceu todo um imaginário urbano e uma estrutura física pertencente exclusivamente ao sujeito, ou seja, à saúde do corpo e do espírito*”¹⁰⁸. Deste modo, a imagética termal constrói-se a partir da criação de espaços híbridos que relacionem as imagens físicas e mentais, e proporcionem o diálogo entre a vivência real e a memória, numa experiência única e subjetiva de cada aquista.



76. Termas e Spa de Rigi Kaltbad (2012), na Suíça, de Mario Botta. Ambiência do banho interior.

¹⁰⁸ MANGORRINHA, Jorge (2002). *O Microcosmo Termal*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.38.

4.4.4 | As novas Arquiteturas Termais

“A água foi, sem dúvida, um dos factores mais importantes da criação e do ordenamento urbano do século XIX, com repercussão até à actualidade.”¹⁰⁹

Desde o final do século XX até aos dias de hoje que o sector termal tem vindo a ser alvo de uma nova realidade, caracterizado por uma estratégia de requalificação e por um crescimento proporcional de oferta e de procura. Isto deve-se principalmente à integração de um novo contexto no termalismo, associado às novas tendências relacionadas aos programas de bem-estar, de exercício físico e de estética, estabelecendo um novo conceito em torno do culto das águas, denominado por SPA¹¹⁰. O SPA distingue-se das termas especialmente pelas propriedades das águas – a utilização de águas não medicinais –, levando à não dependência da fonte termal, favorecendo a sua construção em qualquer lugar.

Deste modo, o termalismo contemporâneo baseia-se essencialmente na complementaridade de dois conceitos, as Termas e o SPA, revitalizando o primeiro, no âmbito do termalismo clássico, como lugar de cura, reabilitação e prevenção de doenças crónicas; e integrando o segundo, como lugar do bem-estar e de recuperação física e mental, sempre associado à ritualização das águas. Perante esta dualidade, foi necessário abordar novas estratégias de adaptação e redesenho de algumas estâncias termais e da sua linguagem arquitetónica, implementando um carácter contemporâneo.

“A importância da arquitectura no domínio termal coloca-se a vários níveis: na definição do edifício, devidamente integrado na paisagem e com boas acessibilidades, na concepção de layouts facilitadores da prestação de serviços e na definição de ambientes adequados às práticas termais”¹¹¹.

¹⁰⁹ MANGORRINHA, Jorge (2001). *O Microcosmo Termal*. In *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.38.

¹¹⁰ SPA é o acrónimo de «*Salus per Aquam*», do latim Saúde pela Água.

¹¹¹ MANGORRINHA, Jorge (2006). *Portugal e as suas Termas: uma aproximação estratégica*. Edição nº65. Alcobaca: Jornal Tinta Fresca. [Online]

Segundo Jorge Mangorrinha, toda a estratégia de revitalização e modernização da arquitetura termal das estâncias existentes e dos novos edifícios a construir, deve assentar no elemento da água, nos novos conceitos contemporâneos, como a sustentabilidade, na requalificação e valorização dos espaços públicos, na identidade e memória do lugar, no desenho de novas soluções de espaços e na promoção das vertentes ligadas à saúde, ao lazer, à cultura e ao turismo, garantindo o seu equilíbrio no microcosmo termal.

A arquitetura termal veio responder às novas exigências de uma sociedade preocupada com o bem-estar e a saúde, incorporando no desenho dos estabelecimentos termais novas valências como saunas, banhos turcos, hidrogenástica, massagens, tratamentos faciais, acupuntura, diversos banhos, ioga e ginásio. O conjunto destes espaços implicam, assim, novas organizações planimétricas e relações funcionais, proporcionando uma diversidade de tipologias, dimensões e ambiências, tudo para oferecer uma boa estadia ao aquista moderno, que procura a fuga ao stress.

“As soluções de desenvolvimento passam pela procura da modernidade em torno da memória, recuperando com criatividade o património, integrando-o nas vivências da cidade e criando para esta novos desempenhos estratégicos”¹¹².

As novas arquiteturas termais são traduzidas pelo espírito inovador e pelo experimentalismo, associando às soluções funcionalistas um imaginário contemporâneo. Os edifícios erguem-se com grande complexidade a nível construtivo e estético e ganham formas dinâmicas, devendo-se essencialmente ao desenvolvimento crescente das áreas das ciências e das tecnologias. Estas áreas forneceram, nos últimos anos, um grande leque de novos materiais e soluções construtivas, possibilitando o impensável, seja no

¹¹² MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, p.291.

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS



contexto da reabilitação de antigos estabelecimentos, da união do antigo ao novo seja na construção de novos edifícios.

Neste contexto, a nova interpretação do termalismo veio trazer um conjunto de espaços e ambientes diversificados. O desenho das termas é pensado no percurso das águas e no conjunto de experiências sensoriais e cognoscíveis que podem ser oferecidas aos aquistas, para garantir um bom resultado do tratamento, mas também um cenário propício ao esquecimento do quotidiano. Segundo José Navarro, o papel fundamental da arquitetura termal é possibilitar tais experiências, já que controlam o espaço físico. Deve-se, neste caso, estabelecer espaços convidativos que assentam no relacionamento entre a luz natural e a água, proporcionando ao espaço uma qualidade espacial e poética que deve ser refletida igualmente pelo exterior do edifício¹¹³.

Perante o estipulado e no âmbito das novas arquiteturas termais, são exemplos de casos europeus o Hotel des Thermes (Dax), na França, de Jean Nouvel e Yves Brunier, as Termas de Vals, na Suíça, de Peter Zumthor, as Termas de Tamina, na Suíça, de Joseph Smolenicky e as Termas de Tiberio, na Espanha, de Moneo Brock. Estes, como outros, vieram a ser referências para o desenvolvimento da arquitetura termal contemporânea portuguesa. Exemplos portugueses são as Termas de Monte Real, de António Garcia, as Termas de Unhais da Serra, de Jorge Palma, as Termas de Vidago, de Siza Vieira e as Termas das Furnas, de Miguel Saraiva.

De um modo geral, o futuro da arquitetura termal deve assentar em novas abordagens que implicam a conjugação da terapia e do lazer num complexo balnear único e contemporâneo, capaz de oferecer experiências diferenciadas, conforme as tendências do termalismo atual e as necessidades dos aquistas.

[Página anterior: De cima para baixo]

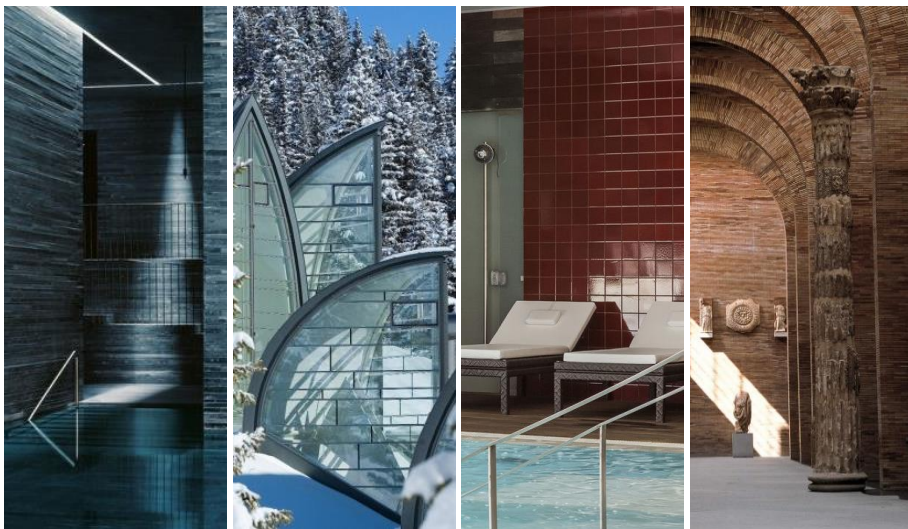
77. Termas de Tamina (2009), na Suíça, de Joseph Smolenicky. Piscina exterior e interior.

78. Termas de Tiberio (2007), em Espanha, de Moneo Brock. Banho interior e piscina exterior.

79. Termas e Spa das Furnas (2015), em Açores, de Miguel Saraiva. Fachada do Hotel Boutique e a piscina

¹¹³ NAVARRO, J. (1992). *Arquitectura termal, poetica y practica*. In Jornadas de Aguas minerales y minero medicinales en España, 13.3 – 13.7. Madrid: ITGE-ReproMarket, p.6. [tradução do autor] [Online]

5 | CASOS DE ESTUDO



80. Da esquerda para a direita: Termas de Vals, SPA Tschuggen Bergoase, Termas de Monte Real e Museu Nacional de Arte Romana.

5 | Casos de Estudo

Para melhor compreensão da temática do presente trabalho, assente essencialmente no contexto do termalismo e da memória dos banhos romanos, foram selecionados três projetos de referência, que pelas suas particularidades conceptuais, programáticas e construtivas, demonstram a aplicação dos diferentes conceitos abordados na reflexão teórica, úteis para o desenvolvimento da proposta arquitetónica.

Neste contexto, tornam-se como objetos de estudo três casos internacionais e um caso nacional. Nomeadamente: as **Termas de Vals**, de Peter Zumthor, por se tratar de um exemplo contemporâneo na área do termalismo e pela sua organização funcional e programática que apresenta soluções arquitetónicos interessantes relativamente à materialidade e iluminação, assente na memória dos ritos de água ancestrais; o **SPA Tschuggen Bergoase**, de Mario Botta, por se tratar de um exemplo que aborda o fenómeno atual de termalismo – SPA –, caracterizante pela prática de banhos sem o uso de água termal, e pela interessante solução arquitetónica no âmbito da iluminação zenital e materialidades; o **Museu Nacional de Arte Romana**, de Rafael Moneo, embora não se trate de um caso termal, caracteriza-se como exemplo notável na reinterpretação da arquitetura romana numa linguagem minimalista e contemporânea, contribuindo para a preservação da memória e identidade do lugar; e as **Termas de Monte Real**, de António Garcia, pela integração de um plano urbano revitalizador, assente na reabilitação dos edifícios existentes e na construção de uma nova área termal – constituída por termas e SPA –, com base no termalismo atual, porém procurando salvaguardar o património termal e a memória do lugar.

Pretende-se, assim, compreender de que modo se estabelece a arquitetura termal nos dias de hoje e quais podem ser as soluções arquitetónicas com base nas novas exigências da atividade e dos aquistas, sem perder a sua identidade matricial, e por outro, de que maneira se podem articular e reinterpretar elementos remotos na contemporaneidade.

5.1 | Termas de Vals, Suíça – Peter Zumthor, 1996

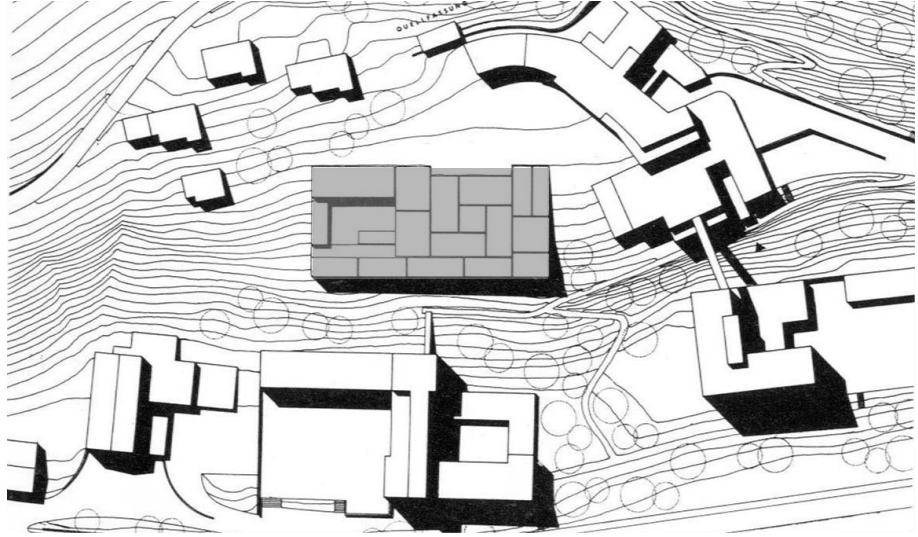
Situadas na aldeia de Graubünden, na Suíça, as Termas de Vals representam desde a década de 90, um dos casos mais icônicos no contexto da revitalização do termalismo, com abordagem a uma linguagem contemporânea e inspirada na arquitetura termal romana.

A existência de nascentes termais e o rápido desenvolvimento do termalismo europeu, no século XIX, viria a contribuir para a fundação do primeiro “*Kurhaus*”¹¹⁴, no ano de 1893, afirmando-se como zona turística. Já em 1960, o pequeno equipamento seria adquirido e transformado pelo concessionário alemão Kurt Vorlop, num moderno espaço termal e hoteleiro, para exploração das águas termais. Porém, com o rápido crescimento das práticas termais, o complexo termal viria a apresentar estruturas inadequadas e desatualizadas para o tratamento terapêutico. Deste modo, face ao seu declínio, veio a constituir-se, em 1986, um novo projeto da autoria de Peter Zumthor, assente na construção do novo equipamento termal.

As características da envolvente tornar-se-iam o ponto de partida na construção do conceito, fundamental para todo o processo de desenvolvimento formal e tipológico do complexo termal. A forma surge como extensão da montanha e da paisagem, estabelecendo um diálogo entre o artificial e o natural. Toda a organização interna desenvolve-se, assim, a partir do conceito de caverna, resultado da transição e continuidade da montanha através da cobertura relvada, revelando um espaço subterrâneo e embutido. Isto é, trata-se de uma arquitetura discreta, moldada pela montanha, tal como Peter Zumthor afirma:

“Montanha, pedra, água, construir em pedra, construir na montanha - a nossa procura por dar a esta corrente de palavras uma interpretação arquitetónica, traduzir em arquitetura os seus significados e a sua

¹¹⁴ “*Kurhaus*” corresponde ao balneário termal.



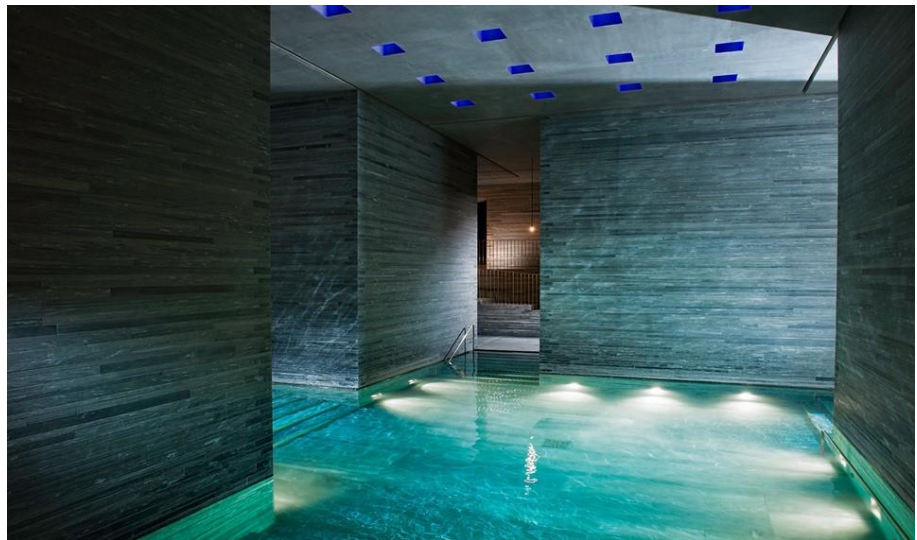
[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

81. Planta de implantação das Termas de Vals.

82. Piscina interior.

83. Fachada do edifício termal.

84. Piscina exterior.



sensualidade, guiaram o nosso desenho para o edifício e passo a passo deram-lhe forma.”¹¹⁵

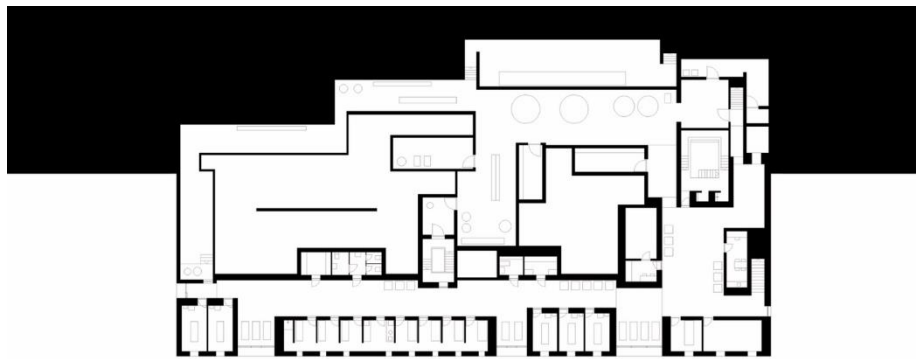
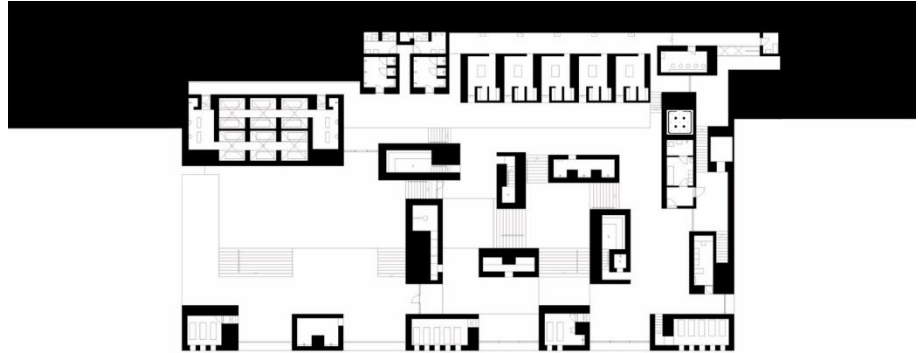
Neste contexto, a forma e a organização espacial surgem da ideia de escavação, a partir de um bloco massivo de pedra, constituindo um conjunto de blocos funcionais distintos e espaços livres para a circulação, proporcionando para uma ambiência interessante e íntima na relação entre a água, a luz e a envolvente.

Inspirado na prática mística do ritual dos banhos das civilizações remotas, a ambiência tornou-se um elemento fundamental para o arquiteto, quer no desenho interior das termas, quer na escolha das materialidades. A utilização da pedra natural da região, gnaisse, constituiria o principal material na construção da atmosfera e das experiências sensoriais, na sua relação com a água e a luz. A ambiência é essencialmente caracterizada pela combinação entre a luz e sombra, obtida pelas reentrâncias criadas nos blocos e pelas grandes aberturas nas fachadas; pela relação entre o cheio e o vazio, que estabelece um percurso intrigante e introspetivo; pelos reflexos da luz nos planos de água; pelo vapor das águas quentes; pelo som do movimento da água; e a sensação da textura da pedra quente no corpo humano.

O programa organiza-se ao longo de dois pisos, em que no piso inferior se encontram as instalações técnicas e as zonas de tratamento terapêutico, constituído por banhos termais, salas de massagens e fisioterapia. Já no piso superior, encontram-se as piscinas, interior e exterior, circunscritas a diversos banhos, salas de descanso e o banho turco. Denota-se aqui, o cuidado que o arquiteto teve em distinguir a zona de cura da zona de lazer.

Verifica-se, portanto, que se trata de uma nova abordagem da arquitetura termal, que procura reinterpretar o termalismo através de uma linguagem contemporânea com base nos banhos públicos da Antiguidade.

¹¹⁵ ZUMTHOR, Peter; BINET, Hélène (1999). *Peter Zumthor Works, Buildings and Projects 1979-1997*. Basel: Birkhäuser. (p.135) [tradução do autor]



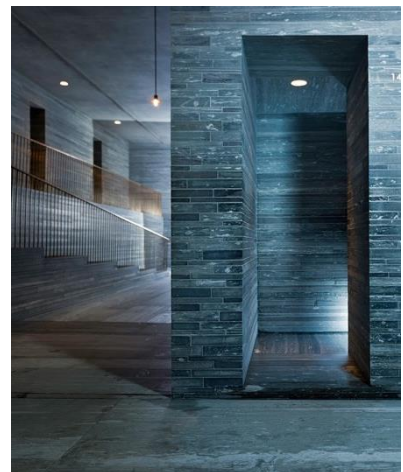
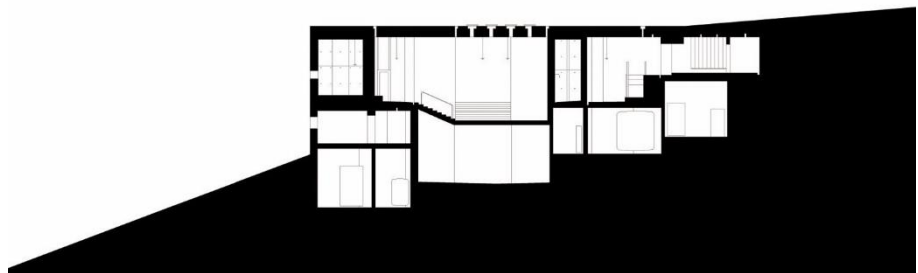
[De cima para baixo]

85. Planta do piso superior, dedicado à zona de lazer.

86. Planta do piso inferior, dedicado à zona terapêutica.

87. Corte Transversal pela piscina interior.

88. Espaços interiores das termas, do piso superior.



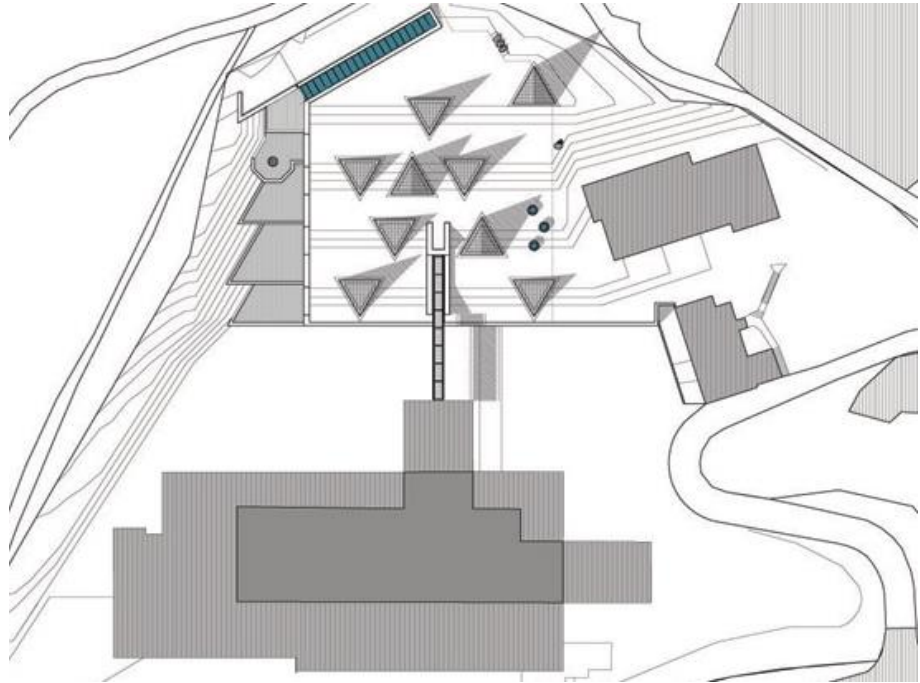
5.2 | SPA Tschuggen Bergoase, Suíça – Mario Botta, 2006

Situado na proximidade dos Alpes suíços, em Arosa, o Tschuggen Bergoase representa atualmente um exemplo contemporâneo de acordo com as novas tendências do termalismo, no âmbito do bem-estar mental e físico, abordando o conceito recente de SPA, e portanto baseando-se numa prática que não se assenta no uso da água termal.

As boas condições climatéricas e a configuração geográfica vieram desde o final do século XIX transformar a área montanhosa numa zona turística. Inicialmente conhecida pelos efeitos curativos do ar, que levou a construção de um Sanatório para tratamento de problemas respiratórios, veio posteriormente a desenvolver-se num local para a prática de desportos de inverno, proporcionado pela fundação do Grande Hotel Tschuggen em 1930. Porém, as novas exigências do turismo, e a desatualização da unidade hoteleira, contribuíram para a necessidade de uma intervenção para a sua revitalização. Neste contexto, em 2003 foi elaborado pelo arquiteto Mario Botta uma proposta arquitetónica para um SPA, com o intuito de ampliar os serviços do hotel, oferecendo um espaço calmo e recreativo no âmbito do culto das águas.

Tal como no caso do Peter Zumthor, também aqui a envolvente marcaria o ponto de partida na projeção do SPA, face à sua localização, desenho e conceito. Localizado junto ao Hotel e acessível por este através de uma ponte envidraçada, o edifício do SPA surge incorporado na encosta da montanha, procurando estabelecer uma harmonia entre o natural e o artificial. Baseando-se no conceito do «*Build without Building*», o arquiteto pretendia fazer desaparecer grande parte do edifício na envolvente, para “*reduzir a superfície acima do solo, a fim de preservar uma parte extraordinária da paisagem e estabelecer uma relação respeitosa com a aldeia vizinha*”¹¹⁶.

¹¹⁶ Mario Botta Architecture (s/d). Wellness Center Tschuggen Berg Oase, Arosa, Switzerland, 2003-2006. [Online]



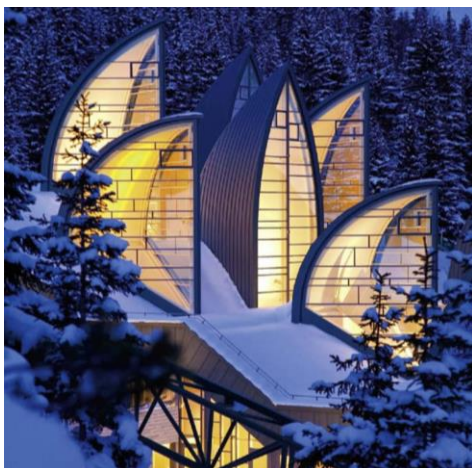
[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

89. Planta de implantação do SPA Tschuggen Bergoase.

90. Piscina interior.

91. Clarabóias definidas como “Árvores de luz”.

92. Zona dos banhos, com a piscina interior.



Encontrando-se a parte funcional embutida na montanha, tornam-se unicamente visíveis nove volumes geométricos que marcam a presença do novo edifício. Definidas pelo arquiteto como “árvores de luz”, representam conceptualmente elementos da natureza – folhas, árvores, céu –, e vêm estabelecer uma relação entre o interior e o exterior através da entrada de luz natural e dos enquadramentos visuais para a paisagem. A cobertura fica, assim, marcada visualmente por um conjunto de elementos vegetais e mecânicos, que vêm conferir ao lugar um carácter sagrado e tranquilo.

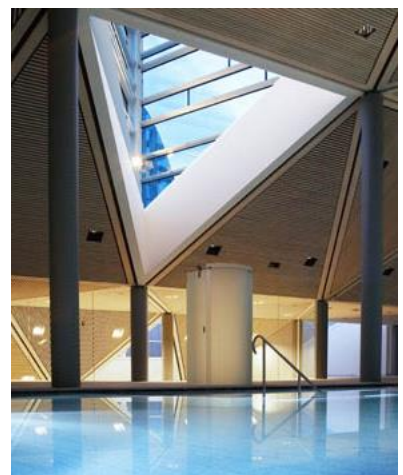
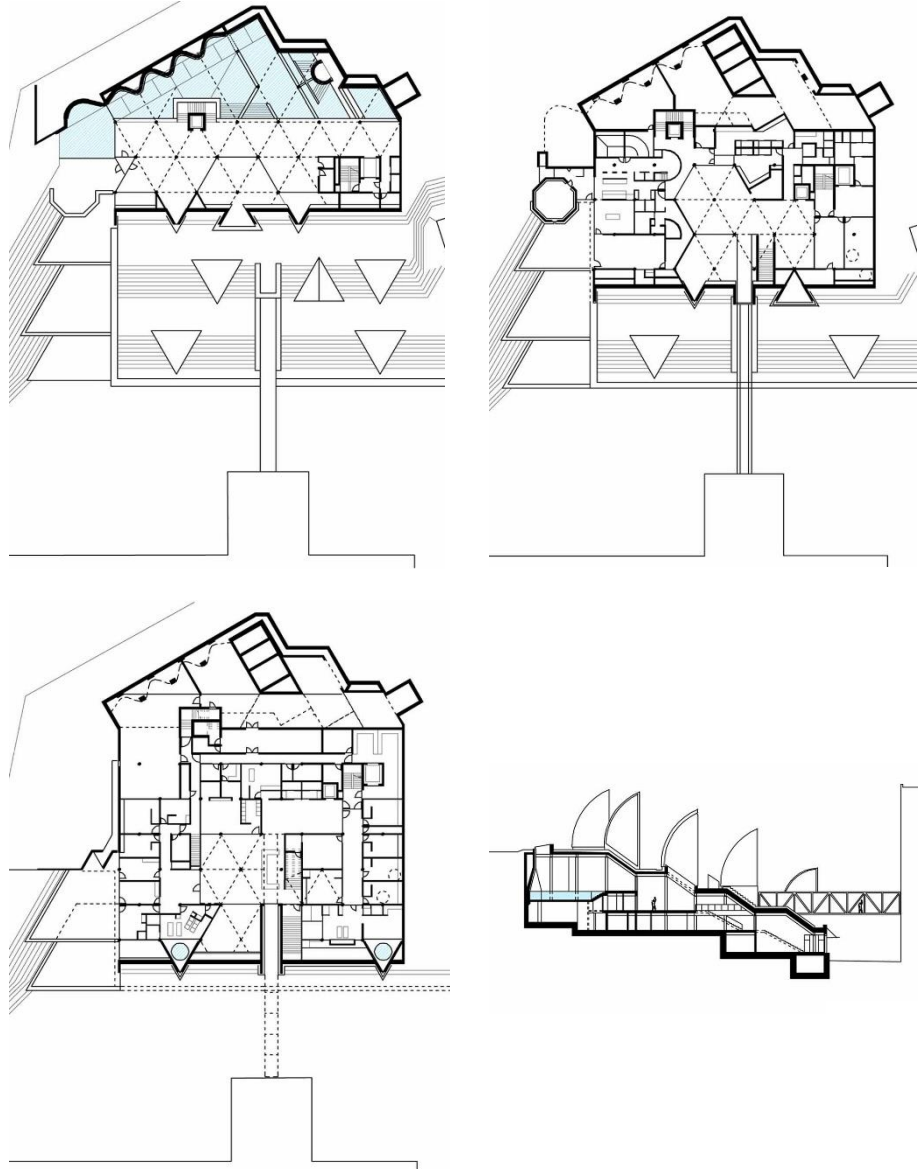
“À noite, eles são magnificamente iluminados e brilham como faróis. Eles expõem espaços à luz que não seriam iluminados. E embora o SPA seja esculpido numa montanha, no geral não é uma gruta, pois é definido por espaços abertos com paredes lisas. O conceito é o de um santuário - um lugar para fugir”¹¹⁷.

O programa organiza-se em quatro planos abertos, interligados visualmente. No piso térreo encontram-se o ginásio, as salas de meditação e a receção para visitantes exteriores; no piso 1, as salas de estética e uma piscina; no piso 2, a receção para os hóspedes, balneários, saunas, salas de relaxamento e zona de serviços; e no último piso, a zona das piscinas principais. O último piso é essencialmente caracterizado pelo desenho das piscinas que, embora separadas, encontram-se niveladas superficialmente, já que o arquiteto pretendia dar a impressão de um único plano de água contínuo.

A ambiência do SPA é principalmente caracterizada pela relação entre água, luz, pedra e natureza, que pretende relacionar a atmosfera de uma caverna com a de um templo sagrado. Através da materialidade – granito e mármore – e das faixas de luz natural que descem das “árvores artificiais” o arquiteto procura evocar os sentidos e “dar ao espaço a aparência e a atmosfera de um buraco de água natural”¹¹⁸.

¹¹⁷ Mimeo (s/d). Tschuggen Bergoase. [Online]

¹¹⁸ Design Build Network (s/d). Bergoase Wellness Center. [Online]



5.3 | Termas de Monte Real, Portugal – António Garcia, 2009

Situado no centro do país, o Resort de Monte Real dista 16km a Noroeste da cidade de Leiria e representa um importante caso de referência no contexto do termalismo português contemporâneo, no âmbito da reabilitação e construção de novos equipamentos termais.

Embora as suas águas minerais já fossem conhecidas e utilizadas desde a época romana, a sua exploração só viria a conhecer um desenvolvimento significativo no início do século XX. Inicialmente com a construção do balneário e do hotel, e posteriormente com a implementação do plano urbano dos arquitetos Korrodi, que viria a concluir o hotel e ampliar e transformar a estrutura balnear. Estas termas passaram, assim, a ser uma das mais frequentadas nacionalmente, durante o século XX¹¹⁹. Porém, nas últimas décadas, vieram a presenciar um declínio gradual, por motivos económicos e de procura, contribuindo para a sua degradação, estabelecendo a necessidade de uma proposta de intervenção, para a sua revitalização e dinamização, dado o seu valor patrimonial e territorial.

Assim, em 2007, foi elaborada uma proposta de reabilitação para a estância termal de Monte Real, da autoria do arquiteto António Garcia, que propunha a *“remodelação integral do balneário das Termas de Monte Real, com extensão a outras áreas e equipamentos deste conjunto, como a reabilitação do hotel e do parque e a conservação da capela”*¹²⁰. A proposta assentava, de um modo geral, num conjunto de soluções contemporâneas que, teriam como objetivo, dar resposta às novas práticas termais e turísticas, como também garantir uma grande oferta de atividades inerentes às necessidades atuais do mercado. Para o efeito, a proposta iria assentar em dois planos de intervenção diferentes; por um lado na reabilitação e ampliação do hotel, e

¹¹⁹ Termas de Monte Real (s/d). *História das Termas de Monte Real*. [Online]

¹²⁰ PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia, p.312.

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

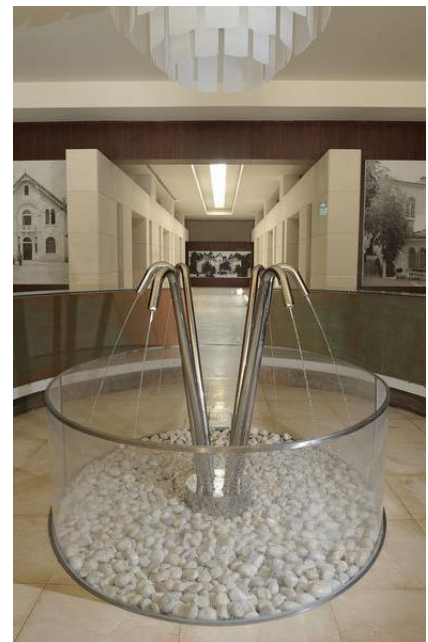
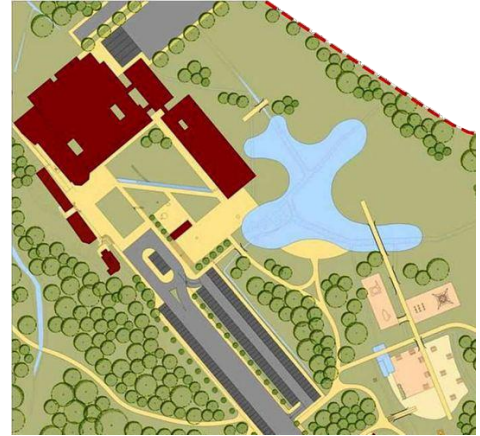
98. Planta da Estância Termal de Monte Real e zona das Termas e SPA.

99. Átrio interior de vidro.

100. Fachada do Palace Hotel Monte Real.

101. Zona Termal.

102. Buvette interior.



por outro, na demolição do antigo balneário, para dar lugar a um novo equipamento termal e um SPA, separando as zonas de tratamento das zonas de lazer. O espaço urbano seria igualmente recuperado, com novos caminhos pedestres, campos de ténis, parque infantil e mini-golf.

Neste contexto, a unidade hoteleira desenvolve-se em dois volumes, constituídos pela pré-existência e pela nova construção, de planta em “L”, articulada através de um elemento envidraçado. Segundo o arquiteto, pretendia-se estabelecer, deste modo, uma transição clara e intencional entre o antigo e o novo, respeitando e preservando o carácter da casa matricial. Como resultado da união do corpo reabilitado com a nova intervenção contemporânea, surge um pequeno espaço verde, que integra uma zona de piscina exterior. O novo equipamento veio integrar um conjunto de funções diversificadas assente em espaços para reuniões, restaurante, bar, sala de pequeno-almoço e 101 quartos.

A unidade termal situa-se deslocada da unidade hoteleira, acessível por uma avenida. De entre as pré-existências, mantiveram-se e reabilitaram-se a capela e três edifícios, em que um deles corresponde ao antigo balneário e buvette. Junto a este, foi construído o novo equipamento termal, que assenta na preservação da memória das antigas estruturas balneares, em termos espaciais e formais, procurando porém, estabelecer uma identidade contemporânea conforme as novas práticas. Tendo em conta a planta quadrangular do edifício e os aspetos de privacidade, grande parte da iluminação é feita a partir de clarabóias e pátios interiores. Quanto ao programa, usufrui de gabinetes médicos, sala de inalação, diversos duches, hidromassagem, eletroterapia, enterólise e piscina de reabilitação.

Perpendicularmente e articulado com o equipamento termal, foi igualmente construído o edifício do SPA, constituído por salas de massagens, hidromassagem, saunas, banhos turcos, piscina, zona de relaxamento e ginásio.

A organização do conjunto edificado resulta numa praça, formada por espaços verdes e elementos urbanos, proporcionando a sua relação com a paisagem envolvente, constituindo o microcosmo termal.

De um modo geral, procurou-se devolver a essência da estância termal partindo da sua memória como base para a sua reconstituição, articulando o velho ao novo, sem nunca perder a sua identidade intrínseca.

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

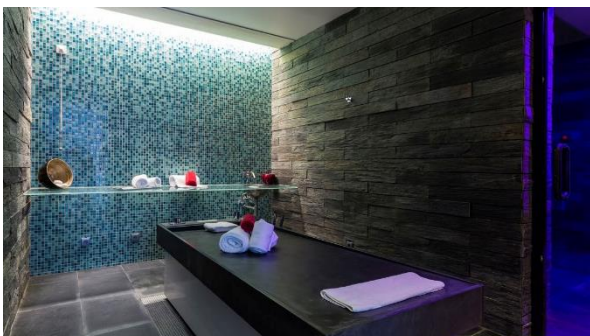
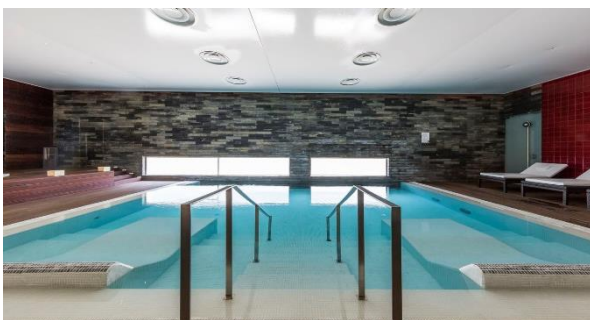
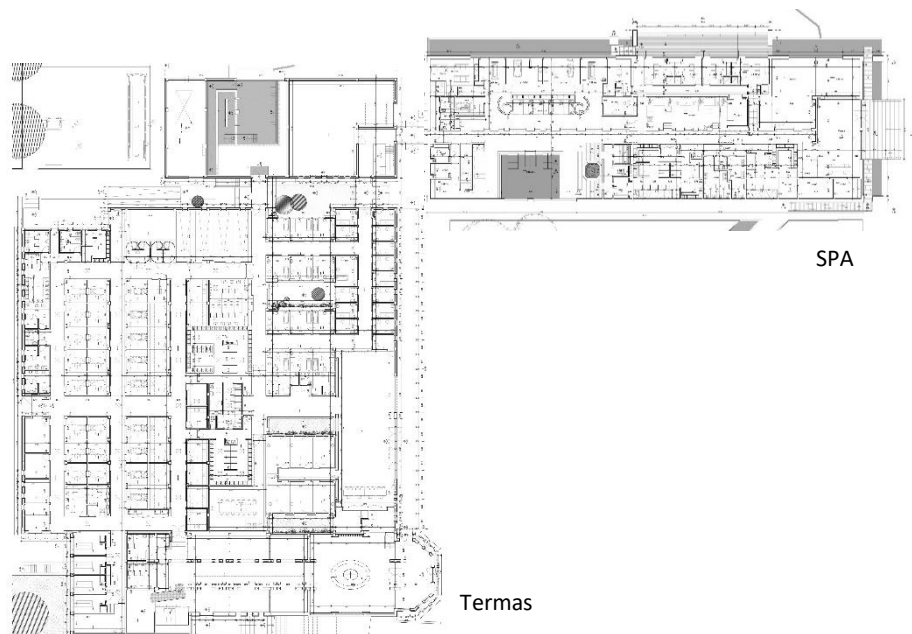
103. Planta do piso térreo das Termas e SPA.

104. Piscina interior do SPA.

105. Zona de relaxamento do SPA.

106. Sala de massagem do SPA.

107. Duche Vichy das Termas.



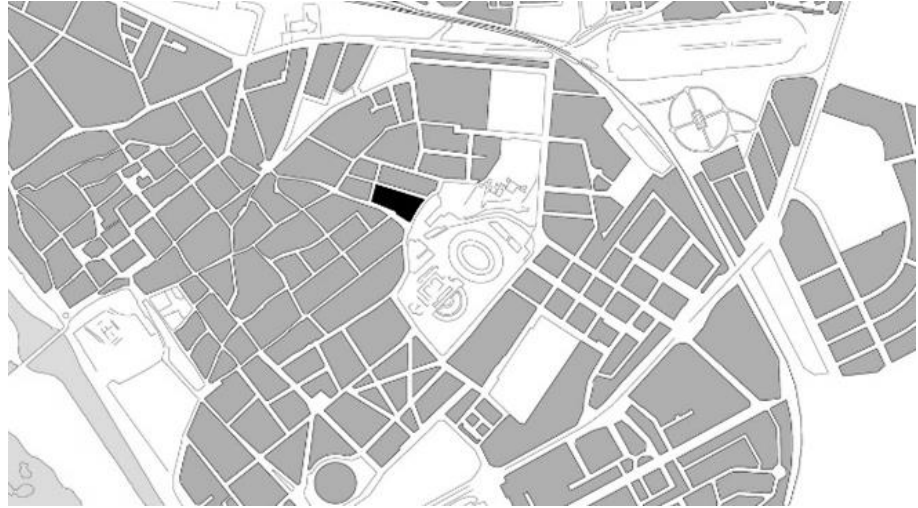
5.4 | Museu Nacional de Arte Romana, Mérida – Rafael Moneo, 1986

Situado na antiga capital romana da Península Ibérica, a Emérita Augusta, atualmente cidade de Mérida, o Museu Nacional de Arte Romana representa, hoje, um importante caso internacional no contexto da preservação do património cultural. Assente na articulação entre história e modernidade, demonstra como a arquitetura pode intervir num local marcado pelo seu passado, sem destruir o seu valor histórico e contribuir para a sua continuidade, assente na memória.

Embora a história do museu remonte ao século XVI, com a constituição de diversas coleções de peças antigas, tais como esculturas e inscrições, a sua fundação deu-se apenas a partir do século XIX, com a construção do primeiro museu na cidade, para albergar os objetos ancestrais que teriam sido guardados no Convento de Jesus, desde o século anterior. Porém, no ano de 1975, com a celebração dos dois mil anos da cidade romana e a receção da categoria de Museu Nacional, veio a estabelecer-se um novo projeto arquitetónico, para substituir as antigas instalações do museu, que se viria a situar na proximidade do anfiteatro romano. Face ao estipulado, o projeto é entregue ao arquiteto Rafael Moneo, que viria a fundar o atual museu em 1986.¹²¹ A preservação das descobertas arqueológicas seria um dos objetivos principais na projeção do museu.

Construído sobre uma estrutura remanescente da cidade romana, uma das maiores e mais preservadas na Europa, a proposta assume desde o princípio uma estratégia assente nos conceitos de memória e de preservação de identidade e na articulação entre a arquitetura contemporânea e a arquitetura romana, como fio condutor para o desenvolvimento do corpo museológico.

¹²¹ Museu Nacional de Arte Romana (s/d). Pasado, Presente y Futuro. [Online]



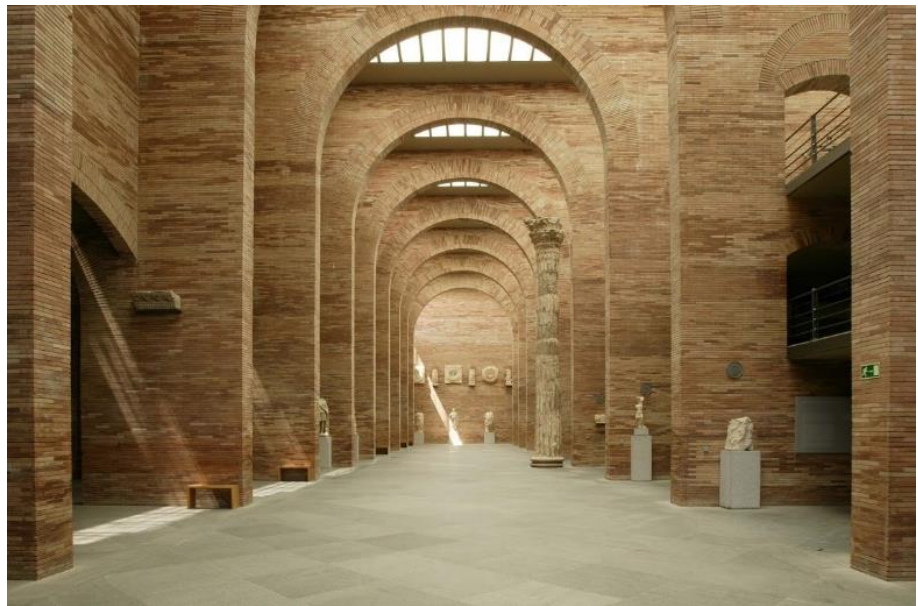
[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

108. Planta de localização do Museu Nacional de Arte Romana.

109. Nave central do museu.

110. Fachada e entrada do museu.

111. Vestígios das ruínas romanas no piso inferior do museu.



“Moneo trabalha com a ideia de memória com uma forte conotação para a engenharia romana tradicional que tem uma forte presença na antiga cidade romana de Mérida”¹²².

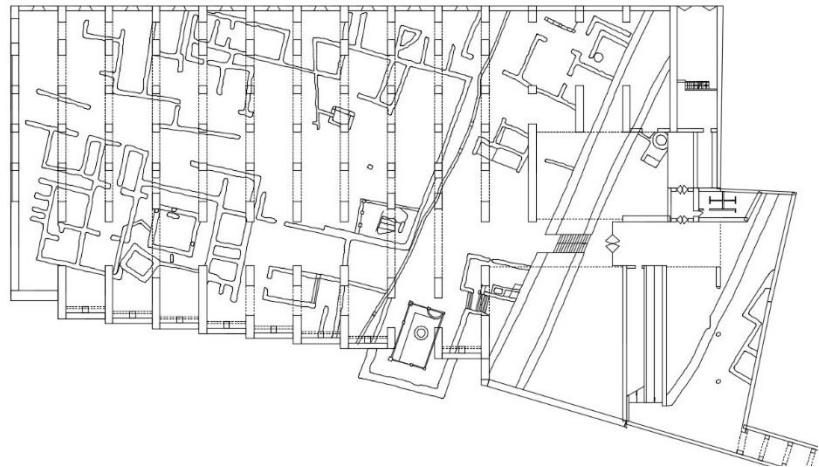
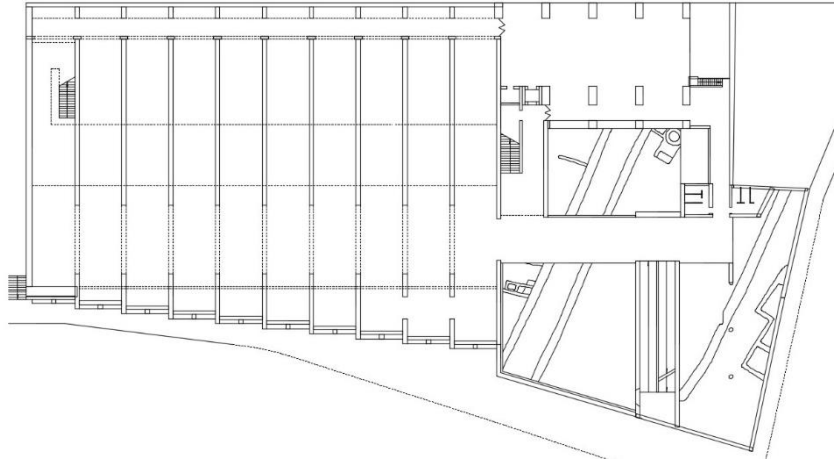
Neste contexto, o conceito definia-se, assim, na apropriação e reconstrução das antigas estruturas da arquitetura romana, fundamentalmente assente na utilização do arco, atribuindo-lhe uma linguagem e interpretação minimalista e contemporânea, com o intuito de lembrar e evocar o passado romano, intrínseco do lugar. Em suma, dar-lhe continuidade histórica.

O museu constrói-se a partir de uma nova grelha estrutural, assente sobre as antigas estruturas em ruína, a partir da qual se erguem as paredes-mestras, dispostas paralelamente, e se situam os dois pisos superiores referentes aos espaços de exposição. De um modo geral, os espaços são articulados entre si por uma série de arcos de diferentes tamanhos, hierarquizando o percurso e as funções do museu. Uma nave central desenvolve-se ao longo do eixo longitudinal do edifício, demarcando o espaço matricial e de maior importância com a presença repetitiva de enormes arcos estruturais. Em torno deste situam-se as galerias superiores, dispostas em “balcão”. A iluminação natural é conseguida através de um conjunto de clarabóias, assentes nas paredes principais. As paredes, colunas e arcos constroem-se a partir da mesma materialidade – o tijolo vermelho –, porém em padrões diferentes, contribuindo para um espaço dinâmico e contemporâneo.

Em suma, trata-se de uma reinterpretação de um passado vivido, recorrendo à memória como ferramenta de referenciação e de reutilização das antigas técnicas, que vieram a ser expostas no processo de arqueologia¹²³.

¹²² VERHEIJ, Robbert (2015). Palimpsest in Architecture: six personal observations. Delft: Faculty of Architecture, p.88. [tradução do autor] [Online]

¹²³ VERHEIJ, Robbert (2015). Palimpsest in Architecture: six personal observations. Delft: Faculty of Architecture, p.90. [tradução do autor] [Online]



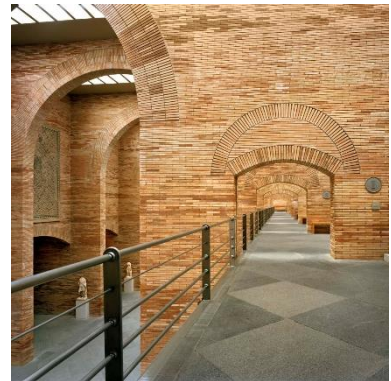
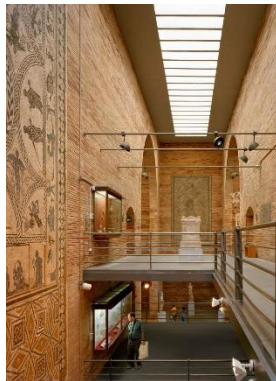
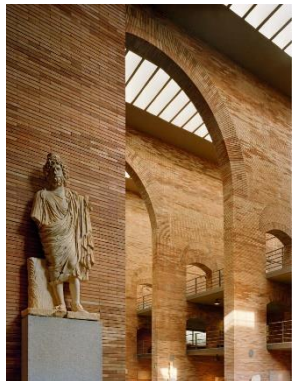
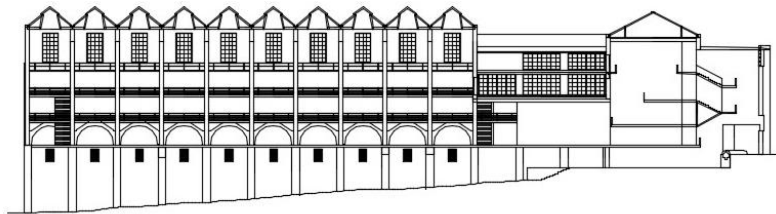
[De cima para baixo]

112. Planta do piso térreo.

113. Planta do piso inferior, com as ruínas romanas.

114. Corte longitudinal.

115. Espaços interiores do museu.



6 | O LUGAR



116. Postal da década 40/50 com a vista geral da Vila de Óbidos e no fundo o Santuário do Senhor da Pedra.

6 | O LUGAR

6.1 | A região da Vila de Óbidos

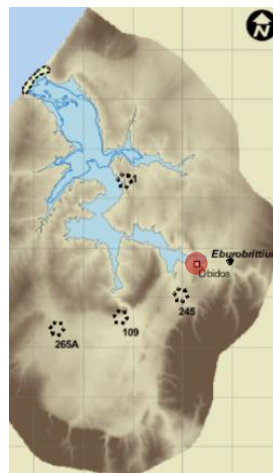
O “lugar” de Óbidos é essencialmente conhecido e representado pela sua estrutura fortificada, utilizada desde tempos remotos como lugar de defesa, e que hoje faz parte do património nacional, sendo um dos lugares mais visitados em Portugal.

Geograficamente, Óbidos¹²⁴ situa-se na Estremadura de Portugal, a zona Oeste da região centro de Portugal, e o seu município encontra-se limitado pelas Caldas da Rainha a Este e Nordeste, pelo Bombarral a sul, pela Lourinhã a Sudoeste e pelo oceano Atlântico a Oeste e Noroeste. A proximidade do mar e a extensa Lagoa de Óbidos seriam os fatores principais para a sua localização e desenvolvimento, por um lado pela extensão da lagoa que em tempos remotos chegava até ao castelo, e por outro pela proximidade costeira que exercia um papel fundamental em termos económicos e no contacto com o mar. *“As excepcionais condições naturais (...), aliadas a exigências de natureza militar, determinaram uma ocupação humana da colina de Óbidos desde longa data”*¹²⁵.

[Da esquerda para a direita]

117. Localização do município de Óbidos.

118. Região da lagoa de Óbidos, há 2000 anos e nos séculos XVIII/XIX, respetivamente. A linha azul corresponde ao limite atual.



¹²⁴ No presente texto, a utilização do termo Óbidos servirá para referenciar essencialmente a Vila de Óbidos (castelo), e não o município.

¹²⁵ BETTENCOURT, Teresa (1990). *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo – séc. XVI e XVII*. Câmara Municipal de Óbidos: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.23.

Segundo diversos autores, a fundação de Óbidos deu-se por volta do ano 308 a.C., com a construção e fortificação das suas primeiras muralhas, pela civilização celta e túrdulos, concebendo o futuro «castro»¹²⁶. Seria, porém com a conquista romana, a partir do século I, que a história e o desenvolvimento da vila se pode traçar. Seria esta a civilização a habitar nela durante cinco séculos e a dar-lhe o nome de Óbidos, derivado de «*Oppidum*» que significa “Vila Fortificada”. A sua ocupação e influências deixariam marcas no território, como escavações arqueológicas iriam confirmar mais tarde, principalmente com a descoberta de um conjunto de estruturas remanescentes de uma cidade romana, denominada por «*Eburobrittium*», constituída por fórum, termas e edifícios de habitação e localizada na proximidade do castelo¹²⁷.

Com o declínio do Império Romano, a vila de Óbidos ainda viria a ser ocupada e tomada em posse pelos visigodos e pelos mouros, porém por pouco tempo, já que em 1148 seria reconquistada pelo rei D. Afonso Henriques. A vila passaria a ser, assim, a morada de vários reis e alvo de inúmeras reedificações e ampliações nas várias dinastias, dando-lhe a imagem que hoje apresenta. Como Teresa Bettencourt afirma: “*Esta excepcional situação defensiva de Óbidos, de que os reis tiveram clara consciência, determinou os frequentes restauros e reforço dos muros do castelo, para que a sua função militar, em caso de emergência, fosse preservada. Refizeram as muralhas de Óbidos D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Dinis, D. Fernando, D. Manuel, D. João III e, finalmente, D. João IV*”¹²⁸.

Depois da reconquista, a Vila de Óbidos seria povoada e reinada pelo rei D. Sancho I, em 1186, marcando “*o início de uma fase importante da sua*

¹²⁶ BOTELHO, Joaquim da Silveira (1996). *Óbidos Vila Museu*. Óbidos: Câmara Municipal de Óbidos. 2ª Edição, p.19.

¹²⁷ RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda, p.19.

¹²⁸ BETTENCOURT, Teresa (1990). *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo – séc. XVI e XVII*. Câmara Municipal de Óbidos: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.22.

*história: a ligação à corte e, futuramente, às rainhas de Portugal*¹²⁹, mas também contribuindo para o desenvolvimento e povoamento da vila. Esta passou a fazer parte da “Casa das Rainhas” de Portugal, entre 1210 e 1834, uma tradição que estabelecia a oferta da vila às rainhas, tendo sido iniciada por D. Afonso II, que decidiu doar, pela primeira vez, a vila à sua mulher, D. Urraca.

Porém, é durante a dinastia de D. João II, que o termo de Óbidos ganha um novo estatuto, com o retiro da rainha D. Leonor para a vila, em 1491, depois da morte do seu filho. Seria ela a contribuir para a fundação do primeiro Hospital Termal e para o nascimento da cidade de Caldas da Rainha (antes denominada por Caldas de Óbidos). Junto ao rio Arnoia, a rainha mandaria construir a sua casa, nomeadamente a Quinta das Flores, onde residia nas suas frequentes visitas a Óbidos e às Caldas da Rainha.

A partir do século XVI, procurava-se estabelecer cada vez mais uma relação entre a vila e o seu território envolvente, vindo a ser caracterizado principalmente com duas construções de grande importância, o Convento de São Miguel de Óbidos, construído em 1560, e o Santuário do Senhor da Pedra, construído em 1740. O convento, que inicialmente se localizava junto à lagoa, viria posteriormente, no século XVII, a ser transferido para as Gaeiras (correspondente ao território da Quinta das Flores), devido “*à insalubridade das águas e das pragas de mosquitos naquele local*”¹³⁰.

Seria também durante este século, que se daria um rápido crescimento populacional em Óbidos, devido ao clima, às propriedades dos terrenos, indicados para a exploração agrícola, e proximidade do mar, proporcionando o desenvolvimento de povoações em torno da vila e o assentamento de famílias favorecidas em diversas quintas, que ocupariam a várzea da Rainha.

¹²⁹ ALVES, Afonso; LIMA, Luís (1988). *Óbidos: Recantos do Tempo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.6.

¹³⁰ SILVA, Eduardo João; BATISTA, Carlos Manuel; TORMENTA, João Pedro; PEREIRA, Ricardo (2012). *Monografia de Gaeiras*. Gaeiras: Junta de Freguesia de Gaeiras, p.43.

Destes destacam-se principalmente a Quinta das Gaeiras, da família Pinheiro e a Quinta Freire de Andrade (hoje Quinta das Janelas), da família Freire de Andrade.

A partir da segunda metade do século XX, com o restauro das muralhas e adaptação do castelo em pousada, a vila de Óbidos veio a tornar-se essencialmente um lugar para o turismo, tendo em conta que representa um dos mais bem conservados castelos em Portugal.

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

120. Convento de São Miguel de Gaeiras.

121. Santuário do Senhor da Pedra.

122. Vila de Óbidos.

123. Rua direita da Vila.



1.1 | A Identidade Termal

Desde cedo que a localização de Óbidos no vale tifónico¹³¹ favorece a existência de um conjunto de nascentes termais no seu território, construindo em torno deste uma identidade termal que se veio manter durante várias épocas.

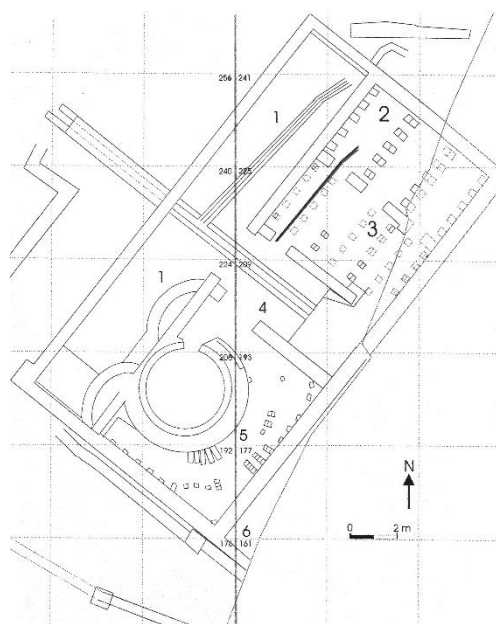
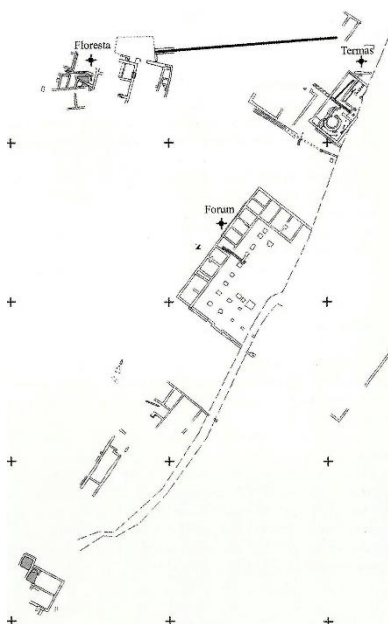
A identidade termal em Óbidos remete-nos para a ocupação romana, que cedo se apercebeu da existência de água termal neste território e se aproveitou dela. Teria sido esta, uma das principais razões para o seu assentamento, já que exercia um papel fundamental na sua vida quotidiana. Vestígios da sua instalação e da utilização das águas termais foram encontrados na descoberta de uma cidade romana, em 1996, durante a construção das estradas IP6 e IC1, denominada por «*Eburobrittium*». Situada na Quinta das Flores e junto a uma nascente termal, esta cidade dispunha de uma estrutura balnear de grandes dimensões. Porém, com a construção da variante, foi apenas colocada a descoberto uma das extremidades, nomeadamente a zona dos banhos quentes, essencialmente constituída por um *Laconicum* com uma piscina redonda, uma sala quente, uma sala de banhos, um corredor de serviços e um *Praefurnium*¹³². Seria os romanos a desenvolver “*grande parte das águas termais portuguesas, inclusivamente as de Óbidos*”¹³³.

A cultura termal voltaria a exercer um papel fundamental no território, durante a Idade Média, com a construção de várias gafarias e do Hospital Termal, para o tratamento da peste e da lepra, já conhecidos os efeitos milagrosos das águas termais.

¹³¹ O vale tifónico associa-se a uma estrutura diapírica, resultante da ascensão de níveis mais profundos da crosta para a superfície, constituídos por argilas e calcários. O Vale das Caldas da Rainha situa-se entre a Lousã/Nazaré e a Serra d’Aire e é conhecida pelos recursos minerais, tais como as águas termais, e gesso.

¹³² MOREIRA, João (2002). *Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos*. Porto: Mimesis, p.

¹³³ RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda., p.28.



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

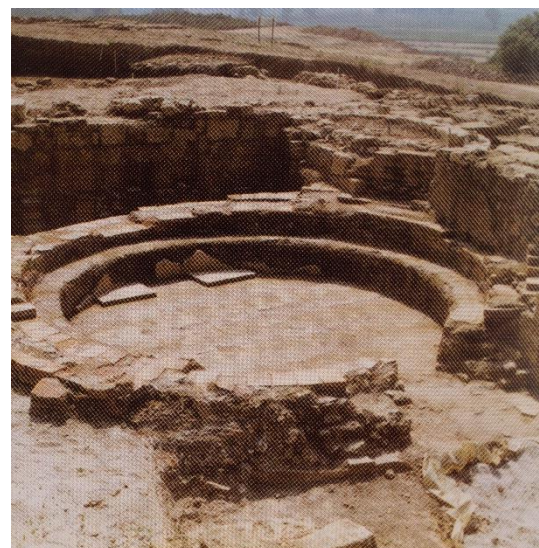
123. Mapa de localização da Cidade Romana Eburobrittium.

124. Planta geral dos vestígios arqueológicos.

125. Planta de uma parte do edifício termal.

126. Zona Arqueológica com parte do Edifício Termal.

127. Zona Arqueológica com o lacónico à vista.



Atualmente são referenciáveis três nascentes de águas sulfurosas em Óbidos, nomeadamente a Fonte de Óbidos, a Fonte dos Arrábidos e as Caldas das Gaeiras. Embora sejam referenciadas desde o século XIV, seria só a partir do século XVIII que se dedicaria uma análise e descrição relativamente às suas propriedades térmicas e químicas¹³⁴.

A Fonte de Óbidos, também denominada por Olho de Água, localiza-se junto ao rio Arnoia, mais especificamente na área que integra a Quinta das Flores e as ruínas da cidade romana. Em 1726, Francisco Fonseca Henriques descreve-a: “ (...) e se embargo de que tem um tanque, em que se tomavam banhos, hoje se usa pouco estas Caldas, porque quem há mister este remédio, ou vai aos banhos das Caldas da Rainha, ou os toma na quinta dos Freires, em que os tanques cobertos, e se tomam com melhor comodidade.”¹³⁵

A Fonte dos Arrábidos, como o nome refere, localiza-se junto ao Convento de São Miguel e pertencia inicialmente à propriedade do Hospital Real das Caldas. Estas águas seriam utilizadas essencialmente na moagem de cereais e na rega dos terrenos agrícolas. Em 1810, *“Francisco Tavares descreve, como uma pequena fonte, talvez, de um anel de água da mesma natureza da de Caldas da Rainha, porém menos graduada em calor, servindo para regar a terra das redondezas”*¹³⁶.

As Caldas das Gaeiras, ao contrário, das anteriormente referidas, seriam as que mais teriam uso na prática termal. Estas águas situam-se na propriedade da atual Quinta das Janelas e *“brotam do fundo de uma piscina construída dentro de uma casa abobadada. Estão inteiramente abandonadas, apesar de serem dignas de melhor sorte. A espécie é a mesma que a das Caldas da*

¹³⁴ BETTENCOURT, Teresa (1990). *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo – séc. XVI e XVII*. Câmara Municipal de Óbidos: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.20.

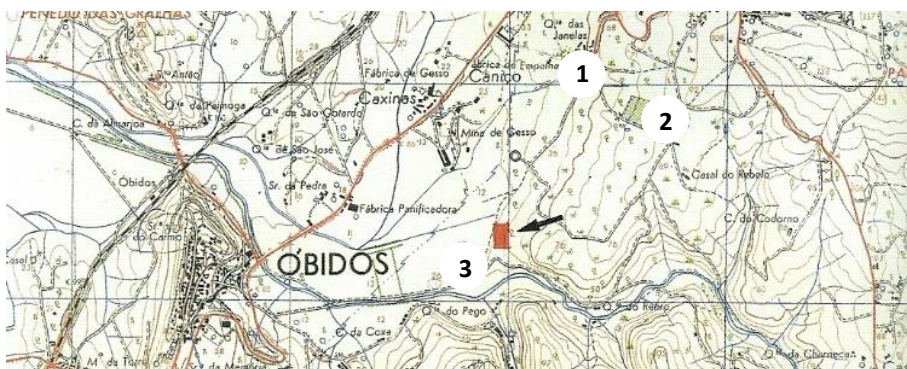
¹³⁵ HENRIQUES, Francisco In MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 46.

¹³⁶ RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda., p.48.

*Rainha*¹³⁷. Segundo Francisco Tavares o balneário constituía-se por um tanque que podia acomodar 12 pessoas, coberto por uma abóboda, e adjacente a este localizavam-se duas salas que se destinavam ao descanso e ao abafo das doenças¹³⁸.

No livro *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, de Ramalho Ortigão, encontram-se descritas as características inerentes das águas destas nascentes, em termos da temperatura e das suas aplicações. Estas águas, límpidas e transparentes, por sua vez, possuem o sabor e cheiro típico das águas sulfúreas, tais como as das Caldas Da Rainha, embora com ligeiras diferenças nas suas composições químicas e temperaturas. A Fonte de Óbidos e dos Arrábidos têm, respetivamente 27,4º e 29,2º, e deixam “*um depósito alvacento e amarelado de enxofre precipitado*”. As Caldas das Gaeiras têm uma temperatura de 32,8º, e tal como as duas anteriores servem para tratamentos de doenças de pele, reumatismo, laringites, bronquites e paralisias¹³⁹.

Contudo, estas nascentes não tiveram o mesmo desenvolvimento que as das Caldas da Rainha, mantendo-se uma exploração reduzida por parte da população local e encontrando-se hoje em dia ao abandono e sem perspectivas futuras para a sua utilização.



128. Localização das três nascentes de água sulfúrea.

Legenda:

- 1 – Caldas das Gaeiras
- 2 – Fonte dos Arrábidos
- 3 – Fonte de Óbidos

¹³⁷ ORTIGÃO, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz. (p.97)

¹³⁸ SILVA, Eduardo João; BATISTA, Carlos Manuel; TORMENTA, João Pedro; PEREIRA, Ricardo (2012). *Monografia de Gaeiras*. Gaeiras: Junta de Freguesia de Gaeiras. (p.90)

¹³⁹ ORTIGÃO, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz. (pp.209-213)

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

129. Piscina interior do Balneário.

130. Interior do balneário.

131. Balneário da Quinta das Janelas.



6.2 | As Casas Senhoriais do século XVII

*(...) A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo (...).*¹⁴⁰

As casas senhoriais têm vindo a ganhar novamente um valor significativo no contexto territorial, como elementos matriciais urbanos ou rurais, e têm vindo a ser objetos relevantes na preservação do património cultural e na construção da identidade nacional. Atualmente são alvo de intervenções, a nível de reabilitação e de transformação, com o objetivo de reviver um passado esquecido.

Segundo Hélder Carita, o conceito de casa senhorial vem a definir-se essencialmente por: *“Mais que um simples habitat, a casa senhorial, nas variadas formas e modelos que vai assumindo, como paço, casa-torre, palácio urbano, quinta ou solar rural, apresenta-se como uma estrutura simbólica de representação do poder de uma família e da sua hierarquia no contexto da sociedade em que se enquadra”*¹⁴¹. Deste modo, a casa seria um objeto de representação do poder de um proprietário (entidade única e superior) sobre um determinado território e sobre as pessoas que nele residiam e trabalhavam. A casa viria a representar a linha hereditária da identidade familiar que nela reside, ao longo do tempo, mas também viria a definir-se como elemento socialmente estruturante.

Ao longo da época tardo-medieval, com a introdução do conceito de «senhorio»¹⁴², a exploração dos territórios viria a seguir uma hierarquização dos estratos sociais consoante os seus poderes e valores jurídicos, em que o

¹⁴⁰ BACHELARD, Gaston in LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópico, p.39.

¹⁴¹ CARITA, Hélder; CARDOSO, Homem (2015). *A Casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya.

¹⁴² O conceito define o domínio do senhor sobre um território particular, que implica a relação direta entre a terra e as pessoas que residem nela. LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópico, p.22.

rei desempenhava o papel principal, o de ‘senhor’, regendo as terras da população e o castelo. O último representaria a ‘casa’ e o elemento de centralidade omnipresente, que viria estabelecer o marco da territorialidade e a matriz do seu desenvolvimento, posterior exemplo para a evolução progressiva das casas senhoriais. Deste modo, *“fundamental para a compreensão da estruturação socio-territorial portuguesa é por um lado o efectivo relacionamento da identidade de um senhor a uma ‘casa’ e à especificidade de um território”*, em que, *“toda a estrutura territorial tendesse a surgir hierarquizada pela sede simbólica e desse mesmo poder”*¹⁴³.

132. Quinta das Lapas (século XVII/XVIII), Torres Vedras.

O século XVII assumiu-se como período de transição entre a expressão renascentista e barroca, desenvolvendo novas características espaciais e decorativas (azulejaria) relativamente ao interior e ao exterior das casas senhoriais, desencadeando novas abordagens tipológicas, que viriam a responder às necessidades do tempo. Depois de um período de austeridade religiosa e de uma sociedade limitada, a época veio a proporcionar uma nova consciencialização sobre os valores das casas senhoriais e a sua relevância no território nacional, contribuindo para a sua reabilitação e para a criação de novos projetos de residências senhoriais.



¹⁴³ LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Seneorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 23,24.

Seria neste contexto, no processo de desenvolvimento das casas senhoriais, que se viria a introduzir uma nova tipologia arquitetónica: a casa de planta em “U”. Esta tipologia, por sua vez, viria tornar-se numa referência corrente e característica do território português, relativamente à arquitetura doméstica, pela sua *“concepção ordenada e lógica e um rigor até então desconhecido”*¹⁴⁴. São exemplos desta arquitetura, a Casa de Vale de Flores, em Braga e o Palácio Galveias, em Lisboa.

O desenvolvimento desta tipologia deveu-se principalmente às novas formas de habitar, que vieram a introduzir uma nova abordagem na organização espacial da casa, tal como Ana Marta Feliciano refere, *“até ao século XVII, verifica-se que a estrutura morfológica da residência seria constituída por um conjunto de divisões ou compartimentos de grandes dimensões, facto que propiciaria um uso multifuncional dos espaços; a partir do século XVII assiste-se então a uma progressiva criação de aposentos específicos, com decoração própria para a fruição de momentos de isolamento, leitura ou escrita”*¹⁴⁵. De um modo geral, o interior era marcado pela transformação das dimensões, da multiplicidade e da funcionalidade dos compartimentos da casa, atribuindo usos específicos aos espaços. Contudo ainda se verificava a inexistência de corredores, em que a circulação era essencialmente feita através dos sucessivos compartimentos interiores.

[Página seguinte: *de cima para baixo*]

A consolidação da tipologia de planta em “U”, face às tendências mencionadas, traria variações a nível do seu desenho e relação com o território envolvente. Neste contexto viriam a estabelecer-se duas vertentes – a do «pátio fechado» –, definido por um muro que une as duas alas laterais, no qual se encontra o portão de entrada com o brasão da família; e a do «pátio aberto», caracterizada pela inexistência do muro, eliminando, assim,

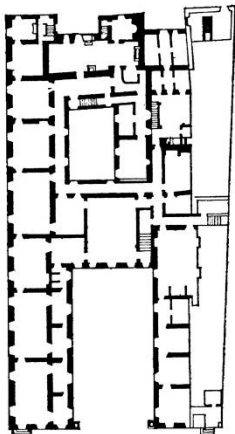
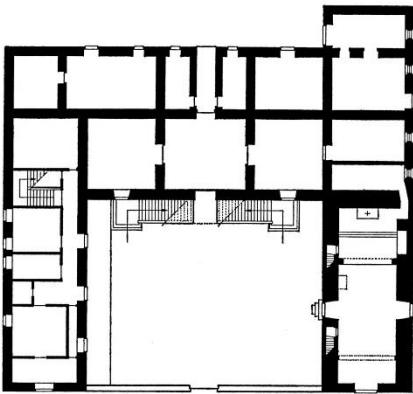
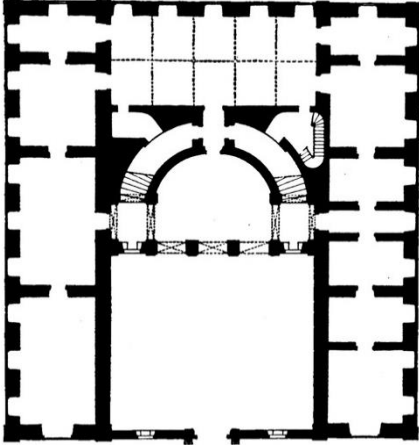
133. Vista e planta do Palácio Galveias, Lisboa.

134. Vista e planta do Palácio de Vale de Flores, Braga.

135. Vista e planta da Casa de Calhariz,

¹⁴⁴ DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, p.57.

¹⁴⁵ LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópio, p.182.



a relação entre o exterior e interior em analogia ao público e privado, como no caso da Casa de Calhariz, na Arrábida.

“A partir de agora a casa é um pequeno mundo que contém em si as comodidades que a vida exigia. Por isso, o andar térreo era destinado a serviços indispensáveis, arrecadações, etc., e o primeiro andar – o «andar nobre» - se reserva para a família habitar. No conjunto, a capela desempenha um papel cada vez mais importante”¹⁴⁶.

O século XVII, ainda veio a definir-se por outros elementos relevantes na caracterização da casa senhorial desta época, relativamente à sua imagem e componentes urbanos. Seria a organização de fachada, o jardim e a introdução da arte do azulejo, que representariam os elementos inerentes da sua linguagem e morfologia e que viriam a ser repetidos nas diferentes casas setecentistas.

O exterior da casa ficava marcado pela fachada simples e contínua, desenvolvida em comprimento, para dar profundidade, seria preenchida com um conjunto de grandes vãos, repetidos de forma regular.

Por sua vez, o jardim, veio exercer *“um papel determinante na concepção e vivência do espaço da casa durante o século XVII”*, contribuindo *“de forma global para o universo essencialmente privado e claramente afastado em relação ao exterior da residência senhorial (...)”¹⁴⁷*. Apresentava, principalmente um desenho clássico e rigoroso, integrando como elementos relevantes as fontes e os lagos. De um modo geral, pretendia-se com o jardim complementar a imagem da casa senhorial, dando-lhe uma certa extensão, adaptando-se muitas vezes à topografia do território, onde se inseria.

A introdução do azulejo nas fachadas das casas senhoriais começa a assumir um papel significativo na definição intrínseca dos espaços habitacionais,

¹⁴⁶ DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, p.58.

¹⁴⁷ LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópio, p.184.

atribuindo-lhes carácter, essencialmente associado à zona nobre da casa. Em suma, os painéis de azulejo “vão imprimir a estas casas uma faceta muito particular, seja pelo seu imediato efeito de ornamentação, que densificará a simplicidade formal da arquitectura doméstica seiscentista, seja pelas declarações sobre a imagética simbólica das vontades e desejos dos seus encomendadores”¹⁴⁸.

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

136. Quinta dos Marqueses da Fronteira (segunda metade do séc. XVII), Lisboa.

137. Vista do painel de azulejos da «Galeria das Artes».

138. Vista sobre o jardim da Quinta dos Marqueses da Fronteira.



¹⁴⁸ LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade: A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópio, p.186.

6.2.1 | A Quinta das Janelas

A Quinta das Janelas é uma quinta rural, do princípio do século XVII¹⁴⁹, rodeada por vastos campos de cultivo e de mato, localizada a nordeste da Vila de Óbidos e, na proximidade do Convento de S. Miguel e das ruínas da cidade romana *Eburobrittium* e Quinta das Flores. O território onde se insere denominava-se inicialmente por Quinta dos Mosqueiros e pertencia, com a Quinta das Flores (casa da Rainha D. Leonor), à propriedade de pertença da Casa das Rainhas até ao século XVII, sendo usadas desde o período de donataria da Rainha Santa Isabel.

A quinta foi mandada construir pela família Freire de Andrade no início do século XVII, cujo brasão ainda se encontra sobre o portão, passando a denominar-se por Quinta dos Freires. Nesta altura a casa era utilizada como residência e exercia essencialmente atividades de exploração agrícola. No final do século XIX a quinta passa a pertencer à família Gama designando-a por Quinta das Janelas. Durante este período, a quinta exercia, para além da produção agrícola, atividades de exploração mineira e tratamento industrial de gesso¹⁵⁰.

Característico das casas senhorias do século XVII, a casa principal da quinta constrói-se à volta de um espaçoso pátio fechado por muros e gradeamento, onde se insere o portão de armas, constituindo a forma em “U”. As três alas da casa, de dois pisos, diferem um dos outros, tendo em conta às diferentes funções que exercem: o corpo da esquerda, de carácter mais nobre, corresponde à moradia e integra a Capela da Nossa Senhora do Desterro; o corpo central corresponde à área habitacional do pessoal de serviço e integra celeiros; e o corpo da direita corresponde às arrecadações e integra a casa do feitor.

¹⁴⁹ A Quinta das Janelas foi construída no século XVII, mas sofreu alterações e ampliações ao longo do tempo, principalmente durante o século XVIII e XIX.

¹⁵⁰ SILVA, Eduardo João; BATISTA, Carlos Manuel; TORMENTA, João Pedro; PEREIRA, Ricardo (2012). *Monografia de Gaeiras*. Gaeiras: Junta de Freguesia de Gaeiras, p.89.



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

139. Vista área da Quinta das Janelas. Foto da década de 90, antes da construção da autoestrada.

140. Postal de 1910 da entrada da Quinta das Janelas.

141. Mapa de localização da Quinta das Janelas.

142. Vista atual da entrada da Quinta das Janelas.



Em torno destes constroem-se outros edifícios de funções complementares à exploração agrícola. Em que, *“o conjunto principal é separado das vacarias, áreas de criação de animais, casa de alfaias, lagares, adegas e picadeiro e outros calcetados, formando um largo fronteiro à entrada principal, rematado por um chafariz com tanque”*¹⁵¹. Tal como nas outras casas senhoriais do século, o interior não dispõe de corredores, sendo feita a circulação através dos sucessivos compartimentos.

Da quinta faz ainda parte um grande jardim de linguagem renascentista, situado à Oeste da casa principal. Este, por sua vez, é acedido por um terraço pertencente à casa, através de uma escadaria de dois lanços curvos. No século XVIII, durante a residência de Faustino da Gama, foram ainda aplicados painéis de azulejos do período rococó, provenientes do convento de Vale Benfeito, às paredes exteriores da ala da moradia.

A existência de uma nascente de águas sulfurosas na propriedade, as Caldas das Gaeiras, contribuiu para a construção de um balneário termal na proximidade do conjunto habitacional, que fora inicialmente utilizado pelos moradores das povoações próximas, e posteriormente, pelos proprietários e operários da fábrica de gesso, até ao final do século XX. A estrutura balnear encontra-se embutida na topografia do terreno e representa uma planta quadrangular com dimensões de 7x7m. O seu interior é dividido em duas salas iguais, em que cada uma é constituída por um tanque de banhos e por uma antecâmara correspondente à sala de descanso e abafo. Os compartimentos dos tanques são quadrangulares e apresentam um teto abobadado, *“onde 12 pessoas podiam tomar banho simultaneamente com alguma comodidade”*¹⁵².

¹⁵¹ CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS (2009). *Revisão do Plano Diretor Municipal. Património Inventariado – Fichas*. Município de Óbidos: Gestão Integrada de Projetos e Planeamento, p.2.

¹⁵² RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda., p.48.



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

143. Vista para a Moradia e Capela.

144. Vista para o pátio interior e o edifício.

145. Portão de entrada com o brasão da Família Freire de Andrade.

146. Vista para o painel de azulejos e porta da Capela.



7 | POPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS



147. Vista aérea da Quinta das Janelas, da década de 90.

7. Proposta de uma Estância Termal na Quinta das Janelas

7.1 | Estratégias de Intervenção

A localização favorável e a identidade particular inerente à área de intervenção, nomeadamente a Quinta das Janelas em Óbidos, vieram marcar o ponto de partida para o desenvolvimento de um conjunto de estratégias e consequente definição do fio condutor para o processo de trabalho em questão.

A proximidade da Vila de Óbidos, como património nacional e núcleo turístico, e a existência de uma fonte termal, como também de vestígios de uma estrutura termal romana, na área de intervenção, tornaram-se premissas fundamentais no estabelecimento dos objetivos gerais e da definição da nova função programática. Neste contexto, a presente proposta tem como objetivo principal não só devolver a identidade matricial da Quinta da Janelas como também trazer novas oportunidades e potencialidades para o desenvolvimento regional, no âmbito do turismo, já que esta se apresenta como atividade predominante.

Assim, pretende-se por um lado requalificar as pré-existências e a área urbana envolvente correspondente ao limite da Quinta, com o intuito de criar uma nova centralidade, e por outro, integrar uma nova valência no programa turístico, aproveitando a fonte termal existente na zona de intervenção, de forma a dinamizar e restituir a identidade da zona. Em suma, pretende-se preservar os valores patrimoniais, tanto a nível cultural e termal, e criar um lugar que venha responder aos novos interesses e necessidades da sociedade atual.

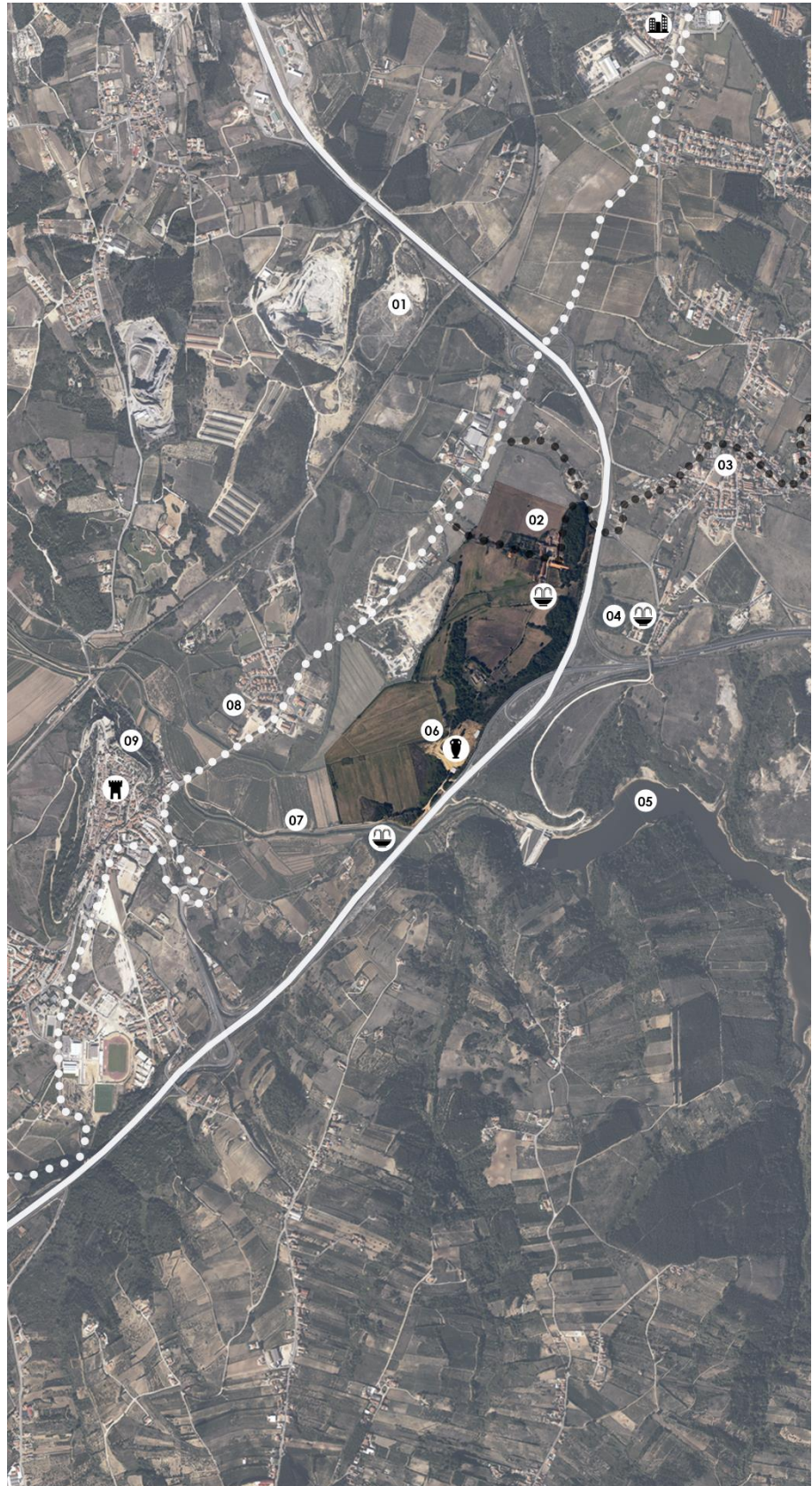
Para tal procurou-se estabelecer um programa com uma certa escala arquitetónica e urbana, capaz de estabelecer uma relação direta entre a Quinta e a Vila de Óbidos, mas que também pudesse fornecer um conjunto diversificado de atividades, que com base na análise das características predominantes da zona a intervir, assente no turismo e termalismo.

Face ao referido, o presente projeto vem, assim, assentar na proposta de uma Estância Termal na Quinta das Janelas, com o objetivo de expandir a oferta de turismo em Óbidos, no âmbito do bem-estar e da saúde, e que possa vir a pertencer ao roteiro nacional termal.

Neste contexto, a proposta pretende por um lado, revitalizar a nascente termal existente junto à Quinta das Janelas com uma nova unidade termal, promovendo o termalismo como elemento identitário do lugar. Por outro lado, reabilitar e adaptar a casa senhorial numa unidade hoteleira, no contexto de salvaguarda patrimonial, preservando a sua identidade matricial como elemento hierarquizador da envolvente urbana. Em suma, pretende-se reintegrar o termalismo como função inerente ao lugar e atribuir novas finalidades à casa senhorial e às pré-existências circundantes. Complementarmente à Estância, propõe-se transformar as ruínas da cidade romana *Eburobrittium* num núcleo arqueológico e museológico com o objetivo de preservar os vestígios ancestrais e promover o conhecimento histórico-cultural.

Localizado entre a cidade termal das Caldas da Rainha e a Vila de Óbidos, a proposta da Estância Termal, poderá vir a contribuir na dinamização da zona e na preservação de uma vasta cultura e identidade termal. Isto é, com a sua oferta diversificada de serviços, assente essencialmente no conceito do termalismo contemporâneo, no âmbito da cura e do lazer, poderá vir a constituir-se numa mais-valia para o local, transformando-se num novo núcleo termal para todo o tipo de aquista.

Em suma, a proposta que se apresenta pretende, acima de tudo, reutilizar e requalificar a Quinta das Janelas como novo cenário para o Turismo de Saúde, propondo um conjunto de equipamentos diversificados que venham perfazer o microcosmo termal e representar o culto das águas.



148. Vista aérea da zona envolvente à área de intervenção (sem escala).

Legenda:

- 01 – Parque Tecnológico
- 02 – Quinta das Janelas
- 03 – Vila de Gaeiras
- 04 – Convento de São Miguel das Gaeiras.
- 05 – Barragem do Rio Arnóia.
- 06 – Zona Arqueológica *Eburobrittium*
- 07 – Rio Arnóia
- 08 – Santuário do Senhor da Pedra
- 09 – Vila de Óbidos



Fontes Termiais

7.2 | Plano Urbano

Escala Territorial da Quinta das Janelas

A grande extensão territorial da Quinta das Janelas e o seu isolamento perante os aglomerados urbanos próximos, a Vila de Óbidos e as Gaeiras, determinaram a necessidade de estabelecer um plano estratégico que não só pudesse tirar o maior partido do território e dos elementos pré-existentes, como também revalorizar a área em questão como nova centralidade, através da sua reestruturação e requalificação no âmbito da salvaguarda patrimonial. Neste contexto, torna-se objetivo principal criar um Parque Urbano, com um conjunto de valências assentes nas vertentes paisagísticas, terapêuticas e recreativas, que possa estabelecer-se como elemento integrante da Vila de Óbidos.

Deste modo, com base na localização e características dos elementos pré-existentes, a estratégia assenta na organização do espaço urbano em dois núcleos gerais: I) Núcleo Termal, constituído por Hotel, Termas, Centro de Investigação de Termalismo, Restaurante, Centro Cultural e de Conferências e espaços públicos; e II) Núcleo de Interesse Público, que pode ser subdividido em duas zonas, uma referente à zona de restaurantes e outra, à zona arqueológica e museológica. Relativamente à restante área verde, propõe-se a continuação da exploração agrícola com apoio de um novo equipamento agrícola, já que se trata de uma atividade ainda em funcionamento.

O Núcleo Termal vem localizar-se na área que corresponde à Casa Senhorial, já que esta integra a fonte termal, elemento fundamental para a constituição da Estância Termal. Por sua vez, o Núcleo de Interesse Público vem localizar-se a sul da área anteriormente referida, nomeadamente junto aos antigos estábulos e às ruínas da cidade romana *Eburobrittium* e da Quinta das Flores. Pretende-se, assim, criar um lugar dedicado ao lazer e à cultura, com base na reabilitação dos estábulos numa área gastronómica, onde se poderá tomar

refeições com produtos locais e participar em provas de vinhos regionais, e na projeção de um novo edifício museológico e arqueológico, onde os visitantes podem adquirir conhecimentos sobre a história local e os vestígios romanos. Complementarmente, entre as duas áreas referidas, propõe-se a projeção de um anfiteatro ao ar livre para a realização de eventos. Os dois núcleos encontram-se interligados por meio de vias pedonais, automóvel e ciclovias, que vão dar aos diferentes pontos de acesso da Quinta.

O acesso à Estância Termal pode ser feita através de duas entradas na Quinta, uma através da N8, que corresponde à via principal, e outra, a norte da herdade e junto à Vila das Gaeiras, que corresponde a uma via secundária. Para além destes, situada a sul, existe uma terceira entrada (acessível pela N8), que vem fornecer o acesso à zona arqueológica, como também permitir a ligação da Quinta das Janelas com a Vila de Óbidos.

Assim, o extenso espaço urbano tem por finalidade oferecer uma zona recreativa e de lazer para os habitantes do município, mas também contribuir para o desenvolvimento da identidade local.

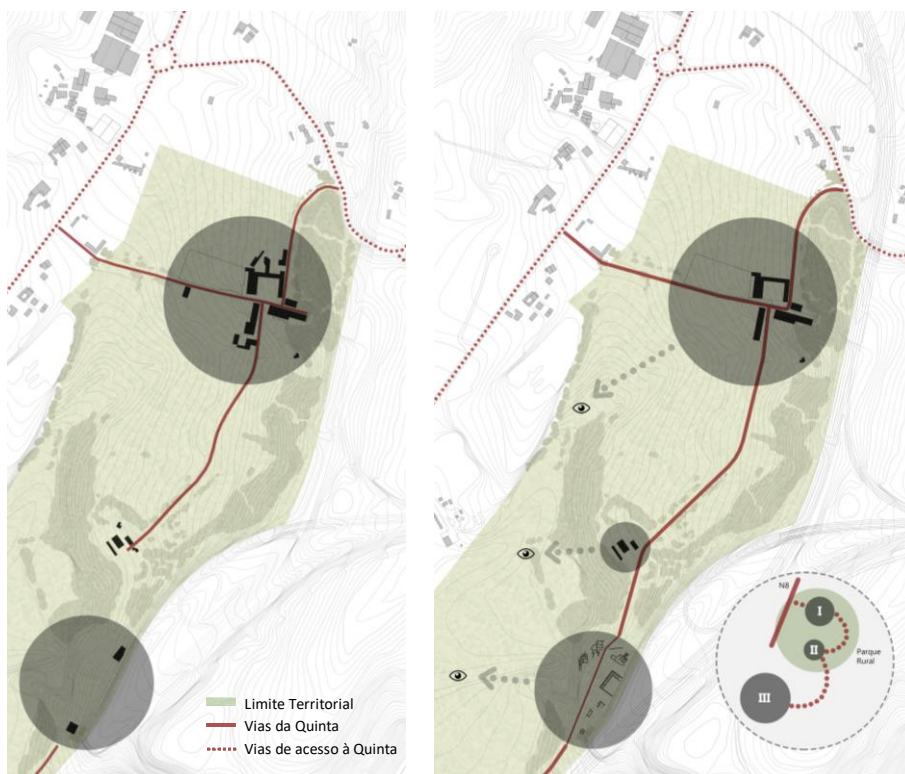
[Da esquerda para a direita]

149. Planta do existente (sem escala).

150. Planta do conceito e estratégia urbana (sem escala).

Legenda:

- 👁 Vista para o Castelo
- Áreas construídas
- Vias de acesso automóvel e pedonal
- I – Estância Termal
- II – Zona de Interesse Público
- III – Vila de Óbidos





151. Proposta da solução arquitetónica do contexto urbano (sem escala).

Legenda:

- 01 – Estância Termal
- 02 – Zona de restaurantes
- 03 – Zona Arqueológica e Museológica

Escala Urbana da Estância Termal

O conceito de estância termal tem vindo a ser definido ao longo do tempo através da sua diversidade programática, tendo em conta que se localizavam maioritariamente longe dos centros urbanos. Deste modo, procuravam sempre estabelecer um lugar funcional e multifacetado, capaz de oferecer todo um conjunto de serviços, respeitando as vertentes terapêuticas e lúdicas, de forma a garantir uma boa estadia ao aquista e contribuir para o seu bem-estar físico e mental.

Neste contexto, definiu-se que a proposta ia estabelecer-se a partir de um conjunto de edifícios, pré-existentes e novos, de funções diferenciadas, que visariam não só responder às necessidades atuais da atividade termal e turística, como também tornar o projeto rentável ao longo do ano. Assim, decidiu-se que o programa viria a ser constituído por equipamento termal, equipamento hoteleiro, equipamentos culturais e de lazer, equipamento desportivo e equipamento ambiental, estrategicamente integrados na Quinta das Janelas, já que representam elementos essenciais na construção da imagem e da identidade termal.

Embora a quinta apresente uma ligação ao termalismo, considerando a fonte termal e o pequeno balneário existente, nunca veio a desempenhar a função termal em grande escala, tendo exercido principalmente as funções habitacional e agrícola. Deste modo, tornou-se fundamental determinar uma estratégia de integração da nova função no contexto pré-existente, de forma a garantir o seu bom funcionamento. Assim, com base no lugar e na sua organização funcional, procurou-se ter em consideração o valor matricial do edificado existente e as suas características morfológicas (de modo a que a integração da nova função, não obrigasse a uma intervenção de larga escala), como também o impacto que o novo edificado poderia ter no local. Neste sentido, delimitaram-se as localizações dos equipamentos em questão, atendendo ao seu carácter funcional e à sua relação com a envolvente urbana e edificada.

O equipamento termal vai localizar-se a sudoeste da Casa Senhorial, articulando-se ao edifício da adega. Esta localização vem permitir não só a proximidade da nascente Caldas das Gaeiras, garantindo as suas propriedades termais, como também estabelecer um enquadramento visual do Castelo de Óbidos e do vale. A proposta assenta-se na construção de um novo edifício, parcialmente integrado no terreno, de forma a responder às necessidades programáticas do termalismo atual sem comprometer o valor matricial da Quinta.

O equipamento hoteleiro vai desenvolver-se na Casa Senhorial, cuja estrutura funcional e morfológica preconiza o lugar ideal para acolher a referida função. A proposta baseia-se numa intervenção que conjuga a reabilitação da casa e a sua ampliação com novas construções, de modo a estabelecer-se uma solução arquitetónica no contexto da salvaguarda do património. Pretende-se, assim, reaproveitar a pré-existência, preservando o seu carácter matricial e identitário, como elemento principal da quinta.

Os equipamentos culturais e de lazer serão integrados nos edifícios anteriormente mencionados, complementando-os com um conjunto variado de serviços, tais como restaurantes, lojas, centro cultural, centro de conferências e zona museológica sobre a cultura termal em Óbidos. Pretende-se, assim, complementar a oferta da estância termal com atividades que proporcionam ao visitante uma experiência diversificada. Para além destes, também é proposto um Centro de Investigação de Termalismo, localizada a oeste do equipamento hoteleiro, com o objetivo de criar um espaço dedicado à formação e investigação na área do termalismo.

O equipamento desportivo vai localizar-se no antigo edifício que se destinava ao picadeiro e aos lagares, e na casa dos tratores. Este vem integrar um pequeno centro equestre, onde se poderá alugar cavalos para passeios em grupo ou ter aulas de equitação. Procura-se assim recuperar a função existente e contribuir com atividades ao ar livre, parte integrante na cultura termal.

O equipamento ambiental, referente ao espaço urbano da estância, vai desenvolver-se principalmente em torno dos restantes equipamentos que perfazem o microcosmo termal, embora venha a estender-se ao longo de todo o território da Quinta das Janelas, através de áreas verdes. Será constituído por caminhos pedestres, ciclovias, parque infantil, áreas arborizadas, espelhos de água, jardins, miradouros e praças, dando lugar a um ambiente dinâmico e recreativo. Pretende-se, assim, criar um conjunto de espaços variados, interligados entre si, que venham relacionar-se com a envolvente construída.



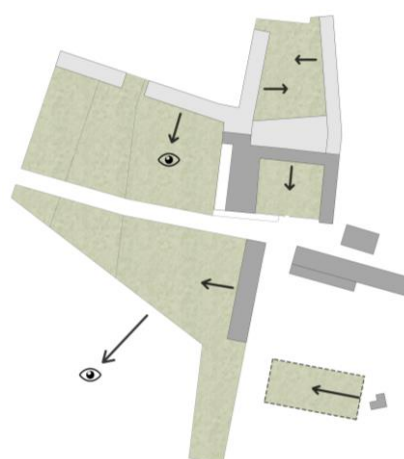
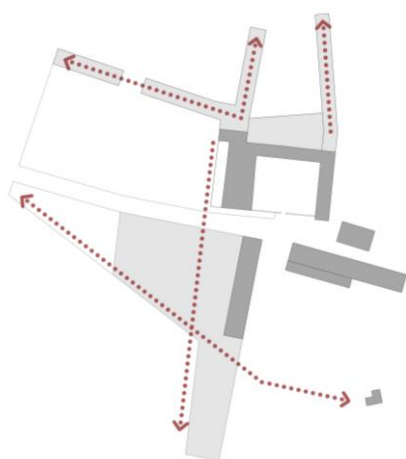
152. Esquema da Estância Termal com o programa geral (sem escala).

Legenda:

- 01 – Equipamento Cultural
- 02 – Equipamento Hoteleiro
- 03 – Equipamento Termal
- 04 – Equipamento Desportivo

Neste contexto, constituiu-se um desenho urbano com base na leitura do lugar, capaz de oferecer uma área de passeio, convívio e permanência. Assim, face à topografia onde a estância se insere, o conceito do espaço urbano baseia-se num conjunto de plataformas construído ao longo de diferentes cotas, que vem estabelecer uma relação direta com os diferentes edifícios. Isto é, conforme a sua localização e função do edificado associadas, cada plataforma vem representar características particulares, constituindo uma diversidade de espaços com diferentes identidades.

Estabelecem-se, deste modo, quatro espaços exteriores distintos na sua caracterização tipológica e funcional, que vêm contribuir para a construção do parque termal e para a articulação dos diferentes elementos que formam o microcosmo termal. O primeiro, a norte da Casa Senhorial, assume um carácter mais íntimo e privado, de acesso restrito, e representa o espaço delimitado entre dois volumes de quartos e o restaurante da unidade hoteleira. Já os outros três assumem um carácter mais público e encontram-se interligados por pontes, contribuindo para um espaço contínuo. Assim, o segundo, a oeste da casa, representa a memória do jardim antigo com um desenho mais contemporâneo, e encontra-se delimitado pelo Hotel e Centro de Investigação de Termalismo. O terceiro, situado sobre a unidade termal, corresponde ao miradouro e encontra-se delimitado pela cobertura do referido equipamento. O quarto situa-se junto ao antigo balneário e traduz-se num espaço de memória referente à identidade termal do local.



[Da esquerda para a direita]

153. Esquema do conceito do edificado.

Legenda:

- Edifícios existentes
- Edifícios propostos
- ... Ampliação dos edifícios existentes

154. Esquema do conceito urbano.

Legenda:

- Plataformas de cotas diferentes
- Relação entre edifício e plataforma
- 👁 Vista para o vale e o Castelo de Óbidos

7.3 | Unidade Hoteleira

O alojamento veio, ao longo da evolução do Termalismo, a definir-se como elemento essencial na prática termal e na constituição das estâncias termais, uma vez que possibilitava aos aquistas uma estadia mais prolongada e repousante. Atualmente, representa uma parte integrante no contexto do Turismo Termal, face à crescente procura dos programas de saúde e bem-estar, transformando as estâncias nos principais destinos turísticos. Neste contexto, procura-se com a presente proposta da Unidade Hoteleira responder as novas exigências e tendências da atualidade, transformando a Casa Senhorial num lugar complementar ao microcosmos termal, através de um conjunto de estratégias programáticas e arquitetónicas.

Tal como foi referido anteriormente, parte da Unidade Hoteleira será instalada na Casa Senhorial, dado o seu carácter morfológico e arquitetónico, procurando, assim, a sua requalificação e revalorização. Trata-se de um edifício de dois pisos de planta em “U”, constituído essencialmente por paredes estruturais de alvenaria, como também de algumas paredes divisórias que vieram a ser acrescentadas ao longo do tempo, caracterizando-se por um conjunto variado de compartimentos interiores sucessivos.

Deste modo, face ao analisado, propõe-se a demolição das paredes divisórias, mantendo apenas as paredes-mestras, o que contribui para um interior mais livre e aberto, possibilitando a sua reorganização espacial de modo a albergar as novas funções hoteleiras. A casa vem integrar essencialmente as funções públicas, dada a sua acessibilidade e o seu valor arquitetónico, tais como a receção e os espaços de convívio e administração.

Porém, dada a pequena escala da casa, esta não permitirá integrar o número desejado de quartos capaz de responder à crescente procura local e a todos os serviços que perfazem o programa hoteleiro atual. Assim, para além da reabilitação propõe-se a sua ampliação com novos volumes, procurando

estabelecer uma relação equilibrada com a Casa Senhorial, sem que esta perca o seu valor matricial. A estratégia assenta na afirmação consciente das distinções temporais, articulando as duas construções através de elementos envidraçados – núcleos principais de distribuição –, de modo a criar uma zona transitória entre o antigo e o novo. Por sua vez, a nova construção é formada por três volumes, situados a Norte e a Oeste, dando continuidade aos eixos da pré-existência, procurando enquadrar as vistas e aproveitar a morfologia do território. Estes vêm albergar os serviços, o centro de congressos e grande parte dos quartos.

Deste modo, a estratégia assenta fundamentalmente na preservação da identidade matricial da casa, conferindo-lhe o carácter de núcleo principal e de distribuição, a partir do qual se desenvolvem todos os outros elementos.

Descrição Projetual

Tendo em conta as exigências funcionais e programáticas dos equipamentos hoteleiros contemporâneos, estabeleceu-se um conjunto diversificado de funções essenciais, localizadas em zonas estratégicas de modo a garantir o seu bom funcionamento.

O acesso principal ao interior da Unidade Hoteleira situa-se na ala central da Casa Senhorial, onde se encontra à primeira vista a receção. É a partir deste que se acede aos restantes espaços do piso 0 da casa e dos novos volumes. Assim, a Oeste, localizam-se a sala de espera, o bar, o acesso ao restaurante, o centro cultural, a sala de leitura, quartos, dos quais dois se destinam à mobilidade reduzida, e suites, que se localizam nas extremidades; à Este, encontra-se a área de administração e mais quartos. Ainda se integram duas lojas no piso 0, situadas na ala a Este, porém estas são exclusivamente acessíveis pelo exterior através do pátio. É também, a partir do piso 0 que se tem acesso à piscina exterior, localizada a Norte da Casa Senhorial e entre dois volumes de quartos.

O piso 1, acessível a partir de dois núcleos principais de distribuição (que ligam a pré-existência à construção nova), destina-se principalmente a quartos e suites, diferindo os primeiros em tipologia consoante a sua localização na casa ou nos volumes, e a um ginásio. Para além dos quartos integram-se quatro apartamentos, situados na extremidade do volume a Este, que são exclusivamente acessíveis pelo exterior a partir da via secundária da quinta.

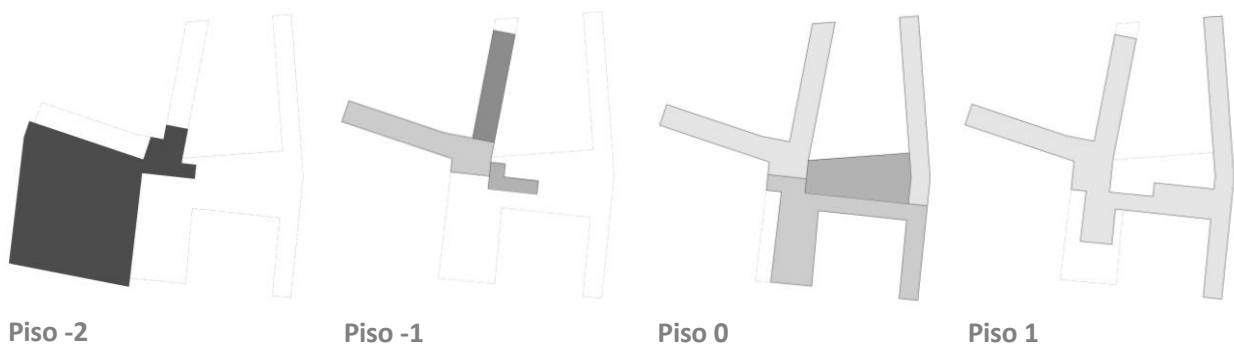
O piso -1 desenvolve-se ao longo dos dois volumes novos, construídos a Oeste, e integra a zona de serviço dos funcionários e do restaurante, áreas técnicas, como também o Centro de Congressos que se relaciona com o jardim público, podendo ser acedido por este, e portanto funcionar de forma independente da Unidade Hoteleira. Já, o piso -2 destina-se exclusivamente ao estacionamento subterrâneo e localiza-se por baixo do jardim público. Os dois pisos em questão encontram-se ligados à restante unidade através de um dos dois núcleos de distribuição principais.

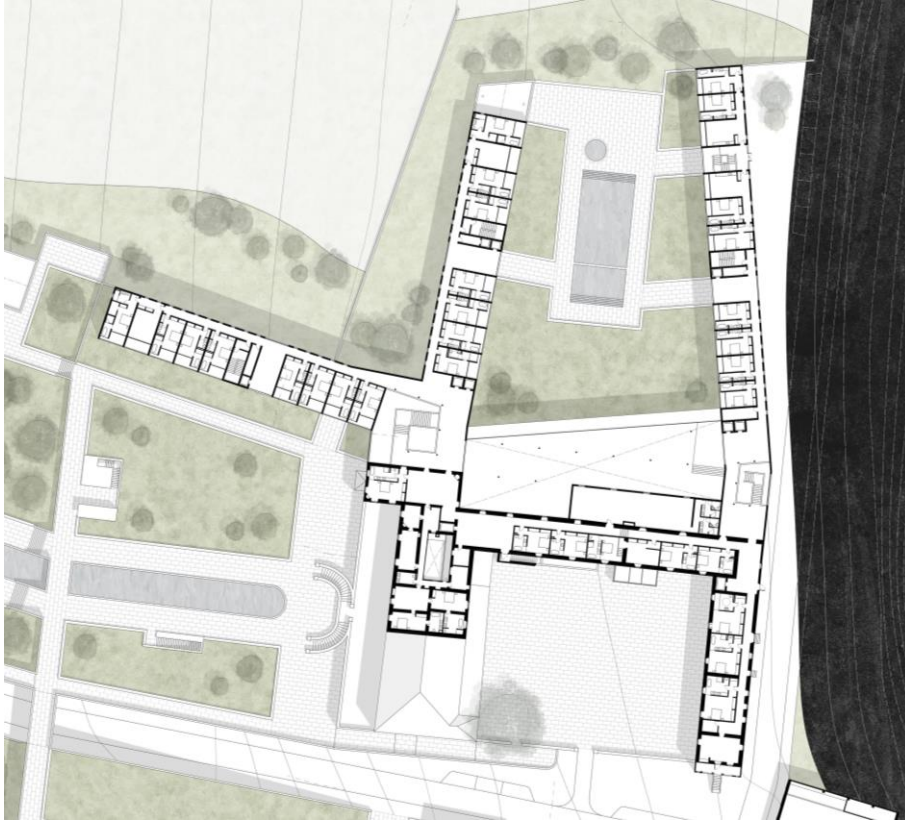
155. Esquema do programa geral dos diferentes pisos da Unidade Hoteleira.

Legenda:

- Quartos
- Funções semipúblicas
- Restaurante e Apoios
- Serviços
- Estacionamento

Estruturalmente, a nova construção caracteriza-se em estrutura de betão armado para os três volumes, e em estrutura metálica para a área correspondente ao restaurante. Quanto a materialidade, o pavimento das zonas públicas e de circulação revestem-se em pedra de calcário branco e o pavimento dos quartos em soalho flutuante de madeira.





[De cima para baixo]

156. Planta do piso 1 da Unidade Hoteleira.

157. Planta do piso térreo da Unidade Hoteleira.

7.4 | Unidade Termal

Conforme mencionado anteriormente, a proposta da Unidade Termal vem situar-se a poente do edifício da antiga adega, e é limitada pela via principal de acesso e pela via que conecta à zona arqueológica. Trata-se de uma nova construção, uma vez que, o pequeno balneário existente e os restantes edifícios da Quinta não reúnem as condições necessárias para albergar as exigências do programa termal a propor.

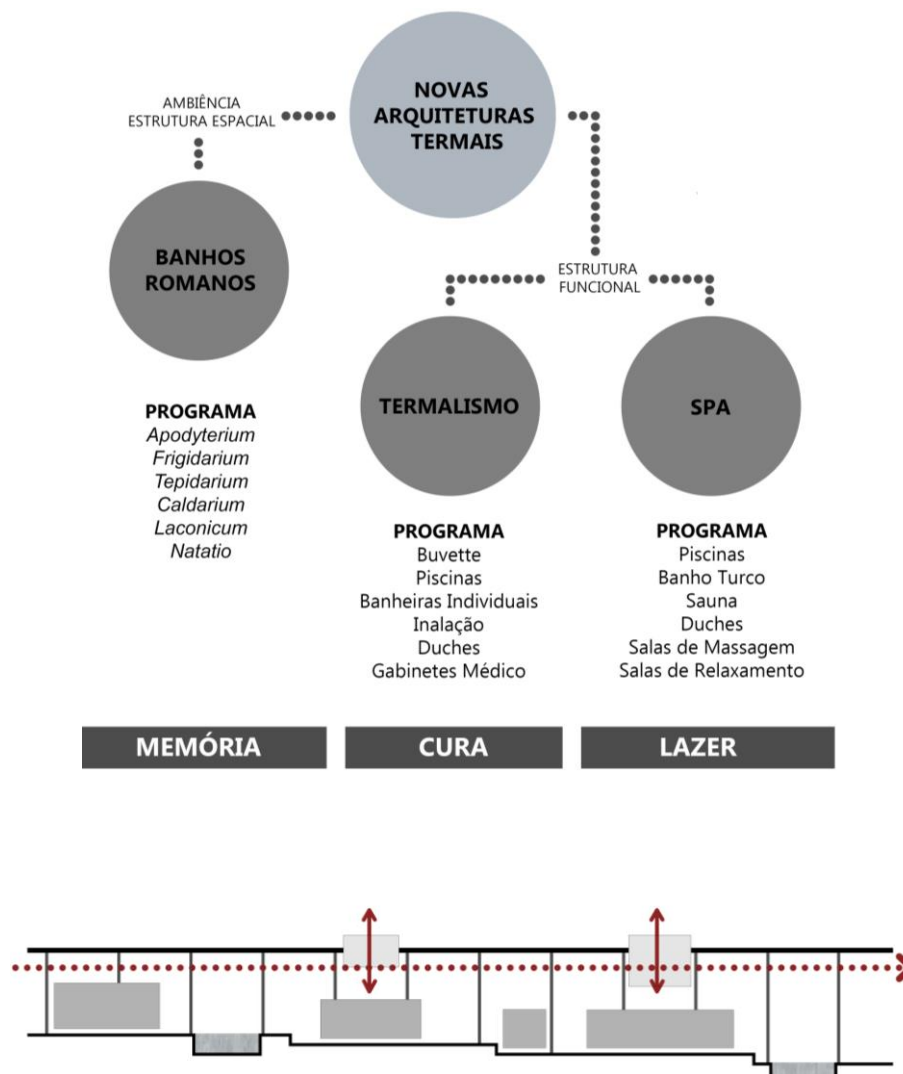
Tendo em conta as pré-existências e o seu valor matricial e identitário, o edifício surge parcialmente integrado na paisagem, estabelecendo-se como extensão deste. A unidade constitui, assim, uma intervenção de impacto visual mínimo, criando duas zonas habitáveis a cotas diferentes: o estabelecimento termal na cota inferior, e um espaço exterior público de permanência na cota superior. Em termos formais, as termas apresentam-se em planta na forma de trapézio, ao qual se conecta outro elemento extenso que se desenvolve a Sul da antiga adega e que corresponde à zona de entrada das termas e ao restaurante panorâmico.

Morfologicamente, a unidade termal compõe-se, portanto, a partir da pré-existência e da nova construção. A primeira é reabilitada e organizada com paredes divisórias, de modo a albergar parte das funções termais, nomeadamente os gabinetes médicos e a área de serviços; a segunda espacialmente organizada de acordo com um conceito que procura abordar o passado e o presente do termalismo, através da conjugação da cura, do lazer e do bem-estar, que se associam respetivamente à zona de terapia, de banhos e de exercício físico. Em suma, procura-se relacionar o termalismo tradicional com a definição atual de SPA.

Neste âmbito, o conceito projetual tem como principal fundamento a «memória dos banhos romanos», já que representam os precedentes da cultura e arquitetura termal, e a sua reinterpretação, através de uma solução contemporânea. Porém, sendo a «memória» uma “experiência intrínseca do

sujeito”, implica que a pessoa a viva num determinado espaço e tempo. Portanto, visto que, as termas romanas já não poderão ser visitadas atualmente como eram na altura da sua utilização, resta-nos no tempo presente, encontrar a experiência que nos é reconhecível destes espaços: as zonas arqueológicas.

Como tal, pretende-se desenvolver uma nova tipologia termal em que, construtivamente, o edifício se assemelha a um lugar de exploração arqueológica de ruínas termais romanas, de modo a relacionar-se com as ruínas de *Eburobrittium* e estabelecer um vínculo entre o passado e o presente, essencial na construção da memória.



[De cima para baixo]

158. Organograma da articulação dos diferentes conceitos programáticos que formam a base da proposta da Unidade Termal.

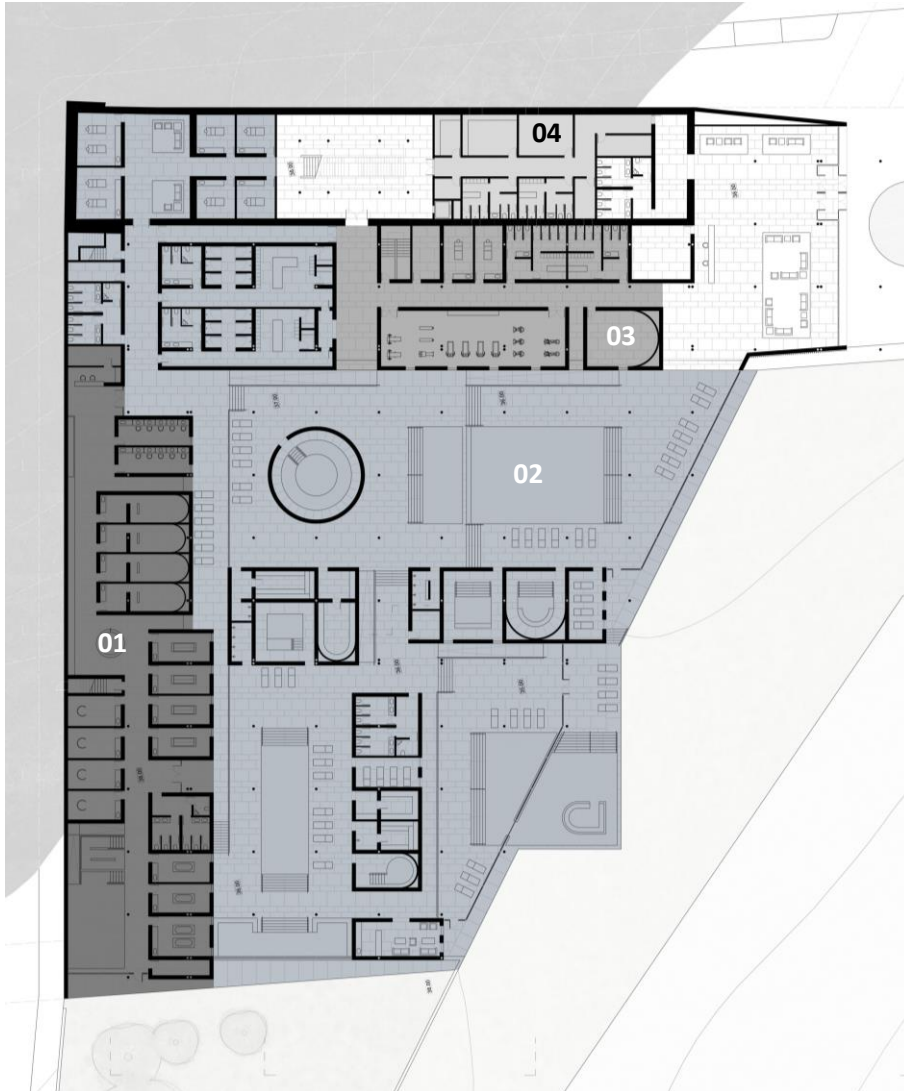
159. Desenho esquemático do conceito do projeto.

De forma a reforçar a memória dos banhos romanos, o edifício integra um conjunto de elementos particulares, construtivos e tipológicos, que visam referenciar a identidade da arquitetura termal romana. Destacam-se os arcos, as colunas, a luz zenital, a organização e sucessão dos espaços interiores e as diferentes piscinas, nomeadamente o *frigidarium*, o *tepidarium*, o *caldarium* e o *natatio*.

O interior desenvolve-se ao longo de um espaço amplo e único, subdividido em quatro patamares com 1m de diferença entre si, permitindo a separação funcional das áreas gerais, a criação de espaços com pés-direitos diferentes e o aumento do vão a Sul, para um melhor enquadramento visual e boa iluminação. A base reveste-se em pedra lioz (vermelha), típica da zona, de forma a contrastar com os restantes elementos visuais das termas, tornando visível a distinção entre a “ruína” e a estrutura contemporânea.

Sobre a base erguem-se «caixas soltas», que desconectadas visualmente do chão e do teto, pretendem, respetivamente, marcar a diferenciação entre as “ruínas” e a estrutura contemporânea, e permitir uma continuidade visual ao longo de toda a unidade. Estas, por sua vez, traduzem analogicamente as reproduções abstratas sobre os espaços das ruínas, tal como se observa no caso do Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge, de Carrilho da Graça, e do Abrigo da Zona Arqueológica Romana, de Peter Zumthor. Tendo em conta que os arcos são elementos fundamentais para caracterizar a ambiência romana, vieram a integrar-se nos vãos das «caixas». As caixas são constituídas por paredes em betão revestidas de pedra calcária branca com acabamento riscado.

A cobertura assenta sobre uma estrutura metálica, constituída por treliças e pilares redondos, de forma a transmitir a ideia de leveza e contemporaneidade. Os pilares organizam-se segundo uma matriz regular, representando uma repetição ordenada – aspeto característico da época romana. É a partir desta matriz que se organizam espacialmente as «caixas», estabelecendo grandes e pequenas zonas funcionais, vindo a emergir cinco



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

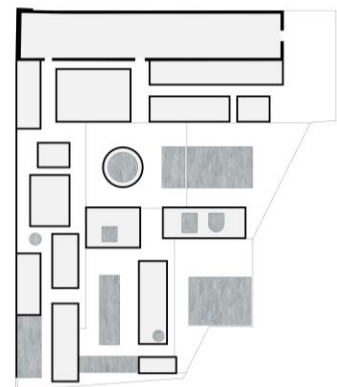
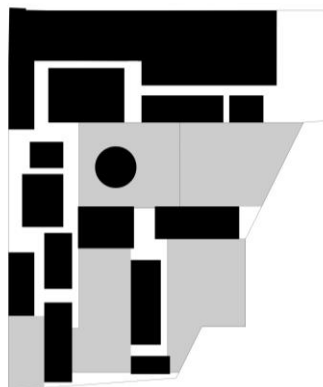
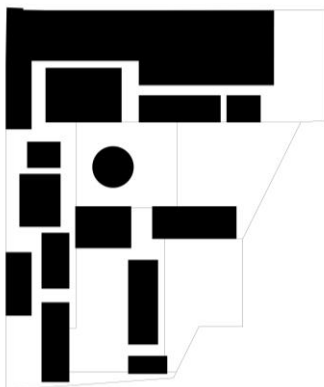
160. Esquema do programa geral.

Legenda:

- 01 – Zona de Tratamentos Termais
- 02 – Zona de Banhos
- 03 – Zona de Bem-estar Físico
- 04 – Serviços

161. Esquema do conceito de “cheio e vazio”, em que a área em preto são as atividades complementares e a área a cinzento as zonas principais de piscinas.

162. Esquema da articulação entre as «caixas» e as piscinas e os diferentes banhos.



volumes do teto, estrategicamente localizados, nomeadamente em cima das áreas de banhos específicos. Definidas como «caixas de luz», representam conceptualmente os orifícios de luz (zenital) utilizados na arquitetura termal romana, e vêm permitir a entrada de luz natural e criar uma relação entre o interior e o exterior. Constituídas por um material translúcido – policarbonato –, possibilitam a distribuição dos raios luminosos no interior das termas, transformando-se em focos de luz. Refletindo o interior das termas, a cobertura forma-se a partir de dois patamares e caracteriza-se pelas «caixas de luz», prolongadas a partir do interior.

Quanto ao programa, as termas desenvolvem-se ao longo de três zonas funcionais: de tratamento, de banhos e de ginásio. Estas zonas formam-se a partir da articulação dos conceitos de “cheio e vazio”, referindo-se respetivamente, às funções complementares da atividade e às áreas de piscinas.

Descrição projetual:

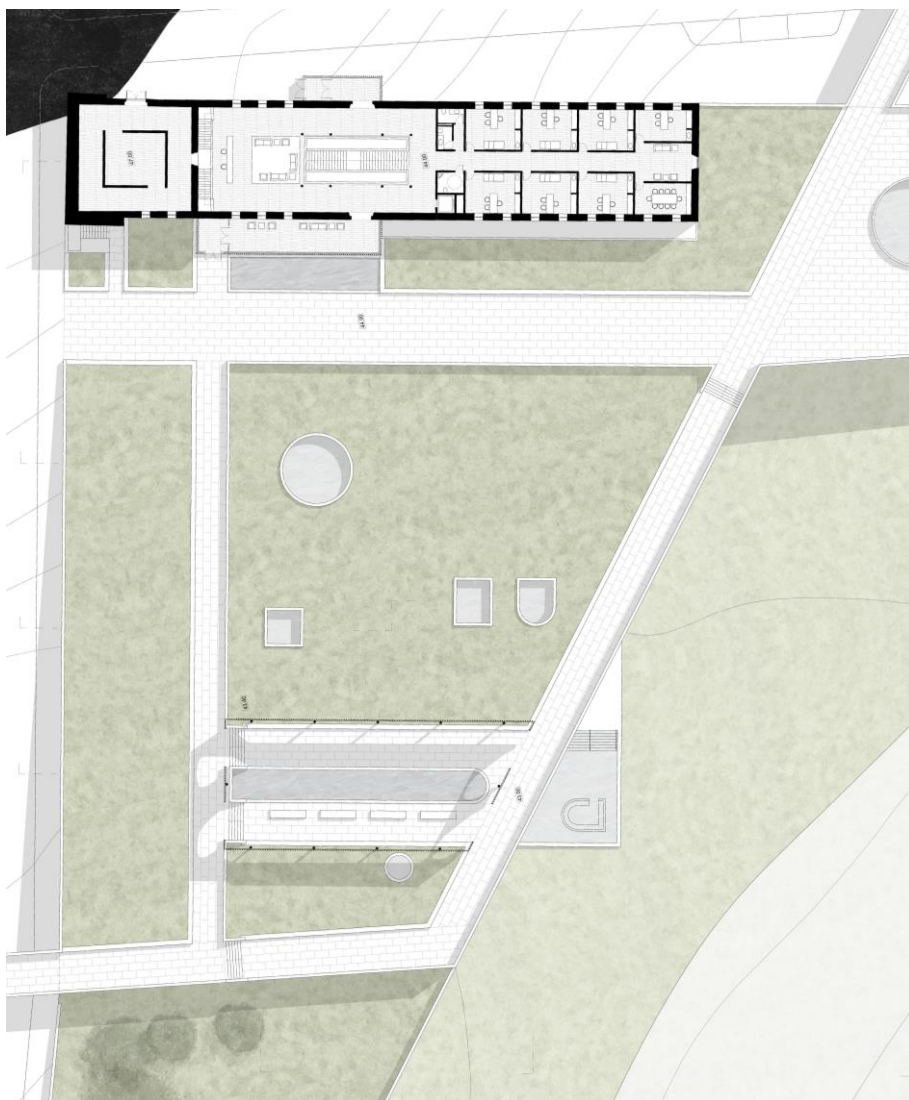
Com base nos banhos romanos, do termalismo tradicional e no conceito atual de SPA, foi estabelecido um programa diversificado e específico, que venha responder às necessidades e aos interesses do aquista de hoje em dia.

A zona dos tratamentos desenvolve-se no edifício pré-existente e ao longo do primeiro patamar da nova construção. Deste modo, o primeiro corresponde à área seca, integrando no piso superior os gabinetes-médicos, uma sala de exposição – sobre a história termal de Óbidos – e uma receção com sala de espera, dedicada às consultas, e no piso inferior a área de serviços e as salas de massagens. Já, o segundo corresponde à área húmida, e é constituído por receção, *buvette*, salas de inalação e irrigação, duches agulheta, pedilúvio, duches Vichy, duches circulares, banhos individuais e uma piscina de reabilitação.

A zona de banhos desenvolve-se ao longo dos restantes patamares inferiores, subdividindo-se em três áreas, que vêm representar a sucessão

dos principais banhos romanos. Deste modo, o primeiro corresponde ao *Frigidarium* e ao *Tepidarium*, o segundo ao *Tepidarium* e *Caldarium*, e o terceiro à *Natatio*, portanto, à piscina exterior. Em torno destes, instalam-se as saunas, os banhos turcos, os duches, as salas de relaxamento, o bar e os diversos banhos específicos – aromático, quente, frio e de som – de forma a criar um oferecer um conjunto de experiências sensitivas.

A zona de ginásio desenvolve-se, tal como a zona de tratamentos, ao longo do primeiro patamar, situando-se entre a receção geral e os balneários da zona dos banhos. Esta integra para além do ginásio, uma sala para aulas em grupo, salas de fisioterapia e balneários.

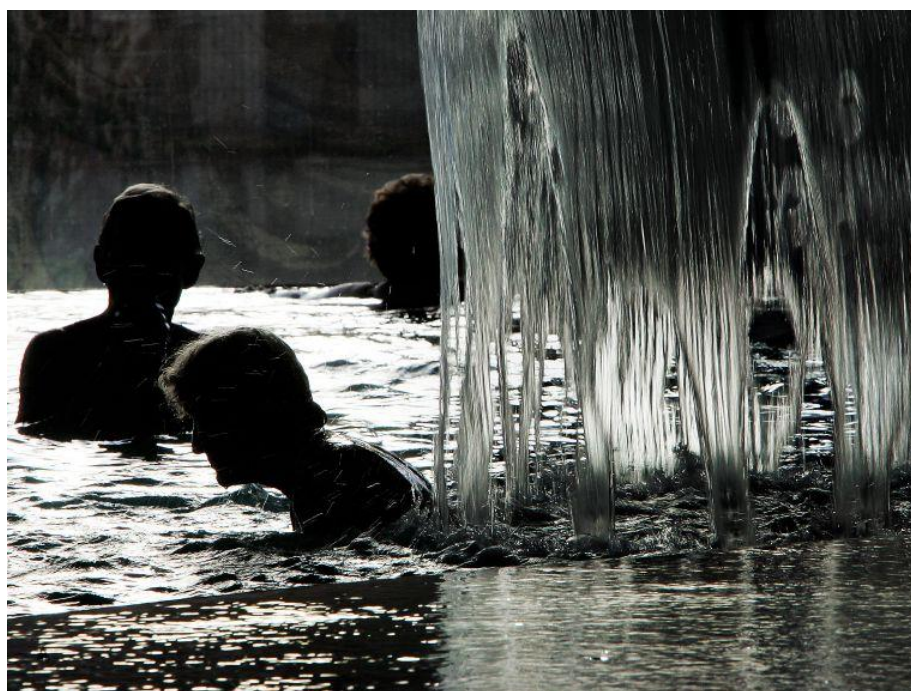


163. Planta do piso superior da Unidade Termal, que integra os gabinetes médicos.



163. Planta do piso térreo da Unidade Termal.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS



154. Termas de Tiberio, Espanha.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a Antiguidade que o desenvolvimento do termalismo tem vindo a marcar-se por um percurso intermitente, caracterizado por momentos de euforia e por outros de declínio, sofrendo diversas alterações ao nível funcional e arquitetónico. Porém, a sua evolução ao longo do tempo tem vindo a comprovar a sua potencialidade e efetividade nos sectores terapêuticos e lúdicos.

Enquanto a história das termas veio a definir-se essencialmente pelos vestígios ancestrais dos banhos romanos, precedentes da atividade milenar, e pelo «século de ouro», marcado pelos avanços tecnológicos e científicos, e pelo surgimento de novas tipologias arquitetónicas – as Estâncias Termais –, atualmente enfrenta-se uma nova abordagem no contexto do termalismo, assente no fenómeno crescente do Turismo de Saúde.

A evasão ao ritmo acelerado do quotidiano e a importância acrescida pelo bem-estar vieram contribuir, nos últimos anos, para um aumento significativo da procura termal, estabelecendo assim para um possível relançamento do termalismo como mais-valia no âmbito do desenvolvimento económico e turístico. Presencia-se, assim, a necessidade para um conjunto de estratégias, assentes não só na preservação e reabilitação do património termal, como também na adaptação do programa de acordo com os novos paradigmas da atividade em questão, aliando o lazer, o bem-estar e a terapia.

Neste contexto, a nova arquitetura termal representa, atualmente, uma estratégia de desenho que une o termalismo tradicional ao conceito atual, de carácter mais contemporâneo e lúdico, definindo um imaginário em torno do elemento primordial e simbólico, a água. Em suma, o futuro das termas reside na criação de soluções funcionalistas assentes no diálogo entre a modernidade e a memória.

Desde cedo que Óbidos estabelece uma forte identidade termal, por um lado pela sua localização no vale tifónico, que favorece a existência de um conjunto de nascentes termais, por outro pela prática dos banhos que se exerceu desde a época romana até ao século passado, embora de pequena escala.

Tomado como lugar de intervenção a Quinta das Janelas, dada a existência de uma fonte termal num pequeno balneário, outrora utilizado pela população local, a proposta recai na reconversão numa Estância Termal, procurando constituir uma nova centralidade e contribuir para a oferta turística de Óbidos, no âmbito do Turismo de Saúde. A proposta tem, portanto, como objetivo principal, a revalorização do património edificado e a devolução da identidade termal intrínseca do lugar.

Baseando-se nos conceitos de património e memória, a proposta da Estância Termal pode contribuir para a revitalização da prática termal na atualidade, mediante a reinterpretação dos diversos equipamentos que a constituem, a nível funcional e arquitetónico, preservando sempre a sua essência. Por conseguinte, o desenho da unidade termal, como elemento central da estância, permite o estudo de uma nova tipologia termal, adaptada aos interesses e necessidades dos aquistas atuais, que venha atribuir todo um imaginário em torno da ritualização das águas, promovendo uma estada agradável *“e uma ocupação diversificada que contribuem para o equilíbrio físico e mental associado à terapia e ao lazer pelo uso da água”*¹⁵³.

Assim sendo, a proposta para a unidade termal veio a assentar-se na articulação do conceito de termalismo contemporâneo à memória dos banhos romanos, em que o último representa a forma de inspiração para uma nova arquitetura termal.

¹⁵³ PINTO, Helena (2008). *O Património da História do Termalismo em Portugal*. Edição nº90. Alcobça: Jornal Tinta Fresca.

9 | BIBLIOGRAFIA

| Manuais – Planos para consulta

ASSOCIAÇÃO DAS TERMAS DE PORTUGAL (2009). *Manual de Boas Práticas dos Estabelecimentos Termais*.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS (1996). *Plano Diretor Municipal*. Município de Óbidos: Departamento Planeamento e Reabilitação Urbana, Divisão de Planeamento Territorial.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS (2015). *Delimitação da Área de Reabilitação Urbana de Gaeiras*. Município de Óbidos.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS (2009). *Revisão do Plano Diretor Municipal. Património Inventariado – Fichas*. Município de Óbidos: Gestão Integrada de Projetos e Planeamento.

| Geral

CANATÁ, Michelle; FERNANDES, Fátima (1999). *Construir no tempo*. Lisboa: Estar.

CHOAY, Françoise (2015). *A Alegria do Património*. Lisboa: Edições 70.

GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación*. Madrid: Nerea.

MEURS, Paul (2015). *Heritage and Architecture: Buidling in the stubborn city – Design with history*. In Delft Lectures on Architectural Design. Delft: Delft University of Technology, Faculty of Architecture and the Built Environment. (pp. 253- 273)

ZUMTHOR, Peter (2006). *Atmosferas, Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

ZUMTHOR, Peter; BINET, Hélène (1999). *Peter Zumthor Works, Buidlings and Projects 1979-1997*. Basel: Birkhäuser.

| Termalismo

BARROS, Luís Aires (2005). *Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural*. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 67-80)

CABRAL, João (2005). *A modernização dos espaços verdes termais*. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 223-224)

CIDADE TERMAL BOLETIM DE CULTURA URBANA (2004). *Cidade Termal: As Termas, as freguesias urbanas e periurbanas, a praça dos artistas, prémio municipal de arquitetura*. Ano III, nº5. Caldas da Rainha: Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

COSTA, Carlos; SILVA, José (2005). *O Património das Águas e a Vertente Turística*. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 308-309)

MANGORRINHA, Jorge (2017). *Caldas da Rainha: The world's oldest Thermal Hospital*. Lisboa: Caleidoscópio. (pp. 11-13, 23)

MANGORRINHA, Jorge (2012). *O que é uma Cidade Termal?* [s.l]: [ed. Autor].

MANGORRINHA, Jorge (2002). *À Volta das Termas: Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia.

MANGORRINHA, Jorge (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte.

MIGUEZ, L. (2008). *Conceito Actual do Termalismo*. In *Jornadas técnicas sobre hidrologia médica – III Encontro Internacional de Água e Termalismo*. Ourense: Expourense

MOLDOVEANU, Mihail (1999). *Ciudades Termales en Europa*. Barcelona: Lunwerg Editores.

NASCIMENTO, José Carlos (2008). *Termas de Portugal*. Lisboa: Pixelprint – Edições, Imagens e Comunicação.

ORTIGÃO, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz.

PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2003). *Álbum das Termas*. Na Coleção do Centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

PINTO, Helena; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Energia e Geologia. (pp. 4-72; 174-180)

TRANCOSO, Vasco; SERRA, João B. (1991). *Sobre as Águas - Hospital Termal Rainha D. Leonor*. Torres Vedras: Tipografia A “União”.

| Termas Romanas

BRODNER, E. (1983). *Die Romischen Thermen und das Antike Badewesen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

MARCUSE, Julian (1903). *Bäder und Badewesen in Vergangenheit und Gegenwart*. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke.

ADAM, Jean-Pierre (1989). *La Construction Romaine*. Paris: A. et J. Picard. (pp.257-299)

| Memória

HALBWHACHS, Maurice (2004). *La memoria colectiva*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza.

LE GOFF, Jacques (1984). *Enciclopedia Einaudi vol. 1 (Memória – História)*. Lisboa: INCM. (pp. 11-47)

LOURO, Margarida (2016). *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio. (pp. 15 – 58)

ROSSI, Aldo (1984). *The Architecture of the City*. Cambridge Mass: The MIT Press.

| Óbidos. Quinta das Janelas

ALVES, Afonso; LIMA, Luís (1988). *Óbidos: Recantos do Tempo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

BETTENCOURT, Teresa (1990). *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo – séc. XVI e XVII*. Câmara Municipal de Óbidos: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

BOTELHO, Joaquim da Silveira (1996). *Óbidos Vila Museu*. Óbidos: Câmara Municipal de Óbidos. 2ª Edição. (pp. 67, 73, 77-80)

MOREIRA, João (2002). *Cidade romana de Eburobrittium – Óbidos*. Porto: Mimesis.

QUINTA DAS JANELAS; in Panorama Lisboa, S.N.I., Nº 28, Vol., 1946; pág. 6: Óbidos, Setembro – 83, Nº 31.

RODRIGUES, Carlos Orlando; DIAS, Francisco de Almeida (2001). *Óbidos, Casa das Rainhas*. Lisboa: ELO-Publicidade, Artes Gráficas Lda. (pp. 12-65)

SILVA, Eduardo João; BATISTA, Carlos Manuel; TORMENTA, João Pedro; PEREIRA, Ricardo (2012). *Monografia de Gaeiras*. Gaeiras: Junta de Freguesia de Gaeiras.

| Casa Senhorial

CARITA, Hélder; CARDOSO, Homem (2015). *A Casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya.

DE AZEVEDO, Carlos (1988). *Solares Portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte.

LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). *A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade - A região de Torres Vedras entre o tempo Medieval e o Final do Antigo Regime*. Lisboa: Caleidoscópio.

| Dissertações – Teses

CABANAS, Andreia (2014). *Memória e Imanência na reabilitação do Convento/Hospital de Santa Marta*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

FONSECA, Alexandra (2016). *Memória e Património como vínculo urbano e social: Uma proposta de reinterpretação do conjunto patrimonial no Largo*

Conde Barão. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

MOTA, Ana Sofia (2015). *Memória e Contemporaneidade: Reabilitação de um Palacete no Intendente utilizando cor, luz e matéria como elementos de projecto*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento 117 de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento em Turismo.

REIS, M. P. M. (2014). *De Lvsitaniae Urbivm Balneis: Estudo sobre as termas e os balneários das cidades da Lusitânia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento em Arqueologia.

VENTURA, André (2017). *Das Termas à Cidade: Uma proposta de Revitalização do Núcleo Termal de Caldas da Rainha*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

| Artigos Online

ABREU, Maurício (1998). *Sobre a memória das cidades*. Geografia I série, Vol. XVI. [online] Porto: Revista da Faculdade de Letras. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf> [Consultado a 07.04.2018]

AAVV (2011). *Jewish Museum Berlin: Berlin, Germany*. Nova Iorque: Rensselaer School of Architecture. [Online] Disponível em: <https://issuu.com/stephenandenmatten/docs/casestudy> [Consultado a 06.08.2018]

CARNEIRO, Neri P. (2009). *Memória e Património: Etimologia*. [Online] Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288> [Consultado a 04.05.2018]

ECHEVERRY, Darío Betancourt (s/d). *Memoria Individual, Colectiva e Histórica*. [Online] Disponível em: <https://encolombia.com/educacion->

cultura/educacion/educacion-revistas/memoria-individual-colectiva-e-historica/ [Consultado a 05.05.2018]

FERNANDÉZ, Encarnación O. (1996). *El Balneario Romano: aspectos médicos, funcionales y religiosos*. Murcia. [Online] Disponível em:

<http://interclassica.um.es/var/plain/storage/original/application/e6f9e3affaa18ce1bc66c5b43348fd29.pdf> [Consultado a 01.11.2017]

HISSA, Sarah; ALMEIDA, Anaeli (2014). *Património cultural: entre o recurso e valores alternativos*. [Online] Brasil: Revista Museologia e Património. Disponível em:

revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/.../268 [Consultado a 25.05.2017]

HOPKINS, Stacey (1996). *On Memory and Architecture*. Nova Iorque: Syracuse University. [Online] Disponível em:

https://surface.syr.edu/architecture_tpreps/167/ [Consultado a 10.05.2018]

JÄRNEFELT, Ingrid (1999). *Identity – Identification*. Suécia: Nordisk Arkitekturforskning. [Online] Disponível em:

<http://arkitekturforskning.net/na/article/view/525> [Consultado a 24.05.2018]

MAIRS, Jessica (2015). *Architecture should not be comforting says Daniel Libeskind*. Londres: De Zeen. [Online] Disponível em:

<https://www.dezeen.com/2015/11/19/daniel-libeskind-architecture-should-not-be-comforting-memorials-ground-zero-masterplan-jewish-museum-berlin/> [Consultado a 06.08.2018]

MANGORRINHA, Jorge (2006). *Portugal e as suas Termas: uma aproximação estratégica*. Edição nº65. Alcobça: Jornal Tinta Fresca. [Online] Disponível em:

<http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=b7534421-e942-4c1c-bc81-f02bb8c40f6b&edition=65> [Consultado a 07.03.2018]

NAVARRO, J. (1992). *Arquitectura termal, poetica y practica*. In Jornadas de Aguas minerales y minero medicinales en España, 13.3 – 13.7. Madrid: ITGE-ReproMarket. [Online] Disponível em:

http://aguas.igme.es/igme/publica/pdfjor_aguas_mine/13_arquitectura.pdf
f [Consultado a 28.11.2017]

NORA, Pierre (1993). *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Volume 10. São Paulo: Revista Projeto História. [Online] Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> [Consultado a 15.05.2018]

PINTO, Helena (2008). *O Património da História do Termalismo em Portugal*. Edição nº90. Alcobça: Jornal Tinta Fresca. [Online] Disponível em: <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=9fb85615-3100-4aa2-a8c0-bd311cc74beb&edition=90> [Consultado a 07.03.2018]

ROCHA, Thaíse (2012). *Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial*. [Online] Disponível em: http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf [Consultado a 24.05.2018]

RODRIGUES, Donizete (2012). *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. [Online] Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf> [Consultado a 10.05.2018]

SMOLKA, Ana Luiza (2001). *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Sociedade e Educação, nº71. [Online] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf> [Consultado a 14.04.2018]

SOARES, Jandson; SOUZA, Wendell (2014). *Património aos olhos de quem? Um breve estudo sobre a construção do conceito "Património Histórico"*. In Boletim Historiador. Brasil: Grupo de Estudos do Tempo Presente. [Online] Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/download/2126/1849> [Consultado a 25.05.2018]

VERHEIJ, Robbert (2015). *Palimpsest in Architecture: six personal observations*. Delft: Faculty of Architecture. [Online] Disponível em: <https://repository.tudelft.nl/islandora/object/uuid.../download> [Consultado a 16.04.2018]

| Páginas Web

Archdaily (2015). *Pinacoteca do Estado de São Paulo / Paulo Mendes da Rocha + Eduardo Colonelli + Weliton Ricoy Torres*. [Online] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha> [Consultado a 05.06.2018]

Mimoo (s/d). *Tschuggen Bergoase*. [Online] Disponível em: <https://www.mimoo.eu/projects/Switzerland/Arosa/Tschuggen%20Bergoase/> [Consultado a 22.09.2018]

Design Build Network (s/d). *Bergoase Wellness Center*. [Online] Disponível em: <https://www.designbuild-network.com/projects/berg-oase/> [Consultado a 22.09.2018]

Termas de Monte Real (s/d). *História das Termas de Monte Real*. [Online] Disponível em: <http://www.termasdemontereal.pt/historia-das-termas-de-monte-real.html> [Consultado a 10.06.2018]

Mario Botta Architecture (s/d). *Wellness Center Tschuggen Berg Oase, Arosa, Switzerland, 2003-2006*. [Online] Disponível em: <http://www.botta.ch/en/SPAZI%20RICREATIVI?idx=5> [Consultado a 22.09.2018]

Museu Nacional de Arte Romana (s/d). *Pasado, Presente y Futuro*. [Online] Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/mnromano/el-museo/pasado-presente-futuro/de-1975-hoy.html> [Consultado a 27.05.2018]

10 | ANEXOS

10.1 ANEXO I	179
COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO	
10.1.1 Registos Fotográficos	181
10.1.2 Cartografia Local	184
10.1.3 Desenhos Técnicos da Quinta das Janelas	186
10.2 ANEXO II	191
REFERÊNCIAS PARA O TRABALHO PRÁTICO	
10.2.1 Memória de ruínas em construções contemporâneas	192
10.2.2 Continuidade visual através de “caixas” e pilares	193
10.2.3 Reinterpretação de arcos	194
10.2.4 Iluminação, materialidades e espacialidades	195
10.3 ANEXO III	197
PROCESSO DE TRABALHO	
10.3.1 Esboços	198
10.3.2 Maquetes de Estudo	205
10.3.3 Maquetes Finais	216
10.4 ANEXO IV	223
PEÇAS DESENHADAS	

10.1 | ANEXO I

COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO

10.1.1 | REGISTOS FOTOGRÁFICOS



[De cima para baixo]

Vista para o portão com o brasão e moradia.

Vista a partir do pátio interior para a moradia.

Vista para a Ala Este, referente a casa do feitor e arrecadações.

Fotos da autora.



[De cima para baixo]

Vista frontal para a casa do feitor e via de acesso secundária.

Vista para o largo em frente a Casa Senhorial com o chafariz do século XVII.

Vista para a via de acesso principal que liga a Estrada Nacional 8.

Fotos da autora.



[De cima para baixo]

Vista para o chafariz, o edifício que integra o picadeiro e lagares, e para a casa do trator.

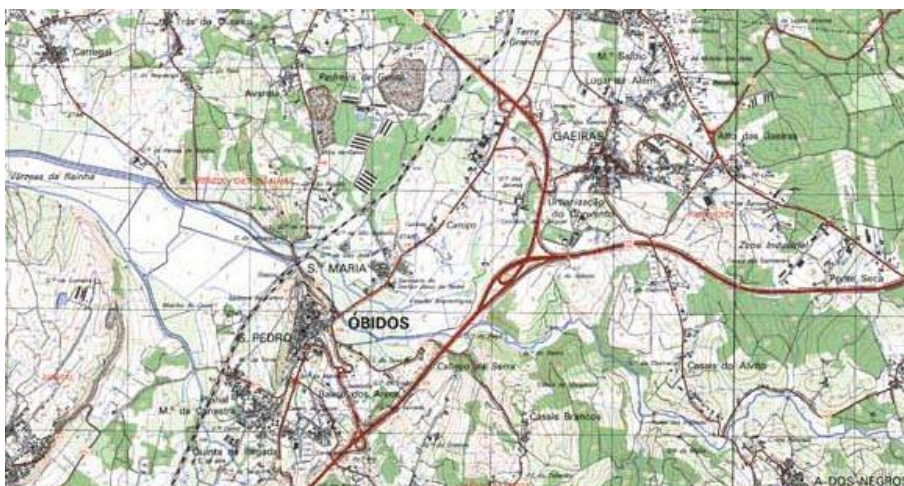
Vista para o edifício da antiga adega e via que vai dar acesso à zona arqueológica.

Vista da via de acesso secundária.

Fotos da autora.



10.1.2 | CARTOGRAFIA LOCAL



[De cima para baixo]

Carta Militar do ano de 1940.

Carta Militar do ano de 1970.

Carta Militar do ano de 2004.

Fonte: www.igeoe.pt

Secção Cadastral da
Quinta de janelas.

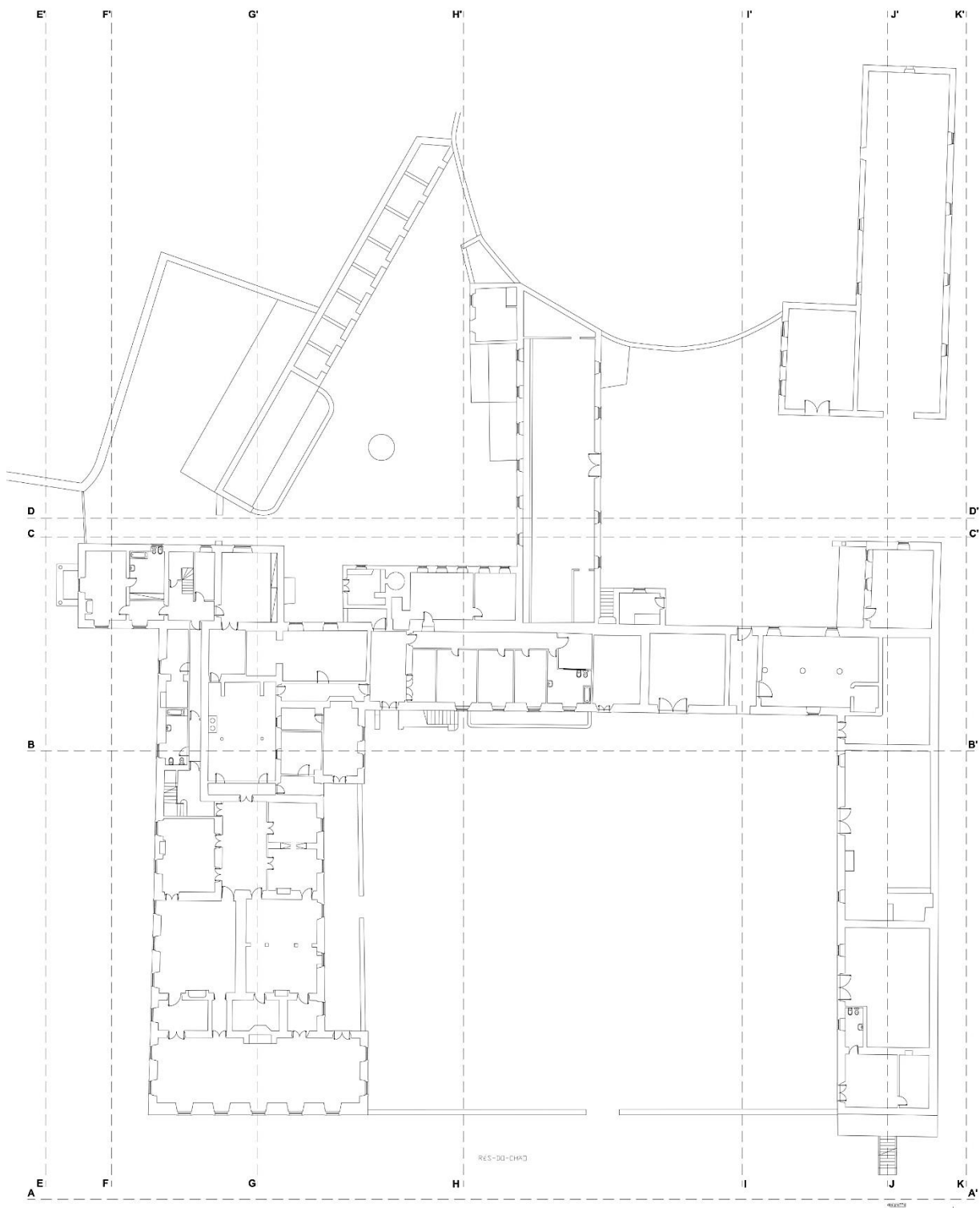
Fonte:
<http://www.dgterritorio.pt>



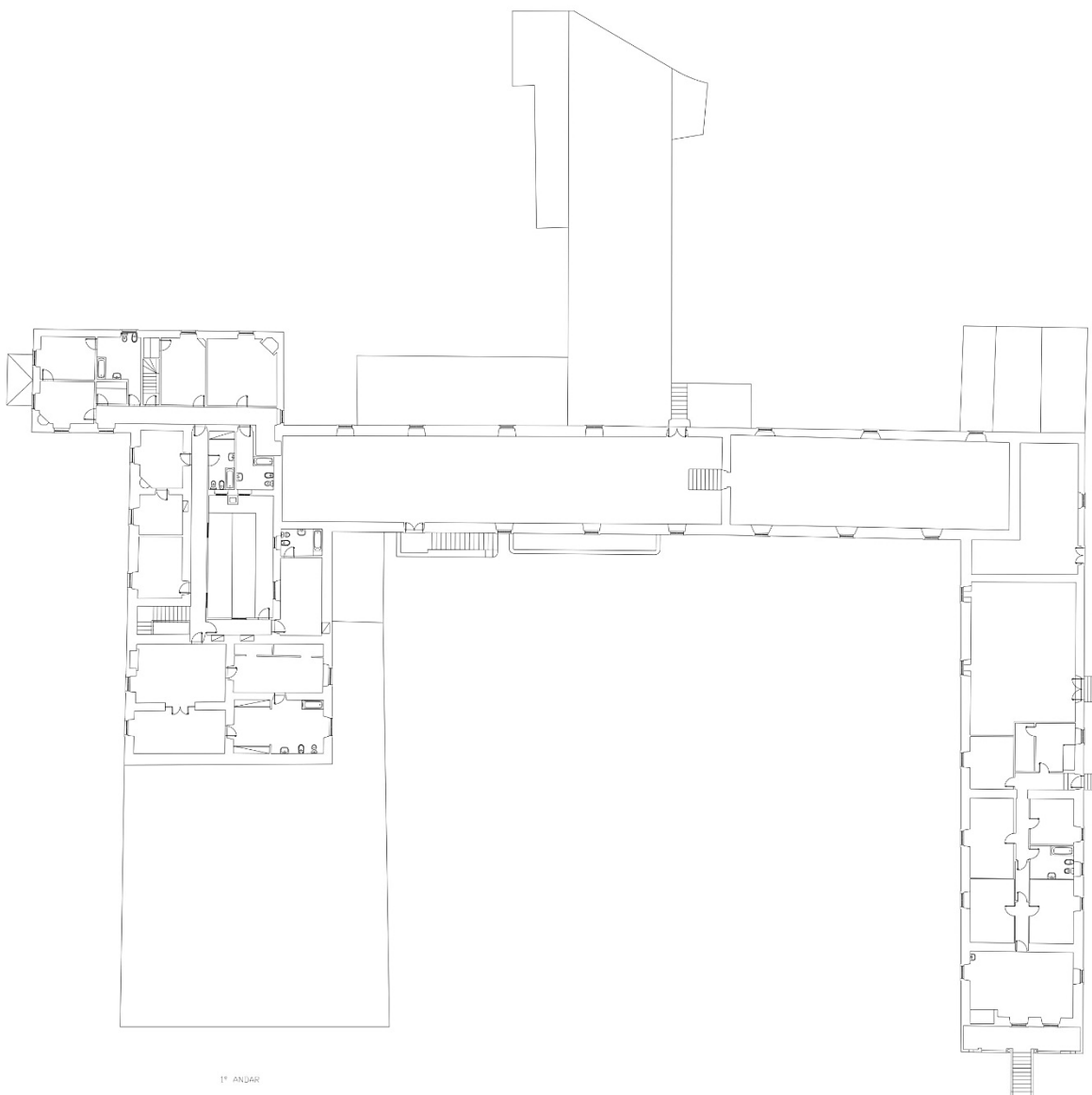
10.1.3 | DESENHOS TÉCNICOS DA QUINTA DAS JANELAS

Fonte: Atelier Alcino Coutinho Arquiteto

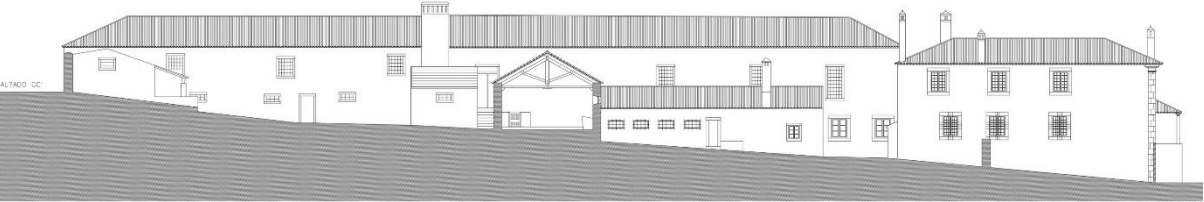
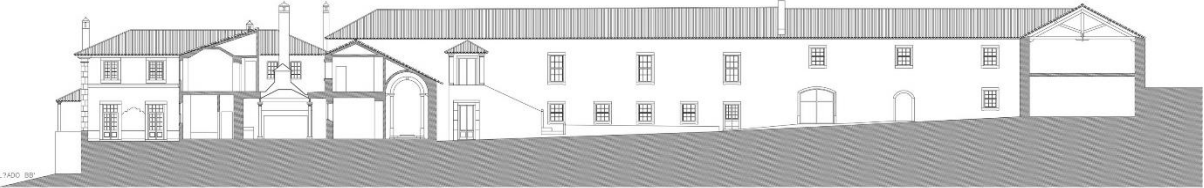
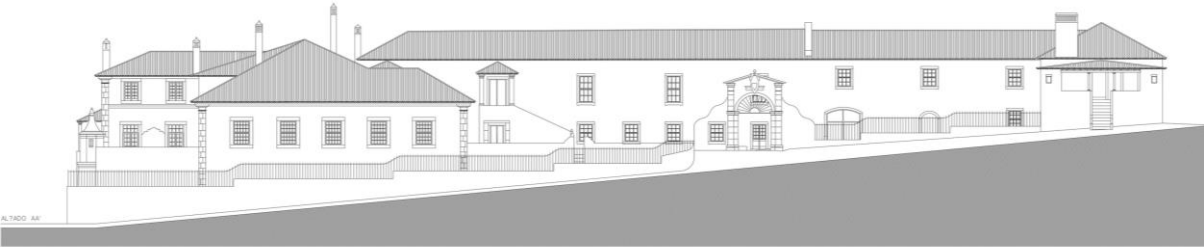
Planta do Piso Térreo da Casa Senhorial (s/escala).



Planta do Piso Superior
da Casa Senhorial
(s/escala).



Alçados e Cortes (s/escala).



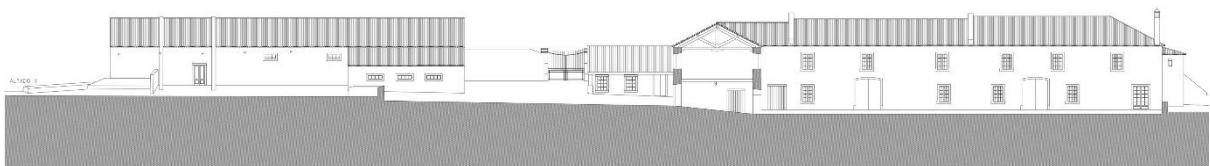
Alçados e Cortes (s/escala).



ALÇADO 02



ALÇADO 01



ALÇADO 03

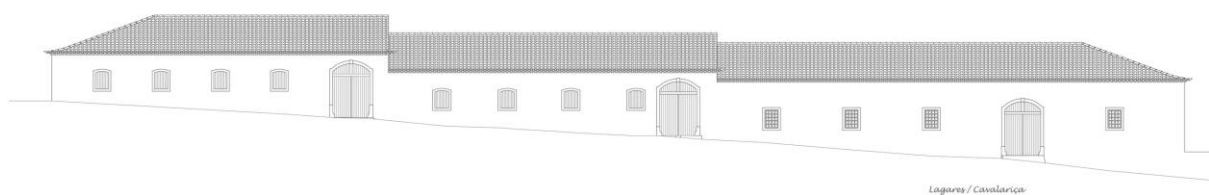
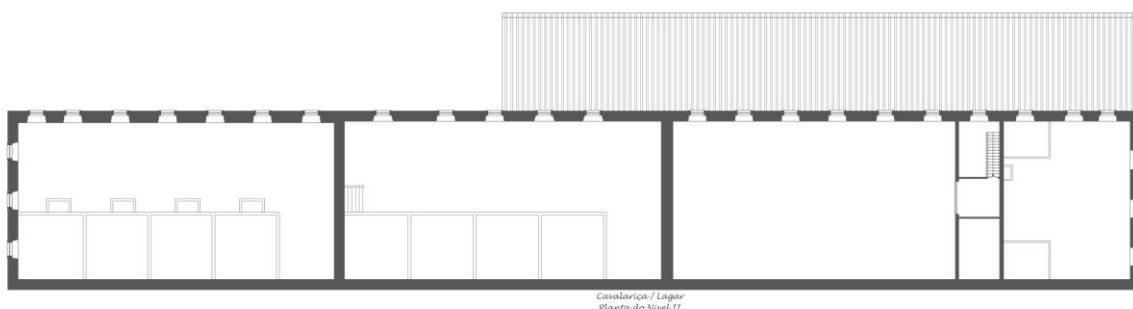
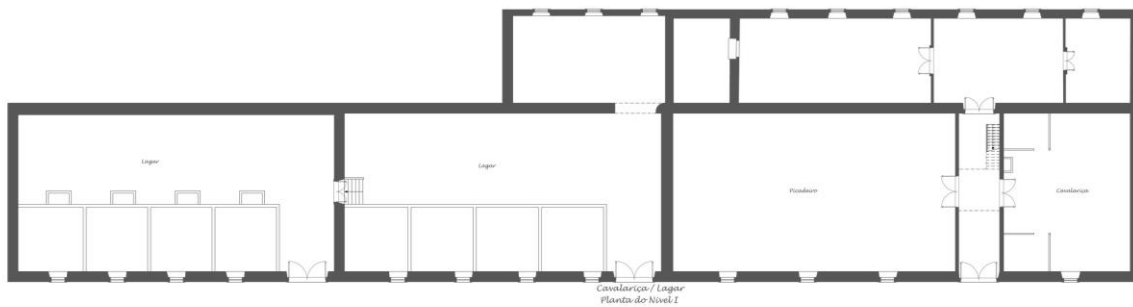
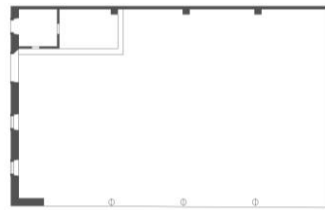
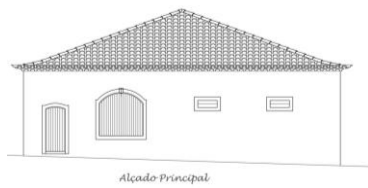


ALÇADO 04

[De cima para baixo]

Alçado principal e planta da casa de tratores (s/escala).

Planta térrea e superior, e alçado principal do edifício que integra o picadeiro e os lagares (s/escala).



10.2 | ANEXO II

REFERÊNCIAS PARA O TRABALHO PRÁTICO

10.2.1 | MEMÓRIA DE RUÍNAS EM CONSTRUÇÕES CONTEMPORÂNEAS



[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

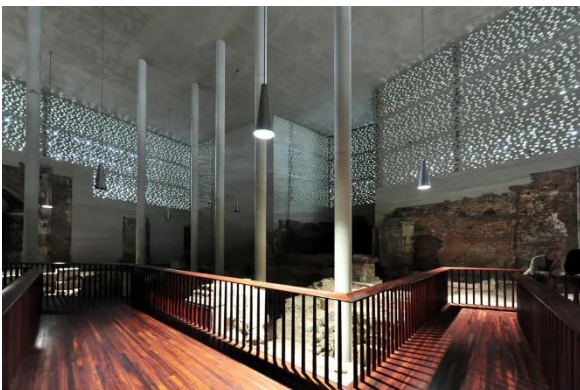
Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge, Lisboa – Carrilho da Graça, 2010 (Fernando Guerra e Sérgio Guerra)



Abrigo dos Banhos Reais de Meroë, Sudão - Kéré Architecture, 2015.

Museu de Arte Kolumba, Colónia – Peter Zumthor, 2007 (Jose Fernando Vazquez)

Abrigo da Zona Arqueológica Romana, Graubünden – Peter Zumthor, 1986 (Pol Martin)



10.2.2 | CONTINUIDADE VISUAL ATRAVÉS DE “CAIXAS” E PILARES

[De cima para baixo]

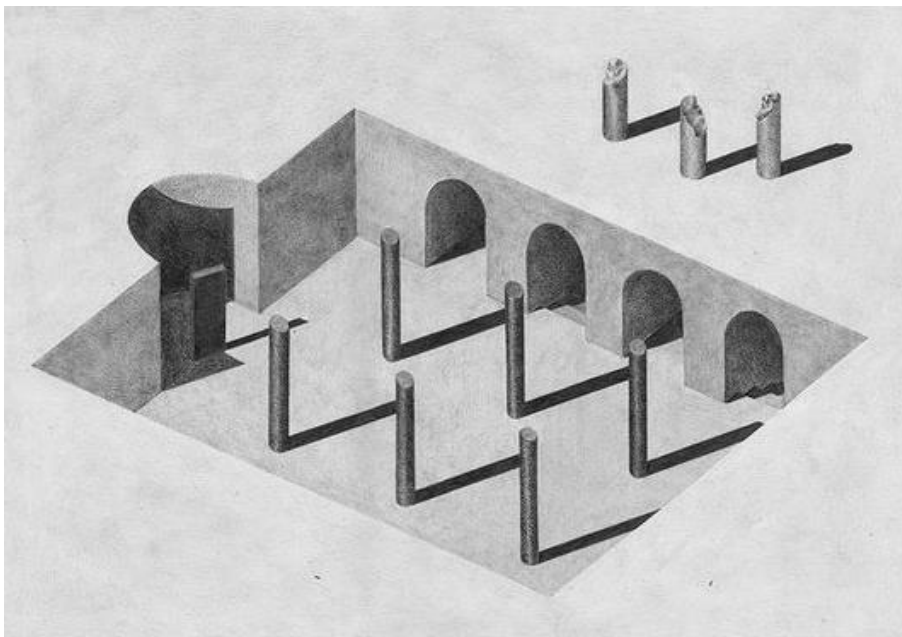
Bar Americano, Viena –
Adolf Loos, 1907.

Edifício Johnson Wax,
Wisconsin - Frank Lloyd
Wright, 1939.

“Playtime” – Imagem do
filme de Jacques Tati,
1967.



10.2.3 | REINTERPRETAÇÃO DE ARCOS

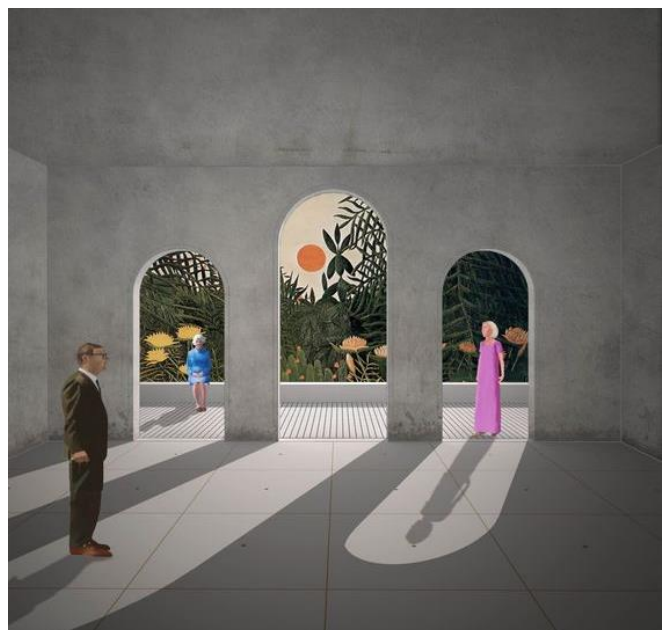


[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

“Hyper Demeures” –
Ilustração de Pia-Mélissa
Laroche, 2017.

“A casa labirinto”,
Barcelona - Projeto de
Xavier Corbero.

Centro Cultural Vegan,
Florença – Ilustração e
projeto (não construído)
de Nicola Giannoni.



10.2.4 | ILUMINAÇÃO, MATERIALIDADES E ESPACIALIDADES

[De cima para baixo; da esquerda para a direita]

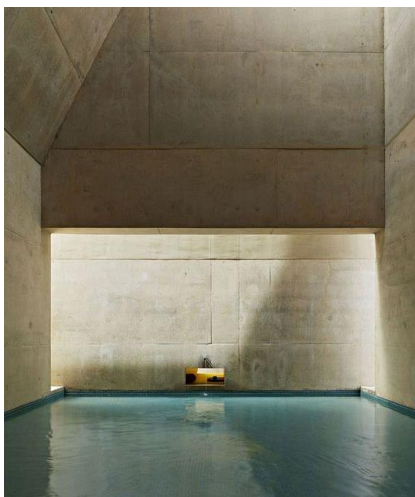
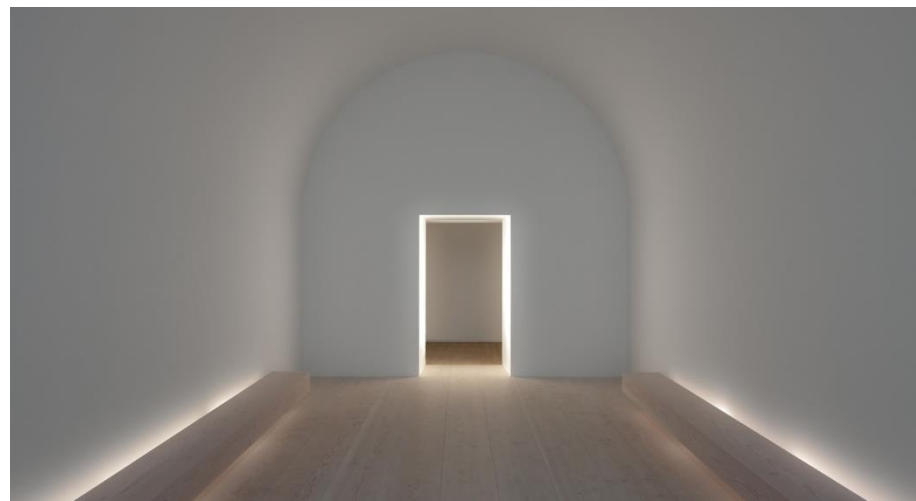
“Plain Space” na Fundação Bisazza, Vicenza – Exibição de John Pawson, 2012.

“Plain Space” no Museu de Design, Londres – Exibição de John Pawson, 2010.

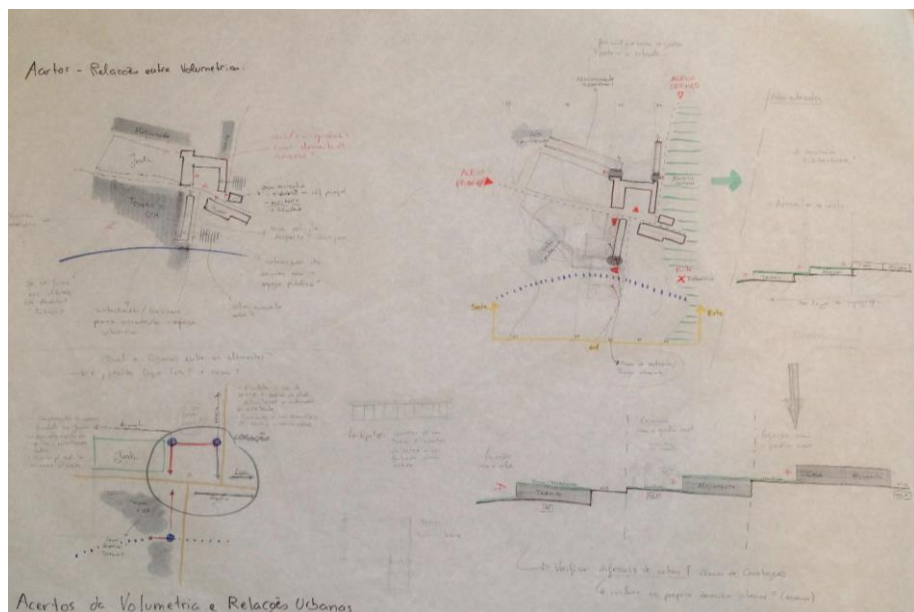
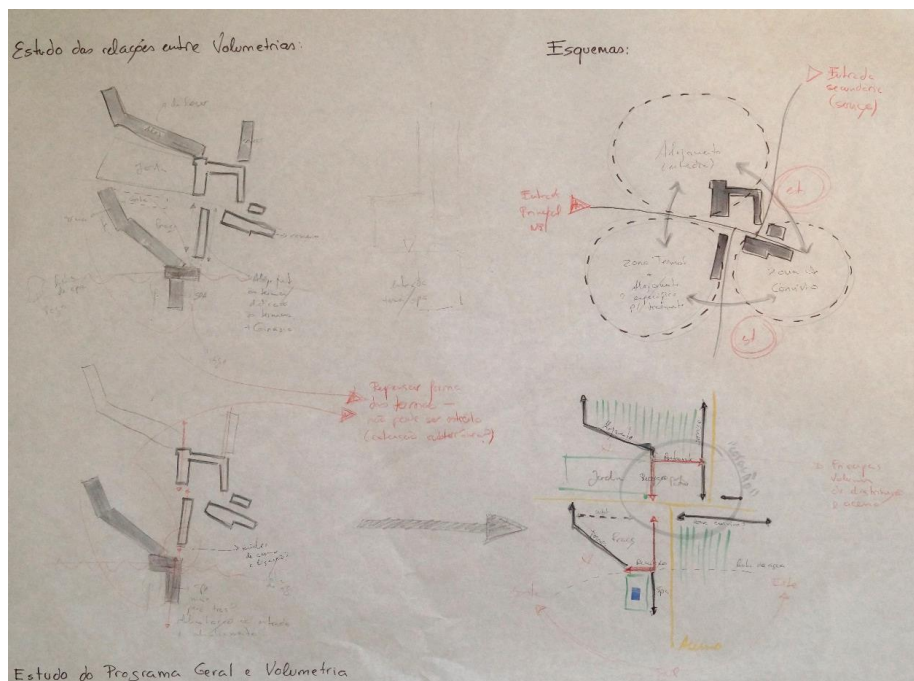
Estância e Spa de Amangiri, Utah - Marwan Al-Sayed, Wendell Burnette e Rick Joy, 2009 (Joe Fletcher)

“The Holy Cross”, Finlândia – Pekka Pitkänen, 1960 (Luke Moloney)

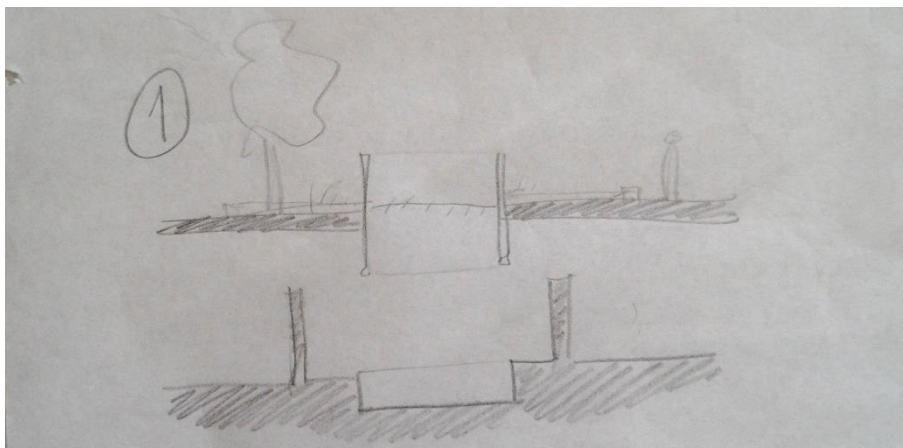
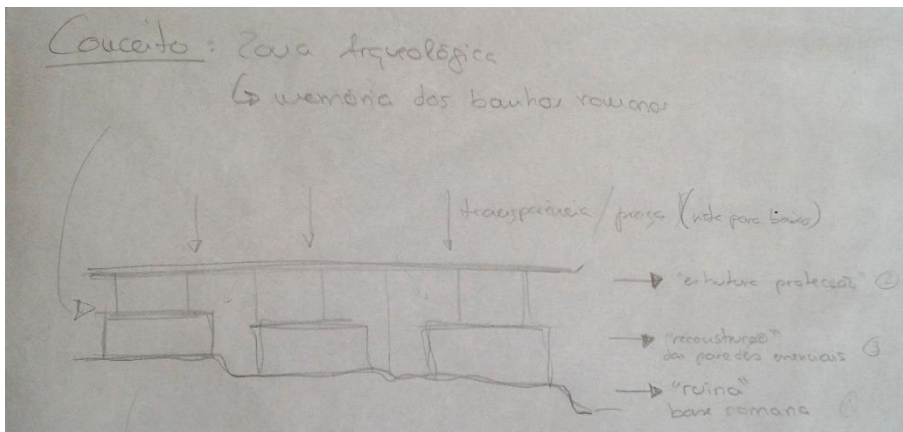
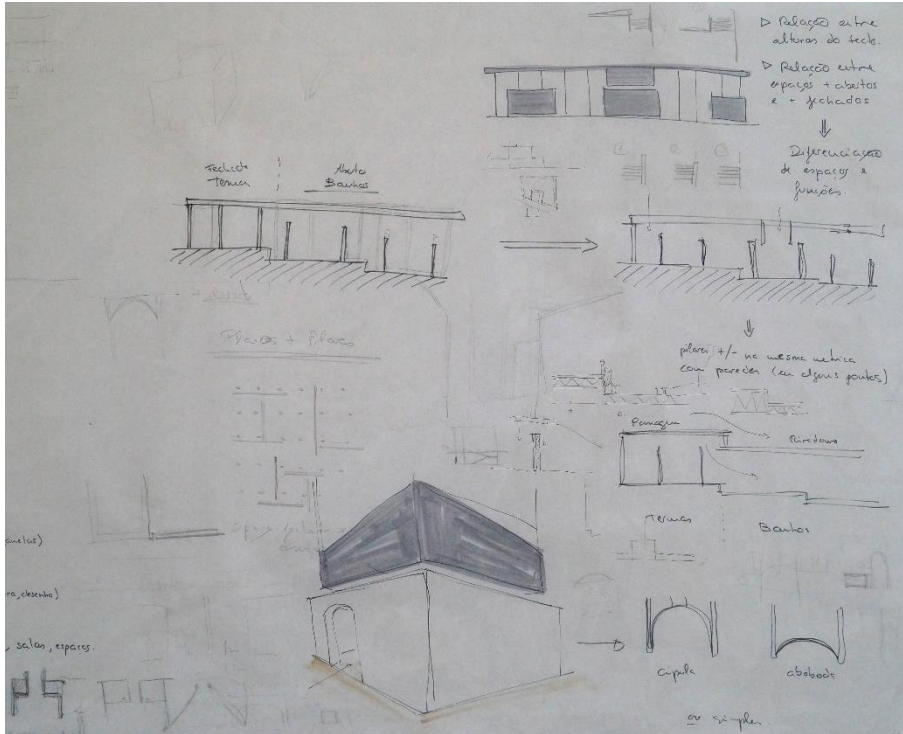
“Ryusenji House”, Nagoya - Tomoaki Uno Arquitetos, 2008.



10.3 | ANEXO III
PROCESSO DE TRABALHO



DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS

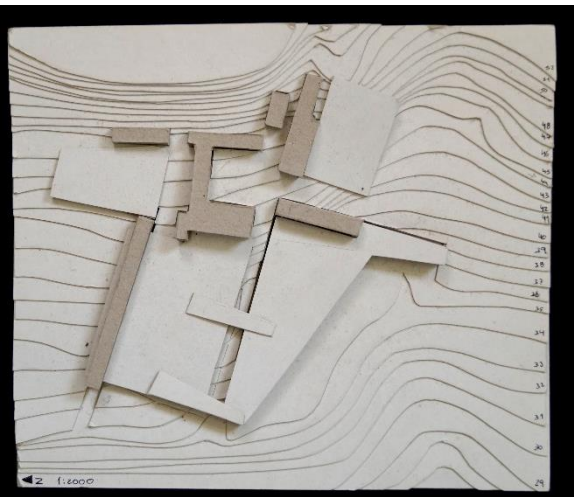


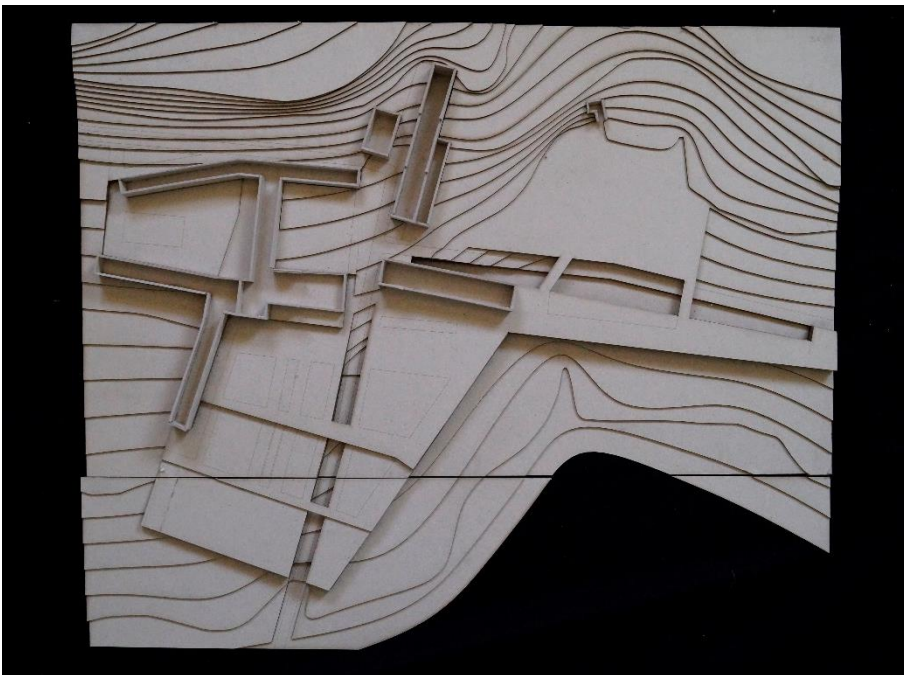
10.3.2 | MAQUETES DE ESTUDO

[De cima para baixo]

Maquete do limite territorial da Quinta das Janelas, à escala 1:2000.

Maquete do existente e do primeiro estudo da proposta para a Estância Termal, à escala 1:2000.

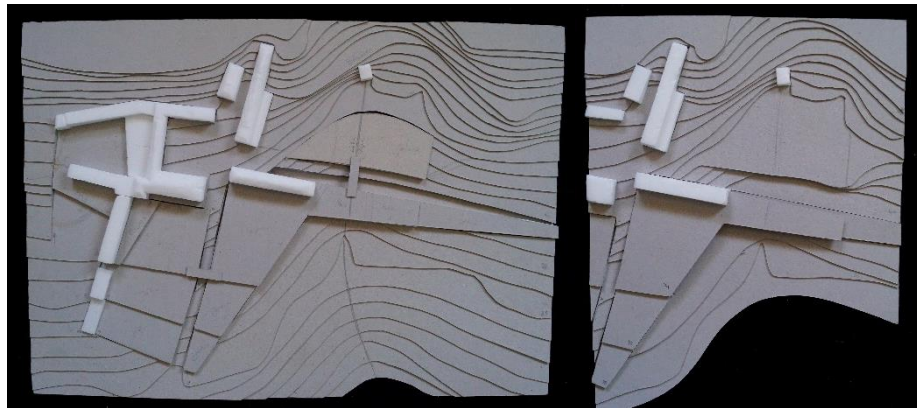




[De cima para baixo]

Maquete de estudo com os novos elementos, à escala 1:1000.

Maquete da primeira proposta urbana da estância, à escala 1:500.

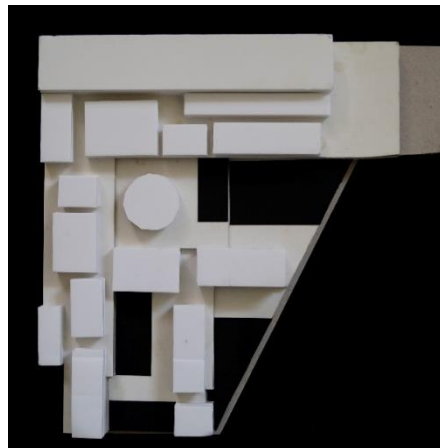
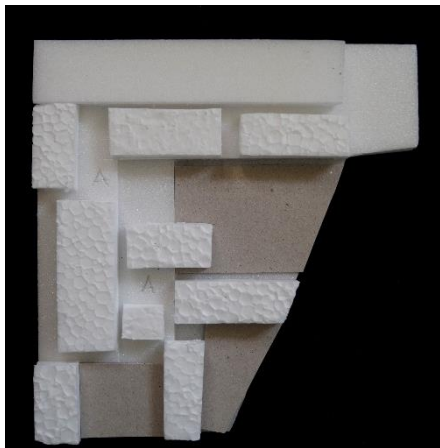
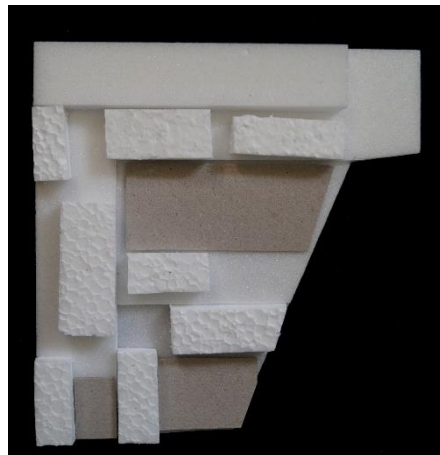
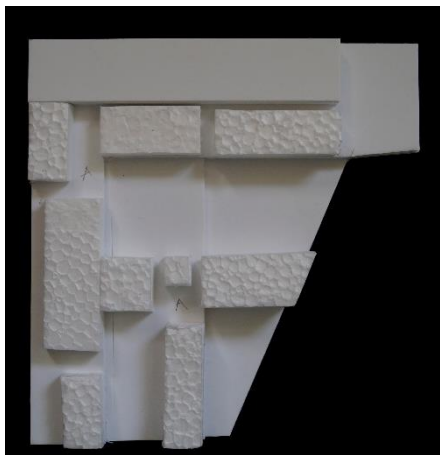


[De cima para baixo]

Maquete do segundo estudo da proposta para a Estância Termal, à escala 1:1000.

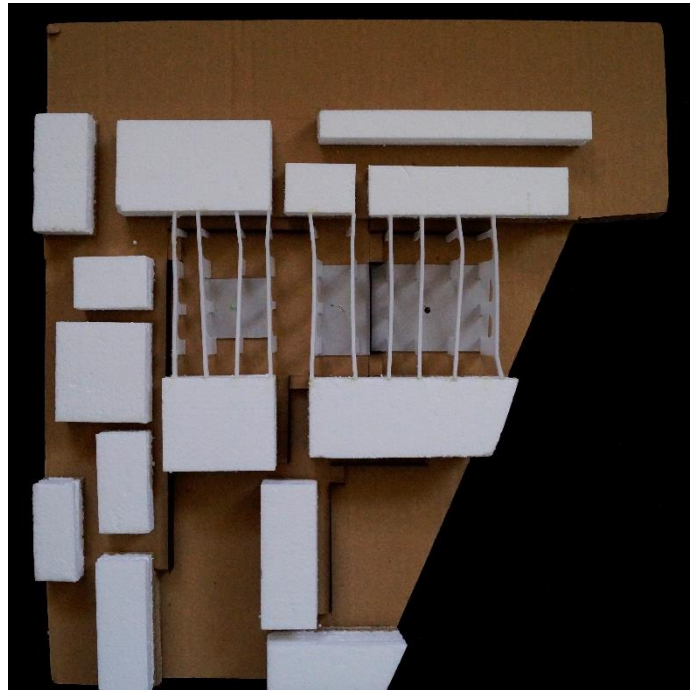
Maquete da segunda proposta urbana da estância, à escala 1:1000.



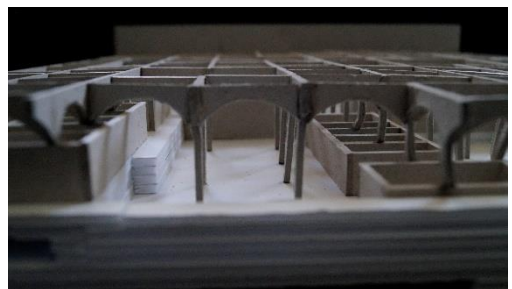
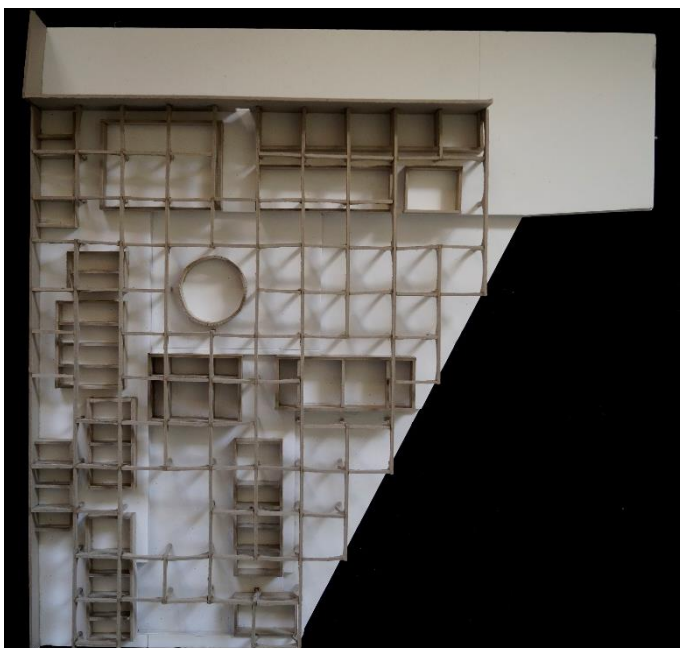
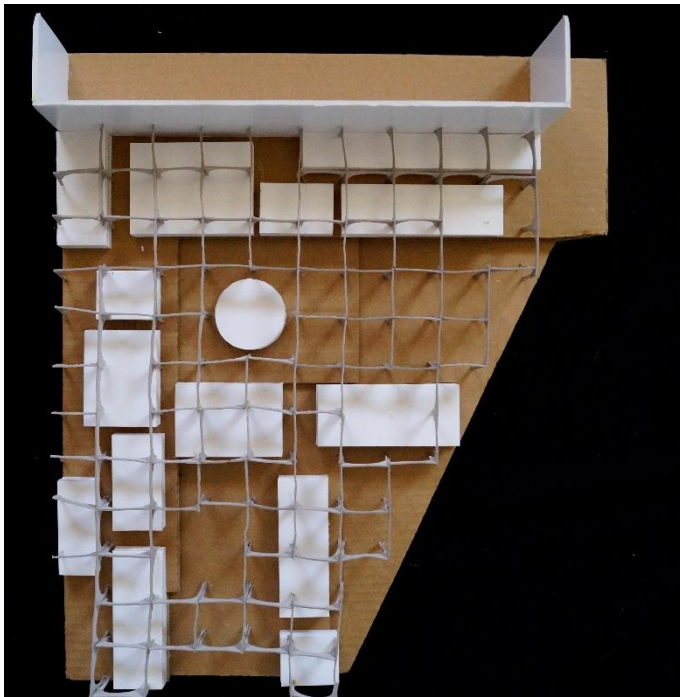


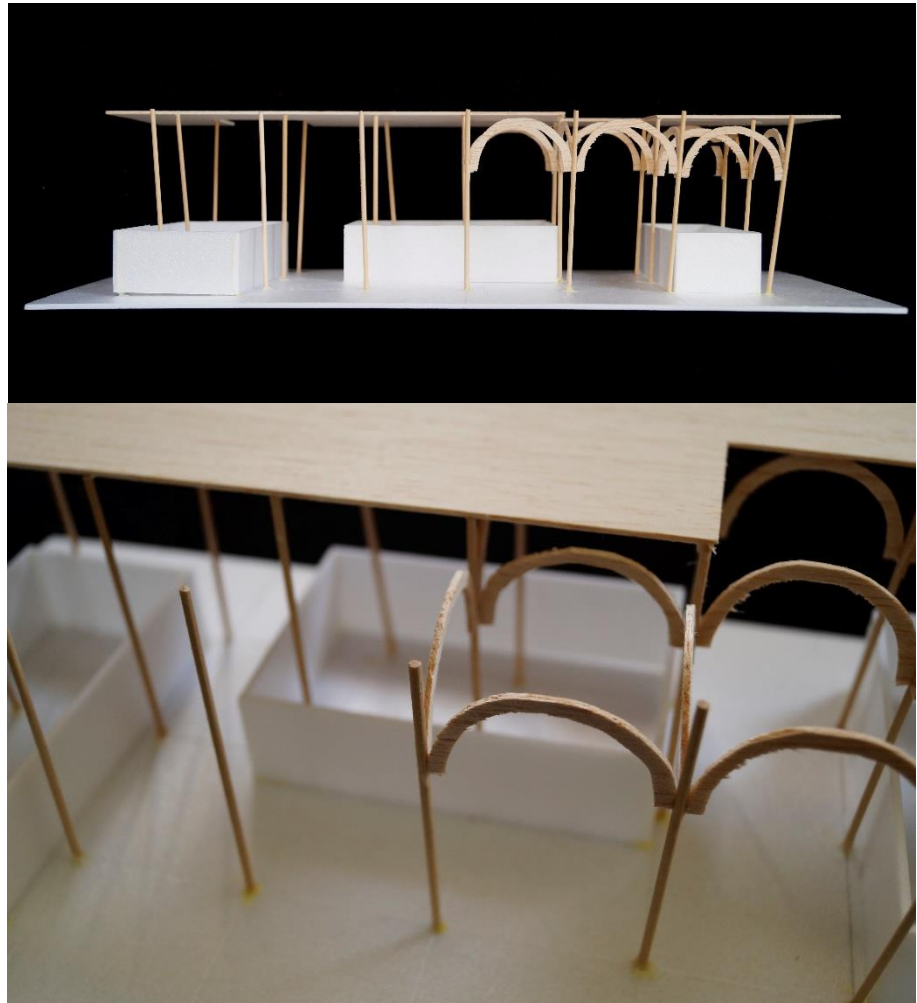
Maquetes do estudo volumétrico da organização espacial da Unidade Termal, à escala 1:500.

Maquetes dos primeiros estudos da integração dos elementos romanos e localização das piscinas, à escala 1:200.

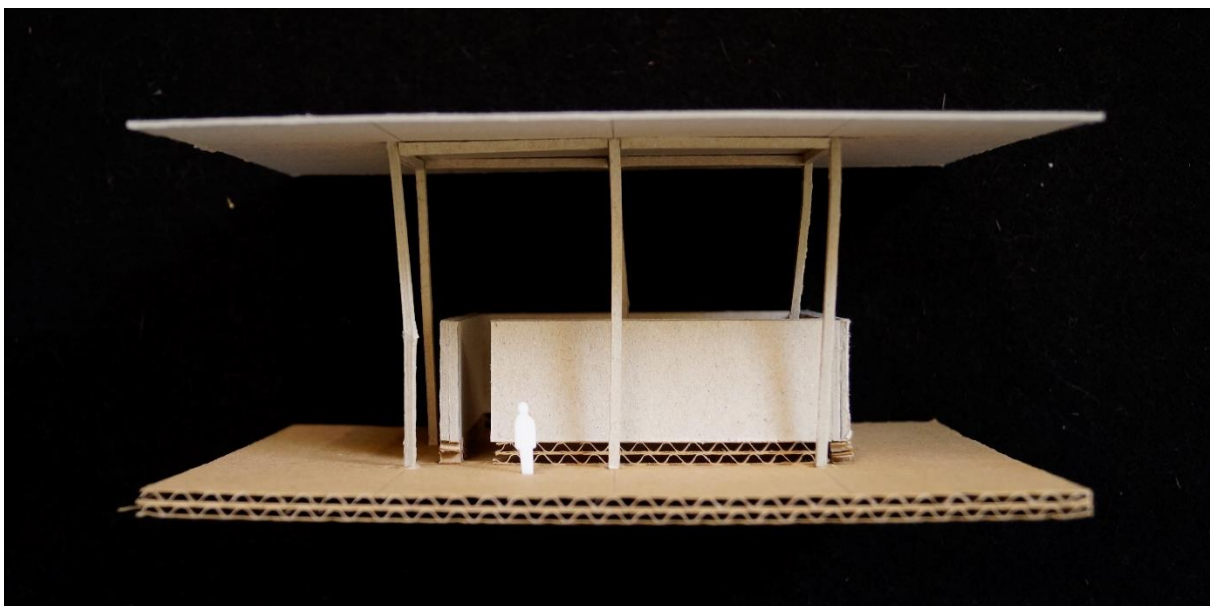


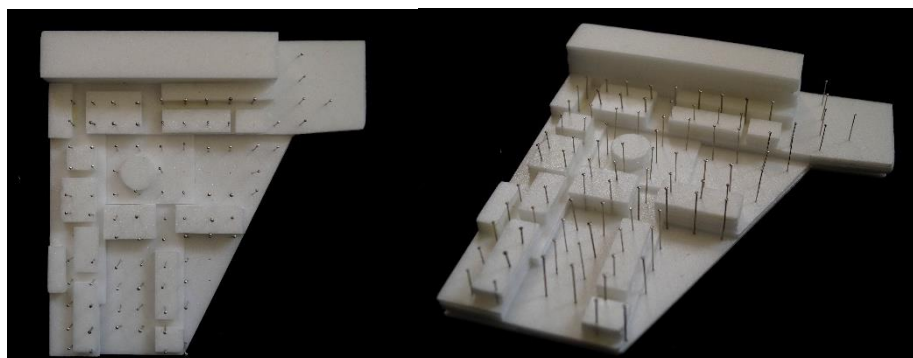
Maquetes de estudo da integração do arco e da relação entre a matriz e as «caixas», à escala 1:200.





Maquetes de estudo do novo conceito para a estrutura espacial.

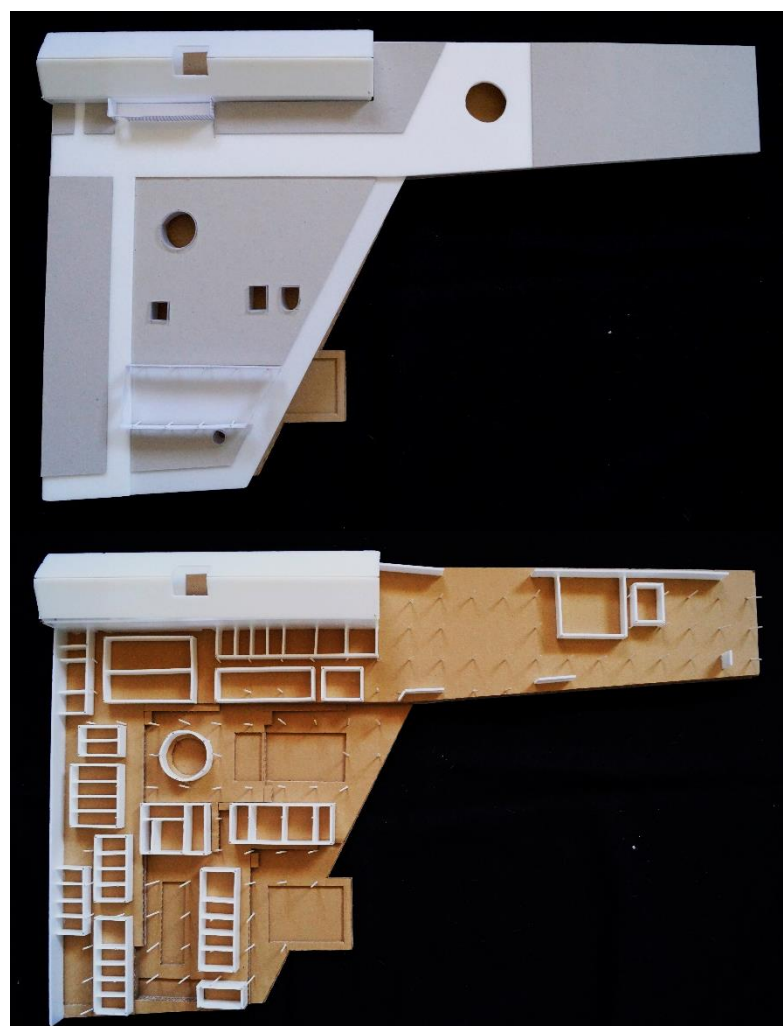




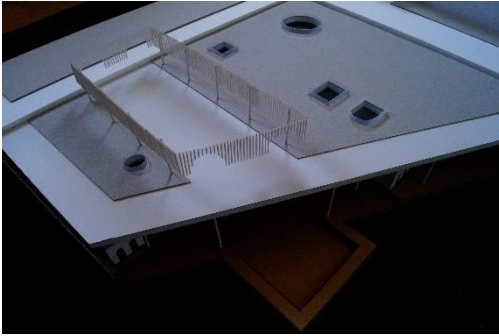
[De cima para baixo]

Maquete do novo conceito para a estrutura espacial, à escala 1:500.

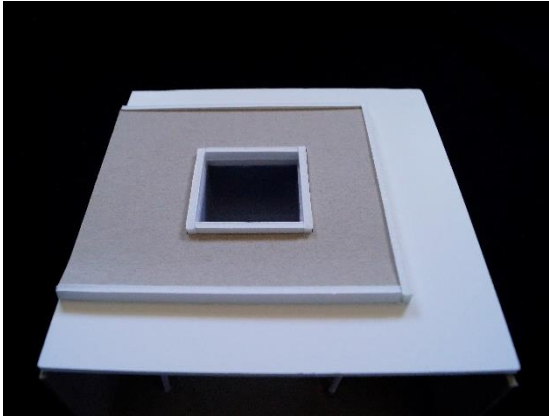
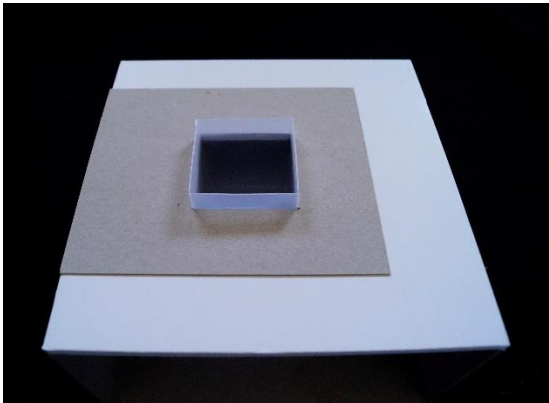
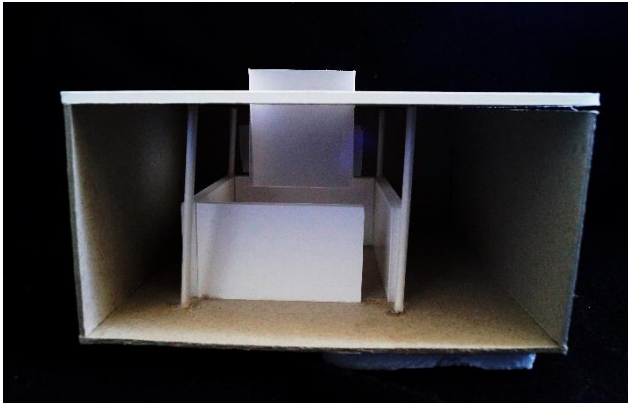
Maquete da proposta da Unidade termal e restaurante panorâmico, à escala 1:200.

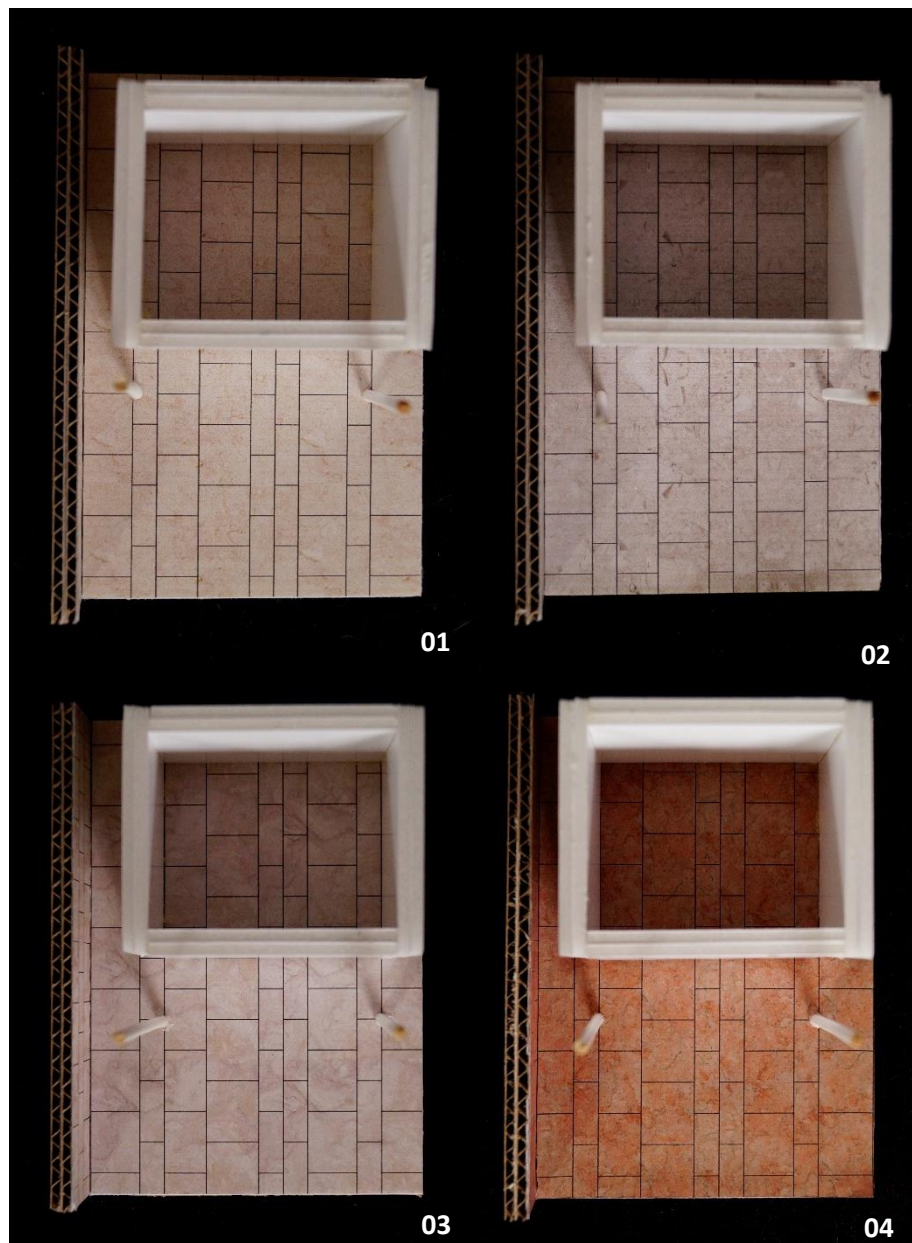


Maquete da proposta da
Unidade termal, à escala
1:100.



Maquetes de estudo das «caixas de luz».





Maquetes do estudo cromático para o pavimento da Unidade Termal.

Legenda:

01 – Lioz clássico (bege)

02 – Lioz cinzento

03 – Lioz rosa

04 – Lioz vermelho

10.3.3 | MAQUETES FINAIS

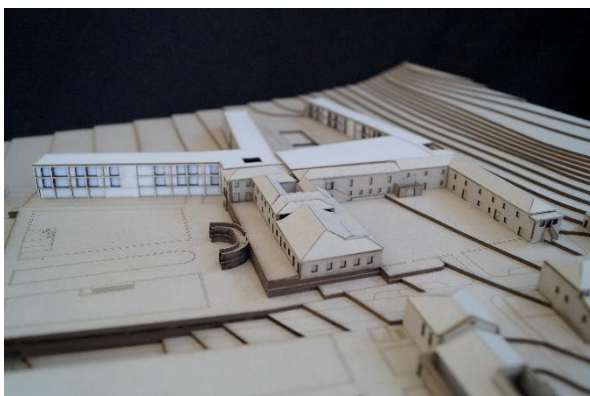
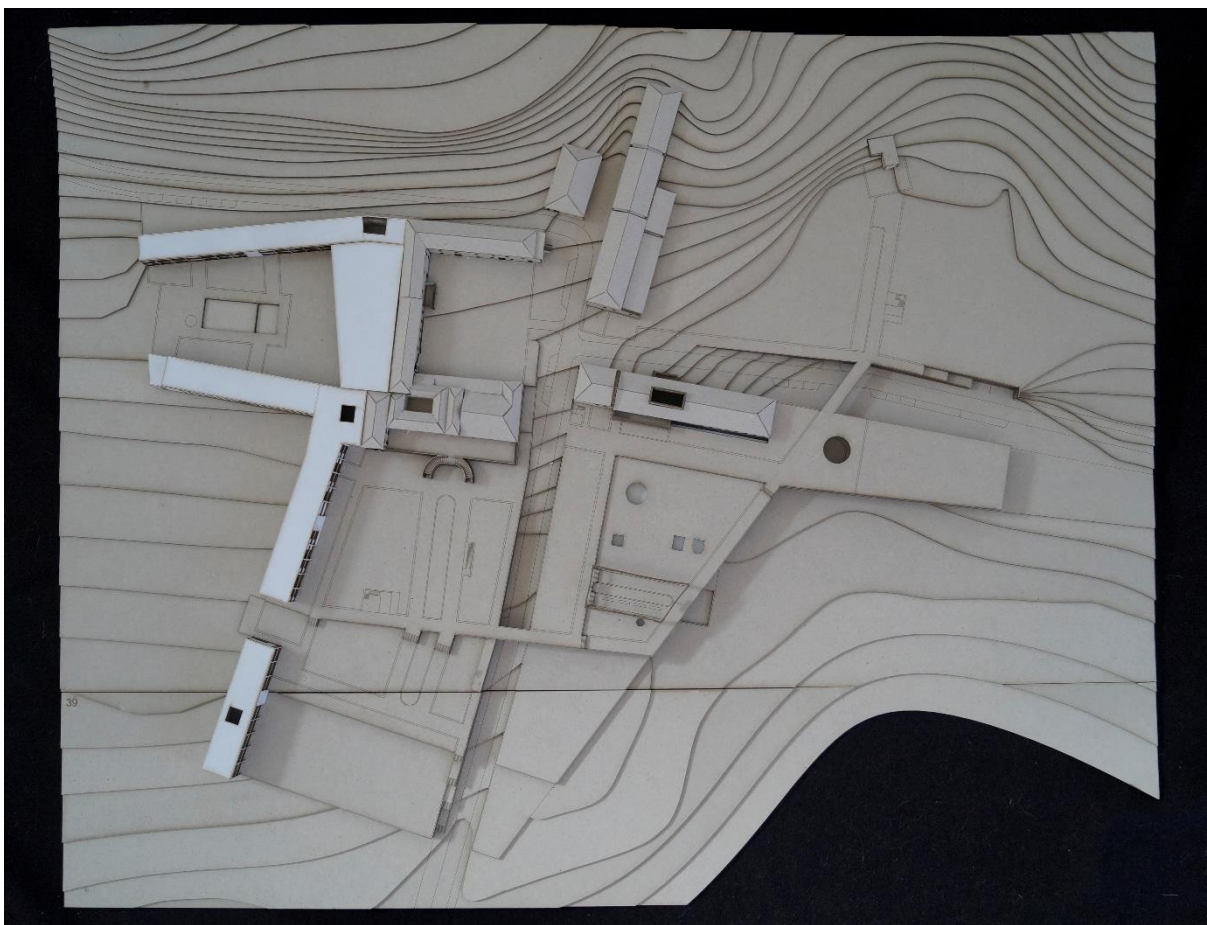
Maquete do limite territorial da Quinta das Janelas com a proposta urbana, à escala 1:2000.

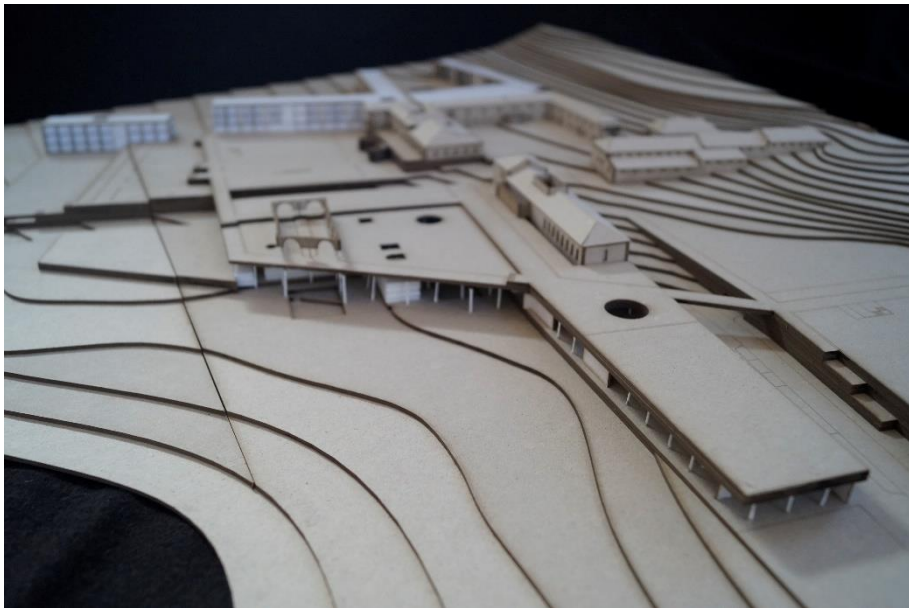
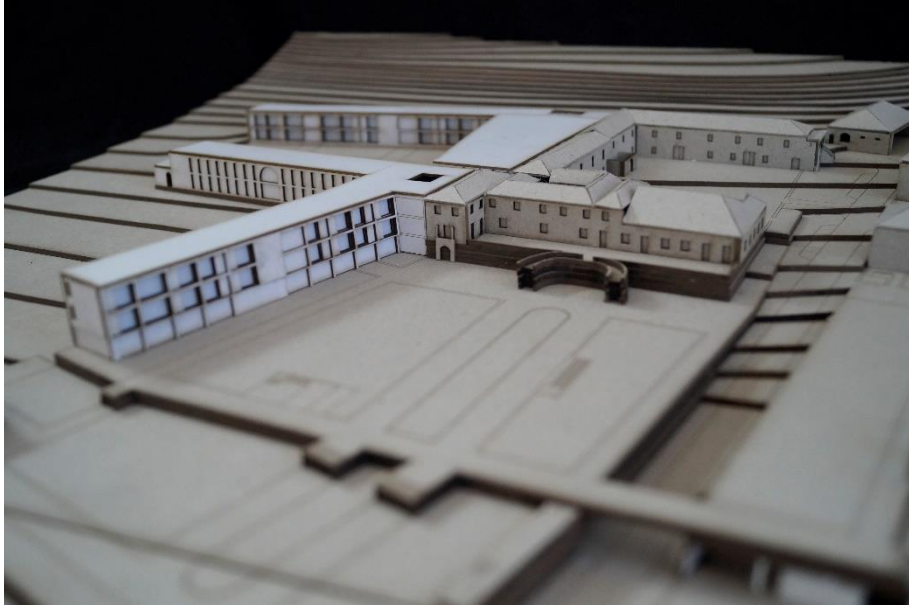


[De cima para baixo]

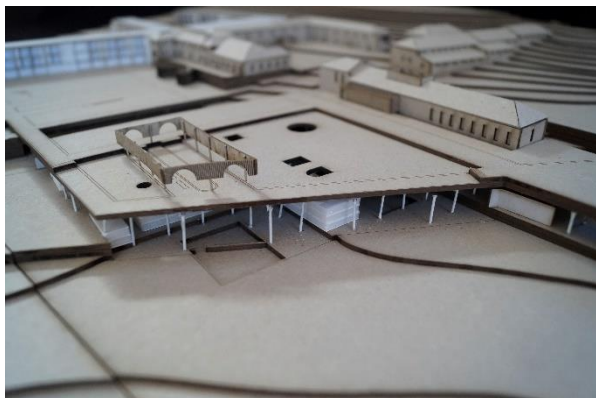
Maquete da proposta da Estância Termal, à escala 1:500.

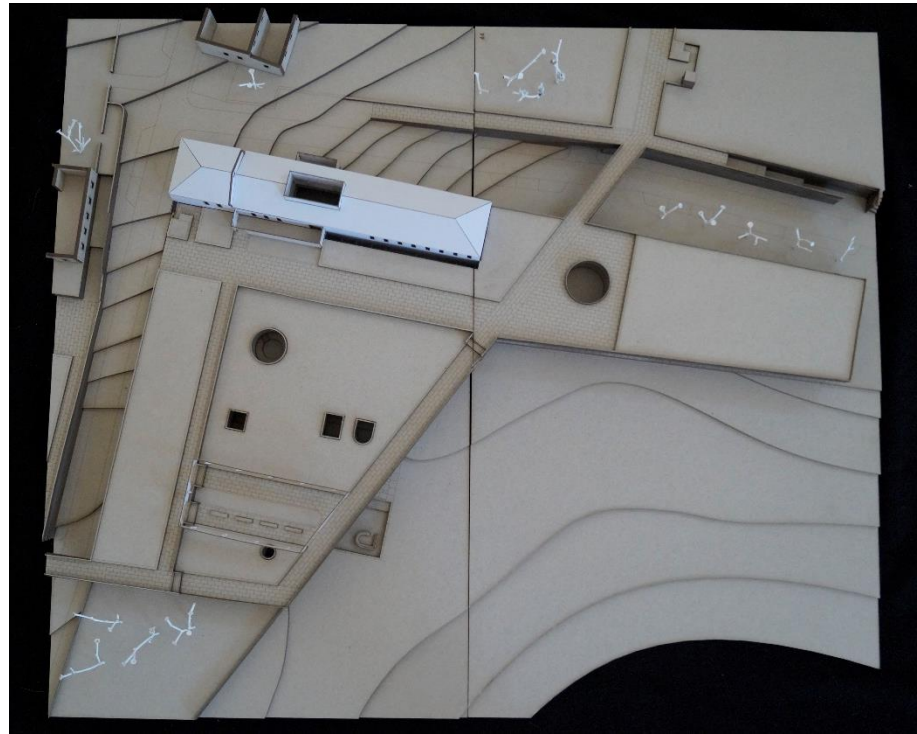
Vistas para a proposta da Unidade Hoteleira e Termal.





Diferentes vistas da maquete da proposta da Estância Termal, à escala 1:500.

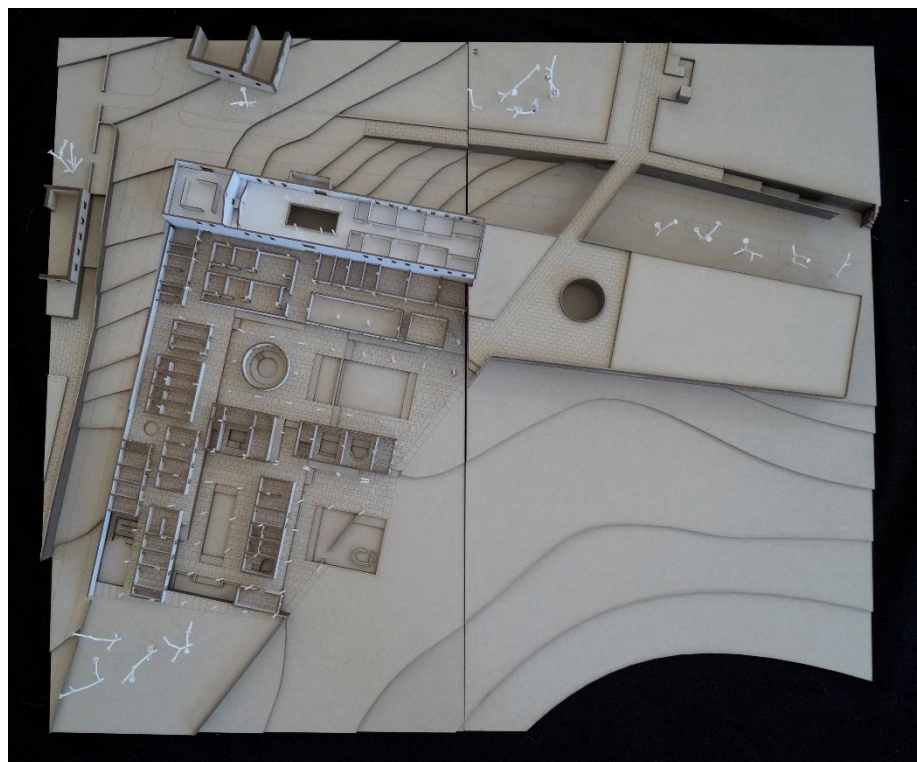


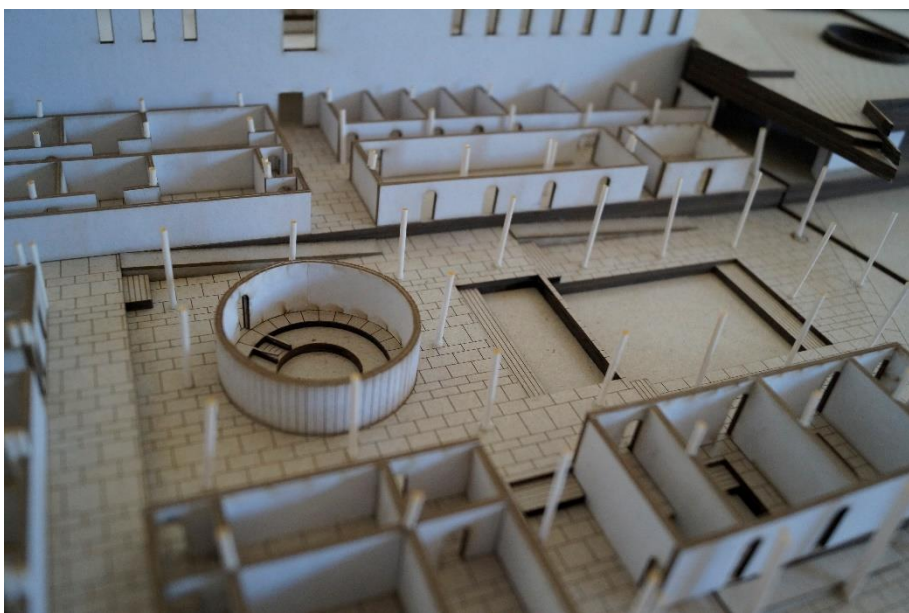
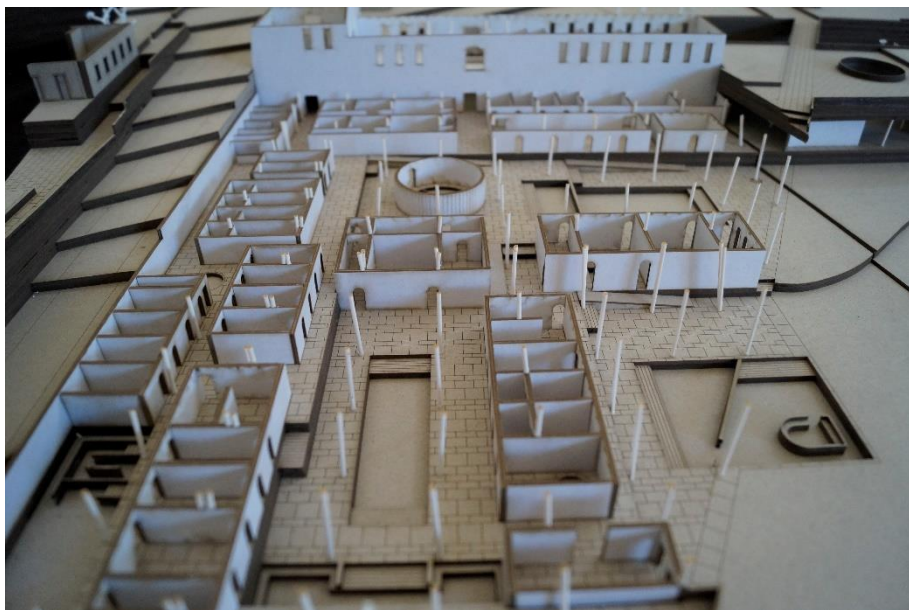


[De cima para baixo]

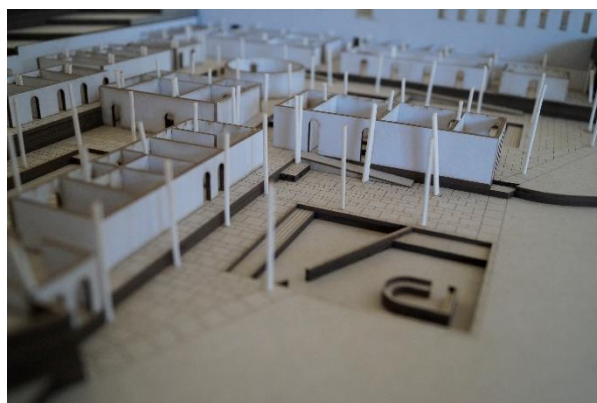
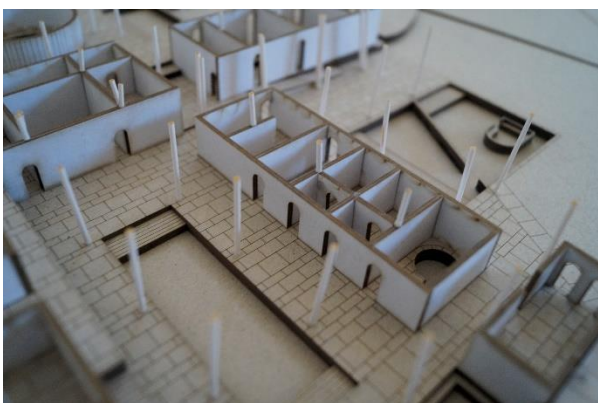
Maquete da proposta da Unidade Termal, à escala 1:200. Piso superior, com a cobertura visitável.

Maquete da proposta da Unidade Termal, à escala 1:200. Piso inferior, com o estabelecimento termal.

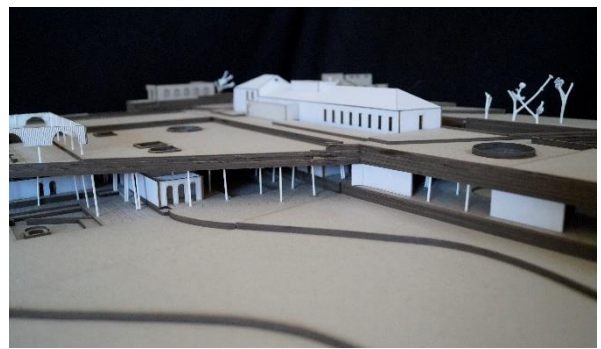
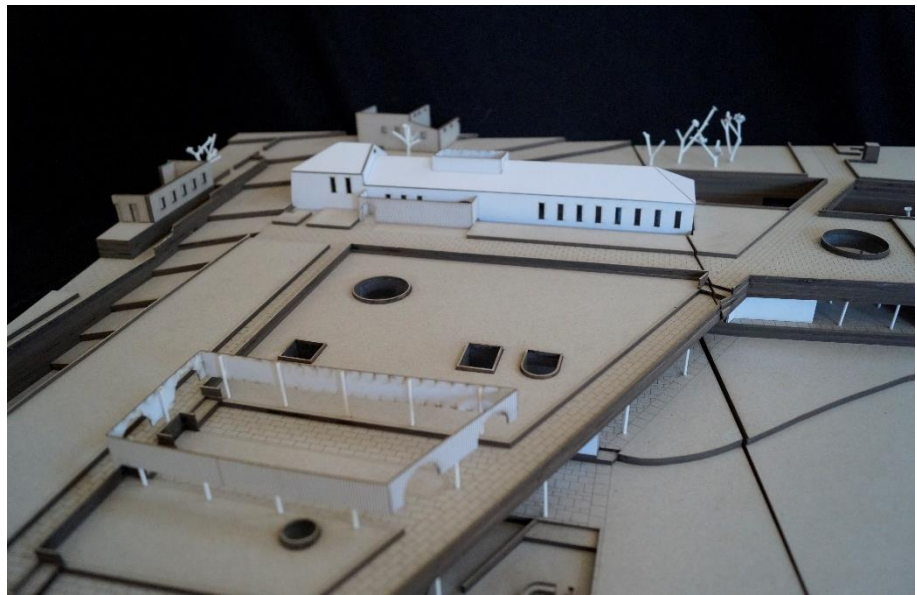




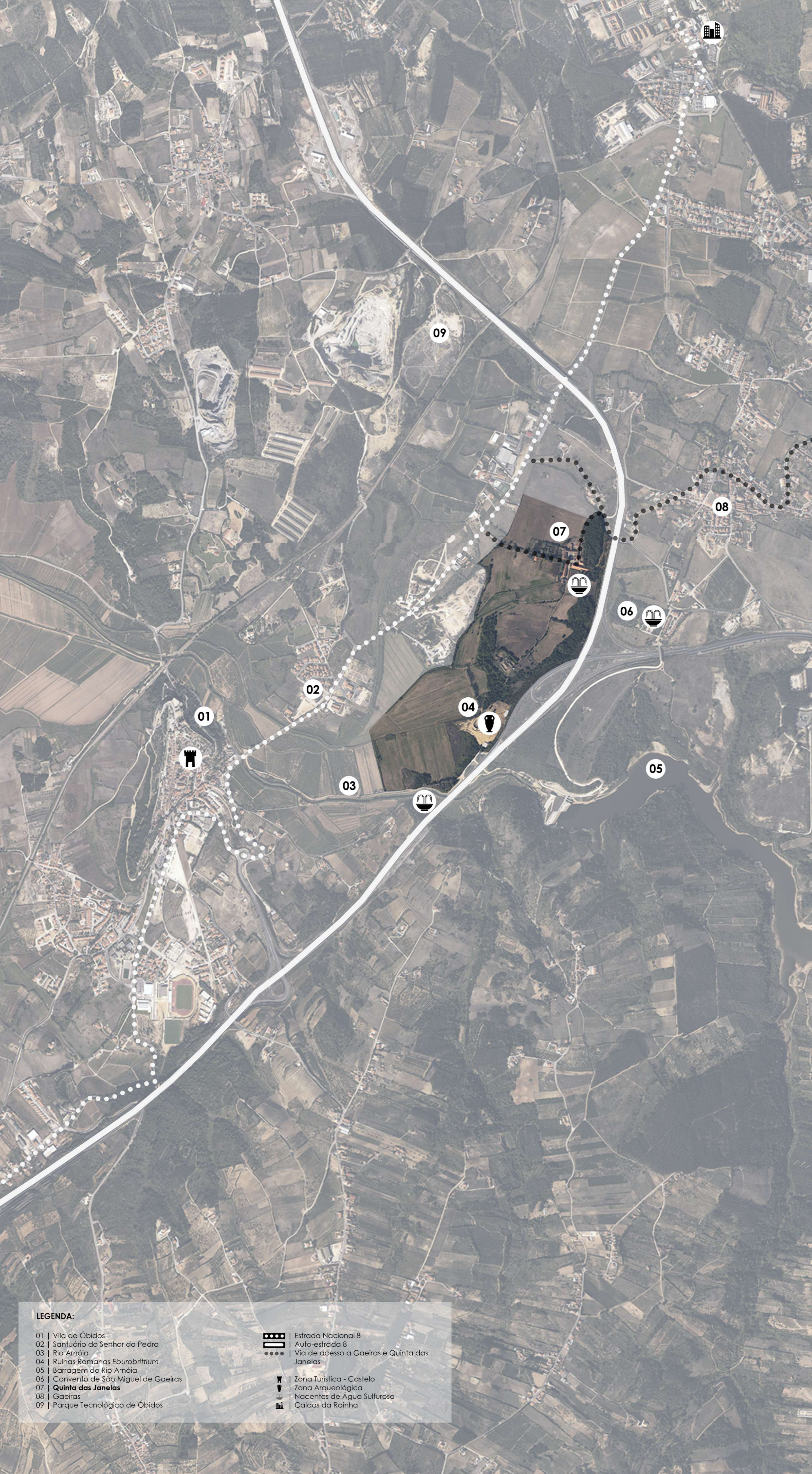
Diferentes vistas do interior da maquete da proposta da Unidade Termal, à escala 1:200.



Diferentes vistas da cobertura da maquete da proposta da Unidade Termal, à escala 1:200.



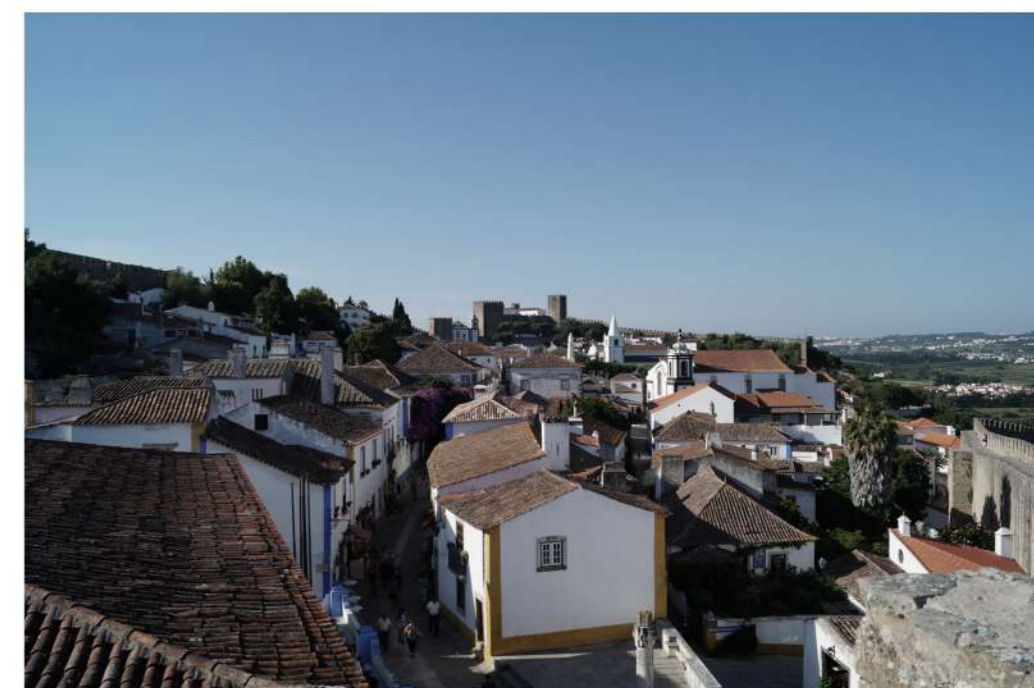
10.4 | ANEXO IV
PEÇAS DESENHADAS



LEGENDA:

- 01 | Vila de Óbidos
- 02 | Santuário do Senhor da Pedra
- 03 | Rio Arnóia
- 04 | Ruínas Romanas Eburobritium
- 05 | Barragem do Rio Arnóia
- 06 | Convento de São Miguel de Gaeiras
- 07 | Quinta das Janelas
- 08 | Gaeiras
- 09 | Parque Tecnológico de Óbidos

- | Estrada Nacional 8
- | Auto-estrada 8
- | Via de acesso a Gaeiras e Quinta das Janelas
- | Zona Turística - Castelo
- | Zona Arqueológica
- | Nacientes de Água Sulfurosa
- | Caldas da Rainha



| Vista para a Vila de Óbidos



| Vista para a Vila de Óbidos, e no fundo, para a Quinta das Janelas



| Santuário do Senhor da Pedra



| Vista para as ruínas da cidade Eburobritium e a Vila de Óbidos.



| Vista para as ruínas da cidade romana Eburobritium



| Vista para as ruínas do edifício termal romano



| Convento de São Miguel de Gaeiras



| Parque Tecnológico de Óbidos, de Jorge Mealha

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS
 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS

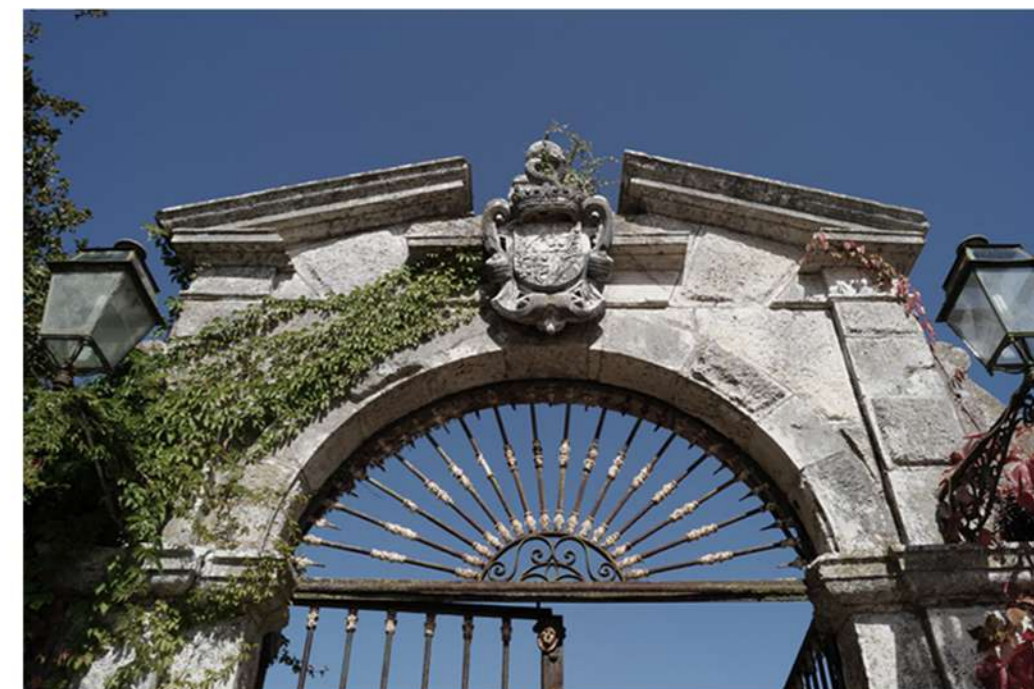
Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura | Projeto Final de Mestrado | Laila Bandeiras
 Orientação: Prof. Dr. António Leite | Prof.ª Dr.ª Ana Marta Feliciano | Março 2019



LEGENDA:
 01 | Casa Senhorial da Quinta das Janelas
 02 | Zona para gado e armazenamento de feno
 03 | Ruínas da Cidade Romana Eburyritium



| Vista aérea da Quinta das Janelas



| Portão de entrada com o brasão da Família Freire de Andrade



| Vista para a moradia e capela da Casa Senhorial



| Vista para a capela da Nossa Senhora do Desterro



| Vista para a moradia do feitor



| Vista a partir do pátio interior



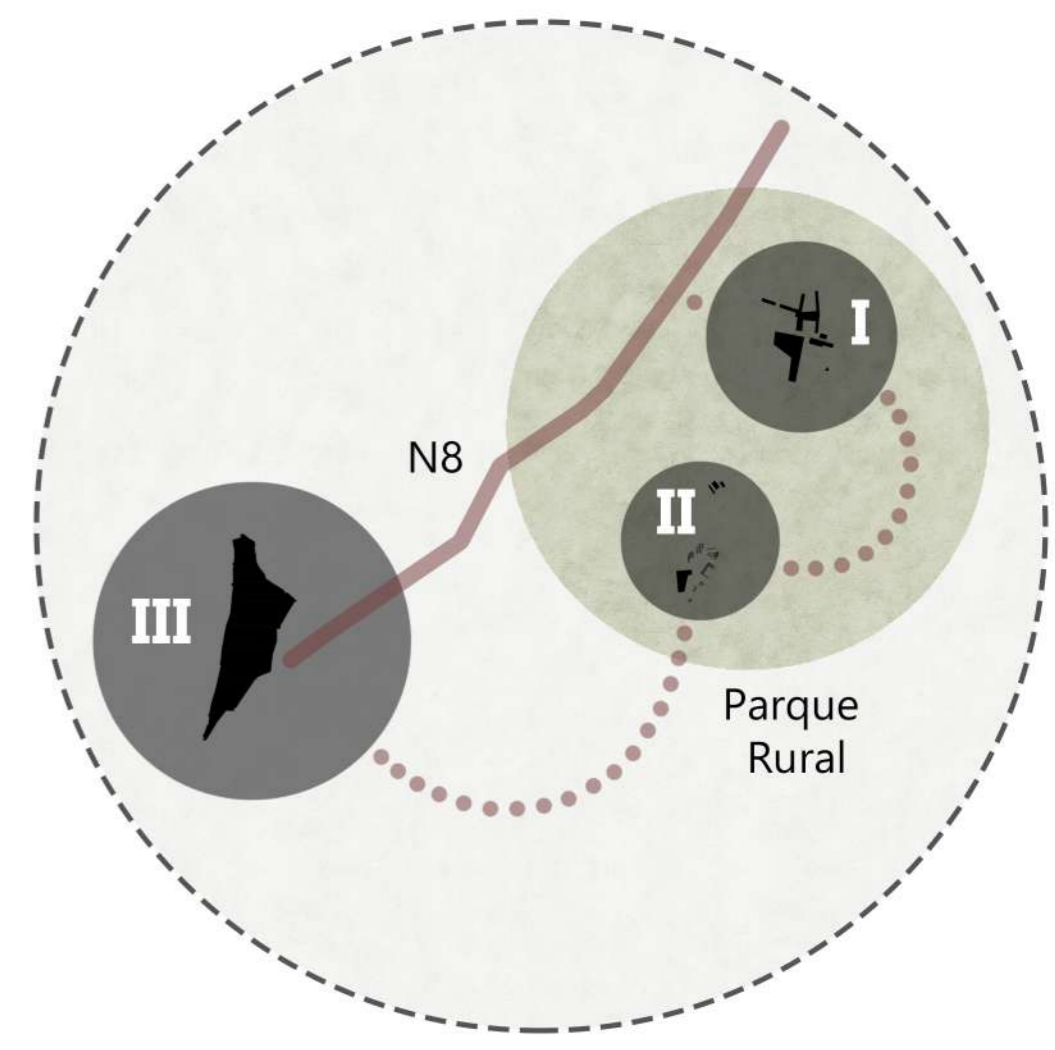
| Vista a partir do pátio interior



| Vista para o Chafariz do século XVII

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS
 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS

Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura | Projeto Final de Mestrado | Laila Bandeiras
 Orientação: Prof. Dr. António Leite | Prof.ª Dr.ª Ana Marta Feliciano | Março 2019

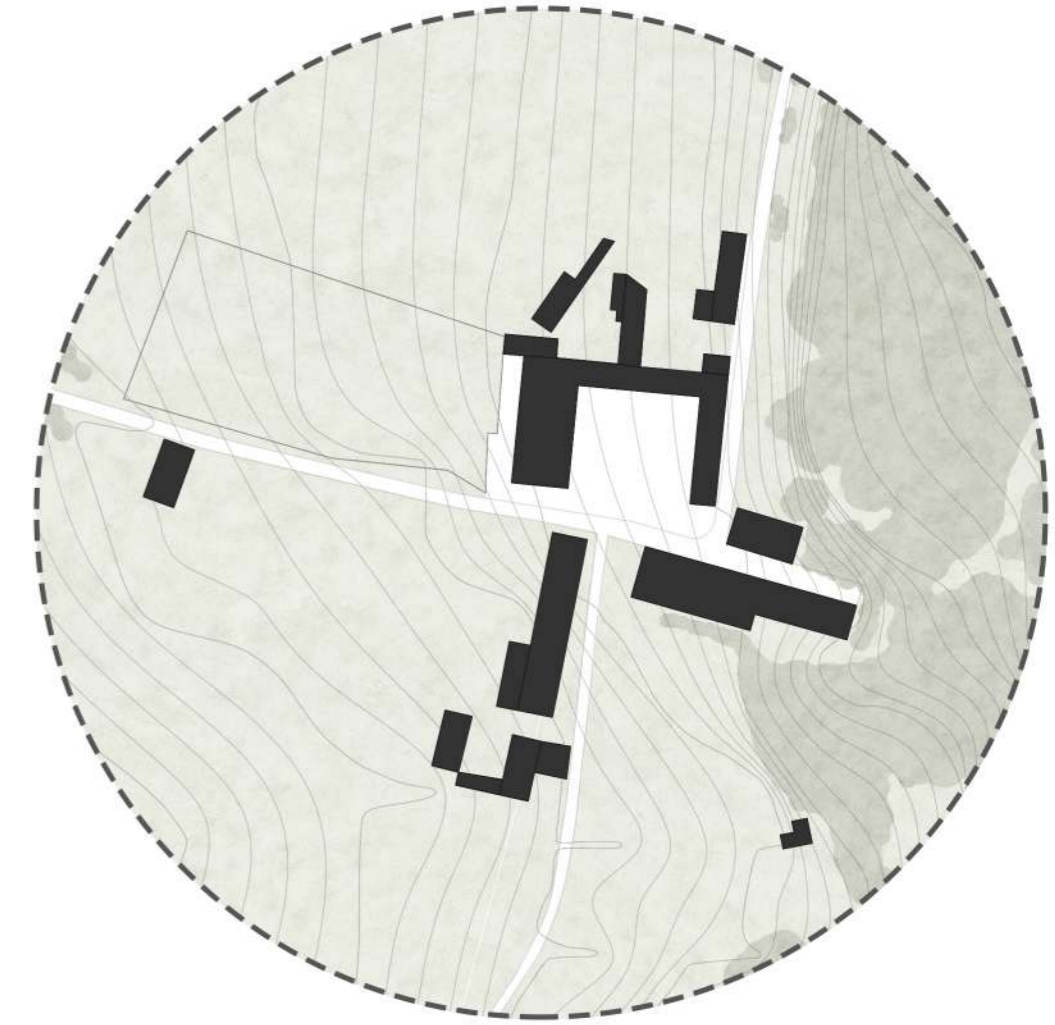


01 | Esquema da estratégia urbana da proposta e a sua relação com a Vila de Óbidos.

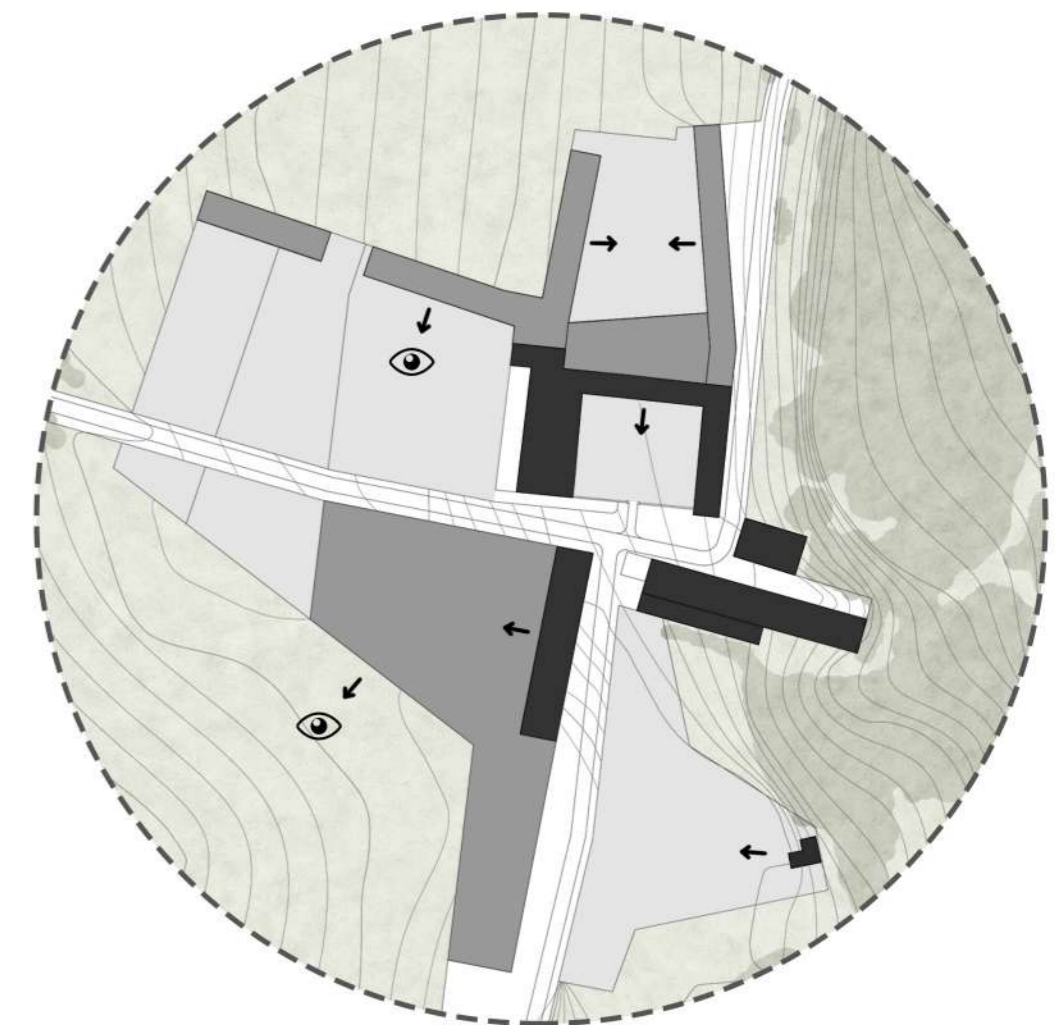
I | ESTÂNCIA TERMAL
 Unidade Termal, Unidade Hoteleira, Unidade Desportiva e Centro de Investigação de Termalismo.

II | ZONA DE INTERESSE PÚBLICO
 Restaurantes, Zona Arqueológica e Museológica e Anfiteatro.

III | VILA DE ÓBIDOS

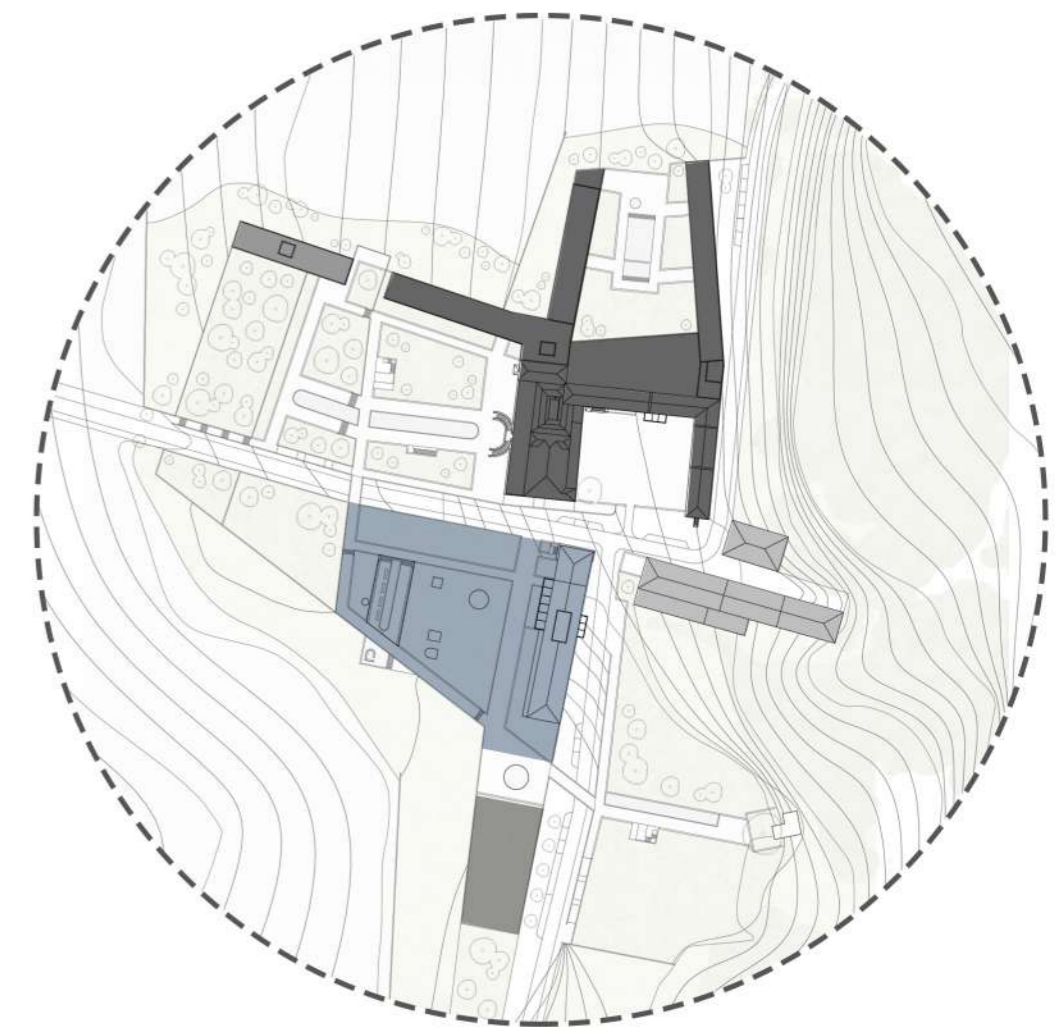


02 | Planta do existente.



03 | Planta esquemática do conceito volumétrico e urbano. Relação entre a pré-existência e a nova construção.

- Pré-existências
- Construção Nova
- Conjunto de plataformas a diferentes cotas de forma a adaptar-se ao terreno
- ➔ Ligação direta entre os edifícios existentes e novos com as plataformas criadas
- 👁 Vista para o vale e o Castelo de Óbidos



04 | Esquema do Programa Geral da Estância Termal.

- Unidade Hoteleira
- Unidade Desportiva
- Unidade Termal
- Unidade Cultural

LEGENDA:

- 01 | Acesso Principal
- 02 | Acesso Secundário
- 03 | Centro de Investigação de Termalismo
- 04 | Espaço Verde Público
- 05 | Unidade Hoteleira
- 06 | Unidade Desportiva (Centro Equestre)
- 07 | Unidade Termal
- 08 | Pequeno Balneário Termal e Buvette
- 09 | Unidade de Restaurantes
- 10 | Unidade Arqueológica - Cidade Romana Eburorittium

- ▶ | Acesso à Estância Termal
- ▶ | Acessos Principais às diversas unidades



COBERTURA

PISO 1

- UNIDADE HOTELEIRA
- Quartos
 - Suítes
 - Ginásio
 - Apartamentos

PISO 0

- UNIDADE HOTELEIRA
- Recepção/ Bar
 - Administração
 - Lojas
 - Centro Cultural
 - Restaurante
 - Quartos
 - Suítes
 - Apartamentos

- CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE TERMALISMO
- Espaços de trabalho

CENTRO HÍPICO

- Recepção
- Picadeiro interior e exterior
- Estábulos
- Área para aparelhar

PISO -1

- UNIDADE HOTELEIRA
- Centro de Congressos
 - Zona de serviços

- CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE TERMALISMO
- Recepção
 - Auditório

UNIDADE TERMAL

- Zona de exposição
- Recepção
- Gabinetes Médicos

PISO -2

- UNIDADE HOTELEIRA
- Estacionamento subterrâneo

- CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE TERMALISMO
- Cantina
 - Salas de apoio

UNIDADE TERMAL

- Recepção
- Zona de Exercício Físico
- Zona de Tratamentos/ TERMAS
- Zona de Banhos/ SPA
- Zona de serviços
- Restaurante panorâmico
- Estacionamento subterrâneo



LEGENDA:

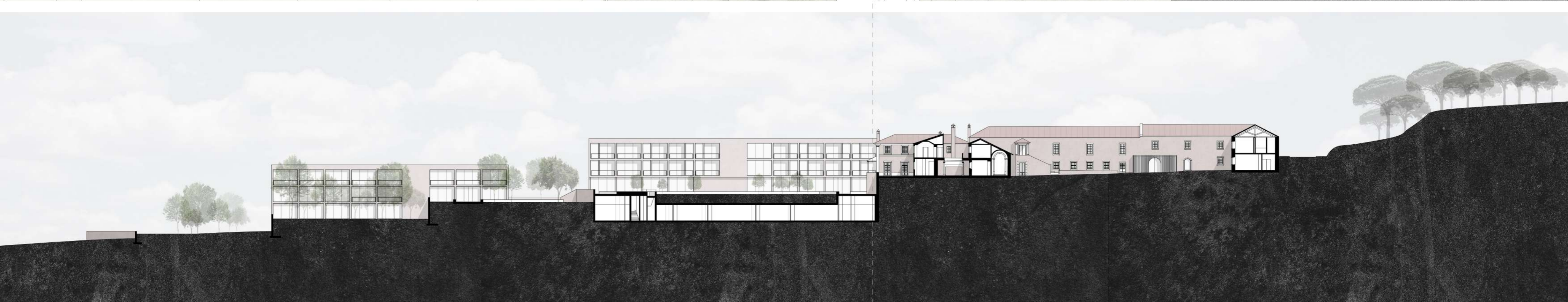
- 01 | Cantina/Bar
- 02 | Salas de apoio
- 03 | Átrio de acesso à Unidade Hoteleira
- 04 | Estacionamento da Unidade Hoteleira
- 05 | Acesso à Unidade Termal
- 06 | Acesso ao Restaurante
- 07 | Estacionamento da Unidade Termal





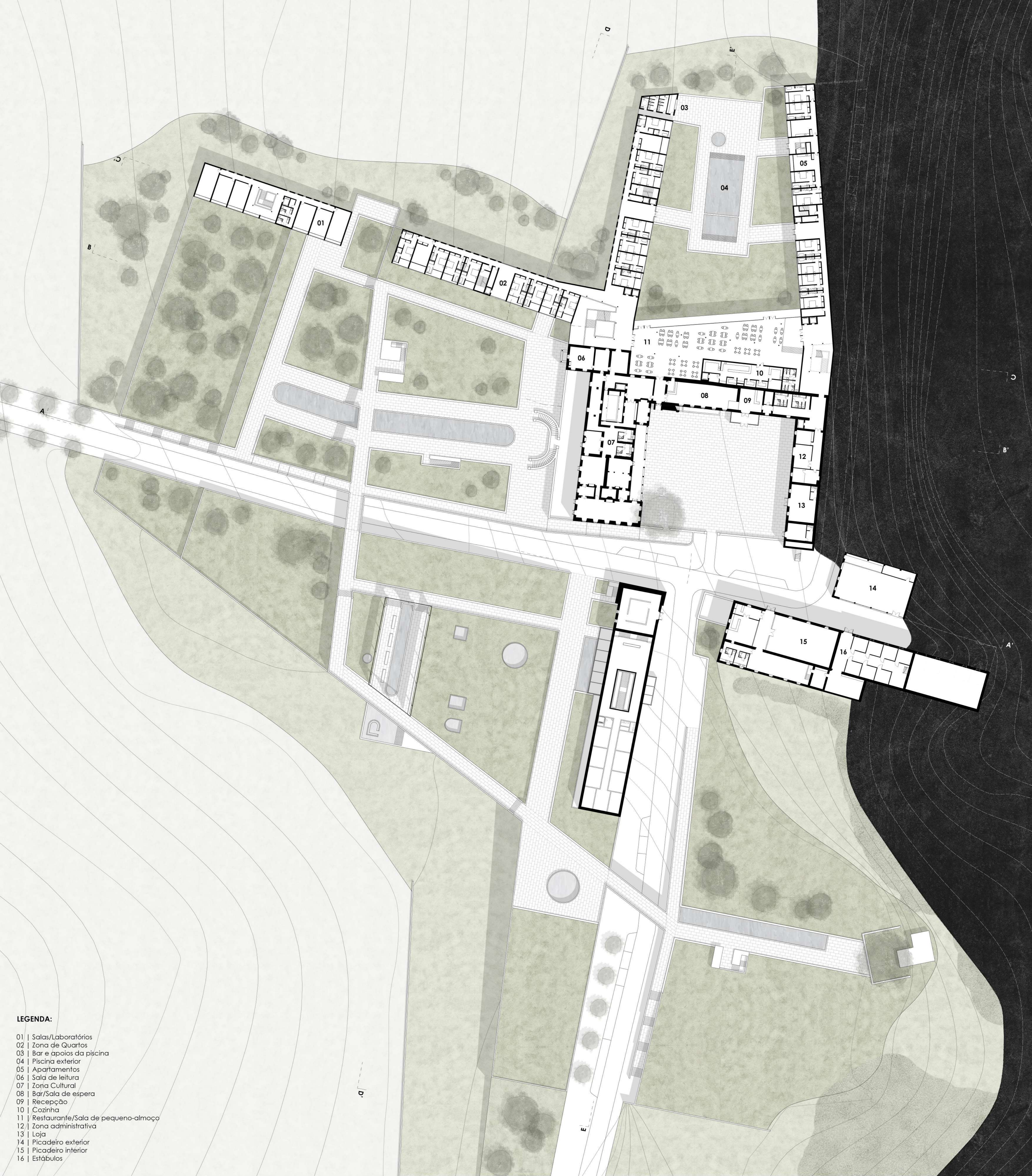
LEGENDA:

- 01 | Auditório
- 02 | Recepção do Centro de Investigação de Termalismo
- 03 | Salas de reunião
- 04 | Átrio de entrada do Centro de Conferências
- 05 | Zona de Serviços do Hotel
- 06 | Zona de apoio do restaurante do Hotel
- 07 | Jardim Público
- 08 | Miradouro
- 09 | Edifício dos Gabinetes Médico
- 10 | Antigo balneário e Buvette

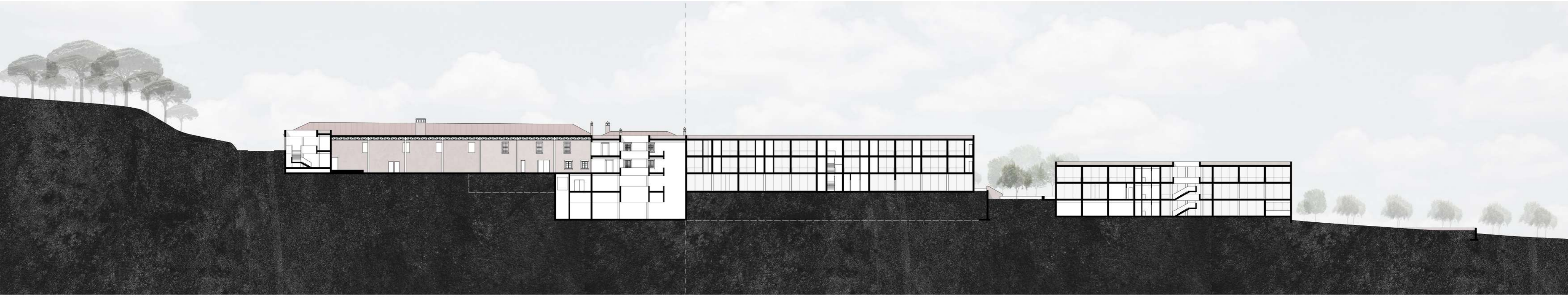


DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS
 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS

Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura | Projeto Final de Mestrado | Laila Bandeiras
 Orientação: Prof. Dr. António Leite | Prof.ª Dr.ª Ana Marta Feliciano | Março 2019



- LEGENDA:**
- 01 | Salas/Laboratórios
 - 02 | Zona de Quartos
 - 03 | Bar e apoios da piscina
 - 04 | Piscina exterior
 - 05 | Apartamentos
 - 06 | Sala de leitura
 - 07 | Zona Cultural
 - 08 | Bar/Sala de espera
 - 09 | Recepção
 - 10 | Cozinha
 - 11 | Restaurante/Sala de pequeno-almoço
 - 12 | Zona administrativa
 - 13 | Loja
 - 14 | Picadeiro exterior
 - 15 | Picadeiro interior
 - 16 | Estábulo



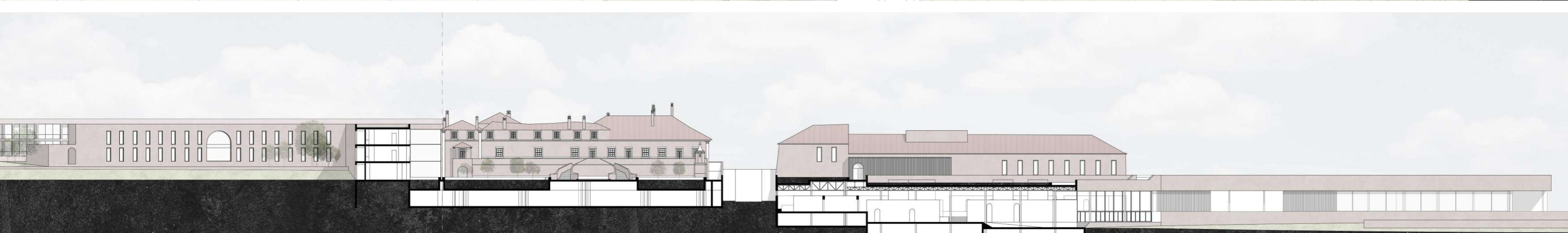
DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS
 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS

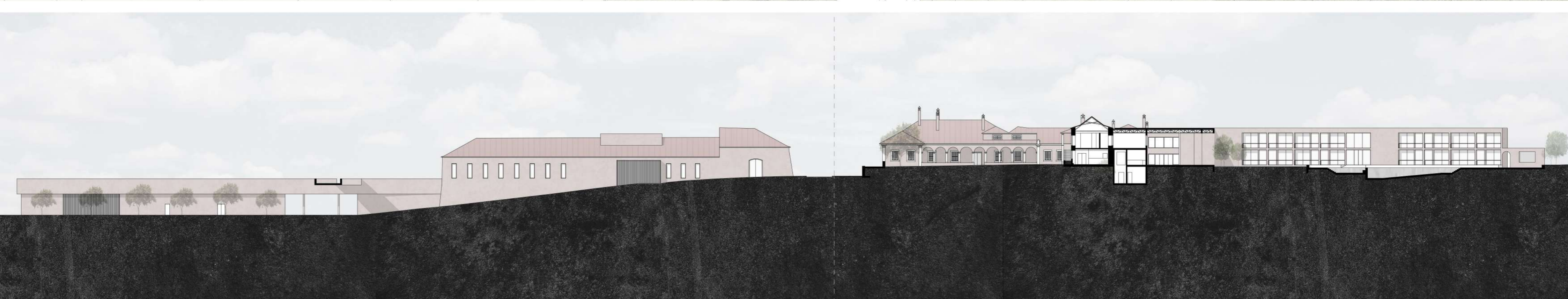
Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura | Projeto Final de Mestrado | Laila Bandeiras
 Orientação: Prof. Dr. António Leite | Prof.ª Dr.ª Ana Marta Feliciano | Março 2019

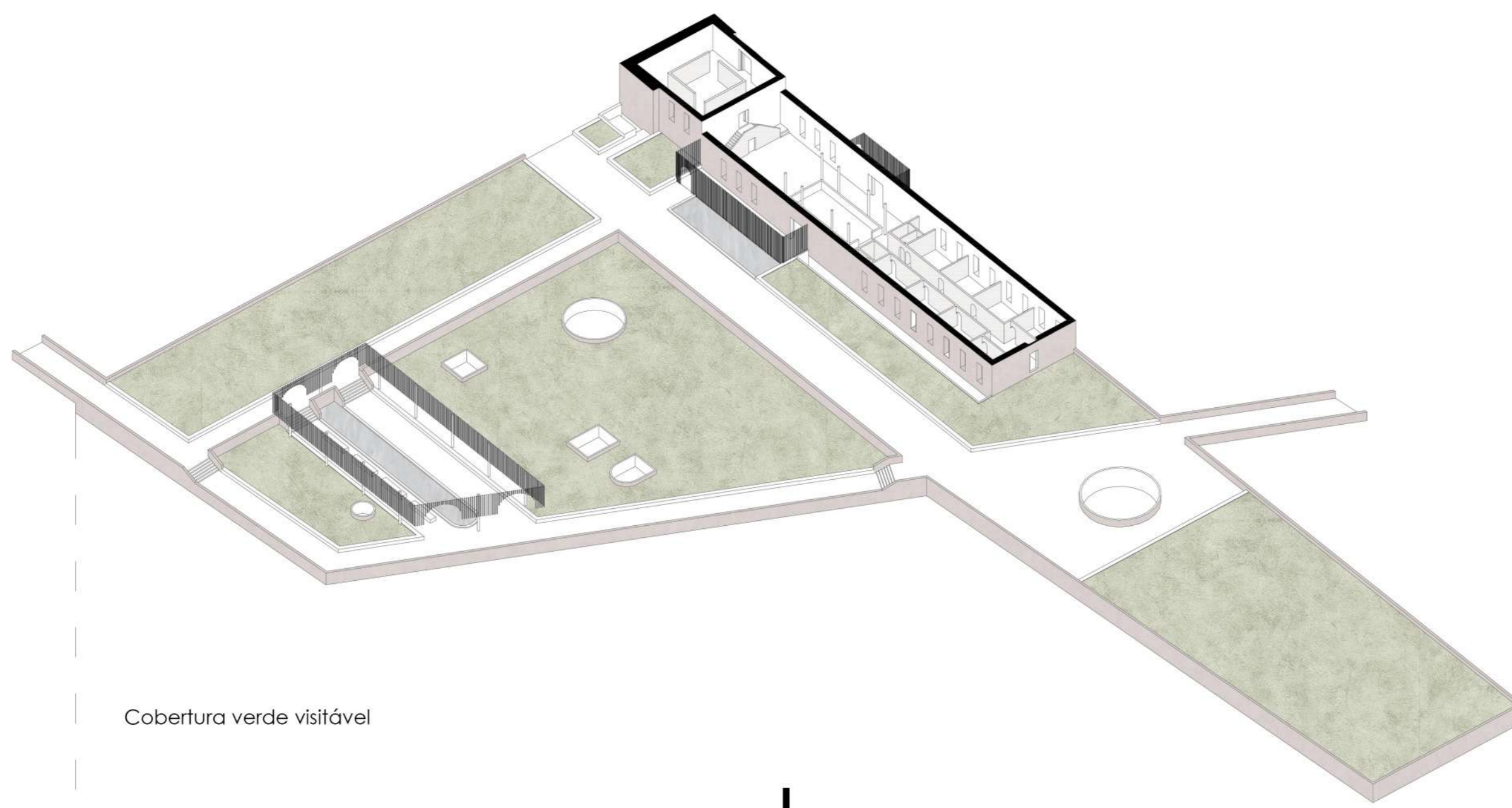


LEGENDA:

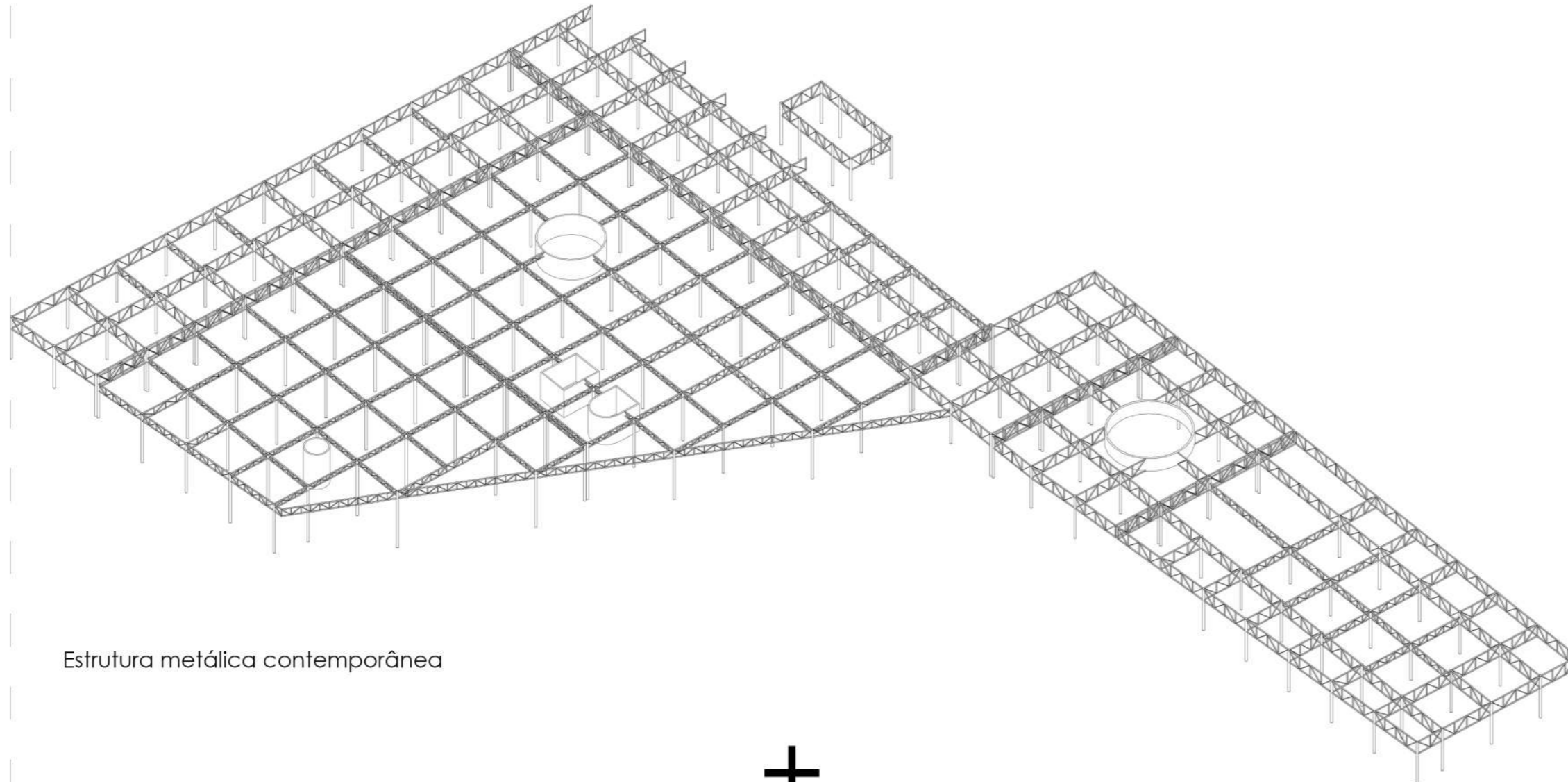
- 01 | Suite Junior
- 02 | Zona de Quartos
- 03 | Apartamentos
- 04 | Suite Presidencial
- 05 | Ginásio



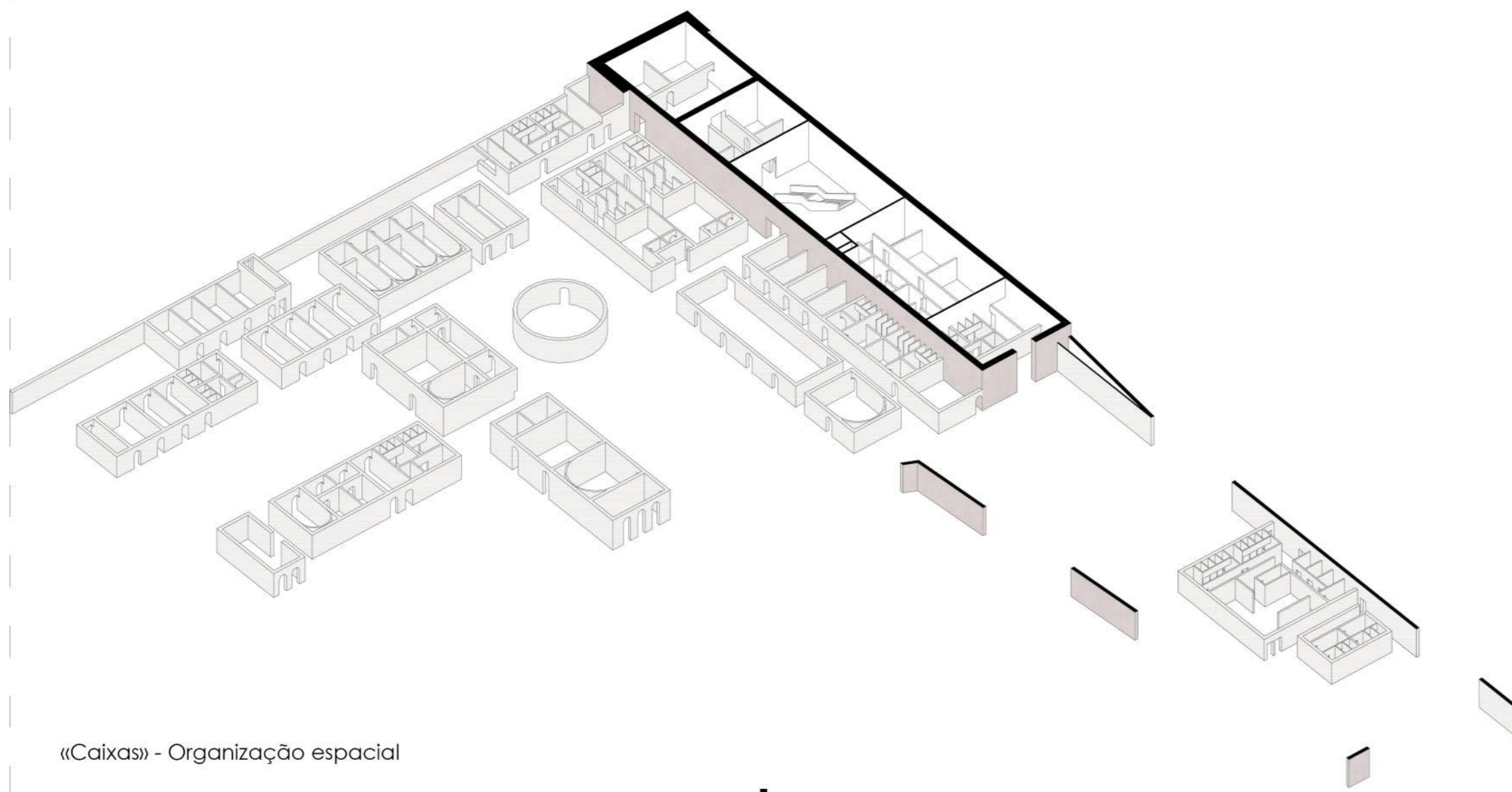
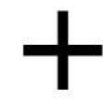




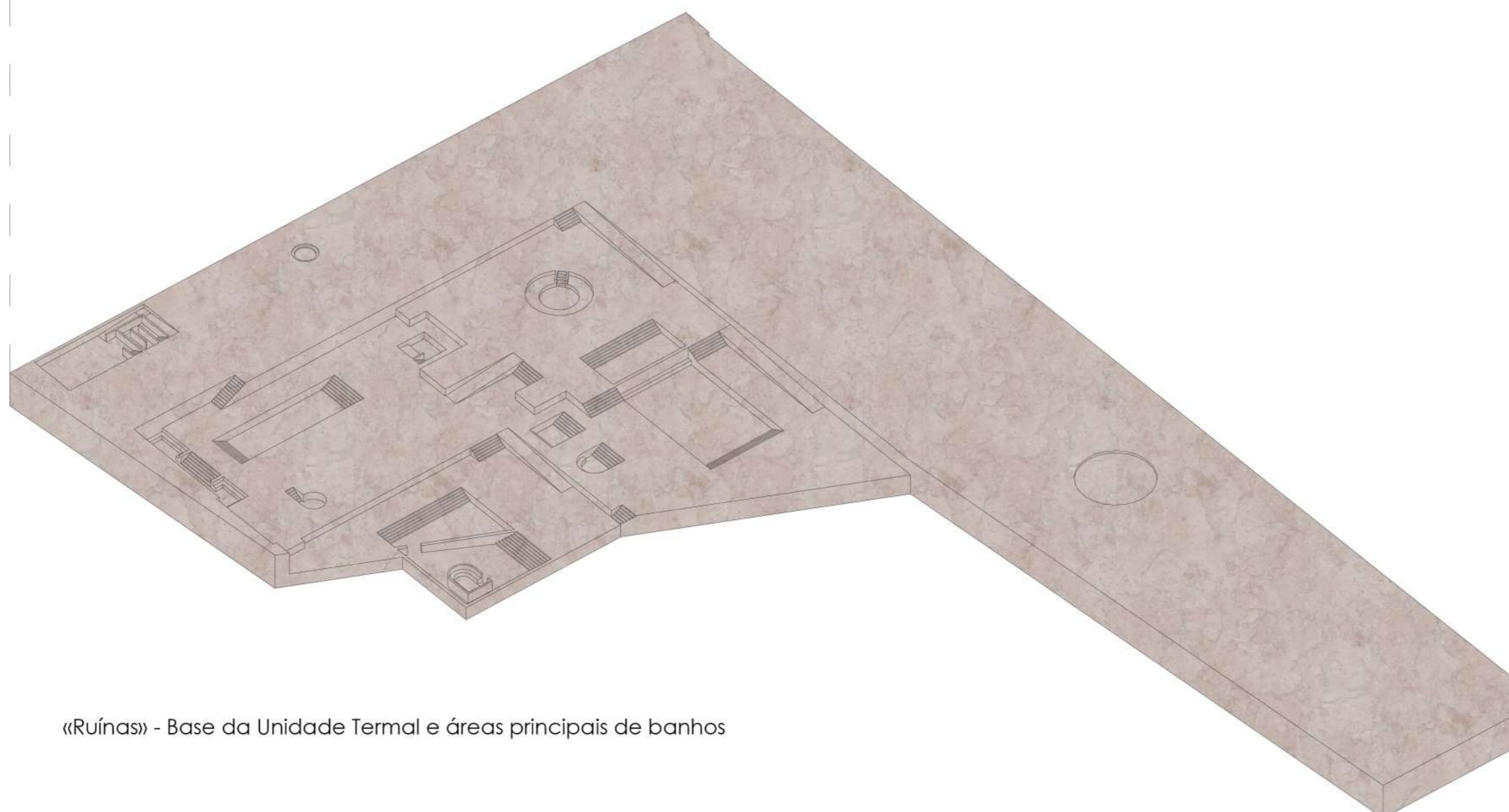
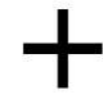
Cobertura verde visitável



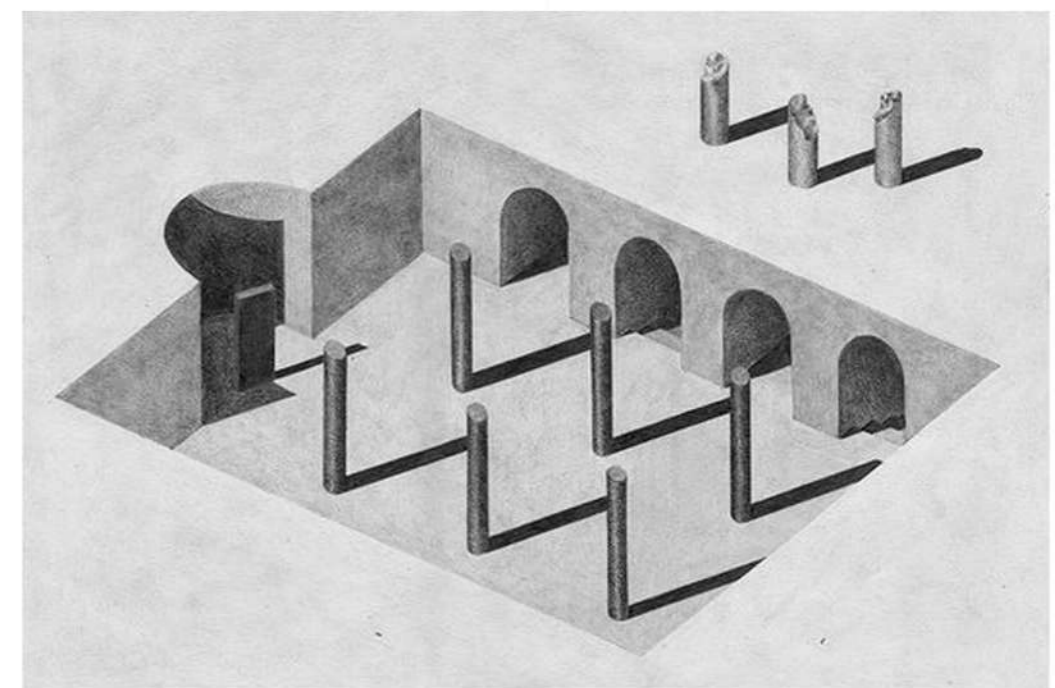
Estrutura metálica contemporânea



«Caixas» - Organização espacial



«Ruínas» - Base da Unidade Termal e áreas principais de banhos



| "Hyper Demeures", ilustração de Pía-Mélissa



| "A casa labirinto", de Xavier Corbero



| Museu Nacional de Arte Romana, de Rafael Moneo



| Abrigo dos Banhos Reais de Meroë, de Kéré Architecture



| Abrigo de Zona Arqueológica Romana, de Peter Zumthor



| Museu de Arte Kolumba, de Peter Zumthor



| Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge, de Carrilho da Graça

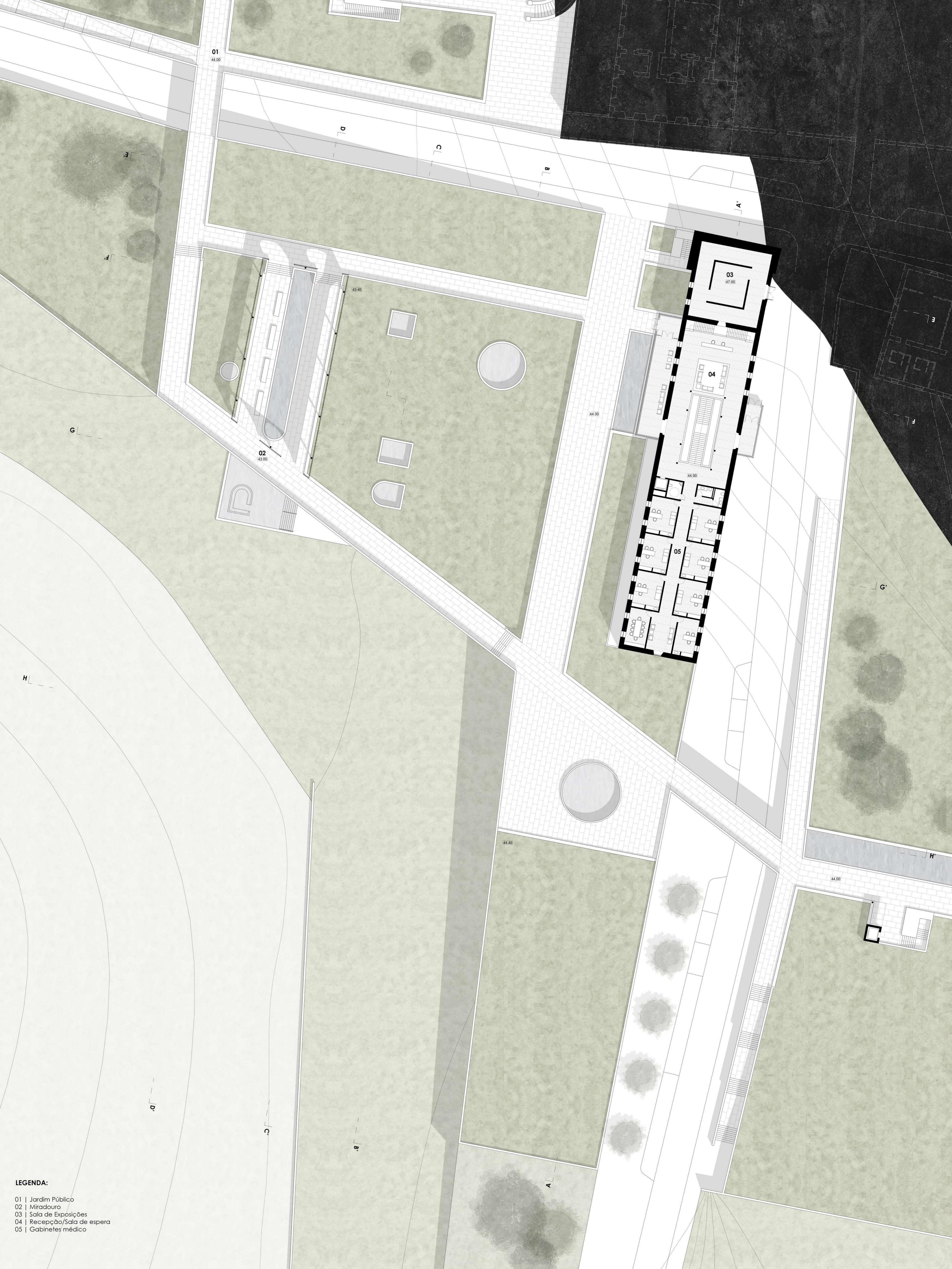


| Imagem do filme "Playtime" de Jacques Tati



LEGENDA:

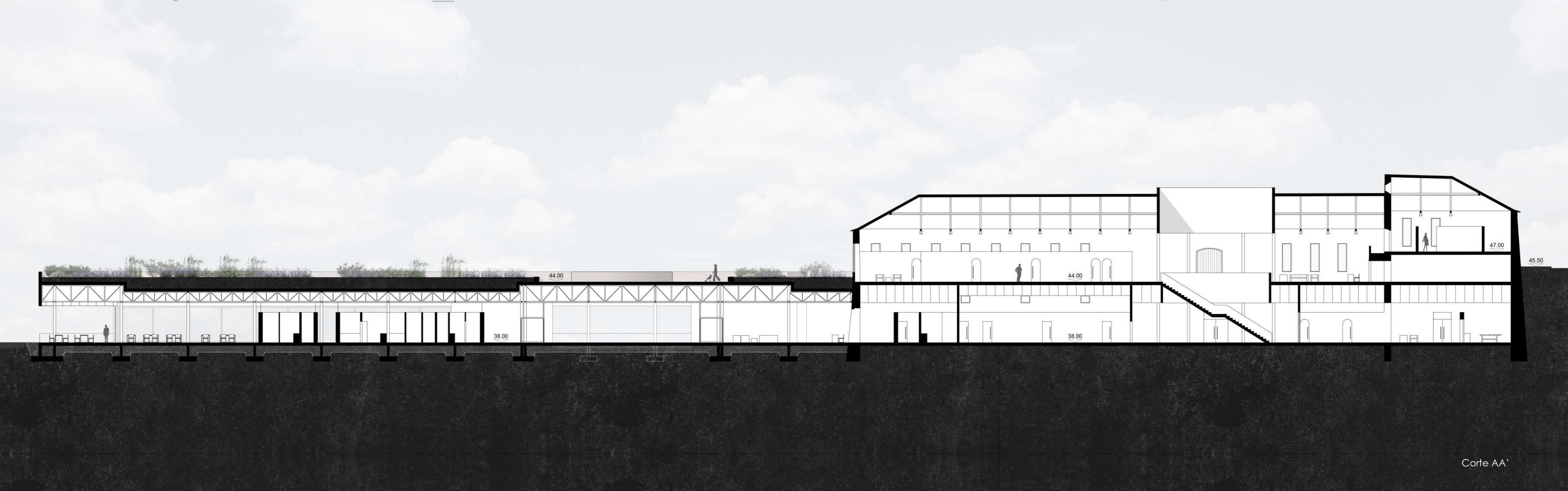
- 01 | Estacionamento da Unidade Hoteleira
- 02 | Piscina de reabilitação
- 03 | Banhos individuais
- 04 | Duche Circular
- 05 | Duche Vichy
- 06 | Pedilúvio
- 07 | Duche Agulheta
- 08 | Inaloterapia/Irrigação Nasal
- 09 | Recepção da zona de tratamentos termais
- 10 | Salas de massagem
- 11 | Bar
- 12 | Banho frio
- 13 | Piscina exterior
- 14 | Banho de som
- 15 | Sauna
- 16 | Banho turco
- 17 | Duches
- 18 | Banho aromático
- 19 | Banho quente
- 20 | Sala de relaxamento
- 21 | Balneários das Termas
- 22 | Ginásio
- 23 | Fisioterapia
- 24 | Sala para atividades em grupo
- 25 | Balneário do Ginásio
- 26 | Zona de serviços
- 27 | Recepção/Sala de espera
- 28 | Bar
- 29 | Cozinha
- 30 | Restaurante
- 31 | Esplanada
- 32 | Estacionamento da Unidade Termal



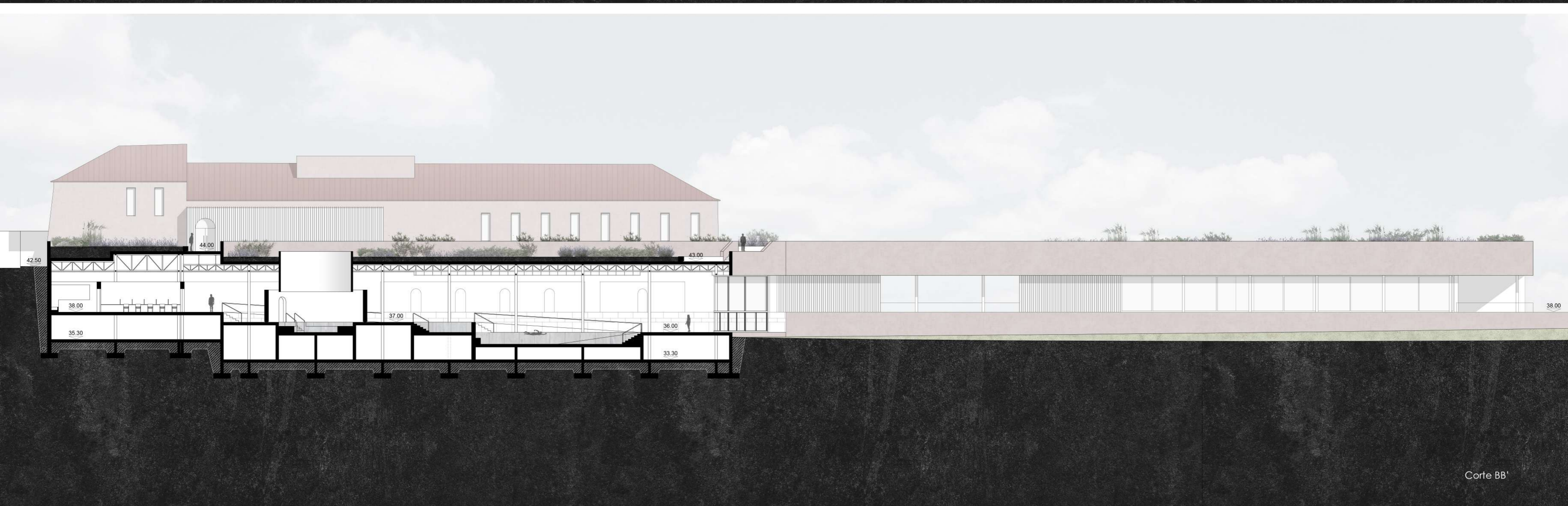
- LEGENDA:**
- 01 | Jardim Público
 - 02 | Miradouro
 - 03 | Sala de Exposições
 - 04 | Recepção/Sala de espera
 - 05 | Gabinetes médico

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS

PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS



Corte AA'



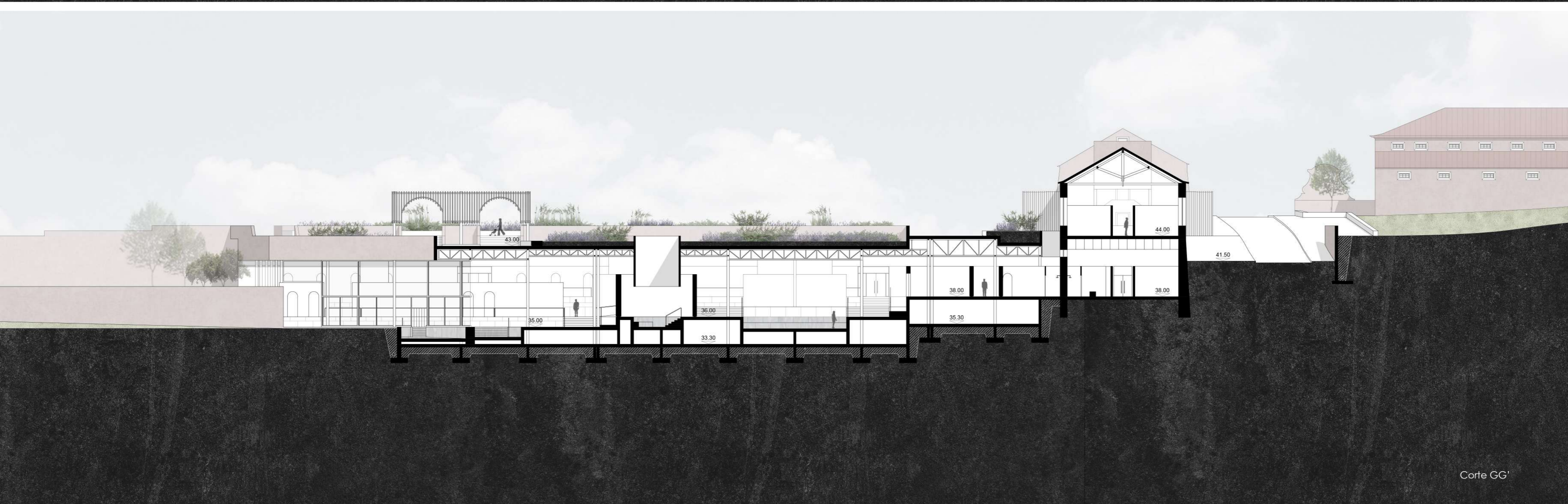
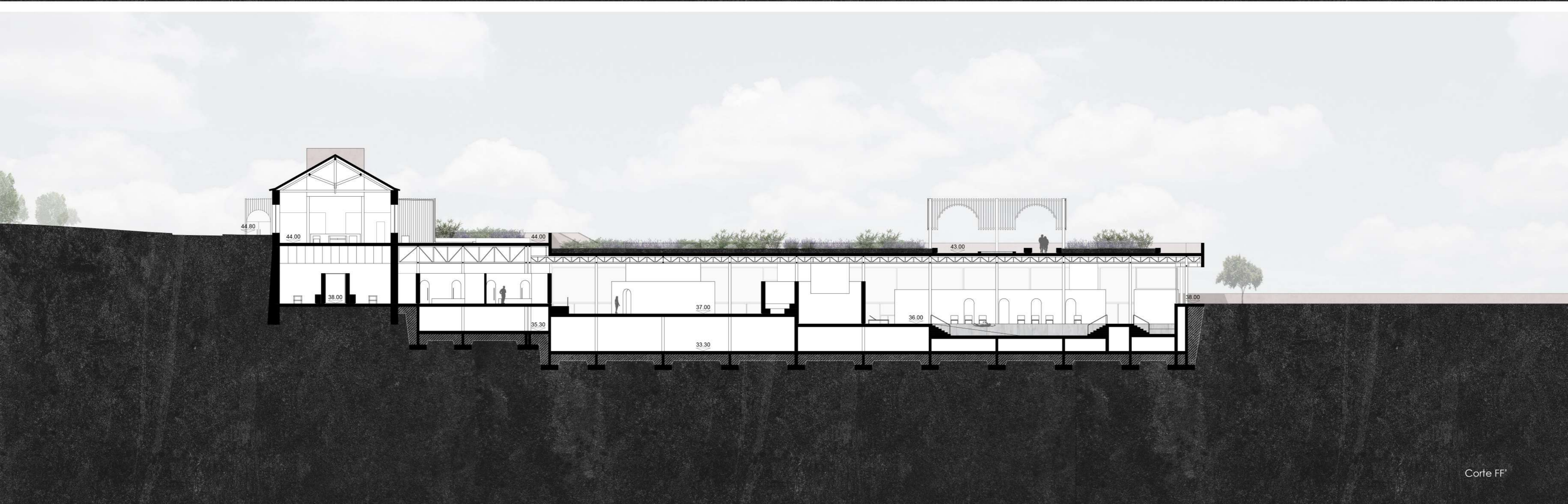
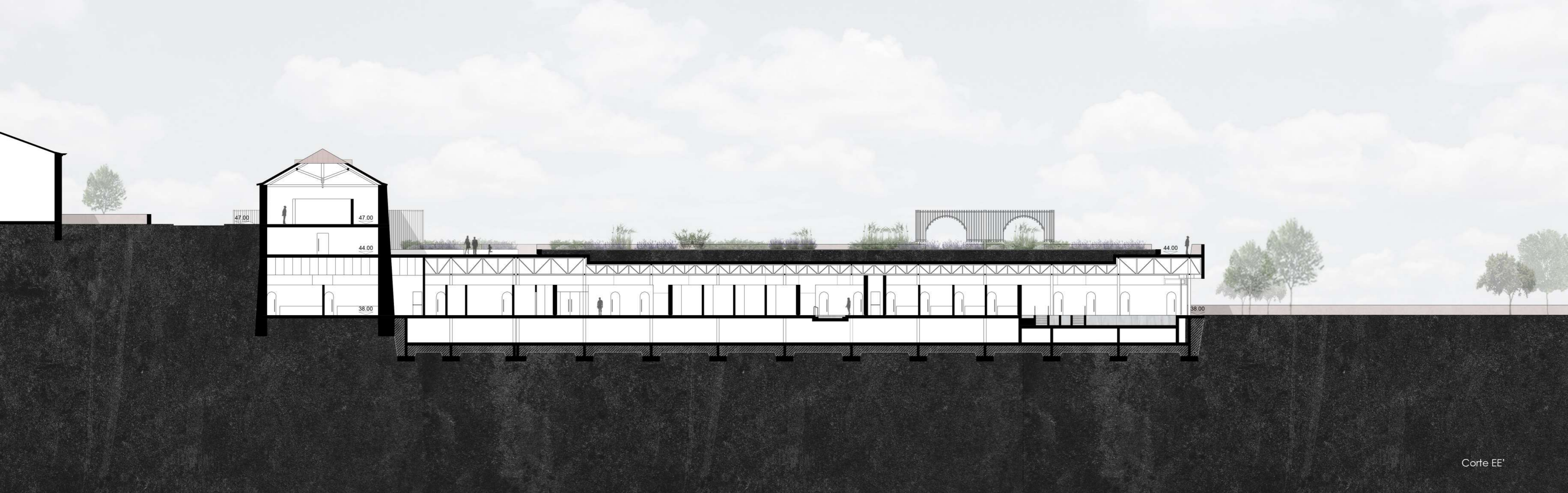
Corte BB'

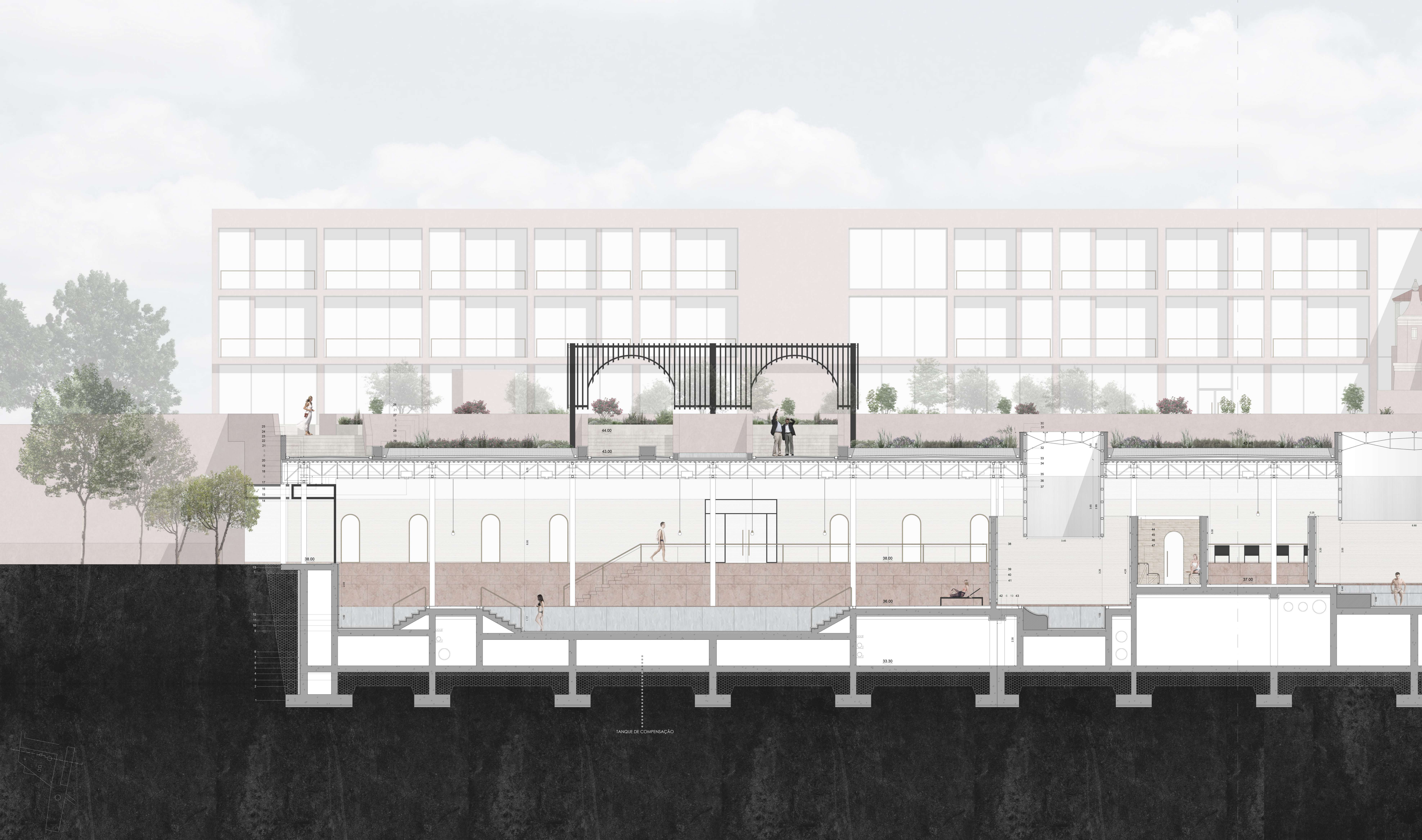


Corte CC'



Corte DD'





TANQUE DE COMPENSAÇÃO

DA MEMÓRIA DOS BANHOS ROMANOS ÀS NOVAS ARQUITETURAS TERMAIS
 PROPOSTA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL NA QUINTA DAS JANELAS EM ÓBIDOS

Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura | Projeto Final de Mestrado | Laila Bandeiros
 Orientação: Prof. Dr. António Leite | Prof.ª Dr.ª Ana Marta Feliciano | Março 2019



ÁREA TÉCNICA

LEGENDA:

1. Sapata reforçada de betão armado | 2. Tubo de drenagem em PVC perfurado | 3. Camada de britas de grande dimensão (Tou-vent) 500mm | 4. Camada de britas de pequena dimensão (Massame) 150mm | 5. Membrana impermeabilizante betuminosa | 6. Isolamento rígido XPS, tipo WALLMATE 60mm | 7. Lâmina granular em polietileno de alta densidade com geotêxtil incorporado | 8. Enchimento de material permeável | 9. Estrutura base em betão armado | 10. Camada de regularização e impermeabilizante com tela betuminosa | 11. Betonilha armada em malha e Argamassa impermeabilizante | 12. Revestimento em pedra lioz vermelha amaciada | 13. Soleira em pedra lioz vermelha amaciada | 14. Caldeira em aço inox com pintura eletrolítica em preto 100x100mm | 15. Conduta de Aquecimento, ventilação e ar-condicionado | 16. Teto falso em gesso cartonado, tipo PLADUR H1, com acabamento em estuque 25mm | 17. Cobertura em estrutura metálica de sistema triangulado | 18. Laje colaborante em betão armado, de chapa com perfil hexagonal de 3mm | 19. Betonilha leve de regularização, com pendente | 20. Caldeira drenante | 21. Mantas geotêxtil | 22. Betonilha de assentamento | 23. Pavimento em pedra calcária creme amaciado | 24. Alvenaria de tijolo 220mm | 25. Acabamento em tabaco | 26. Terra vegetal | 27. Camada drenante | 28. Barreira de vapor | 29. Revestimento em pedra calcária creme | 30. Capoteamento em pedra | 31. Cobertura/teto em vidro, tipo temperado-laminado, de bom desempenho térmico e acústico | 32. Trilho em cabo de aço inox | 33. Isolamento de laje de vidro 60mm | 34. Elemento suspenso em estrutura de aço | 35. Ponto de iluminação | 36. Chapa de policarbonato alveolar translúcido | 37. Pilar estrutural em aço, de perfil redondo | 38. Guarda metálica em bronze | 39. Parede divisória em betão armado 250mm | 40. Estrutura de fixação pladur | 41. Revestimento em pedra calcária riscado | 42. Junta de dilatação | 43. Pavimento em pedra lioz vermelha amaciado | 44. Viga de vidro laminado | 45. Isolamento térmico rígido em vermiculita 50mm | 46. Ripas de madeira pinho nórdico | 47. Estrutura elevatória em madeira maciça de pinho nórdico | 48. Candeeiro de teto | 49. Alvenaria de tijolo 190mm | 50. Alvenaria de tijolo 110mm | 51. Pavimento exterior em calçada portuguesa | 52. Camada de areia de assentamento 50mm | 53. Terreno compactado | 54. Estrutura ripada em aço inox com pintura eletrolítica em preto | 55. Parede mista estrutural em pedra, argamassa e cal | 56. Beira em betão leve | 57. Vara de madeira | 58. Forro de madeira | 59. Ripa de madeira | 60. Telha cerâmica, tipo LUSA



Vista exterior da Unidade Hoteleira. Articulação entre a Casa Senhorial e a nova construção.



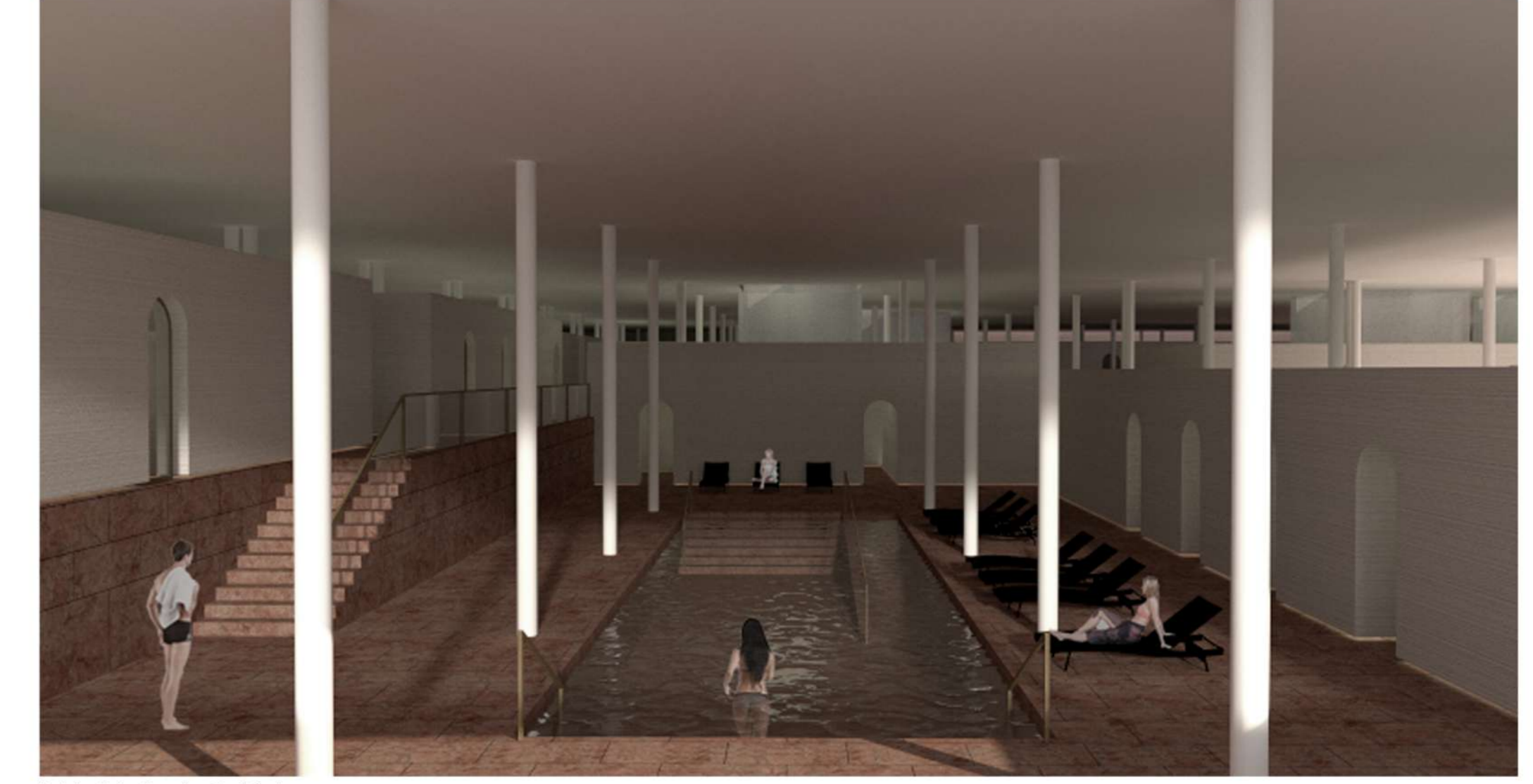
Vista interior do quarto do hotel.



Vista exterior da Unidade Termal. Vista para a cobertura visitável e o edifício dos gabinetes médicos.



Vista interior do Tepidarium.



Vista interior do Caldarium.